



AD HONOREM
IMMACULATAE CONCEPTIONIS
MARIAE



A Oblatio e a consagração

Materiais do I Simpósio Teológico da Escola de Espiritualidade dos Padres Marianos

**AD HONOREM
IMMACULATAE CONCEPTIONIS
MARIAE**

A OBLATIO E A CONSAGRAÇÃO

**AD HONOREM
IMMACULATAE CONCEPTIONIS
MARIAE**

A OBLATIO E A CONSAGRAÇÃO

Materials do I Simpósio Teológico
da Escola de Espiritualidade dos Padres Marianos

Redação:
Pe. Andrzej Pakuła MIC

Cúria Geral da Congregação dos Padres Marianos
Roma 2020

PROMIC

Varsóvia, 2020

Tradução do polonês

Mariano Kawka

Projeto da capa:

Hanna Woźnica-Gierlasińska

Ilustração na I página da capa

S. Estanislau de Jesus e Maria, baixo-relevo no altar campal
no Santuário de S. Estanislau Papczyński em Góra Kalwaria, Marianki,
obra de Witold Czopowik

IV página da capa

Logomarca do jubileu dos 350 da Congregação dos Padres Marianos

Composição editorial:

Vieira Jovanete Paulo MIC

Composição gráfica e redação técnica

Eliza Wiśniewska

ISBN 978-83-7502-841-6

SUMÁRIO

Palavra introdutória	7
ANDRZEJ PAKUŁA MIC O ato da <i>Oblatio</i> como obra carismática de S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński. A época do surgimento, o contexto e o significado da primeira fórmulados votos religiosos da Congregação dos Padres Marianos	11
FRANCISZEK SMAGOROWICZ MIC A data do surgimento da Congregação dos Padres Marianos	24
FRANCISZEK SMAGOROWICZ MIC O início de Congregação dos Marianos: o surgimento de uma nova tradição	35
ANDRZEJ PAKUŁA MIC <i>A espiritualidade oblativa</i> na doutrina de s. Estanislau Papczyński	57
TOMASZ SEKULSKI MIC A consagração religiosa: o seu caráter específico e as mais recentes abordagens teológicas	70
MICHAŁ KOZAK MIC Santificados em Cristo Crucificado (cf. 1Cor 1,2). A dimensão cristológico-passional da consagração.	86
PAWEŁ NAUMOWICZ MIC <i>A Oblatio</i> como sacrifício total da pessoa consagrada (VC 17). ("Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, [...] ofereço e dedico...")	104
DMITRIJS ARTJOMOVVS MIC <i>Oblatio</i> : do individualismo à comunidade carismática de vida	116
BOGUSŁAW GIL MIC <i>A Oblatio</i> do Padre Estanislau Papczyński ontem e hoje: tentativa de uma interpretação teológica	133

THADDAEUS LANCTON MIC A <i>Oblatio</i> e os conselhos evangélicos. Da consagração à profissão dos conselhos evangélicos.	145
EUGENIUSZ ZARZECZNY MIC “Servirei até o fim da minha vida” (<i>Oblatio</i> , n. 2). A irrevogabilidade da <i>Oblatio</i> hoje?	162
TOMASZ NOWACZEK MIC A vida consagrada como missão na Igreja diante do mundo	175
JACEK RYGIELSKI MIC A vida do Fundador e do Pe. Casimiro Wyszyński em face da <i>imitatio Mariae</i>	182

SUPLEMENTO

O CARISMA NA EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE VIETNAMITA DOS PADRES MARIANOS.	193
BOGUSŁAW GIL MIC Introdução. O início da Congregação dos Marianos no Vietnã e testemunhos dos primeiros marianos vietnamitas	195
JOHN THE BAPTIST NGUYỄN VĂN BIÊN MIC Santo Estanislau Papczyński – meu Pai espiritual.	200
PETER NGUYỄN TIẾN DŨNG MIC Padre Estanislau Papczyński.	202
PETER NGUYỄN VĂN HÀ MIC Por que amo S. Estanislau Papczyński	203

Palavra introdutória

A vitalidade de uma comunidade religiosa expressa-se de muitas maneiras, no entanto uma das mais importantes é a volta às fontes do seu surgimento e o empenho pela renovação do seu carisma. Os acontecimentos dos últimos anos, especialmente a beatificação e a canonização de S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, provocaram uma autêntica, e por vezes até uma emotiva necessidade dos seus filhos espirituais de descobrir os primórdios da Congregação dos Padres Marianos. Essa tendência foi percebida e fortalecida da parte do papa Francisco, que por ocasião do Capítulo Geral, no dia 18 de fevereiro de 2017, encaminhou aos seus membros um insistente chamamento pela memória do patrimônio da Congregação e, de maneira especial, pela fidelidade ao carisma do Fundador:

Por isso vos convoco a que promovais essa reflexão com fidelidade ao carisma do Fundador e à herança espiritual da vossa Congregação e, ao mesmo tempo, com os corações e as mentes abertos às novas necessidades das pessoas. É verdade, devemos caminhar para a frente, em direção às novas necessidades, aos novos desafios, mas lembrai-vos: Não se pode seguir adiante sem a memória. Isso provoca uma contínua tensão. Seu eu quiser seguir adiante sem a memória do passado, da história dos fundadores, de outras grandes pessoas, e até dos pecados da Congregação, não poderei seguir em frente. Isto é verdade: a memória, aquela dimensão “deuteronômica” da vida deve ser aproveitada, e sempre, quando se empreende a obra da renovação da congregação religiosa, das constituições¹¹.

O ato da *Oblatio*, realizado por S. Estanislau no dia 11 de dezembro de 1670, ocupa um lugar especial nessa memória ao mesmo tempo histórica e carismática da Congregação. Naquele dia o Santo deu início à sua comunidade. Portanto a volta a esse acontecimento, às suas circunstâncias e ao

¹ *Discorso del santo padre Francesco ai partecipanti al capitolo generale della Congregazione dei Chierici Mariani dell'Immacolata Concezione della beata Vergine Maria*, Sala del Concistoro, 18 febbraio 2017, http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170218_chierici-mariani.html.

conteúdo da *Oblatio* é uma “volta às fontes”, a que a Igreja há muitos anos estimula todos os institutos de vida consagrada.

Os *Materiais do I Simpósio Teológico da Escola de Espiritualidade dos Padres Marianos* constituem uma coleção de artigos preparados para o simpósio, que havia sido planejado para os dias 20-21 de outubro de 2020 em Licheń, no âmbito do Convento Geral da Congregação dos Padres Marianos. A pandemia, que nesse mesmo período envolveu quase o mundo inteiro, impossibilitou, infelizmente, o encontro dos autores dos artigos e a promoção de uma discussão a respeito das questões apresentadas, o que não impediu, no entanto, a publicação dos materiais previamente preparados. Além disso, com o decorrer do tempo, aos textos planejados para o simpósio tornou-se possível adicionar outras abordagens da questão, que num contexto mais amplo apresentam o significado do ato da *Oblatio* e da consagração religiosa. Essas duas questões, com efeito, nitidamente se entrelaçam, criando um ponto de referência identitário na espiritualidade dos padres marianos. Por essa razão, o título do simpósio planejado é: “A *Oblatio* e a consagração”, visto que a *Oblatio* professada por S. Estanislau de Jesus e Maria é um ato de consagração, que constitui um momento crucial: encerra o seu período escolápico e ao mesmo tempo abre o tempo da nova vocação, isto é, da fundação da Congregação dos Padres Marianos. No ato da *Oblatio* o Santo se torna o Pai e o Fundador de um novo instituto e expressa exteriormente o carisma fundador, já anteriormente depositado em seu coração pelo Espírito Santo. Alguns anos mais tarde, ele expressará isso descrevendo aqueles momentos e as suas próprias vivências na obra intitulada *Fundatio Domus Recollectionis (Fundação da Casa do Recolhimento)*. O reconhecimento da *Oblatio* como o início da nova comunidade religiosa equivale ao reconhecimento da consagração religiosa como o mais importante elemento da identidade religiosa na espiritualidade dos padres marianos; significa que o reconhecimento de alguém como religioso-mariano e o início da vida religiosa inicia-se pela consagração. Ainda que mais tarde esse consagrado – por muitas razões reconhecidas como necessárias – não pudesse viver na comunidade. Tais são os efeitos teológico-espirituais de se atribuir um papel primordial à consagração religiosa.

Aos materiais do simpósio foi adicionado um *Suplemento*, donde se encontra uma coleção de testemunhos dos mais jovens membros da Congregação dos Padres Marianos na missão vietnamita, intitulado *O carisma na experiência da comunidade vietnamita do Padres Marianos*. Os comentários testemunhos dos mais jovens membros da Congregação dos Padres Marianos do Vietnã são precedidos de uma *Introdução*, com o subtítulo:

O início da Congregação dos Marianos no Vietnã e testemunhos dos primeiros marianos vietnamitas. O seu autor, o Pe. Dr. Bogusław Gil MIC, é um missionário mariano que, após muitos anos de trabalho missionário na África (Camarões e Ruanda), fundou a missão no Vietnã; primeiramente, por dois anos ele permaneceu ali sozinho, e depois juntaram-se a ele dois outros missionários marianos (um da Eslováquia, outro dos Estados Unidos). Essa *Introdução* não é somente um prólogo destinado a ajudar na compreensão dos testemunhos dos primeiros marianos vietnamitas, mas também uma breve história do surgimento da primeira comunidade religiosa dos padres marianos no Vietnã.

O Jubileu dos 350 anos do surgimento da Congregação dos Padres Marianos é uma ocasião providencial de voltar uma atenção especial à herança espiritual e material desta comunidade religiosa, fundada por S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński. Fornece ao mesmo tempo a possibilidade de partilhar essa riqueza não somente *ad intra*, ou seja, com aqueles que por diversas razões estão interessados pela Congregação dos Padres Marianos e pelo seu Santo Fundador, necessidades a que este livro pretende atender.

Andrzej Pakuła MIC

Em Roma, no dia 24 de novembro de 2020,
no 321º aniversário da aprovação da Congregação
dos Padres Marianos pelo papa Inocêncio XII

**O ato da *Oblatio* como obra carismática de
S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński.
A época do surgimento, o contexto e o significado
da primeira fórmulados votos religiosos
da Congregação dos Padres Marianos**

O conteúdo, a estrutura e a função da *Oblatio* constituem uma expressão da espiritualidade pessoal do nosso Santo Padre Fundador, inclusive da sua compreensão dos votos religiosos e da natureza da vida religiosa. Para o pleno conhecimento do significado desse texto e para a compreensão da sua profundidade espiritual, é essencial a definição da época do seu surgimento, das circunstâncias que acompanharam esse acontecimento¹ e do seu significado, tanto para o próprio Padre Estanislau como para a comunidade religiosa que ele fundou.

O contexto da *Oblatio*

O texto da *Oblatio* preservou-se como parte integrante do opúsculo de S. Estanislau intitulado *Fundação da Casa de Recolhimento (Fundatio Domus Recollectionis – a seguir FDR)*, que tem um caráter autobiográfico e foi redigido na primeira pessoa do singular. Por isso parece justo que na

¹ O texto da *Oblatio* e a maior parte das pesquisas sobre a questão encontrou o seu reflexo na *Positio*, escrita para as necessidades do processo de canonização de S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński – *Positio (Sacra Congregatio pro Causis Sanctorum, Officium Historicum, Poznaniensis Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Stanislai a Iesu Maria Papczyński, Fundatoris Clericorum Regularium Immaculatae Conceptionis B. V. M. (+ 1701). Positio super Introductione Causae et super virtutibus ex officio concinnata, Romae 1977; a seguir: Positio)*. Outras e posteriores dissertações de diversos autores geralmente se baseiam nessa posição no âmbito dos dados históricos, no entanto ocorrem significativas diferenças na interpretação da própria fonte, do contexto do seu surgimento e do seu significado tanto na vida de S. Estanislau como para o surgimento da Congregação dos Padres Marianos, ao qual a *Oblatio* deu início.

presente apresentação ele seja abordado da mesma forma e que não seja excluído do contexto dos acontecimentos e da narrativa em que o localizou o próprio autor, o que permitirá uma compreensão melhor da *Oblatio* tanto para ele, como para a comunidade que ele instituiu. Mas, como o objeto da presente análise não é a FDR, mas a *Oblatio* nela localizada, não há necessidade de apresentar o texto completo da FDR. Adotou-se então o princípio de concluir o texto da FDR após a segunda e ao mesmo tempo última apresentação da *Oblatio*, ou seja, depois que S. Estanislau fornece a informação de que o primeiro candidato à Congregação, isto é, João da Imaculada Conceição (Estanislau Krajewski) professou os seus votos utilizando-se da mesma fórmula que havia sido escrita pelo Fundador dos Marianos. Os itens seguintes da FDR apresentam a história da fundação da primeira casa religiosa em Puszcza Korabiewska e não se relacionam diretamente com a *Oblatio*.

O título FDR, onde se encontra a *Oblatio*, foi dado pelo próprio autor, S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, num manuscrito que se perdeu. O autógrafo existia ainda em 1773, quando, no âmbito da beatificação de S. Estanislau, juntamente com outros escritos foi enviado a Roma e dois anos mais tarde, isto é, em 1775, foi submetido à análise da Congregação dos Ritos. O texto da FDR, juntamente com a *Oblatio*, preservou-se numa cópia do *Protocollum Ordinis Immaculatae Conceptionis*, escrito por volta de 1744 (cf. *Positio*, p. 354).

Embora o opúsculo todo tenha o título FDR, ele fala não tanto do surgimento do primeiro convento dos Padres Marianos em Puszcza Korabiewska (hoje: Puszcza Mariańska), chamado *Domus Recollectionis*, quanto dos próprios primórdios da moldagem do novo instituto religioso. A época do surgimento da FDR é com muita probabilidade o ano 1675. O autor da FDR, S. Estanislau de Jesus e Maria, descreve a sua vida da perspectiva da história e apresenta a sequência dos acontecimentos e das experiências de fé pessoais que o levaram a empreender uma nova missão, isto é, a fundar a Congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da SVM. Mas sobretudo localiza-os no contexto da sua própria experiência da fé. Por isso, o ponto de partida e ao mesmo tempo o fundamento em que baseia a história da sua vida e os primeiros anos da moldagem da nova comunidade religiosa é a graça da escolha por parte de Deus, para que ele se tornasse o Pai e o Fundador da Congregação dos Padres Marianos, apesar da inaptidão e da imperfeição declaradas em FDR. Mas, visto que “não existe nada de impossível para o Todo-Poderoso” (FDR 1), a escolha de um “instrumento inapto” para tão grande obra manifesta mais claramente

a divina misericórdia e o divino poder. Em FDR o autor não oculta a sua história e o fato de ter-se afastado da Congregação das Escolas Pias, que lhe era “mais cara que a vida”; não oculta também os enormes sofrimentos causados pelo afastamento da tão amada comunidade dos escolápios. Esse período de sua vida, já relacionado com a “visão gravada” do novo instituto (FDR 6) em sua alma, é por ele descrito em palavras muito dramáticas: “Atormentavam-me e quase me torturavam enormes complicações, escrúpulos, dúvidas, inquietações, temores. Pois quem teria uma consciência tão frouxa para sem eles passar do estado dos votos [religiosos], ainda que simples, ao [estado] puramente laico?” (FDR 3). Nesse contexto o Santo Fundador dos Marianos localiza a *Oblatio* no âmbito da FDR como mais uma expressão da sua experiência tanto mística como fundadora e carismática: mística, visto que havia realizado o ato da *Oblatio* por inspiração de Deus (“a Divina Majestade sugeriu-me antes da dispensa que – quando desses [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato, por outros, voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo]”, FDR 3); fundadora, visto que com esse ato de *Oferecimento de si mesmo* deu início à Congregação; carismática, visto que recebeu o dom que lhe fora dado pelo Espírito Santo para o bem da Igreja.

Lugar do surgimento, época e função da *Oblatio*

A época exata da redação do texto da *Oblatio* por S. Estanislau é desconhecida. Da mesma forma também é desconhecido o lugar do seu surgimento. A data e o lugar fornecidos no final (Kazimierz, perto de Cracóvia, na residência dos Padres Pobres da Mãe de Deus da Ordem das Escolas Pias, [...] no dia 11 de dezembro de 1670), são unicamente o registro do tempo e do lugar da leitura do texto. Uma coisa é certa: a *Oblatio* surgiu ainda antes de ele ter recebido o indulto do afastamento e foi elaborada tão cuidadosamente a ponto de encerrar todos os elementos essenciais da profissão religiosa. Testemunha isso o próprio autor, escrevendo em FDR que pronunciou a fórmula ao obter o indulto de afastamento, na presença do vice-provincial dos escolápios, Pe. Miguel Kraus, e de outras pessoas presentes.

A *Oblatio* é a profissão dos votos religiosos da nova comunidade dos marianos, utilizada não somente por S. Estanislau no dia 11 de dezembro de 1670, mas também pelos outros candidatos marianos que depois ingressavam na Congregação. Escreve claramente a esse respeito o próprio

Fundador em FDR, quando, ao falar dos votos religiosos do primeiro candidato, alude também ao mesmo tipo de registro da profissão: “fórmula por mim composta e transcrita” (FDR 15). Igualmente não tem dúvidas a esse respeito o principal pesquisador da vida de S. Estanislau, o Pe. K. Krzyżanowski MIC, autor da *Positio* e de muitas publicações, que pela primeira vez publicou a *Oblatio* e assim a definiu: “Convém assinalar que naquele tempo os candidatos utilizavam a fórmula [dos votos] adaptada à *Oblatio* do Servo de Deus, quando eram admitidos ao nascente Instituto dos Padres Marianos” (*Positio*, p. 213).

***Oblatio* – controvérsias interpretativas**

As pesquisas histórico-contextuais da vida de S. Estanislau de Jesus e Maria relacionadas principalmente com o seu processo de beatificação e as posteriores publicações dos seus escritos na língua original e em traduções para línguas nacionais provocaram, em certo sentido inevitavelmente, diversas interpretações dos fatos relacionados com a vida do Santo e com os primórdios da Congregação dos Padres Marianos por ele fundada. Tiveram influência preponderante, e em grande medida até hoje dominante, as convicções do Pe. K. Krzyżanowski MIC, que em suas pesquisas científicas não somente encontrou as fontes esquecidas ou desconhecidas e as publicou, mas também lhes atribuiu a sua marca pessoal.

Uma dessas questões é o problema do surgimento do texto da *Oblatio*, da compreensão do seu significado e do surgimento dos Padres Marianos no contexto do afastamento de S. Estanislau dos escolápios. E assim, embora K. Krzyżanowski não reconheça o texto da *Oblatio* como uma fórmula canônica, mas como uma questão pessoal², ao mesmo tempo um pouco adiante, na mesma introdução à edição crítica da *Oblatio*, escreve que “os candidatos utilizavam a fórmula adaptada à *Oblatio* do Servo de Deus” por ocasião da profissão dos seus votos, o que devia ser um ato canônico e público, não privado. Sabemos que a fórmula dos votos era exatamente igual à *Oblatio* do Fundador, e a adaptação consistia unicamente na inserção dos dados pessoais do professo (cf. FDR, 15, p. 1298; cf. também *Positio*, p. 213, 364). Nesse contexto foram importantes as pesquisas do Pe. F. Smagorowicz MIC, publicadas em dois artigos – o primeiro em 2003 e o segundo em

² K. Krzyżanowski aborda isso da forma seguinte: “si vincolava di nuovo non canonicamente, [...], privatamente”. *Positio*, p. 210.

2012, nos quais ele não apenas lembrou a mais antiga tradição da Congregação, mas também chamou a atenção à necessidade de uma interpretação contextual das fontes históricas.

A segunda tese do Pe. K. Krzyżanowski MIC diz respeito ao afastamento de S. Estanislau das Escolas Pias e à fundação da Congregação dos Padres Marianos. De maneira geral ela se reduz à convicção que o autor apresenta na introdução a *Oblatio*:

Não sabemos quando veio essa nova vocação religiosa. Mas uma coisa é certa: ela não foi a única nem uma das causas do afastamento dos escolápios. Numa palavra: o Pe. Papczyński não se afastou da Ordem dos Escolápios para fundar a Ordem dos Marianos, mas fundou a Ordem dos Marianos visto que se havia afastado da Ordem dos Escolápios³.

Essa mesma tese foi por ele apresentada muitos anos antes na *Positio*, quando era postulador geral, escrevendo que o primeiro biógrafo do Santo, ou seja, Mansueto Leporini, havia descrito erroneamente os motivos do afastamento da Ordem dos Escolápios (cf. *Positio*, p. 211). No entanto Leporini não se pronuncia a esse respeito, mas unicamente fornece a maneira como Deus conduziu S. Estanislau para que se tornasse o fundador de uma nova congregação⁴.

As convicções de K. Krzyżanowski relacionam-se a um escrito de S. Estanislau elaborado provavelmente em 1671 e intitulado *Apologia pro egressu e Scholis Pii* (Apologia do afastamento das Escolas Pias). No entanto a *Apologia* foi escrita pelo Santo de forma polêmica, adotando estritamente

³ PZ, p. 1258.

⁴ Vale a pena citar aqui todo o texto da biografia escrita quatro anos após a morte de S. Estanislau: “§ 31. Vendo a sua paciência e os trabalhos empreendidos pela glória de Deus e da Sua Bondosíssima Mãe, o misericordioso Senhor – adotando diversos estímulos, bem como inspirações e divinas revelações que pelos confessores e teólogos foram reconhecidas como verdadeiras e infalivelmente conhecidas – convocou-o para fundar em Sua Igreja um novo Instituto, com o objetivo da maior multiplicação do culto da Imaculada Conceição, de proporcionar ajuda na pastoral aos párocos e de sufragar os falecidos. § 32. Obediente, portanto, à voz de Deus e graças à sua admirável disposição, com a autorização do supremo Vigário de Cristo Clemente X e do Superior Geral mudou a sua primeira vocação e na quarta-feira, na oitava da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, no dia 11 de dezembro do ano do Senhor 1670 foi dispensado pelo Frei Miguel da Visitação dos votos simples e do juramento de perseverança. Naquele mesmo momento novamente se ofereceu em seu Instituto a Deus e à Sua Mãe, tendo obtido do mencionado Frade a bênção: ‘Que Deus fortaleça o que em ti realizou’”. *Positio*, pp. 630-640.

te a arte da retórica em relação aos escritos apologéticos (afinal, ele mesmo era professor de retórica) e combatendo a opiniões errôneas a respeito dele, que surgiram após o seu afastamento dos escolápios. De fato, ele menciona ali quatro motivos, isto é: a hostilidade, o relaxamento da antiga observância da regra religiosa, o amor e os obstáculos na utilização das aptidões inatas. No entanto, já na primeira frase escreve a que se refere, a saber: “Ouço as opiniões de diversas pessoas a respeito do meu afastamento corporal da primeira vocação” (*Apologia*, p. 1262). Portanto escreve a *Apologia* como um discurso de defesa, para abalar aquelas opiniões, referindo-se a acusações concretas da parte dos acusadores, de acordo com as normas descritas em *Prodromus Reginae Artium* (Mensageiro da Rainha das Artes): “A defesa será eficaz quando se demonstrar a inocência da pessoa convocada ao tribunal, quando se abalar a acusação de transgressão, e/ou quando se a negar ou enfraquecer” (PRA, 2, I, p. 240). É preciso entender que ele não fala nada do afastamento dos escolápios no contexto do propósito de fundar uma nova congregação, visto que não havia tais acusações, independentemente de quando o ideal do novo instituto tenha surgido em seu coração.

Encontramos um ponto de vista inteiramente diverso em FDR, onde o Santo localizou a *Oblatio*. Esse escrito não é polêmico, mas em todo o discurso tem o caráter de uma apresentação positiva das suas experiências pessoais e da descrição cronológica dos acontecimentos. Reflete-se nele uma profunda convicção da fé de que é o próprio Deus quem o conduzia por esse caminho, na qual se encerrava a necessidade do afastamento da primeira vocação para que se tornasse o pai e o fundador de uma nova comunidade religiosa, ainda que isso tivesse ocorrido através de disputas, tensões e acusações, e – conseqüentemente – do afastamento dos escolápios. Em síntese: para fundar a Ordem dos Marianos, tinha que se afastar da Ordem dos Escolápios. Tal é a perspectiva da Providência Divina. O próprio Padre Estanislau, como tudo parece indicar, em nenhum dos seus pedidos de permissão para se afastar da Ordem das Escolas Pias menciona o propósito de fundar uma nova Congregação. Na realidade, os três primeiros pedidos não se preservaram: o primeiro, escrito por volta de meados de agosto de 1699, o segundo por volta de outubro de 1699 e o terceiro no dia 20 dezembro de 1699; preservou-se em parte a resposta ao terceiro pedido, mas também esse documento não contém tal menção. O quarto pedido, do dia 22 de novembro de 1670, preservado até hoje, alude apenas ao breve pontifício conferindo ao superior geral dos escolápios o privilégio de conceder o indulto de afastamento para aqueles escolápios

que não quisessem professar os votos religiosos solenes. Em FDR S. Estanislau enxerga a sua história no contexto do itinerário espiritual e dá disso o testemunho da sua fé.

Da mesma forma também enxerga esses acontecimentos Mansueto Leporini na biografia do Santo, escrita quatro anos após o seu nascimento para o céu. E nisso não há nenhum erro. É outra a perspectiva de visão. Além disso, mesmo que toda a crise se tivesse iniciado pelas causas descritas na *Apologia*, graças à fé e aos dons divinos especiais S. Estanislau amadurece para uma nova vocação e reconhece o novo caminho pelo qual o conduz a Divina Providência. No final ele se torna o “instrumento inapto [utilizado por Deus] para a fundação da última em seu gênero e da mínima Congregação dos Padres da Santíssima Virgem Maria sem Mácula Concebida” (FDR 1). Isso acontece no decorrer de vários anos, e não temos acesso às fontes daquele período. Não sabemos também quando “aquela divina visão” de uma nova comunidade foi “gravada” em sua alma (FDR 6, p. 1292; cf. 9, p. 1294). Com toda a certeza isso ocorreu ainda durante a o período em que pertencia às Escolas Pias⁵, o que testemunha sobretudo o fato de a fórmula dos votos ter sido escrita ainda antes de ele receber o indulto do afastamento e de terem sido incluídos na *Oblatio* os traços principais da nova comunidade: seu nome, seu objetivo etc.

As pesquisas sobre as fontes mais antigas por um lado descobrem coisas esquecidas ou negligenciadas no passado e, por outro, moldam a consciência das atuais e das futuras gerações da Congregação dos Padres Marianos. Nesse sentido tem um significado especial a *Oblatio* como o início da Congregação, conscientemente planejado e promovido por S. Estanislau. Essa consciência, em certo sentido nova, encontrou o seu reflexo nas mais recentes Constituições.

⁵ K. Krzyżanowski não especula sobre a época dessa experiência mística, mas escreve apenas que “não se sabe quando Deus o inspirou com esse pensamento” (*Positio*, p. 211). T. Rogalewski MIC, por sua vez, numa extensa biografia que, no entanto, se baseia na *Positio*, tece a suposição de que isso poderia ter sido “no período do seu aprisionamento em Podoliniec e Priedviza”, isto é, no período entre 28 de janeiro a 22 de março de 1669. Cf. T. Rogalewski, *Stanisław Papczyński (1631-1701). Założyciel Zgromadzenia Księży Marianów, inspirator mariańskiej szkoły duchowości*, Lublin-Warszawa, 2001, p. 184.

FUNDAÇÃO DA CASA DE RECOLHIMENTO

*Fundatio Domus Recollectionis*⁶
Puszcza Korabiewska, 1675 (?)

1. Apesar das inúmeras dificuldades que se apresentam como obstáculo, a divina bondade e sabedoria realiza o que quer, ainda que os meios, segundo o julgamento humano, sejam para isso imprestáveis. Porquanto não há nada de impossível para o Todo-Poderoso. Demonstrou-se isso da forma mais visível em mim, o mais miserável, o pecador mais digno de desprezo, o pior, o mais inapto instrumento [utilizado por Deus] para a fundação da última em seu gênero e da mínima Congregação dos Padres da Santíssima Virgem Maria sem Mácula Concebida. Havia em mim: o espírito inadequado, a virtude nenhuma, a prudência pequena, tudo pequeno demais, [apropriado] antes ao sonho do que ao empreendimento de tão grande tarefa. Mas o próprio Deus, o Deus (a quem sejam dadas eterna, infinita glória e ação de graças), da mesma forma que para essa obra providencialmente, isto é, com amor, misericordiosamente, sabiamente, milagrosamente me despertou, [também] Ele mesmo a realizou e a realiza pelos séculos eternos.

2. Muitos sabem que eu me encontrava na Congregação para mim mais cara que a vida das Escolas Pias, naquela agradabilíssima Companhia dos Pobres da Mãe de Deus. Muito difícil se torna explicar quanto eu apreciava a minha vocação, somente pelo próprio Deus estimulada. Além disso, eu me encontrava nesse santo círculo ligado não apenas por laços de amizade, mas também pelo solene compromisso do juramento de perseverar nele para sempre. Eu queria que aquela fosse indissolúvel, [e] este foi dissolvido por aquele a quem foi atribuído o poder de ligar e de desligar, pelo vigário do Santíssimo Jesus Cristo e legítimo sucessor de S. Pedro, o papa Clemente X. Mas, até isso acontecer, que via dolorosa tive de percorrer!

3. Além disso, atormentavam-me e quase me torturavam enormes complicações, escrúpulos, dúvidas, inquietações, receios. Porquanto quem teria uma consciência tão frouxa para sem eles passar do estado dos votos

⁶ O texto da FDR juntamente com *Oblatio* é idêntico à tradução que se encontra nos *Escritos reunidos* de E. Papczyński e foi dali extraído. Diferente, porém, é a disposição de ambos os escritos. Em *Escritos reunidos* estão posicionados separadamente, e aqui, dispostos de acordo com o original latino.

[religiosos], ainda que simples, ao [estado] puramente laico? Embora aquela Divina Majestade me tivesse sugerido antes da dispensa que – quando daqueles [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato, voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração, em público, ainda que feito em voz bastante baixa, cujo [do oferecimento] conteúdo é o seguinte⁷:

Em nome de nosso Senhor, Jesus Cristo Crucificado. Amém.

Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo o corpo filho de Tomás de Podegrodzie, da diocese de Cracóvia, com a idade de quarenta anos, ofereço e consagro a Deus Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo e à Mãe de Deus, sempre Virgem Maria sem a mácula original concebida, o meu coração, a minha alma, a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo, para que dessa forma eu seja a partir de agora inteiramente um servo desse Todo-Poderoso e da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Prometo-Lhes, além disso, que servirei até o final da minha vida em castidade e com zelo nesta Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar) e que adaptarei a minha forma de vida às suas leis, aos seus estatutos e ritos, e que jamais farei nem permitirei, nem concordarei, mesmo indiretamente, que eles de alguma forma sejam abolidos ou mudados, nem que deles seja concedida dispensa, a não ser por uma necessidade séria e de acordo com a lei.

Prometo, ainda, a prudentemente compreendida obediência a Sua Santidade o Vigário de Jesus Cristo e à sua autoridade delegada, bem como a todos os meus superiores indiretos e diretos, e que não possuirei nada como propriedade particular, mas que tudo considerarei como propriedade comum.

Confesso que creio em tudo em que crê a santa Igreja Romana e no que futuramente fornecer para a crença, e especialmente confesso que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem a mácula original, e prometo que difundirei a Sua honra e a defenderei ainda que seja

⁷ Grifo meu, com o objetivo de destacar o lugar em que se encontra a *Oblatio* (AP).

à custa da minha própria vida. Que nisso me ajude Deus e este Divino Evangelho.

Kazimierz, em Cracóvia, na residência dos Padres Pobres da Mãe de Deus da Ordem das Escolas Pias, na presença do Mui Venerável Frei Miguel da Visitação, Vice-Provincial da Província Polonesa, pertencente à Ordem do Frei José da Mãe de Deus, Presidente da mencionada residência, e dos Veneráveis Clérigos de ordens menores – Casimiro dos Anjos e Bernardo da Paixão do Senhor, no dia 11 de dezembro de 1670.

4. E aquele Frade que me concedeu a dispensa em nome do Superior Geral confirmou [este oferecimento] com a exclamação: Que Deus fortaleça o que em ti realizou!

5. De fato, fortaleceu, visto que após ter pedido e alcançado do Reverendíssimo Padre Vigário (que era o bispo de Cracóvia Nicolau Oborski, varão muito prudente, que já estava propenso a me conceder a ajuda na fundação da nova Congregação, mas que depois mudou de opinião, absolutamente não sei por que estímulo) a permissão de vestir o hábito branco, eu já devia ser com ele revestido por certo prelado episcopal doméstico, no palácio do mesmo [bispo] em que outrora fui abrigado por segurança, no decorrer da própria [oitava] da solenidade da Imaculada Conceição.

6. Mas aconteceu por disposição divina que, quando a questão foi frustrada, fui convocado a Varsóvia pelo meu especial protetor, o Eminentíssimo Padre João Gembicki, na época bispo de Płock, e depois de Cracóvia. Eis que me foi oferecida a conezia da catedral de Płock, que não aceitei, movido pelo amor a Deus e para honrar a glória de Sua Mãe, ainda que, ao fazer isso, fiz com que seriamente se ofendesse comigo o meu protetor, que muito queria distinguir-me com essa dignidade e ligar-me aos seus mais próximos colaboradores.

Não faltaram também mui distintas ordens que me convidavam ao seu grêmio, a mim, a isso indisposto, por desejar uma maior perfeição. Porquanto aquela divina visão, que estava gravada em minha alma, e relacionada com a fundação desta Congregação da Imaculada Conceição da SVM, tendo desprezado tudo e também após ter negada a volta ao instituto das Escolas Pias, me impelia ao seu objetivo.

7. Por isso novamente me dirigi ao eminentíssimo padre Estêvão Wierzbowski, bispo de Poznań, em cuja diocese me encontrava, e facilmente obtive dele a permissão para vestir o novo hábito, porquanto ele é um varão honesto e digno, e muito fervoroso na ampliação da glória divina. Por isso, tendo desistido do lugar junto ao bispo de Płock, com o conselho e a recomendação dos confessores, viajei, convidado, ao solar de certo fidalgo, Tiago Karski, varão eminente, e após resolver finalmente a questão com o Instituto das Escolas Pias, ainda que não sem certo prejuízo, com o conhecimento da Santa Nunciatura Apostólica, durante a oitava da Natividade da Santíssima Virgem Maria, já em cor branca, eu me ofereci como um novo candidato dessa Mãe para o Seu eterno serviço. E imediatamente me dirigi ao eminentíssimo padre [arcebispo] Angelo [Ranucci], núncio em Varsóvia, para lhe mostrar a submissão, pedindo a bênção e para esclarecer os meus anseios.

8. Todas essas questões foram então sendo resolvidas com sucesso. Porquanto, ainda que o espanto envolvesse a muitos quando viram que de preto me transformei em branco, e [alguns deles] cantavam com o Poeta: “Tão de repente o cisne, que havia pouco era corvo...”, a Divina Majestade os guiou de tal forma que até demonstravam alegria por essa mudança, elogiavam o propósito, desejavam o mais feliz sucesso, entre os quais o próprio Núncio Apostólico, certo bispo, religiosos bem conhecidos. Embora também houvesse aqueles que olhavam [para mim] como para um louco, e alguns até me perseguiram, visto que esses primórdios necessariamente tinham que basear-se no sofrimento. Deixando de lado todas as demais questões, já passo a relatar como na realidade foi iniciada esta pequenina Congregação.

9. Eu permaneci na residência daquele senhor fidalgo Karski por cerca de dois anos, buscando formas de dar início à Sociedade da Imaculada Conceição, que o Espírito Divino já havia moldado em minha mente. No entanto faltavam os companheiros que o início de tal obra exigia. E, embora se apresentassem pessoalmente alguns, tanto leigos como religiosos, eu receava ligá-los a mim, seja em razão da virtude deles não comprovada, seja em razão da falta de um lugar.

10. Igualmente o bispo de Poznań, embora me [fosse] favorável, [no entanto] mal informado por alguém, decididamente relutava em instituir em sua diocese uma nova congregação, especialmente não tendo para isso

a aprovação da Santa Sé. Por essa aprovação por dois anos incessantemente me empenhei, e essa questão me custou muitas dificuldades, e me expôs a certas despesas. Mas, visto que o procurador – desleal e traiçoeiro – me alimentava com promessas sem sequer se esforçar por resolver o assunto, achei por bem dar início a essa obra por um outro caminho, aconselhado por certo varão excepcional, superior no Reino da Polônia, um religioso repleto do espírito paulino, o mui venerável em Cristo Frei Francisco Wilga, da Ordem dos Camáldulos, o qual me aconselhou que a exemplo dos santos fundadores eu primeiro aceitasse alguém como companheiro, e a seguir, [já] dispondo de um lugar, resolvesse o assunto com a autorização de Roma.

11. Veio-me então à mente que à distância de cerca de quatro milhas do lugar onde eu então residia havia um eremita. Decidi investigar se ele gostaria de ser um companheiro segundo o meu propósito. Quando eu lhe expus isso de forma muito clara e simples (tendo-me dirigido ao eremitério), ele se interessou vivamente no assunto, ofereceu-me o seu lugar e a si mesmo, bem como convenceu a juntar-se a esse projeto um outro companheiro seu. Ele tanto parecia desejar isso ardentemente e pôr isso em ação, que com frequência me convidou por carta a me juntar a ele no eremitério e veio diversas vezes, pedindo e insistindo que eu concordasse em ser o superior deles e quisesse fundar naquele lugar a nova Sociedade, declarando a prontidão a aceitar todas as normas, até as mais severas que eu lhe havia apresentado para examinar.

12. E eu, de fato, no início estava muito propenso a aproveitar aquela ocasião de realizar a minha causa, mas muitas coisas me detinham, por exemplo a independência daquele homem, a incógnita da sua obediência, os ardilosos esforços de atribuir a si não sei que título de fundador, o espírito inconstante, a fama incerta, a natureza violenta, a grosseria, a astúcia, a teimosia, a inadequação para qualquer coisa – essas coisas sejam ditas sem difamação.

13. O que eu devia fazer? Supliquei a Deus, fiz tanto quanto permitiam os meus pecados, mas na oração obtive respostas contrárias e fui decididamente refreado de me associar àquele homem. Deveria pedir o conselho de varões experientes e sábios? – Não os havia. Encontrou-se um da ordem de S. Francisco e não me desaconselhou inteiramente. Um outro, a quem um dia em Cracóvia eu havia indagado a respeito da fundação dessa Sociedade,

até me ordenou, respondendo que era vontade divina que eu desse início àquela obra. Trazido a Studzianna para a festa da Imaculada Conceição, no próprio ato da confissão ele me aconselhou que eu fosse ao eremitério e com a ajuda divina iniciasse algo, e Deus faria todo o resto.

14. Permitti, por isso, àquele eremita que ele vestisse o hábito do meu modelo (que eu havia adotado por disposição divina) e apresentei-o na santa Nunciatura como companheiro, antes, porém, tendo aceitado dele o [ato do] oferecimento de si mesmo à Sociedade da Imaculada Conceição da SVM, com a promessa de viver segundo a sua regra e de perseverança, e isso sob juramento próprio que em Lubocza ele proferiu na minha presença, e como ela foi, pode ser visto abaixo. Eu mesmo, da minha parte, tendo de dirigir-me ao eremitério, primeiramente obtive junto ao bispo a permissão de ali permanecer para realizar um retiro. Eu não pude então obter a autorização para celebrar a Missa na capela particular, e por isso tive que pedi-la ao Núncio Apostólico, que de bom grado a concedeu. Era ele o Digníssimo Padre [arcebispo] Bonvisi, que então havia pouco tinha assumido o seu cargo.

15. E o oferecimento daquele eremita foi o seguinte⁸: **Eu, João da Imaculada Conceição, no mundo chamado Estanislau Krajewski, segundo o corpo filho de Bartolomeu Krajewski e Regina Krasnopolska, pertencente à Diocese de Przemyśl, com a idade de trinta e nove anos, ofereço e consagro a Deus Pai Todo-Poderoso e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria, sem o pecado original concebida, o meu coração, a minha alma, minha inteligência, memória, vontade, os sentimentos, a minha mente, todo o espírito, os sentidos exteriores e interiores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo (etc., de acordo com a fórmula acima por mim composta e transcrita). Em Lubocza, no dia 4 de julho de 1673.**

Observação: *No original seguem-se os itens seguintes, relatando a fundação da Casa do Recolhimento em Puszcza Korabiewska.*

⁸ Aqui também, grifo com o objetivo de destacar o lugar em que se encontra a *Oblatio* (AP).

A data do surgimento da Congregação dos Padres Marianos

Na Igreja têm surgido e continuamente surgem novas famílias religiosas. O processo do seu surgimento é em geral longo e complexo. Algumas vezes se têm passado décadas inteiras antes que um grupo vivendo segundo os conselhos evangélicos tenha alcançado a autoconsciência e a aprovação episcopal ou pontifícia. Entre o surgimento de fato de uma comunidade religiosa e o reconhecimento oficial desse fato pela Igreja encontra-se o tempo talvez mais importante para a futura família religiosa, no qual se moldam o seu formato, o seu caráter e o seu carisma. Os limites desse período são geralmente assinalados por duas datas: a data do surgimento, ou seja, da fundação da congregação, e a data da obtenção da aprovação pontifícia em forma de decreto. O *Anuário Pontifício* fornece essas duas datas para todas as comunidades religiosas de direito pontifício: a data da fundação e a data da aprovação pontifícia. Muitas vezes a primeira dessas datas é difícil de ser estabelecida. Muitas congregações não têm condições de definir com precisão a data do seu início. Ela se dilui em algum lugar no curso natural dos acontecimentos e costuma ser apenas convencional. Os seus participantes diretos algumas vezes não se davam conta de que estavam criando uma nova congregação. E mais tarde, quando já surgiu a consciência do significado daquilo que havia ocorrido, verificava-se que ninguém mais se lembrava exatamente de como isso aconteceu, porque não foi documentado, registrado, consolidado.

E como isso se apresenta no caso da nossa Congregação? Ao ler a biografia do Pe. Estanislau Papczyński, não posso resistir à impressão de que a data do surgimento da nossa comunidade religiosa foi injustamente transferida três anos para frente. Na realidade os marianos existem, na minha opinião, desde 11 de dezembro de 1670. No entanto, tem sido bastante comum a aceitação de uma data posterior do surgimento da Congregação, a saber, 24 de outubro de 1673. O que aconteceu em ambas essas datas?

**A data verdadeira:
a *Oblatio* do Pe. Estanislau Papczyński de 11 de dezembro de 1670**

No dia 11 de dezembro de 1670 o Pe. Estanislau Papczyński obteve a dispensa dos votos religiosos e do juramento de perseverar na ordem das Escolas Pias. Essa cerimônia se realizou na residência dos escolápios em Kazimierz, perto de Cracóvia, segundo a forma prescrita pelo superior geral da Ordem. No entanto, logo após o encerramento da cerimônia ocorreu um acontecimento inteiramente inesperado. Eis que o Pe. Papczyński, em voz baixa, mas audível, declarou:

Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado. Amém.

– Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo o corpo filho de Tomás de Podegrodzie, na diocese de Cracóvia, com a idade de 40 anos, ofereço e dedico ao Deus Todo-Poderoso Pai, Filho e Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria concebida sem a mácula original, o meu coração, a minha alma, a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo, de maneira que eu seja a partir de agora inteiramente um servo deste Todo-Poderoso e da Santíssima Virgem Maria.

– Por isso prometo servir-Lhes até o fim da minha vida na castidade e no zelo na Associação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que com a graça divina desejo fundar), adaptar os meus costumes às leis, aos estatutos e aos ritos dessa Associação, não fazer nada com o objetivo de abolir, mudar ou afrouxar essas leis, nem permitir ou concordar com isso, a não ser em caso de séria e fundamentada necessidade.

– Além disso, prometo a obediência, entendida de forma sadia, ao mui Piedosíssimo Vigário de Jesus Cristo e às autoridades por ele delegadas, bem como aos meus superiores indiretos e diretos e, ainda, que nada terei de meu, mas tudo comum.

– Declaro que creio em tudo aquilo em que crê a santa Igreja Romana e no que fornecer para a crença, e de maneira especial creio que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem o pecado original, e prometo difundir a defender a Sua honra, ainda que ao preço da minha vida. Para isso me ajude Deus e este santo Divino Evangelho¹.

¹ *Scripta Historica P. Stanislai a J. M. Papczyński*, edidit C. Krzyżanowski, Varsaviae 1999, pag. 29-30; tradução do latim para a língua polonesa minha; versão original:

A *Oblatio* como a primeira profissão mariana

Lendo o texto acima, torna-se difícil resistir à impressão de que se trata da profissão religiosa do Pe. Estanislau Papczyński na Associação dos Padres Marianos. Na realidade, fala-se nela dos três conselhos evangélicos: da castidade, da pobreza e da obediência. E também do total e irrevogável sacrifício de si mesmo. O texto, na realidade, expressa a consagração religiosa. Temos muitas razões para julgar que também o próprio Pe. Estanislau assim pensava a respeito desse ato. Além do conteúdo sublime e da forma solene do texto, para o seu caráter consagrante aponta igualmente o título que lhe foi conferido pelo próprio autor. O termo *Oblatio* significava a prática de um sacrifício. De maneira especial referia-se ao oferecimento de dons durante a santa Missa. Era também utilizado no contexto da vida religiosa para assinalar o ato do oferecimento do religioso ao serviço de Deus. Até hoje muitas ordens religiosas têm o nome de oblatos de algum santo, que é o padroeiro da família religiosa.

O significado fundamental da *Oblatio* é também atestado pelas seguintes circunstâncias:

– O Pe. Estanislau Papczyński realiza esse ato por própria e livre vontade, e sob a influência da inspiração de Deus, como ele mesmo afirma em *Fundatio Domus Recollectionis*: “No entanto, no tempo da iminente dispensa dos votos, a própria Divina Majestade me sugeriu a ideia de que,

„In nomine Domini Nostri Iesu Christi Crucifixi. Amen.

– Ego Stanislaus a Iesu Maria Papczynski Filius secundum carnem Thomae de Podegrodzie Diacesis Cracoviensis, annorum quadraginta, offero, ac dedico Omnipotenti Deo Patri et Filio et Spiritui Sancto, ac Deiparae semper Virgini Mariae, sine macula originali Conceptae, cor meum, animam meam, intellectum, memoriam, voluntatem, affectus, mentem totam, animum totum, sensus interiores et exteriores, et corpus meum, nihil mihi penitus relinquendo, ut sic deinceps sim totus eiusdem Omnipotentis ac B.V. Mariae Servus.

– Quapropter Iisdem promitto me in finem vitae meae caste ac ferventer famulaturum in hac (quam condere Dei gratia volo) Societate Clericorum Marianorum Immaculatae Conceptionis, atque huius legibus, statutis, ac ritibus mores meos accomodaturum, neque unquam acturum, neque permissurum aut consensurum, neque indirecte quidem, ut haec aliquomodo tollantur, aut mutentur, aut dispensentur, nisi in gravi et legitima necessitate.

– Promitto praeterea Sanctissimo Iesu Christi Vicario eiusque delegatae potestati, ac omnibus meis mediatis et immediatis Superioribus obedientiam sano modo intellectam, et quod nihil privatim, sed omnia communia habebo.

– Profiteor me credere, quidquid Sancta Romana Ecclesia credit, atque deinceps ad credendum praecipiet, maxime vero Sanctissimam Dei Genetricem Mariam absque macula originali esse conceptam profiteor, eiusque honorem etiam cum dispendio vitae meae polliceor a me propagaturum ac defensurum iri. Sic me Deus adiuvat et Sancta Evangelia Dei”.

logo que fosse dispensado daqueles primeiros [votos], eu me consagrasse a Deus de forma livre fazendo os seguintes. Por isso realizei a *Oblatio*, retirando-a do coração, em público, ainda que em voz baixa”².

– Logo após realizar essa *Oblatio*, o Pe. Estanislau Papczyński pretendia mudar o hábito preto das Escolas Pias pelo hábito branco mariano. O hábito tem sido sempre considerado como um sinal da consagração religiosa. A mudança do hábito seria para todos o sinal visível de que o Pe. Estanislau pertencia a uma nova comunidade religiosa. No entanto, por razões que não nos são conhecidas, não ocorreu o rito da imposição do novo hábito. Provavelmente não expressou aprovação para isso o bispo de Cracóvia, o que provocou um novo conflito com os escolápios, porque na situação ocorrida o Pe. Papczyński não quis tirar o hábito escolápio até então utilizado, apesar de anteriormente se ter comprometido com isso por escrito³. Tal postura, ainda que crie uma dificuldade para alguns biógrafos do Pe. Estanislau, parece no entanto inteiramente justificada se apenas levarmos em conta o fato de que o Pe. Estanislau não admitia a ideia de deixar de ser religioso, ainda que por pouco tempo, e de voltar ao estado leigo como padre diocesano. Daí a insistência com o hábito, ainda que preto. O Pe. Papczyński mudou-o para o almejado hábito branco em Lubocza, por volta do dia 15 de setembro de 1671, com a permissão do nuncio apostólico⁴.

– Quando o Pe. Estanislau Papczyński decidiu admitir na Congregação o primeiro candidato, o seminarista Estanislau Krajewski, superior dos eremitas na floresta nos arredores de Korabie, aceitou dele a *Oblatio* quase que nos mesmos termos da sua própria e lhe impôs o hábito branco. Esse ato ocorreu em Lubocza no dia 4 de julho de 1673, ou seja, antes da fundação do núcleo mariano em Puszcza Korabiewska [Floresta de Korabie]. Possui um significado capital uma observação adicionada pelo Pe. Estanislau após algumas das primeiras frases da fórmula da *Oblatio* do Ir. Estanislau Krajewski: *etc., como acima, na fórmula por mim utilizada e transcrita*⁵. Resulta disso que o Padre Fundador considerava a *Oblatio* como a forma da consagração universalmente vigente na nova Congregação.

² Ibidem, p. 82; “quanquam mihi sub tempus absolutionis illa Divina Maiestas suggestit, ut dum ab his [votis absolvebar], aliis me eodem actu libere Deo obstringerem, quod feci oblatione sinu deprompta, publiceque, licet submissiore voce facta, cuius tenor talis (...)”. As palavras „sinu deprompta” aqui traduzidas como “retirando-a do coração” são traduzidas por alguns de forma mais concreta como “retirar do peito, do bolso”

³ Cf. *Positio*, pp. 216ss.

⁴ Ibidem, p. 360.

⁵ Ibidem, p. 364.

– A *Oblatio* é o mais antigo documento relacionado diretamente com a nova Congregação dedicada à Virgem Maria concebida sem a mácula original. O segundo documento, na ordem cronológica, seria a *Norma vitae*, redigida pelo Pe. Estanislau provavelmente no tempo da sua estada em Lubocza (1671-73)⁶. O terceiro – o contrato assinado entre o Pe. Estanislau Papczyński e Estanislau Krajewski de 7 de outubro de 1673⁷. O quarto – o protocolo da visitação do eremitério em Puszcza Korabiewska, realizada pelo Bispo Estanislau Jacinto Świącicki no dia 24 de outubro de 1673⁸, que é geralmente considerado como o documento que deu início à Congregação (mas será que com razão?).

Por que a data acima é considerada como o início da nova Congregação? O que realmente aconteceu naquele dia?

A data aceita – a visitação do eremitério do dia 24 de outubro de 1673

Eis que no dia 24 de outubro de 1673 veio ao eremitério em Puszcza Korabiewska o Bispo E. J. Świącicki a fim de realizar uma visitação canônica. No eremitério encontravam-se então três irmãos eremitas e o Pe. Papczyński, que se havia mudado para lá menos que um mês antes, com o propósito de fundar o primeiro núcleo mariano. Dois dos eremitas não eram membros de nenhuma ordem religiosa e pretendiam ingressar na Congregação do Pe. Papczyński. O então superior dos eremitas, o seminarista Estanislau Krajewski, foi aceito entre os marianos pelo Pe. Estanislau no dia 4 de julho de 1673 em Lubocza, onde professou o seu juramento religioso (*Oblatio*) e recebeu o hábito branco mariano.

A visitação episcopal teve um enorme significado para o futuro do eremitério. Os eremitas residiam na floresta já havia alguns anos⁹. No entanto não levavam uma vida exemplar, dedicada à oração e ao trabalho, mas ocupavam-se sobretudo em pedir esmolas aos moradores das localidades vizinhas. O bispo, que havia recebido queixas contra os eremitas, tinha o propósito de fechar completamente o eremitério, ou pelo menos de promover nele radicais reformas. A presença no eremitério do Pe. Papczyński

⁶ Ibidem, p. 452.

⁷ Ibidem, pp. 336ss.

⁸ Ibidem, pp. 339ss.

⁹ Ibidem, p. 333.

induziu-o à escolha da segunda possibilidade e tornou mais fácil atingir o objetivo da visitação. O bispo instituiu o Pe. Estanislau Papczyński superior dos eremitas, e aos irmãos proibiu que perambulassem pela região e os obrigou a severos jejuns e mortificações, ao silêncio, à oração e à obediência às normas da regra de vida e às recomendações do superior.

Dessa forma formou-se a primeira comunidade mariana. O protocolo da visitação episcopal é um ato oficial da autoridade eclesiástica, que confirma a existência do eremitério da SVM sem mácula concebida e concede a aprovação ao instituto do mencionado religioso, Padre Estanislau¹⁰. O protocolo da visitação prevê igualmente a afluência de candidatos à Congregação, a eleição do superior quando o número dos membros subir a pelo menos 12 possuidores do voto ativo e passivo, bem como ameaça de severos castigos aqueles que arbitrariamente abandonarem a Congregação dos Padres Marianos. Foi essa, então, como que a primeira aprovação da Congregação em nível diocesano.

Aprovação episcopal e pontifícia

A visita ao eremitério em Puszcza Korabiewska não foi, no entanto, uma aprovação formal da nova congregação na Igreja realizada de acordo com as exigências da lei então vigente. Testemunha isso de forma eloquente o fato de que o Pe. Papczyński continuou a se empenhar por tal aprovação e que ele alcançou somente na forma do decreto episcopal do dia 21 de abril de 1679¹¹. Os marianos já tinham então dois núcleos, ambos na área da diocese de Poznań. Ao eremitério em Puszcza Korabiewska juntou-se o Cenáculo em Góra Kalwaria [Monte Calvário], transmitido aos marianos pelo bispo Wierzbowski em 1677. No entanto a instituição canônica da Congregação dos Padres Marianos segundo o direito diocesano não conferia à nova comunidade religiosa a suficiente segurança, porque tornava-a demasiadamente dependente do bispo local. Enquanto o bispo Wierzbowski foi favorável aos marianos, a Congregação tinha a proteção garantida. No entanto, quando após a morte do patrono apareceu um outro bispo, menos favorável aos marianos, a Congregação se encontrou sob ameaça de extinção em razão das acusações dos adversários, aos quais

¹⁰ Ibidem, pp. 342ss.

¹¹ Ibidem, pp. 392ss.

o bispo dava ouvido¹². Por isso era indispensável obter a aprovação pontifícia. A história da obtenção dessa aprovação é bastante complicada e longa, e a resposta à pergunta quando definitivamente os marianos se tornaram uma congregação de direito pontifício não é absolutamente fácil. Por isso propositalmente omito aqui a questão da definição da data que podia ser reconhecida como o fim do processo da fundação da Congregação¹³.

A mais antiga tradição sobre o surgimento da Congregação

Nunca houve dúvida de que o fundador da Congregação é o Pe. Eustachy Papczyński. Parece que desde o início os marianos estavam convencidos de que, ao se afastar dos escolápios, o Pe. Papczyński imediatamente se tornou mariano ou, em outras palavras, de que os marianos surgiram em 1670. Eis alguns testemunhos que falam desse tema.

Na mais antiga biografia do Padre Fundador, redigida por volta de 1705 pelo Frei Mansueto Leporini OFM Ref., lemos que o Pe. Papczyński, obediente à voz de Deus e às Suas admiráveis disposições, mudou a sua primeira vocação com a permissão do Vigário de Cristo, Clemente X, bem como do superior geral. Na quarta-feira, na oitava da Imaculada Conceição da SVM, no dia 10 de dezembro (sic!) do ano do Senhor de 1670, ele foi dispensado dos votos simples e do juramento de perseverança pelo Frei Miguel da Visitação. Naquele mesmo momento fez a Deus e à Sua Mãe um novo oferecimento (*Oblatio*), próprio da sua Congregação. Recebeu também a bênção do mencionado Frei – “Que Deus confirme o que em ti realizou”¹⁴. Um pouco adiante Leporini fala da visitação episcopal no

¹² Ibidem, pp. 504ss.

¹³ Difícil seria reconhecer a carta pontifícia do dia 24 de novembro de 1699 dirigida ao núncio apostólico na Polônia como uma aprovação pontifícia da nova congregação. Essa carta na realidade só atesta o fato da agregação da Congregação dos Marianos à Ordem dos Frades Franciscanos e as consequências resultantes desse fato. Além disso, evitam-se na carta quaisquer formulações que possam sugerir que o papa aprova a nova congregação. Se os marianos tivessem de fato obtido a aprovação pontifícia em 1699, certamente não poderia ter ocorrido a cassação da congregação pelo bispo A. Rostkowski em 1715. Desse fato resulta que ainda no início do século XVIII os marianos eram uma congregação de direito diocesano.

¹⁴ Leporini M., *Vita Fundatoris*, n. 32, in *Positio*, pp. 639ss. “Obediens itaque voci divinae, ac admirabili dispositioni eius, annuente supremo Vicario Christi Clemente Decimo, et Preposito Generali primam suam vocationem immutavit feria quarta infra octavam Immaculatae Conceptionis B.M. Virginis decima Decembris anno Domini 1670 a votis simplicibus, et iuramento perseverantiae per Patrem Michaellem a Visitatione absolutus, quo momento novam sui Instituti oblationem Deo, ac eius Matri dedicavit, data sibi benedictione a praedicto Patre – ‘Confirmet

eremitério de Puszcza Korabiewska, durante a qual o bispo visitou a nova Congregação¹⁵. Da mesma forma apresenta os primórdios da Congregação o Pe. Casimiro Wyszyński, que estava convencido de que o Pe. Papczyński mudou de ordem religiosa, isto é, de que se tornou mariano imediatamente após deixar as Escolas Pias¹⁶.

O ano 1670 como data do surgimento dos marianos foi fornecido no breve *Ex debito pastoralis officii* de 10 de março de 1786, que aprovava a congregação dos marianos. O breve sintetiza o relato sobre os primórdios dos marianos redigido pelo Frei Norberto Gołkowski, procurador da Congregação, nas seguintes palavras:

No ano 1670 a ordem, ou a congregação acima para a ajuda aos párocos e o ensino dos princípios básicos da religião e a educação da juventude no Reino da Polônia foi instituída pelo servo de Deus Estanislau Papczyński, aprovada pelo então núncio apostólico e a seguir agregada aos irmãos menores de S. Francisco¹⁷.

Parece que no século XVIII era generalizada entre os marianos a convicção de que a Congregação havia surgido em 1670.

hoc Deus, quod operatus est in te”. Traduzo o genitivo “sui instituti” que aparece ao lado da palavra *oblatio* de acordo com o contexto como *genitivus qualitatis* (*oblatio* própria do seu instituto, em contraposição aos votos escolápios), e não como *genitivus obiectivus*, oferecimento da sua congregação, como p. ex. o Pe. Sydry, cf. abaixo).

¹⁵ Ibidem, n. 37, in *Positio*, p. 641.

¹⁶ Cf. Wyszyński K., *Vita Ven. S.D. Stanislai a Iesu Maria Papczyński*, n. 30; in: *Pisma o. Kazimierza od św. Józefa Wyszyńskiego*, ed.: W. Makoś e Z. Proczek, Puszcza Mariańska 2002, pp. 683ss.: “A votis simplicibus, et juramento perseverantiae, per Patrem Michaellem a Visitazione absolutus, quo momento, statim novam sui Instituti oblationem, Deo, ac Sanctissimae Dei Genetrici Virgini Mariae, dedicavit, data sibi benedictione a praedicto Patre, hic verbis: ‘Confirmet hoc Deus, quod operatus est in te’”.

¹⁷ Pio VI, *Breve Ex debito Pastoralis Officii*; in: *Constitutiones Congregationis CC. RR. Marianorum, Romae*, pp. 357ss.; “nempe Anno MDCLXX. a Servo Dei Stanislao PAPCZYNSKI Ordo, seu Congregatio praefata in adiutorium Parochorum, et ad instruendam in primis Fidei, ac Literarum principiis Juventutem in Regno Poloniae approbante tunc existene Apostolico Nuntio fuerit instituta; subinde Ordini Fratrum Minorum S. Francisci fuit aggregata. Tradução polonesa em: *Konstytucje Zgromadzenia Księży Marjanów*, Kraków 1930, pp. 337ss.

Mudança da consciência dos marianos quando ao próprio início

A mudança da consciência dos marianos quanto aos primórdios da Congregação ocorreu, como se pode supor, após a renovação da congregação ameaçada de extinção. Na *Informação à Santa Sé sobre a Congregação dos Padres Marianos*, do dia 10 de abril de 1910, o Pe. Jorge Matulewicz escreveu:

A Congregação dos Padres Marianos sob a invocação da Imaculada Conceição da SVM foi fundada pelo venerável Servo de Deus Estanislau Papczyński. Ele colocou os fundamentos dessa Congregação em Puszcza Korabiewska em 1679, com a aprovação do bispo de Poznań Estêvão Wierzbowski¹⁸.

O ano 1679 é a data em que o bispo Estêvão Wierzbowski publicou o decreto instituindo a Congregação como instituto de direito diocesano.

Os comentaristas sustentam que o Padre Renovador escreveu a informação acima com base no anteriormente citado breve pontifício do dia 10 de março de 1786¹⁹. Tanto mais estranho é que o Pe. Jorge Matulewicz não repetiu a data do surgimento da Congregação fornecida naquele breve, mas forneceu uma completamente diferente. O procedimento do Pe. Matulewicz talvez se mostre mais compreensível se levarmos em conta que ele tinha um sólido preparo jurídico e que foi por algum tempo professor de direito canônico no seminário de Kielce. Como conhecedor do direito eclesiástico, sabia muito bem que só provocam efeitos legais no âmbito do surgimento de novas congregações religiosas os atos da autoridade eclesiástica, enquanto que as ações de pessoas particulares permanecem unicamente como piedosos propósitos, que não possuem efeitos legais. Em vista disso, só podia ter dado início aos marianos um ato da autoridade legal, tal como foi o ato da instituição da Congregação publicado pelo bispo Estêvão Wierzbowski. Do ponto de vista legal, todos os atos que precederam no tempo aquele ato foram somente uma expressão de inspirações e de propósitos divinos, ou simplesmente uma prudente preparação para a obra planejada. No entanto atribuir a eles um significado real podia ser

¹⁸ Apud: *Zgromadzenie Księży Marianów w latach 1909-1910 (dokumenty)*, red. J. Bukowicz e T. Górski, Warszawa, 1995, p. 101.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 102, nota 2.

facilmente reconhecido como usurpação, na medida em que o fundador ousasse agir sem ter a prévia autorização e a bênção da autoridade eclesiástica. Em consequência, tinham um verdadeiro significado as decisões tomadas pelas autoridades eclesiásticas, ao passo que as ações do próprio fundador no final tinham um significado secundário, eram uma complementação e uma concretização das decisões tomadas pelas autoridades.

Desse mesmo princípio legal partiu também provavelmente o Pe. Estêvão Sydry, autor de uma biografia do Fundador. No ato realizado pelo Pe. Estanislau Papczyński no dia 11 de dezembro de 1670, bem como em tudo aquilo que ocorreu imediatamente após ele, o Pe. Sydry vê o chamado do Senhor e os trabalhos preparatórios para a nova obra²⁰. Na *Oblatio* do Pe. Papczyński o Pe. Sydry não enxerga um ato de oferecimento de si mesmo (como resulta claramente do seu conteúdo), mas um ato de oferecimento da Congregação, no qual o Padre Fundador consagrou o seu instituto (a congregação que pretendia fundar) a Deus e a Sua Mãe²¹. Na minha opinião, tal interpretação é muito bela e sublime, mas, infelizmente, não muito fiel ao pensamento do Padre Fundador, o qual acreditava que pelo ato da *Oblatio* se havia tornado imediatamente um mariano. O Pe. Sydry não seguiu, no entanto, a opinião do Pe. Papczyński na questão da definição da data do surgimento da Congregação em 1679. Como data da instituição da Congregação ele reconheceu o dia 24 de outubro de 1673, ou seja, a data da visitação episcopal que definiu o caráter do eremitério em Puszcza Korabiewska²². A visitação do bispo, da mesma forma que o posterior decreto de instituição do bispo Estêvão Wierzbowski, foi o primeiro ato da autoridade eclesiástica relacionado com a Congregação que surgia. O protocolo pós-visitação foi o primeiro documento oficial eclesiástico testemunhando a nova congregação. A norma legal que diz que somente a autoridade eclesiástica pode fundar uma nova congregação foi, portanto, observada também nesse caso, e as ações do Pe. Papczyński permaneceram como que à sombra. E assim continua até hoje. Comemoramos o aniversário dos 300 anos da Congregação em 1973, não em 1970. O livro comemorativo publicado nessa ocasião, que permanece sendo até agora a mais plena apresentação da Congregação, leva o título *Marianos 1673-1973*²³. Mas, na minha

²⁰ Sydry S., *O. Stanisław Papczyński i jego dzieło*, Warszawa, 1937, pp. 68 e 72.

²¹ *Ibidem*, pp. 68ss.

²² *Ibidem*, pp. 80ss., onde se fala da fundação da Congregação dos Marianos em 1673; no entanto a instituição canônica da Congregação ocorre, na opinião de do Pe. Sydry, em 1679, *ibidem*, p. 157.

²³ *Marianie 1673-1973*, red. J. Bukowicz e T. Górski, Roma, 1975.

opinião, mais justo seria o título *Marianos 1670-1970*, bem como as comemorações jubilares organizadas três anos antes.

Observações finais

Tendo considerado os argumentos e as razões a mim conhecidas, acredito que se deve voltar à antiga e verdadeira data do surgimento dos marianos, de acordo com o pensamento do Fundador e a mais antiga tradição da Congregação. Os marianos recebem o seu início da *Oblatio* do Pe. Estanislau Papczyński, professada no dia 11 de dezembro de 1670 na casa dos escolápios, em Kazimierz, perto de Cracóvia, e não da visitação episcopal em Puszcza Korabiewska, a qual, por mais importante que tenha sido para a nascente Congregação, não foi o seu início, mas apenas uma etapa no caminho do seu desenvolvimento.

Tenho consciência de que me falta competência para me ocupar de maneira profissional da questão acima apresentada. Em razão disso, desisti de fornecer as notas e o teor original dos documentos citados²⁴. Julgo, no entanto, que todo aquele que quiser verificar as fontes nas quais apoio a minha afirmação facilmente poderá fazê-lo, porque sempre forneço o nome da fonte. Não sou historiador nem canonista, nem teólogo da vida religiosa. É por isso que trato as observações e opiniões apresentadas acima, ainda que tenham sido apresentadas de forma categórica, apenas como uma apresentação do problema. Aos coirmãos mais familiarizados com o tema peço uma análise profissional dessa questão e a apresentação dos resultados das suas pesquisas. Serei grato por quaisquer observações, inclusive críticas. Reconheço como uma possibilidade inteiramente real que erros tenham sido cometidos por mim, não pelas autoridades que ousei submeter à crítica. Por isso ouvirei com atenção as opiniões de outras pessoas. Espero que com o esforço comum seja possível chegar à verdade a respeito do início da Congregação.

²⁴ Na presente versão em forma de brochura completei as notas faltantes, seguindo o conselho do Pe. M. Piszczak MIC, para facilitar aos leitores o encontro das fontes citadas.

O início de Congregação dos Marianos: o surgimento de uma nova tradição¹

Como o início da Congregação dos Padres Marianos têm sido considerados tradicionalmente os primeiros votos marianos do Fundador, S. Estanislau Papczyński, ou seja, a chamada *oblato*, professada em Cracóvia no dia 11 de dezembro de 1670. Tal convicção pode ser encontrada em muitas fontes marianas provenientes do período que precede a renovação da Congregação². No entanto, na Congregação renovada, adotou-se e difundiu-se o ponto de vista de que o início da Congregação foi posterior, a saber, quando ocorreu o reconhecimento formal da primeira comunidade religiosa da casa-eremitério em Puszcza Korabiewska. Os primeiros documentos eclesiais que confirmavam a existência dessa comunidade e que definiam a sua natureza e estrutura eram os decretos de pós-visitação do bispo de Poznań, publicados no dia 24.10.1673. E foi justamente essa data que foi adotada como o início da Congregação na tradição mais recente, do século XX³. Surgem então as perguntas: como ocorreu a mudança da consciência dos marianos quanto à sua própria origem? Que fatores influenciaram o afastamento da antiga tradição e a moldagem das novas convicções? Quando finalmente consolidou-se na consciência geral dos marianos o ponto de vista de que o ano 1673 era o início da Congregação?

Testemunhos de longas hesitações

Poucos documentos do período anterior à renovação da Congregação relacionam-se diretamente com o início dos marianos. Isso aconteceu por

¹ Texto originalmente publicado em: F. Smagorowicz MIC, Początek Zgromadzenia Marianów. Narodziny nowej tradycji, in: *Ephemerides Marianorum*, 1(2012), 369-391.

² Cf. F. Smagorowicz, Data powstania Zgromadzenia Księży Marianów. *MIC Information* (4/2003), n. 41, 18-22; acessível também na página da internet: <http://www.padrimariani.org/pl/curia>.

³ Cf. p. ex. *Marianie 1673-1973*, red. J. Bukowicz, T. Górski, Roma, 1975.

várias razões, por exemplo porque em geral os primórdios costumam ser modestos e ocultos e, portanto, como que naturalmente não têm muitas testemunhas, relatores ou narradores. Raramente, também, no período posterior ocorreram circunstâncias que exigissem dos marianos uma clara resposta à indagação a respeito dos primórdios da sua ordem. Além disso a história dos marianos, estreitamente relacionada com a história da Polônia, esteve repleta de eventos turbulentos, em consequência do que muitos documentos marianos do período precedente à cassação imperial russa não se preservaram até os nossos tempos, visto que desapareceram ou foram destruídos. A questão se apresenta bem melhor com os documentos que surgiram após a renovação da Congregação, que se preservaram em muito maior número. Além disso, a questão do surgimento da Congregação tem sido apresentada nesse período, direta ou indiretamente, com muito mais frequência que anteriormente. Existem por isso muitos relatos históricos e materiais provenientes do século XX que testemunham a mudança da consciência histórica dos marianos quanto ao seu próprio início.

Os primórdios dos marianos segundo

o Breve conspecto da história da Congregação, de 1934

A história abreviada da Congregação, de 1934, foi um dos primeiros ensaios integrais da história dos marianos escritos após a renovação⁴. Provavelmente foi redigido pelo Pe. C. Reklaitis, procurador-geral da Congregação, visto que foi justamente ele que elaborou e publicou o elenco para o jubileu dos 25 anos da renovação da Congregação, incluindo nele o mencionado conspecto da história mariana. Tratava-se, portanto, de um trabalho de certa forma oficial, visto que surgiu por determinação da administração geral e era destinado a ser divulgado em toda a Congregação, ou ao menos entre os superiores (visto que antes da guerra, pelo que sei, o elenco não era enviado a todos os membros da Congregação, mas destinava-se exclusivamente aos superiores e a algumas personalidades mais importantes). Em várias páginas, o autor apresentava a história dos marianos em três breves capítulos. Já os próprios títulos desses capítulos são eloquentes: I. *Do início (origo) à renovação (1670-1909)*; II. *Renovação (1909-1910)*; III. *Da renovação até os tempos atuais, ou seja, 25 anos de uma nova vida (1909-1934)*. O título do primeiro capítulo afirma claramente que o iní-

⁴ *Brevis Conspectus Historicus Congregationis CC. RR. Marianorum*, in: *Elenchus sadalium et domorum operumque totius Congregationis Clericorum Regularium Marianorum [...] pro anno Domini 1934*, Romae, 1934, 3-16.

cio (*origo*) da existência dos marianos é o ano 1670. A seguir, esse mesmo ano é repetido igualmente no título do primeiro parágrafo: *Origo (1670) et erectio canonica (1679)*. No entanto, vã seria a busca de alguma explanação ou de algum esclarecimento do ponto de vista expresso nos títulos na continuação desse ensaio. Esse breve parágrafo fornece com telegráfica parcimônia os mais importantes fatos dos primórdios da Congregação e tem o seguinte teor:

A Congregação do Clero Regular dos Marianos sob o título da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria teve o seu início na Polônia, pelo Venerável Servo de Deus Estanislau Papczyński (nascido em 1631, falecido em 1701). Por força de um indulto do papa Clemente X afastou-se ele em 1670 das fileiras da Congregação das Escolas Pias e dedicou-se à fundação de uma nova congregação, com a anuência do bispo de Poznań Stefan Wierzbowski, que com a autorização da Santa Sé e após o cumprimento das exigências da lei fundou a Congregação dos Marianos em 1679 como congregação de votos simples⁵.

É surpreendente nesse texto, da perspectiva de hoje, a forte e até exagerada ênfase ao papel do bispo na fundação da Congregação. Na opinião do autor, o bispo participou de todas as ações de Estanislau Papczyński, que desde o início agiu em entendimento e em união com ele. O bispo expressou a concordância (*episcopo annuente*) para que Papczyński se dedicasse à nova tarefa, cuidou da observância do procedimento prescrito e das exigências da lei eclesiástica, empenhou-se por obter as adequadas licenças (*licentia*) junto à Santa Sé e finalmente, por força das autorizações fundou (*fundavit*) pessoalmente a nova Congregação e definiu a sua natureza como um instituto de votos simples. As afirmações acima pouco têm em comum com os fatos históricos. Trata-se antes de uma tentativa de adaptar os fatos aos conceitos e às exigências do direito eclesiástico contemporâneo do autor do ensaio. A própria terminologia é um reflexo do

⁵ Ibidem, 3: “Congregatio Clericorum Regularium Marianorum sub titulo Immaculatae Conceptionis Beatissimae Virginis Mariae initium habuit in Polonia a Venerabili Servo Dei Stanislao Papczyński (natus 1631, mortuus 1701), qui ex indulto Clementis Papae X anno 1670 ex castris Clericorum Regularium Scholarum Piarum discessit atque novae Congregationi fundandae operam dedit, annuente Stephano Wierzbowski, episcopo Posnaniensi, qui ex licentia Sanctae Sedis Congregationem Marianorum servatis de iure servandis in votis simplicibus fundavit anno 1679”.

direito eclesiástico do início do século XX e das ideias moldadas por esse direito sobre o processo da fundação de uma nova congregação.

No título do mencionado texto aparece duas vezes o ano 1670 como a data histórica do surgimento (*origo*) da Congregação, mas já o próprio texto foi redigido de tal maneira que o leitor fica com a impressão de que tudo que ocorreu nos anos 1670-1679 foi apenas uma preparação para o ato da instituição formal da Congregação pelo bispo Stefan Wierzbowski, que de fato fundou (*fundavit*) a nova Congregação, mas isso ocorreu somente em 1679. Para a integridade da imagem é preciso acrescentar que o Pe. C. Reklaitis sabia bem que em 1673 havia surgido a primeira casa religiosa mariana em Puszcza Korabiewska. Comprova esse conhecimento, por exemplo, a relação dos superiores gerais da Congregação, que foi publicada pela primeira vez nesse elenco jubilar de 1934 e que certamente foi obra do mesmo autor. Já no título da relação se informa que ela envolve os anos 1673-1933, e não 1670-1933. O Padre Estanislau Papczyński aparece naturalmente na relação em primeiro lugar, como o fundador e o primeiro superior geral (1673-1701). O ano de 1673 era então, para o autor da breve história dos marianos, uma data conhecida e significativa. Naquele ano Estanislau Papczyński se havia tornado o superior da primeira comunidade mariana e, como o único superior, igualmente o superior geral de toda a Congregação, que formalmente surgiu apenas em 1679, no momento da promulgação pelo bispo do decreto da instituição. Para o padre C. Reklaitis, significativas eram, portanto, três datas: 1670, 1673 e 1679. A primeira delas ele fornece, mas não a explica; a segunda na realidade ele conhece, mas a deixa de lado em sua história; e a terceira, como convinha a um jurista, ele considera como decisiva, como o ponto do encerramento de todo o processo da fundação da Congregação⁶.

A fundação e as aprovações da Congregação segundo o *Annuario Pontificio*

A menção sobre os marianos surge pela primeira vez no Anuário Pontifício de 1927⁷. O seu autor certamente não podia ser ninguém outro que o Pe. C. Reklaitis, como o único membro da administração geral residente então em Roma (na rua Corso Vittorio Emanuele 284). O *Annuario Pontificio* fornecia breves informações sobre as diversas congregações todos os anos. Entre essas informações havia duas datas características de cada

⁶ Ibidem, 17.

⁷ *Annuario Pontificio*, 1927, 435ss.

Congregação: o ano da fundação e o ano da aprovação pontifícia. Para a Congregação dos Padres Marianos, em 1927 foram também fornecidas essas duas datas, ainda que um pouco diferentes das outras congregações, a saber: “fundada – 1673; reformada – 1910”. No ano seguinte foi detalhada a segunda dessas datas, com a seguinte definição mais precisa: “A Congregação foi reformada e aprovada no dia 28 de novembro de 1910”⁸. Um detalhe característico: como data da renovação não foi adotado o dia dos primeiros votos do Pe. Jorge Matulewicz, ou seja, 29.08.1909, como os marianos fazem atualmente, mas a data um ano posterior da aprovação pontifícia das reformas realizadas. Além disso, foi cuidadosamente registrada a mudança de endereço do procurador-geral (Via dei Rameni, 38), o que apenas confirma o fato de que as informações eram escrupulosamente atualizadas todos os anos. Não se dizia uma palavra sequer a respeito das anteriores aprovações pontifícias. Essas datas (e somente essas) eram fornecidas nos anos seguintes, até 1935 inclusive. Resultaria dali que o Pe. C. Reklaitis, ao redigir em 1934 o *Breve conspecto da história da congregação dos marianos*, com total consciência mudou a data do surgimento da Congregação até então fornecida, de 1673 para 1670. Por que ele promoveu essa mudança, é difícil de investigar, porque o próprio autor não esclareceu os motivos da sua posição. No entanto era coerente nos seus pontos de vista, porque até 1935 fornecia continuamente o ano 1670 como o da fundação da Congregação⁹. Permaneceu com essa convicção pelos anos seguintes, até o tempo da sua partida de Roma para a América (1941). Pelos seis anos seguintes (1936-1941) o Anuário Pontifício fornecia justamente o ano 1670 como a data do surgimento da Congregação dos Marianos. A situação só mudou em 1942, quando se voltou à data de 1673, e assim permaneceu pelos anos seguintes. Da perspectiva do *Annuario Pontificio*, a tradição do ano 1673 como a data do surgimento da Congregação dos Marinos perdura ininterruptamente desde 1942.

O pensamento dos marianos sobre o seu próprio início nos anos 60 do século XX

Em 1961 foi tomada pelo Pe. E. Makulski, na época estudante de história na Universidade Católica de Lublin, a preciosa iniciativa da reconstrução da arruinada igreja da Ceia do Senhor em Góra Kalwaria. Primeiramente essa ideia foi discutida no círculo dos padres estudantes em Lublin,

⁸ Ibidem, 1928, 455.

⁹ Ibidem, 1936, 649.

e depois foi enviado um ardente apelo às principais casas religiosas¹⁰. Num amplo ensaio o autor apresentava os argumentos em apoio ao seu projeto, a fim de que fosse mobilizada toda a Congregação a uma rápida reforma do Cenáculo. São interessantes alguns dos argumentos então utilizados, que mostram a ideia que a respeito do início da Congregação tinha o autor (ou antes, os autores, isto é, os padres estudantes), e indiretamente apontam igualmente ao estado da consciência do conjunto dos marianos – os destinatários daquele apelo. No arquivo da casa em Góra Kalwaria preservou-se um exemplar do texto datilografado do apelo, com complementações manuscritas inseridas em algumas páginas preservando o estilo do autor e, portanto, procedentes ou do próprio Pe. E. Makulski ou de algum dos seus colaboradores. Eis o que escrevia(m) o autor (os autores) do apelo a respeito do surgimento e dos primórdios dos marianos no primeiro parágrafo do texto intitulado *Góra Kalwaria como o berço dos marianos*:

O nascimento da Ordem dos Frades Marianos ocorreu em Góra Kalwaria, pois foi para ali que veio o Pe. Estanislau com os seus companheiros em 1677, a convite do bispo Stefan Wierzbowski. Os quatro anos da estada em Puszca podem ser por nós tratados como um tempo de preparação. Por 24 anos aqui em Góra, no Cenáculo, ele trabalhou pela sua obra, aqui lutou, daqui empreendeu os trabalhos apostólicos, aqui pronunciou inflamados sermões, aqui confessou, aqui passou dias e noites em oração. Aqui realizou milagres durante a sua vida e após a morte¹¹.

Lembre-mo-nos igualmente do iminente jubileu dos 300 anos do surgimento da nossa Ordem. (Em 1971, ou seja, daqui a 10 anos)¹².

Parece que apelar a tais argumentos alguns anos mais tarde já seria impossível. Após as solenidades do jubileu dos 300 anos dos marianos, comemorado em 1973, ninguém dos marianos ousaria sugerir, mesmo que num enlevo de oratória, que os marianos existem desde 1671 ou que a Ordem dos Marianos surgiu para a vida somente em Góra Kalwaria. Do conteúdo dos trechos citados resulta claramente que ainda nos anos 60 do século

¹⁰ E. Makulski, *Grobowiec założyciela marianów*, Góra Kalwaria, 1961, pp. 19, dat. (arquivo paroquial em Góra Kalwaria).

¹¹ *Ibidem*, 1.

¹² *Ibidem*, 18. As palavras entre parênteses foram acrescentadas no texto datilografado à mão.

XX a consciência dos primórdios da Congregação entre os marianos era bastante instável e imprecisa, e que ela se moldou definitivamente somente sob a influência dessas solenidades. Um dos efeitos dessas solenidades foi justamente a difusão da convicção de que os marianos foram fundados em 1673 em Puszcza Mariańska.

O Pe. F. Bartecki, no título da sua dissertação de mestrado defendida em 1967 e intitulada *O desenvolvimento da legislação particular da Ordem dos Frades Marianos nos anos 1670-1910*¹³, forneceu o ano 1670 como o início da ordem. Se ele tivesse escrito o seu trabalho alguns anos mais tarde, provavelmente teria fornecido um outro intervalo temporal como o período da existência da ordem dos marianos.

A opinião de uma historiadora das ordens religiosas no século XVII

Małgorzata Borkowska, beneditina, é autora de muitas obras históricas sobre as ordens religiosas, os conventos e as religiosas com base em fontes dos séculos XVII e XVIII. A pedido das autoridades da cidade Góra Kalwaria, ela escreveu uma monografia da cidade¹⁴. Encontra-se nela um capítulo breve, de apenas cinco páginas, a respeito dos marianos, ligados com Góra Kalwaria quase desde o começo da cidade. Eis como essa historiadora resume os primeiros anos da existência dos marianos:

Os marianos foram cronologicamente a última ordem religiosa que se estabeleceu em Góra. Aqueles eram, aliás, os primeiros anos da existência deles, visto que como o início da Ordem deve ser reconhecido o ano 1671, quando o Pe. Estanislau Papczyński, tendo alcançado a dispensa dos votos professados em 1656 nas Escolas Pias, vestiu o hábito branco da nova ordem sob a invocação de Nossa Senhora Imaculada e assumiu a tarefa de definir a espiritualidade e a regra dessa ordem. Em 1673 estabeleceu-se ele em Puszcza Korabiewska, onde existia uma pequena comunidade de eremitas cuja vida o bispo Wierzbowski desejava disciplinar. Embora justamente esse lugar (hoje chamado Puszcza Mariańska) se tivesse tornado o berço dos marianos, nenhum daqueles eremitas perseverou ali por muito tempo, e por alguns anos o destino da nova ordem foi incerto. Em 1674, entretanto, o fundador obteve a autorização para a construção de uma

¹³ F. Bartecki, *Rozwój prawa partykularnego Zakonu oo. Marianów w latach 1670-1910*, Warszawa, 1967, dat. (biblioteca da casa religiosa dos padres marianos em Licheń).

¹⁴ M. Borkowska OSB, *Dzieje Góry Kalwarii*, Kraków, 2002.

capela e uma casa de retiros, e em 1677 a fundação de Puszczka Korabiewska obteve a aprovação do parlamento e já foi capaz de enviar alguns dos seus membros a Nowa Jerozolima, onde no dia 22 de novembro eles solenemente tomaram posse do Cenáculo (e dos terrenos a ele adjacentes). O caminho para a elaboração definitiva do texto dos estatutos e para a aprovação pontifícia devia mostrar-se distante, mas na prática a ordem já existia e funcionava o convento em Góra. Desde que ali se estabeleceu o Pe. Papczyński ele se tornou a sede do superior geral da ordem, enquanto que em Puszczka Korabiewska se encontrava o seu noviciado¹⁵.

Apesar de M. Borkowska conhecer bem as fontes e as diversas publicações sobre a história da Congregação, contrariando muitos historiadores marianos ela expressou o ponto de vista de que “como o início da ordem deve ser reconhecido o ano 1671, quando o Pe. Estanislau Papczyński [...] vestiu o hábito branco da nova ordem”. Provavelmente os pontos de vista expressos pelos próprios marianos pareceram a ela, como historiadora e conhecedora da época, não muito convincentes. Apresentou então o seu ponto de vista próprio, de que a mudança do hábito significava no século XVII o surgimento de uma nova ordem. Trata-se, aliás, de um ponto de vista natural, próximo do bom-senso e da sensibilidade de uma pessoa simples que, vendo um hábito novo e a ela desconhecido, perguntava certamente que religioso era aquele e a que ordem pertencia.

A mudança do hábito, de escolápio para mariano, poderia e deveria então ser reconhecida como o início dos marianos, se não fosse a circunstância de que o rito da vestidura do novo hábito era para o próprio Fundador somente uma complementação exterior de um rito anterior e mais importante, que havia sido justamente a *oblatio*. De acordo com o propósito do Pe. Papczyński, todo o rito da *oblatio* devia ter um caráter solene e realizar-se em público na catedral de Wawel (Cracóvia), justamente na festa da Imaculada Conceição da SVM¹⁶. A decidida oposição dos superiores escolápios fez com que tanto a dispensa dos votos como a própria *oblatio* fossem um rito muito modesto, realizado no círculo restrito de algumas pessoas na capela doméstica dos escolápios, alguns anos após a data primitivamente planejada e sem a mudança do hábito para branco. A mudança

¹⁵ Ibidem, 271.

¹⁶ *Posnaniensis Beatificationis et Canonisationis Servi Dei Stanislai a Jesu Maria Papczynski positio*, Romae, 1977, 191ss.

do hábito teve que ser adiada por alguns meses, até o tempo em que fosse obtida a licença do bispo e a aprovação do núncio para esse passo. Interiormente, no entanto, ambos os atos, a *oblatio* e a mudança de hábito, estão intimamente relacionados e constituem um único todo. A forma de ver os acontecimentos apresentada por M. Borkowska conduz, portanto, à *oblatio* como o início de fato da Congregação dos Marianos.

Fatores que condicionam o surgimento da nova tradição

Para a moldagem dos pontos de vista dos marianos a respeito dos primórdios da sua própria Congregação tiveram influência diversos fatores. Parece que os mais importantes deles foram os seguintes: a interpretação dos acontecimentos do século XVII à luz das posteriores normas legais e da prática eclesiástica do século XX; a descoberta relativamente tardia do texto da *oblatio* de Estanislau Papczyński (em 1962); o pouco interesse pela história e os modestos recursos destinados às pesquisas históricas; a determinação administrativa do ano 1973 para as solenes comemorações do jubileu dos 300 anos da Congregação. Os mencionados fatores são de natureza diversa, e diversa foi a sua influência na moldagem da nova tradição. Tomados separadamente, talvez não tivessem levado ao surgimento de uma nova tradição, mas a sua coexistência fez com que surgisse um novo ponto de vista a respeito dos primórdios da Congregação.

O primeiro fator, fundamental, ou os esquemas legais a-históricos

Ao lermos as diversas dissertações marianas a respeito do início da Congregação, não podemos deixar de ter a impressão de que os autores dessas dissertações adotam normas legais deles contemporâneas aos acontecimentos de trezentos anos atrás, pressupondo tacitamente que a lei e a prática eclesiástica a esse respeito não sofreram mudanças substanciais. Uma expressão especial do pensamento a-histórico é a convicção de que somente a autoridade eclesiástica podia instituir uma congregação e, além disso, de que essa autoridade devia publicar um documento afirmando por escrito o fato da instituição do instituto. Tal ponto de vista é sem dúvida justo em relação às congregações surgidas no século XX, mas parece que no período anterior nem sempre era observada essa regra. De acordo com a prática atual e a lei vigente, somente o bispo diocesano pode instituir institutos religiosos. O código de 1983 diz claramente: “Os Bispos diocesanos

podem, com decreto formal, erigir institutos de vida consagrada em seu respectivo território, contanto que tenha sido consultada a Sé Apostólica” (can. 579). Do conteúdo do cânon resulta claramente que somente o bispo diocesano pode instituir uma congregação e, além disso, que até o bispo tem de cumprir certas condições adicionais, como obter a opinião positiva da Sé Apostólica e publicar o decreto formal de ereção por escrito. No código de 1917 a norma análoga tinha um teor ainda mais rigoroso: “Uma congregação religiosa só pode ser fundada pelo bispo diocesano, não pelo vigário capitular ou vigário-geral; ele não pode, no entanto, fundá-la, nem permitir a sua fundação, sem se entender com a Sé Apostólica”¹⁷. Contudo, se indagássemos a respeito das fontes dessa norma legal e a respeito da época do seu surgimento, verificaríamos que a sua única fonte são os decretos pontifícios do século XIX. Anteriormente, porém, a prática da fundação de congregações não era legalmente regulamentada e existia uma grande diversidade na Igreja a esse respeito¹⁸.

Fornece uma ideia a respeito da riqueza da vida da Igreja na área da instituição de novas congregações o seguinte episódio da vida da Congregação dos Institutos Religiosos descrito por J. Torres:

No ano seguinte [1922], a Congregação expediu um decreto geral relacionado com as congregações religiosas e as associações religiosas de direito diocesano, definindo claramente a prática que devia ser observada, tanto na ereção das congregações religiosas por força de um decreto formal como na expedição do reconhecimento [*riconoscimento*] para as congregações já existentes há muito tempo, mas que não possuem um decreto formal. Em consequência disso chegavam à Congregação informações do mundo inteiro a respeito de institutos antigos, realmente existentes em muitas dioceses, mas que permaneciam continuamente sem a aprovação formal da parte dos bispos, e principalmente da parte da Santa Sé¹⁹.

Muito eloquente e intrigante é esse fato da tranquila existência por longos anos de muitos institutos em diversas partes do mundo, apesar da falta

¹⁷ “Episcopi, non autem Vicarius Capitularis vel Vicarius Generalis, condere possunt Congregationes religiosas; sede eas ne condeant neve condi sinant, inconsulta Sede Apostolica”; início do can. 492, 1 do CDC de 1917.

¹⁸ Cf. G. Lesage, *L'accession des Congrégations à l'état religieux canonique*, Ottawa, 1952.

¹⁹ J. Torres, *Norme comunia tutti gli istituti di vita consacrata*, Roma, 2002, 39-40, nota 119.

do decreto de ereção e da aprovação formal da parte da autoridade eclesiástica. Esse fato abala de forma evidente a suposição acima mencionada de que somente a autoridade eclesiástica podia fundar institutos de vida consagrada. Verifica-se que em muitos casos a vida era mais rica do que as normas da lei. E certamente seria preciso admitir que ao menos no período anterior ao código, isto é, antes de 1917, certos institutos religiosos tenham surgido sem a participação dos bispos, graças à cooperação dos fundadores com os primeiros companheiros e outros fiéis. Os bispos, como se pode supor, conheciam essas comunidades e provavelmente as apoiavam tácita ou abertamente, mas não formalmente, como boas obras, ao passo que o reconhecimento formal da parte da autoridade eclesiástica era concedido após muitos anos de efetiva atividade. Tal prática era também favorecida pela terminologia da época: ordens religiosas em sentido estrito eram consideradas somente aquelas de votos solenes, e as congregações religiosas não eram separadas por uma rígida e clara fronteira das associações de fiéis, e por isso podiam surgir de maneira menos formalizada²⁰.

A convicção sobre a necessidade da intervenção da autoridade eclesiástica para a instituição de um instituto religioso tem sido universalmente adotada pelos aurores marianos do século XX, desde o Beato Jorge Matulewicz²¹ até muitos autores a nós contemporâneos. Essa circunstância teve uma enorme influência na datação do início da Congregação, visto que para os partidários da tese acima a indagação a respeito do início da Congregação transformava-se como que automaticamente na indagação a respeito de quando a autoridade eclesiástica expediu o adequado documento instituindo os marianos. Buscava-se antes o decreto da instituição da Congregação, e não acontecimentos decisivos para a história da Congregação, que na opinião desses pesquisadores não podiam ter um significado fundamental, visto que faziam parte da esfera particular, não das ações públicas da Igreja. Esse esquema de pensamento levou os primeiros marianos após a renovação (p. ex. J. Matulewicz e C. Reklaitis) à convicção de que formalmente os marianos surgiram na Igreja em 1679, quando o bispo Stefan Wierzbowski publicou pela primeira vez o decreto da ereção da Congregação. Os autores posteriores se esforçaram por deslocar a data do início da Congregação para anos anteriores, mas de maneira a não

²⁰ Ibidem.

²¹ *Odrodzenie Zgromadzenia Księży Marianów w latach 1909-1910 (Dokumenty)*, red. Bukowicz, T. Górski, Warszawa, 1995, 101. Cf. F. Smagorowicz, *Data powstania Zgromadzenia Księży Marianów...*, 21ss.

transgredir a própria regra de que somente um decreto formal da autoridade eclesiástica podia provocar efeitos eficientes na coletividade da Igreja. O primeiro documento eclesiástico relacionado com a Congregação eram as disposições pós-visitação do bispo Stanisław Jacek Świącicki expedidos para o eremitério de Puszcza Korabiewska em 1673²², e justamente essas disposições começaram a ser consideradas como o início da existência dos marianos.

Uma leitura atenta do documento expedido pelo bispo S. J. Świącicki leva à conclusão de que o objeto e a intenção desse documento não era absolutamente a instituição da Congregação dos Marianos, mas somente a ordenação da vida dos eremitas em Puszcza Korabiewska, que ali residiam já havia quase dez anos. No texto desse documento faltam formulações que indireta ou diretamente demonstrem a vontade de fundar uma congregação. Ao contrário, de algumas formulações do protocolo de pós-visitação do bispo resulta que ele estava consciente da existência da Congregação dos marianos e que a tratava como uma realidade já encontrada. Principalmente, ao enumerar no início do protocolo as pessoas que residiam no eremitério, o bispo distingue claramente os leigos dos religiosos. Destes menciona somente dois: o Padre Estanislau e o Irmão João, isto é, Krajewski, ao passo que dentre os leigos menciona nominalmente um, Simão Werbicki, assinalando que ele era terciário franciscano, e acrescenta além dele havia ainda outros leigos. Resulta disso que a oblação que professaram esses dois não era para o bispo S. J. Świącicki um ato de piedade particular, mas que mudava o estado deles na Igreja, tornando-os religiosos. O bispo reconhecia, portanto, que eles se tornaram religiosos marianos pela profissão dos conselhos evangélicos na oblação, que eles haviam professado antes ainda da chegada do visitador. O fato de que a Congregação dos Marianos já existia antes da visitação do bispo em Puszcza Korabiewska resulta igualmente da primeira disposição pós-visitação, que diz: “[O bispo] aprovou [*approbavit*] o instituto do mencionado religioso Padre Estanislau e a oblação do Irmão Krajewski”²³. Na compreensão do autor do documento, ele não é tanto o início dos marianos quando a sua primeira aprovação, o reconhecimento da Congregação da parte da diocese. Intrigante é também o fato de que o bispo confirma a oblação do Irmão Krajewski, professada quatro

²² *Posnaniensis...*, 339-345; a tradução polonesa desse documento é fornecida por S. Sydry, *O. Stanisław Papczyński i jego dzieło*, Warszawa, 1937, 87-90.

²³ “[Episcopus] approbavit Institutum dicti Religiosi Patris Stanislai et Fratris Krajewski oblationem”, apud: *Posnaniensis...*, 342.

meses antes, e as outras mudanças na vida do eremitério realizadas nos últimos meses, mas não confirma a oblação do Pe. Estanislau, professada três anos antes. Talvez a oblação do Pe. Estanislau fosse na compreensão do bispo um fato universalmente conhecido e reconhecido pelas autoridades eclesiásticas, de maneira que já não exigia nenhuma aprovação. Parece que o texto do documento de 1673, interpretado de acordo com o seu conteúdo, nos conduz igualmente, da mesma forma que outras fontes, a reconhecer a *oblatio* do Pe. Estanislau como o efetivo início da Congregação, como o momento histórico em que o primeiro mariano surgiu na Igreja.

O segundo fator:

o acaso, ou a descoberta tardia do texto da *oblatio*

O texto da *oblatio* do Pe. Estanislau foi descoberto pelos marianos do século vinte bastante tarde, somente em 1962²⁴. Ao realizar uma pesquisa relacionada com o processo de beatificação de Estanislau Papczyński, os marianos encontraram em Cracóvia, no arquivo particular de J. Muniak, partidário dos chamados estanislavitas, a cópia de um manuscrito do chamado *Protocollum ordinis*, uma coleção de diversos documentos relacionados com a ordem dos marianos. Anteriormente, na realidade os marianos sabiam que o Pe. Estanislau havia oferecido a si mesmo a Deus e à Mãe Santíssima, ou seja, que havia realizado a oblação, porque falavam disso as biografias do Fundador. No entanto, sem conhecer o texto e o conteúdo desse oferecimento, não podiam elaborar a respeito dele uma opinião adequada. Assim, por exemplo, S. Sydry explica erroneamente o significado desse ato, julgando que se tratava exclusivamente de uma expressão da piedade particular do Fundador, que, encontrando-se no limiar de uma grande obra, decidiu oferecer (confiar) a Deus essa futura Congregação²⁵. No entanto, do texto redescoberto da *oblatio* resultava claramente que se tratava de votos religiosos, não do oferecimento da Congregação. No entanto não nos devemos espantar com tais pontos de vista, visto que se sabe como era modesta a base para elaborar um julgamento a esse respeito antes de 1962.

A primeira publicação da *oblatio* ocorreu em 1964, numa correspondência da cúria geral, naturalmente na versão original, em latim²⁶. Nada indica que a própria descoberta do texto da *oblatio* ou a sua publicação, dois

²⁴ C. Krzyżanowski, *Scripta nuper reperta historiam nostrae Congregationis respicientia*, „Marianus. Comentarii Curiae Generalis Congr. Marianorum” (Romae) 6(1964) n. 25, 58-60.

²⁵ S. Sydry, *O. Stanisław Papczyński i jego dzieło...*, 68ss.

²⁶ Cf. nota 23.

anos depois, tivessem contado com alguma recepção mais viva entre os membros da Congregação. Ambos esses acontecimentos passaram sem um eco especial e não mudaram fundamentalmente as opiniões dos marianos a respeito do seu próprio início. A *oblatio* foi interpretada, à luz das convicções e determinações existentes, como mais um elemento dos preparativos exteriores do Fundador para a fundação da Congregação. Tratava-se de um elemento muito importante, por ser cronologicamente o primeiro, e ainda apresentando a inspiração divina na ideia de fundar uma nova ordem, no entanto, na convicção dos descobridores, não podia ser um passo decisivo e essencial, visto que se acreditava então que o próprio ato da fundação da Congregação podia ocorrer somente em consequência de uma decisão formal da autoridade eclesiástica. Nessa perspectiva a *oblatio* de E. Papczyński só podia ser compreendida como um ato particular da piedade de uma pessoa, professado por iniciativa própria e sem a concordância formal das autoridades eclesiásticas, e por isso não possuindo nenhum significado para as outras pessoas e não provocando quaisquer efeitos no foro exterior. Na opinião dos comentaristas, a *oblatio* fazia parte do âmbito da vida interior do Fundador e testemunhava a sua profunda piedade e espiritualidade, assinalada pelo amor à vida segundo os conselhos evangélicos.

Foi justamente assim que interpretou a *oblatio* o Pe. Kazimierz Krzyżanowski. Na biografia ilustrada de E. Papczyński ele enfatizava, por um lado, a importância desse ato: “O Servo de Deus iniciou uma nova etapa da sua vida pelo solene juramento”²⁷. A seguir citava quase o texto inteiro desse juramento, juntamente com os comentários que o acompanhavam. Mas, por outro lado, ressaltava que o significado desse ato era puramente interior, que ele era apenas a expressão da piedade pessoal e, portanto, não tinha nenhum significado no âmbito exterior e nenhum efeito legal: “Interiormente, portanto, o Pe. Papczyński permaneceu sendo um religioso. Mas exteriormente, e sob o aspecto legal, passou ao estado do clero secular”²⁸. Tal interpretação da *oblatio* possibilitava a sua localização na perspectiva anteriormente aceita dos acontecimentos. Sem a necessidade de modificá-la, porque reduzia o significado desse ato à expressão dos próprios anseios, propósitos e convicções.

No entanto, dos escritos do próprio Fundador resulta que a *oblatio* foi para ele a profissão dos conselhos evangélicos num novo instituto, da mes-

²⁷ [K. Krzyżanowski], *Pod sztandarem Niepokalanej*, Londres, 1966, 73.

²⁸ *Ibidem*, 74.

ma forma importante como aquela que ele havia feito nas Escolas Pias²⁹. O Padre Papczyński tinha a consciência de que havia mudado a Congregação, mas de que não tinha mudado o estado religioso. O sinal exterior dessa continuidade da vocação religiosa com a mudança da Congregação devia ser a mudança do hábito de negro para branco, com a preservação do mesmo corte. O Padre Papczyński teve sobre essa questão uma disputa diante do tribunal, e nessa disputa pronunciaram-se diversas autoridades eclesiásticas³⁰. Finalmente a questão foi decidida a favor de E. Papczyński pelo nuncio e pelo bispo de Poznań, que expressaram o consentimento para o uso do hábito branco³¹. Essa autorização era na realidade o reconhecimento do Pe. Estanislau como um religioso com plenos direitos, visto que podia usar o hábito da nova Congregação. Significava ao menos a aceitação indireta da *oblatio* como votos religiosos. Com a leitura das recordações do Fundador, da primeira história da Congregação, não se pode deixar de perceber que para o próprio E. Papczyński a *oblatio* não foi, portanto, um ato puramente interior, mas o real ingresso num novo caminho de vida, com efeitos também no âmbito exterior. Conseguiu o Fundador convencer o nuncio, conseguiu conquistar o bispo de Poznań. Não previu somente que os membros da Congregação por ele fundada abalariam os seus empenhos e as suas convicções e, contrariando a ele mesmo, sustentariam que ele era então um padre diocesano³².

O terceiro fator:

o ambiente, ou o modesto círculo dos interessados e estudiosos

Os marianos têm sido sempre uma congregação pequena e modesta, por vezes até ameaçada de extinção. Não havia entre eles indivíduos tão eminentes que fosse indispensável mencioná-los na história da Igreja ou do mundo. Também a Congregação, como um todo, não atingiu nunca uma grandeza ou um significado a ponto de ter pesquisadores ou divulgadores da sua história. Raramente a Congregação se tornava objeto do interesse de historiadores profissionais que se ocupavam com a história da Polô-

²⁹ E. Papczyński (*Fundatio Domus Recollectionis*, 3) escreveu: „A Divina Majestade sugeri-me antes da dispensa que eu – quando destes [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato por outros voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração, em público, ainda que feito em voz bastante baixa”. Apud: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, Warszawa, 2007, 1456.

³⁰ *Posnaniensis...*, 216-233.

³¹ S. Papczyński, *Fundatio Domus Recollectionum*, 7; in: *Pisma...*, 1458ss.

³² Cf. pronunciamentos na discussão em *MIC Information* (1/2004), n. 42, 17-22.

nia ou com a história da Igreja. Eram antes os próprios marianos que se defrontavam com a necessidade de conhecer e de elaborar a sua história, ainda que fosse pela necessidade de introduzir nela os noviços. Diante da falta de outras obras, a principal fonte de informações sobre o Fundador e os primórdios da Congregação foram primeiramente, para os marianos após a renovação (e em geral para os poloneses), os livros e os artigos devocionais de J. Pietrzak. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1937), eles foram substituídos pela biografia do Fundador escrita pelo Pe. S. Sydry, que foi o primeiro comentário crítico da biografia do Pe. E. Papczyński com base nas fontes preservadas. Já após o reinício do processo de beatificação do Fundador (em 1952), surgiram fora da Polônia, em Roma, duas teses de doutorado a seu respeito: primeiramente a histórica de G. Navikevicius (1960), e depois a teológica de K. Krzyżanowski (1963). A seguir K. Krzyżanowski deu início à coleta de fontes e à elaboração da chamada *Positio*, para as necessidades do processo de beatificação. Quando em maio de 1973 foi organizada uma sessão científica na Universidade Católica de Lublin por ocasião dos 300 anos dos marianos, a *Positio* ainda não havia sido publicada. Os historiadores de fora da Congregação que participaram da sessão chamaram a atenção para a falta de fontes acessíveis da história dos marianos e postulavam a sua publicação. A publicação da *Positio* (Roma, 1977), tornou-se a realização parcial desse postulado. Na mencionada sessão científica, os relatores das diversas questões da história da Congregação eram, por necessidade, sobretudo os próprios marianos, entre os quais não havia muitos historiadores. A Congregação ressentia-se da falta de pessoas competentes dentro do seu próprio círculo que pudessem assumir a tarefa de redigir e de apresentar os comunicados planejados para a sessão. Na prática, da questão dos primórdios da Congregação ocupava-se então exclusivamente o Pe. Krzyżanowski, no contexto do contexto de beatificação do Pe. E. Papczyński³³.

Da mesma forma que era pouco numeroso o círculo dos especialistas na história dos marianos, também o círculo dos destinatários dos resultados dessas pesquisas era modesto numérica e qualitativamente. Os destinatários naturais eram sobretudo os próprios marianos. Na prática, porém, poucos marianos demonstravam um interesse mais vivo pelos resultados das pesquisas, que atingiam um círculo bastante estreito de receptores. Os

³³ Uma extensa biografia de E. Papczyński pode ser encontrada no trabalho de T. Rogalewski: *Stanisław Papczyński (1631-1701). Założyciel Zgromadzenia Księży Marianów. Inspirator mariańskiej szkoły duchowości*, Lublin-Warszawa, 2001, 375-417.

obstáculos para uma recepção mais ampla dos resultados das pesquisas eram, por exemplo, os seguintes: a barreira linguística (o conhecimento cada vez mais frágil do latim junto à geração mais jovem e o desconhecimento do polonês entre os não poloneses); o enorme distanciamento temporal, e por vezes também geográfico, e a conseqüente sensação de estranheza e falta de compreensão; a falta de um interesse mais profundo pelo passado da Congregação ou a falta de compreensão do sentido das pesquisas históricas em geral. A principal preocupação da vida da Congregação nos anos 60 do século XX concentrava-se em torno de outros acontecimentos. Os interesses dos marianos direcionavam-se então aos trabalhos e às resoluções do Concílio, às reformas litúrgicas pós-conciliares vivamente relacionadas com todos, à renovação da vida religiosa iniciada pelo Concílio e à conseqüente necessidade de uma nova redação das Constituições, às disputas sobre a natureza da Congregação e, finalmente, à tomada da decisão difícil para os marianos de onde construir a casa geral, em Roma ou fora de Roma. Era a respeito disso que escreviam os periódicos marianos e era com isso que viviam então os filhos espirituais do Pe. Estanislau Papczyński³⁴.

Nesse matagal de assuntos importantes e interessantes perdia completamente a importância o pequeno e modesto acontecimento que era a descoberta do texto da *oblatio*. Ao folhearmos os periódicos marianos daqueles anos, temos a impressão de que aparentemente ninguém então se dava conta do que é realmente a *oblatio* para a comunidade mariana. Do fato da falta de um interesse maior pela problemática da história e da herança da Congregação davam-se conta então os marianos que faziam pesquisas nessa área. Característico é o pronunciamento do Pe. K. Krzyżanowski em 1968:

Passaram-se dez anos desde o tempo em que iniciei os estudos sobre a figura do Servo de Deus Pe. Estanislau Papczyński e sobre a história dos primórdios da nossa Congregação. As pesquisas arquivísticas realizadas nesse período revelaram uma série de documentos e escritos que enriquecem o nosso conhecimento sobre o Fundador e que lançam uma nova luz sobre o caráter, a ideia dominante e o espírito primitivo que animou a nossa Congregação. Os resultados das pesquisas e as conclusões a que cheguei já foram parcialmente elabo-

³⁴ Cf. *Marianus e Immaculata* dos anos 1963-1969.

rados e expostos em 1963 [...]. O fato de não terem eles provocado entre nós uma repercussão mais profunda explica-se certamente pela circunstância de que poucos tiveram o tempo e a possibilidade de familiarizar-se com eles³⁵.

O restrito círculo dos interessados e o círculo mais estreito ainda dos pesquisadores da história mariana, que em geral eram destinados a outras tarefas, e apenas acessoriamente se dedicavam à história da Congregação, deve naturalmente ter influenciado os métodos adotados nessas pesquisas e os seus resultados. O trabalho pioneiro e por vezes até gigantesco dos pesquisadores merece naturalmente o reconhecimento e o respeito. Permanece, no entanto, a indagação a respeito do método adotado, da abordagem crítica das fontes utilizadas e da capacidade da sua apropriada interpretação no contexto da época. Um dos historiadores profissionais afirmou: “Digamos claramente: não temos até agora uma obra sobre os marianos escrita com a adoção dos métodos acima citados [aceitos nas pesquisas históricas]”³⁶. Essa opinião foi formulada na discussão que se seguiu à apresentação das comunicações a respeito da história dos marianos por ocasião dos 300 anos da Congregação. Em determinados âmbitos, em relação ao século XVII, ela permanece atual. Difícil seria apontar alguma obra histórica posterior mais sólida.

O quarto fator:

o eco, ou as comemorações do jubileu dos 300 anos em 1973

O anúncio das solenes comemorações do jubileu dos 300 anos de existência da Congregação surgiu primeiramente na carta circular do superior geral então eleito, Pe. Józef Sielski. Essa carta, de imediato, nas primeiras frases afirmava: “O presente ano 1969 é especialmente importante em razão do sexagésimo aniversário da renovação da nossa congregação pelo Servo de Deus Arcebispo Jorge Matulewicz. E em 1973 vamos comemorar os 300 anos da fundação da nossa Congregação pelo Servo de Deus Estanislau Papczyński”³⁷. A decisão sobre as comemorações, ao que parece, foi

³⁵ K. Krzyżanowski, *O powrót do idei przewodniej Zgromadzenia Marianów, Immaculata* 6(1969), n. 1, 26.

³⁶ Trecho do pronunciamento de Jerzy Kłoczowski na discussão durante a sessão científica dedicada à história da Congregação em razão do seu tricentenário, in: „Summarium. Sprawozdania Towarzystwa Naukowego Katolickiego Uniwersytetu Lubelskiego”, 22/1 (1973), n. 2, 168.

³⁷ J. Sielski, List okólny przełożonego generalnego z 21 XI 1969 r., *Immaculata* 6(1969), n. 12, p. 1.

tomada pela via administrativa, e não das pesquisas científicas, isto é, sem uma especial reflexão sobre a conveniência da escolha da data e sem uma tentativa de fundamentar a escolha feita.

O primeiro que reagiu ao jubileu anunciado pelo superior geral foi certamente o Ir. Kazimierz Michaluk³⁸. Já em março do ano seguinte foi publicada a sua proposta de que as principais solenidades jubilares se realizassem junto ao túmulo do Pe. E. Papczyński em Marianki. Postulava ele, além disso, que se iniciasse imediatamente o programa “dos três anos de preparativos para as solenidades”, inclusive pelo trabalho social individual no “embelezamento e na arrumação do nosso patrimônio”. O projeto dos três anos de preparativos foi a seguir detalhado e anunciado aos fiéis em forma de pranchas coloridas durante as solenidades do aniversário em Marianki em maio de 1970. A primeira e a principal prancha informava: “1973 – ano jubilar dos 300 anos da Congregação dos Padres Marianos. Programa dos preparativos: 1970 – ano de ação de graças pelo dom do sacerdócio e da vida religiosa; 1971 – a Congregação dos Padres Marianos a serviço da Igreja; 1972 – a Imaculada como o nosso modelo e o nosso caminho; 1973 – *Te Deum* pelos 300 anos da Congregação (1673-1973)”³⁹.

Em dezembro de 1970, mais ou menos no terceiro centenário da *oblatio*, realizou-se uma reunião dos superiores de todas as casas da província com a participação do superior geral, que justamente estava concluindo a visitação da província⁴⁰. Nessa reunião discutiu-se a forma de organizar as comemorações dos 300 anos da Congregação dentro de três anos nas diversas casas, na província, e também em toda a Congregação, estabeleceram-se os planos e dividiram-se as tarefas. Foram planejadas comemorações na Congregação em larga escala, em todas as paróquias e casas religiosas, geralmente com a participação dos bispos e outros convidados de honra. Tratava-se então de uma grande ação promocional dos marianos, na qual deviam ser envolvidos todos os coirmãos, bem como muitos colaboradores leigos e amigos da Congregação. Houve anúncios aos fiéis a respeito do aniversário que se aproximava, sermões comemorativos sobre a Congregação, convites e algumas vezes também apresentações da

³⁸ K. Michaluk, Uroczystości 300-lecia Zgromadzenia Marianów, *Immaculata* 7(1970), n. 3, 33-34.

³⁹ Uroczystości na Mariankach (24 V 1970 r. – relacja uczestnika), *Immaculata* 7(1970), n. 7-8, 9ss.

⁴⁰ W. Nieciecki, List przełożonego prowincji do przełożonych domów zakonnych i duszpaszterzy z 18 XI 1970 r., *Immaculata* 7(1970), n. 12, pp. II-III.

história e do trabalho dos marianos no mundo em forma de exposição fotográfica ou programas áudio-musicais.

A forma das comemorações aludia certamente às comemorações um pouco anteriores do milênio do batismo da Polônia, naturalmente com a preservação de certas proporções. Semelhante era também o objetivo: as comemorações do milênio deviam ser um grande retiro nacional que conscientizasse os fiéis de que são herdeiros e continuadores de uma grande e gloriosa tradição; as comemorações do jubileu da Congregação deviam unir os marianos numa ação de graças comum, renovar interiormente toda a Congregação e fortalecê-la por atos de reparação, entrega e ação de graças. Graças à participação engajada nas comemorações, e também na sua preparação, ia se moldando de forma natural a consciência da pertença a uma antiga e meritória família religiosa, que durante os 300 anos da sua história registrou muitas páginas gloriosas na história da Igreja. As discussões e as disputas a respeito da identidade mariana, ainda vivas nos anos 60, cujo vestígio era a afirmação de que os marianos tinham dois fundadores (E. Papczyński e J. Matulewicz), encontraram na comemoração do jubileu dos 300 anos a sua solução natural, porque o jubileu trazia consigo a visão da Congregação como de uma única família que caminhava através dos séculos e que fora sujeita a diversas transformações e reformas.

Na carta circular do superior geral para o início do jubileu encontrou-se também a fundamentação por que o jubileu era comemorado justamente em 1973. Primeiramente o superior geral explica que não sabemos exatamente quando brotou no coração do Pe. Papczyński o pensamento de fundar a Congregação dos Marianos, bem como esclarece o que foi a *oblatio*, embora não utilize essa palavra: “Uma coisa é certa, que no dia 11 de dezembro de 1670, isto é, no dia em que de acordo com os seus prévios pedidos [E. Papczyński] obteve a permissão de se afastar dos escolápios, ele revelou clara e solenemente o seu propósito de fundar a Sociedade da Imaculada Conceição e prometeu que perseveraria nela até a morte e que professaria os três votos religiosos”⁴¹. Segundo o superior geral, a *oblatio* não foi, portanto, uma profissão dos votos, mas a promessa de professar os votos no futuro, bem como uma clara e solene declaração do propósito de fundar a Congregação. O autor não informa, infelizmente, quando o Fundador cumpriu a promessa feita e professou os votos. No entanto fornece uma

⁴¹ J. Sielski, List okólny przełożonego generalnego na 8 XII 1972 r., *Immaculata* 9(1972) n. 12, s. XXIX.

fundamentação bastante detalhada da data das comemorações do jubileu, assim escrevendo:

No decreto de visitação publicado no dia 24 de outubro de 1673 o bispo Świącicki aprovou o Instituto do Pe. Estanislau, indicou-o como superior do eremitério com o pleno direito de subordinar os eremitas que ali permaneciam à *Norma de vida* e aos Estatutos, que o próprio bispo deixou para o eremitério. Os Estatutos, ou as disposições expedidas pelo bispo Świącicki, constituem o primeiro documento oficial graças ao qual a Sociedade da Imaculada Conceição, fundada pelo Padre Estanislau, obteve a aprovação eclesiástica. Nesse decreto “o oratório da SVM Imaculada em Puszcza Korabiewska e a casa de retiros com a mesma denominação”, na qual residiam os primeiros marianos, permanecendo sob a jurisdição do ordinário, foram reconhecidos como o berço da Congregação. Por isso o dia 24.10.1673 é aceito como a data do surgimento da nossa Congregação, e nesse mesmo dia, em 1973, vamos comemorar o nosso tricentenário⁴².

O autor da carta adota então a posição estritamente legal de que o elemento mais importante para o surgimento da Congregação foi a promulgação do primeiro documento oficial pela competente autoridade eclesiástica. Esse primeiro documento expedido para os marianos foi justamente o decreto de pós-visitação do bispo J. Świącicki de 24.10.1673.

É por isso que essa data foi aceita como o início da Congregação. Uma certa dissonância cognitiva é introduzida apenas pela nomenclatura adotada, porque por um lado se fala que o decreto foi a aprovação eclesiástica da Congregação, o que significa que ela já existia anteriormente, e por outro lado afirma-se que o decreto foi justamente o início da Congregação. Adotando-se como ponto de partida os conceitos legais e a prática eclesiástica do século XX, é justamente dessa forma que seria preciso interpretar os fatos descritos nos documentos. Foi esse também o ponto de vista, divulgado em toda a Congregação e posto em prática graças às comemorações jubilares, que foi adotado desde então na Congregação quase que unanimemente.

⁴² Ibidem, p. XXXIss.

* * *

Dentre os fatores acima mencionados, teve a maior influência para o surgimento da nova tradição o primeiro deles, ou seja, a aceitação como chave interpretativa dos acontecimentos do século XVII dos esquemas legais retirados do século XX. Tal abordagem teve um significado decisivo para enxergar os primórdios da Congregação no decreto da autoridade episcopal. Para o surgimento da nova tradição teve também um grande significado o segundo fator, ou seja, o desconhecimento do texto da *oblatio*, visto que no período anterior à descoberta desse texto a sua falta impossibilitava a apropriada interpretação da *oblatio* como os primeiros votos marianos do Fundador, enquanto que no período posterior a descoberta desse texto não teve influência na interpretação legal e a-histórica aceita previamente dos acontecimentos relacionados com os primórdios da Congregação. O terceiro fator, ou seja, o estreito círculo das pessoas que se dedicavam a pesquisas, teve influência no método adotado. Essas pessoas na sua maioria não eram historiadores e concentravam-se na coleta de materiais dispersos por diversos arquivos e na sua interpretação do ponto de vista da tarefa a elas atribuída. Finalmente o quarto fator, ou as solenes comemorações do jubileu dos 300 anos da Congregação, explica por que a nova tradição foi universalmente aceita na Congregação e gravou-se profundamente na consciência dos marianos.

A espiritualidade oblativa na doutrina de s. Estanislau Papczyński

Na linguagem eclesiástica o termo latino *oblatio* significa primeiramente “sacrifício feito, oferecimento”, mas também “sacrifício eucarístico”. Em seguida, pode ser “dom oferecido, oferenda litúrgica” ou mesmo “donativos do povo ao sacerdote ou ao eclesiástico aceitos em algumas dioceses”¹. O correspondente verbal de *oblatio* é a palavra *offero* (*obtuli, oblatum, offerre*), que, entre outros significados, como p. ex. “oferecer, trazer, apresentar, demonstrar”, contém igualmente uma alusão direta a *oblatio*, ou seja, “oferecer, depositar em sacrifício”². No contexto da teologia da espiritualidade, a palavra *oblatio* tem duas referências primitivas e básicas: a bíblica e a litúrgica. A compreensão do significado dessas duas dimensões da espiritualidade e da vida da Igreja antes dos tempos de S. Estanislau ou a ele contemporâneas nos permitirá compreender melhor a sua concepção de *espiritualidade oblativa*. É preciso supor que ambos os sentidos contextuais dessa palavra não eram somente conhecidos, mas até próximos a S. Estanislau. Não há dúvida quanto ao profundo interesse espiritual do Fundador dos marianos pela Bíblia Sagrada, o que se percebe na enorme quantidade de citações do Antigo e do Novo Testamento em suas obras. Da mesma forma, sendo presbítero, ela celebrava a santa Missa muitas vezes e ele mesmo recitava a oração *Super oblata*, sem dúvida meditando tanto os mistérios da Eucaristia como da Palavra Divina. Temos provas disso especialmente em duas obras bastante extensas: *Inspectio cordis* e *Templum Dei mysticum*, mas também em outros escritos, especialmente *Orator crucifixus* e *Christus patiens*, que se distinguem por uma meditação aprofundada da Palavra Divina.

¹ Cf. A. Joungan, *Słownik kościelny łacińsko-polski*, Poznań-Warszawa-Lublin, 1958, p. 455.

² *Ibidem*, p. 463.

O contexto bíblico-litúrgico da *oblatio*

Na Bíblia a palavra *oblatio* ou *oblatum(a)* ocorre sobretudo em relação a sacrifícios feitos de acordo com as prescrições do Antigo Testamento, determina o que pode ou deve ser matéria de sacrifício ou define as normas da sua prática³. Por conseguinte, geralmente ocorre nos livros que regulamentam essa questão⁴. Por exemplo, para as cento e trinta e sete ocorrências dessa palavra, trinta e nove se encontram no Livro do Levítico e trinta no Livro dos Números (o que constitui um pouco mais da metade dos casos). Além do significado da palavra *oblatio* relacionado com o culto, encontra-se presente também o seu significado espiritual, geralmente nos profetas e nos salmos. Algumas vezes, também, a *oblatio* compreendida como sacrifício feito a Deus é contraposta à postura exterior do crente, que assume a forma de oferecimento de si mesmo: a *oblatio* é um ato de oferecer a si mesmo a Deus, em vez de ser um sacrifício material. Um exemplo clássico disso é o Salmo 50 (18-19): “Pois não te agrada o sacrifício e, se ofereço holocaustos, não os aceitas. Sacrifício para Deus é um espírito contrito; não desprezas, ó Deus, um coração contrito e humilhado”. Não ocorre aqui na verdade a palavra *oblatio*, mas o sacrifício é expresso pelas palavras *sacrificium* e *holocaustum* (aqui no sentido de vítimas pelo fogo), mas, numa visão geral, o salmista expressa aqui a sua experiência de fé dizendo que Deus tem apreço não pelo sacrifício como tal, mas pela postura de quem o oferece. Para essa dimensão das palavras *oblatio/oblatum(a)* muitas vezes também apontam os profetas, que combatiam o formalismo cultural relacionado com o oferecimento de sacrifícios, mas desprovido da apropriada postura moral⁵. O texto crucial do Antigo Testamento que apre-

³ Para S. Estanislau, de acordo com a situação da Igreja daquele tempo, o ponto de referência era a Vulgata na versão latina. Em consequência, então, no presente trabalho foi adotada a mesma versão [polonesa] da Bíblia Sagrada.

⁴ Um exemplo clássico é a esse respeito um trecho do Livro do Levítico: “Quando ofereceres uma oblação (*offerre sacrificium*) cozida no forno, serão pães de farinha fina amassada com azeite, sem fermento. Depois de quebrá-la em pedaços, derramarás azeite por cima. É uma oblação (*oblatio*). Se tua oferta for de farinha cozida na panela, será preparada com farinha fina amassada com azeite” (Lv 2,4-6).

⁵ A esse respeito pode servir de exemplo Is 1,11-17: “De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? – diz o Senhor. Estou farto de holocaustos de bodes, de gordura de touros. Detesto sangue de novilhos, de cordeiros, de cabritos. [...] Parai de trazer oferendas sem sentido! Incenso é coisa aborrecida para mim! [...] Lavai-vos, limpai-vos, tirai da minha vista as injustiças que praticais. Parai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem, buscai o que é correto, defendei o direito do oprimido, fazei justiça para o órfão, defendei a causa da viúva”.

senta a relação entre o crente-sacrificador e o sacrifício oferecido a Deus é o Salmo 39, cujo sentido pleno se manifesta em Cristo: “Não quiseste sacrifício (*sacrificium*) nem oferta (*oblatio*), mas abriste meus ouvidos. Não pediste holocausto nem vítimas pela culpa. Então eu disse: ‘Eis que venho. No rolo do livro está escrito a meu respeito que eu cumpra tua vontade. Meu Deus, é isto que desejo, tua lei está no fundo do meu coração’” (Sl 39, 7-9). Cita exatamente essa parte do salmo o Autor da Carta aos Hebreus⁶, quando não somente o sujeito gramatical se relaciona com a Pessoa de Cristo, mas também se identifica com Ele tanto o próprio Sacrifício como o Sacrificador. Em consequência, temos o texto seguinte: “Por essa razão, ao entrar no mundo Cristo declara: ‘Não quiseste vítima [*hostia*] nem oferenda [*oblatio*], mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade, como no livro está escrito a meu respeito.’ Na frase inicial, ele disse: ‘Não quiseste, nem foram do teu agrado, vítimas e oferendas, holocaustos e sacrifícios pelo pecado’ – coisas oferecidas segundo a Lei. E então declarou: ‘Eis que eu vim para fazer a tua vontade.’ Com isso, ele suprime o primeiro sacrifício, para estabelecer o segundo. É em virtude desta vontade que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas” (Hb 10, 5-10). Ao cumprir os prenúncios da Antiga Lei, Cristo se torna ao mesmo tempo aquele que faz o sacrifício (*offerre*) e a própria oferenda apresentada (*oblatio oblata*). Em consequência disso, a *oblatio* assume uma marca cristológica, e aquele que faz a *oblatio* em união com Cristo se torna Seu sinal e O torna presente; repete o Seu gesto de oferecer a si mesmo em obediência, como oferenda ao Pai celestial.

Na liturgia, a palavra *oblatio* ou *oblata* apresenta alusões sobretudo à chamada parte eucarística da santa Missa, inclusive à oração chamada hoje *Super oblata* (Oração sobre as oferendas), e no tempo de S. Estanislau, de acordo com o Missal tridentino⁷, chamada *Secreta. Oblatio/oblata* é quase que uma expressão constante nessa oração e aponta para as oferendas depositadas no altar, sobre as quais o sacerdote recita a adequada

⁶ Vale a pena observar que no citado trecho o autor da Carta aos Hebreus repete a palavra *oblatio* onde ela ocorre no salmo, ao passo que para a definição dos outros sacrifícios utiliza as expressões *hostia* e *holocaustomata*.

⁷ Como no caso da Bíblia a fonte apropriada é a Vulgata – a versão da Sagrada Escritura conhecida a S. Estanislau, assim no caso dos textos litúrgicos da santa Missa é o Missal tridentino, aqui citado conforme: *Missale Romanum, reimpressio editionis XXVIII. Juxta Typicam Vaticanam, Bonnae ad Rhenum – Aedibus Palmarum MMIV* (a seguir: MRT).

oração do oferecimento. Em consequência, na oração *Secreta* ocorre com muita frequência a palavra *oblatio*, e é como que a expressão técnica que aponta para essas determinadas oferendas de sacrifício que no momento se encontram sobre o altar e que são apresentadas a Deus durante uma santa Missa concreta⁸. Nesse mesmo sentido essa palavra ocorre nas rubricas que descrevem a maneira de proceder do sacerdote durante a celebração da santa Missa. Por exemplo, em *Ritus servandus in celebratione Missae*, encontra-se esta recomendação: “Cum dicit: *Hanc igitur oblationem, expandit manus simul super oblata*”⁹. Da mesma forma, no cânone da santa Missa (*Canon Missae*), na parte que precede a consagração encontram-se as palavras que apontam para esses dons de sacrifício (*haec oblatio*) apresentados a Deus, para que se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo¹⁰. A teologia do Missal tridentino em princípio identifica o Sacrifício eucarístico com a *oblatio*. Percebe-se isso claramente no próprio conteúdo da oração, recitada pelo sacerdote no início da parte eucarística: “Súscipe, sancta Trínitas, hanc oblationem, quam tibi offérrimus ob memóriam passiónis, resurrectionis, et ascensionis Iesu Christi Dómini nostri: et in honórem beátae Mariae semper Vírginis, et beáti Ioánnis Baptistae, et sanctórum Apostolórum Petri et Pauli, et istórum, et ómnium Sanctórum”¹¹. É verdade que nessa oração a *oblatio* oferecida a Deus pelo celebrante é ainda o pão e o vinho antes da consagração, mas ao mesmo tempo já “em memória da paixão, ressurreição e ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo”. Em sentido estrito as *oblata* como pão e vinho se tornarão Corpo e Sangue de Cristo depois, após a transubstanciação, graças à ação do Espírito Santo e à oração de consagração do sacerdote, que repete as palavras de Cristo. Em certo sentido, uma complementação da oração acima que precede a *Secreta* é aquela parte do cânone da santa Missa que se encontra logo após as palavras da consagração e na qual quase que com as mesmas palavras se recorda a morte, a ressurreição e a ascensão do Senhor: “Unde et mémo-

⁸ Sirva de exemplo a Oração sobre as oferendas da Oitava do Natal: *Pro Octava Nativitatis, Secreta*: “Oblata, Dómine, múnera, nova Unigéniti tui Nativitate sanctífica: nosque a peccatórum nostrorum máculis emúnda. Per eúndem Dóminum nostrum”; MRT, p. 29.

⁹ Cf. MRT, p. 69.

¹⁰ Vale a pena citar aqui a fórmula toda dessa parte da santa Missa: “Quam oblationem tu, Deus, in ómnibus, quaesumus, *Signat ter super Oblata*, benedictam, adscriptam, ratam, rationabilem, acceptabilemque fácere dignéris: *Signat semel super Hostiam*, ut nobis Corpus, et *semel super Calicem*, et Sanguis fiat dilectíssimi Filii tui, *Jungit manus*, Dómini nostri Iesu Christi”; MRT, p. 337.

¹¹ MRT, p. 277.

res, Dómine, nos servi tui, sed et plebs tua sancta, ejusdem Christi Filii tui, Dómini nostri, tam beátae passiónis, nec non et ab inferis resurrectiónis, et in coelos gloriósae ascensiónis: offérimus preclárae majestáti tuae de tuis donis ac datis, hóstiam puram, hóstiam sanctam, hóstiam immaculátam, Panem sanctum vitae aetérnae, et Calicem salútis perpétuae”¹². Por isso na liturgia da santa Missa a *oblatio*, ou seja, o dom do sacrifício do pão e do vinho, torna-se o sacrifício de Cristo – a Hóstia, “Pão santo da vida eterna e Cálice da eterna salvação”; aquilo que é material assume uma dimensão espiritual; aquilo que é fruto do trabalho das mãos do ser humano torna-se o alimento e a bebida espiritual; o que é humano transforma-se em divino; pelo poder do Espírito Santo, por instituição de Cristo e com a colaboração do ser humano.

***Oblatio* – o paradigma da espiritualidade cristã segundo S. Estanislau**

O caráter oblato da espiritualidade cristã na doutrina de S. Estanislau transparece melhor no tratado destinado “a pessoas de todos os estados” na Igreja, intitulado *Templo místico de Deus (Templum Dei mysticum)*. Já o próprio título faz referência ao templo compreendido como lugar de celebração do culto cristão, no qual são apresentadas as oferendas (*oblaciones*). Com a espiritualidade oblato relacionam-se claramente os capítulos iniciais do tratado, que aludem aos atos litúrgicos da parte eucarística da santa Missa. São especialmente importantes os capítulos: terceiro, intitulado *Altar do templo místico*; quarto, intitulado *O sacrifício do templo místico*, juntamente com a proposta da chamada *Prática I do oferecimento diário (Praxis I oblationis quotidianae)*; quinto, intitulado *O sacerdote do templo místico* e sexto, com o título *A vítima do templo místico*. Os demais capítulos em geral aludem ao equipamento da igreja (p. ex. *As janelas do templo místico*), a atos litúrgicos selecionados (p. ex. *A consagração do templo místico*), ou a características da igreja, tanto materiais (p. ex. *A pureza do templo místico*), como sobretudo espirituais (p. ex. *A imortalidade do templo místico*).

Na construção do mencionado tratado, cumprem um papel central aqueles capítulos que simplesmente abordam toda a vida cristã como li-

¹² MRT, pp. 338-339.

turgia de oferecimento, isto é, das oferendas espirituais que o crente apresenta a Deus. Ocorre ali numa nítida alusão, inclusive com a utilização dos mesmos conceitos, à parte da santa Missa em que o sacerdote deposita as *oblata*. A base da concepção da espiritualidade oblativa de S. Estanislau é a convicção de que o ser humano é um templo místico de Deus, e de que “o altar do Deus Altíssimo é o coração do homem, especialmente de uma pessoa piedosa. Porque, da mesma forma que no altar do templo material está sempre oculto Deus na Santíssima Eucaristia, Ele também se encontra num coração a Ele entregue”¹³. O altar do coração humano é o lugar simbólico da constante permanência de Deus, e por isso o cristão deve cuidar “com o máximo zelo” que esse altar esteja sempre limpo e somente a Ele destinado¹⁴. Trata-se de um lugar de apresentação de sacrifícios espirituais. Nesse contexto S. Estanislau esclarece qual o sacrifício oferecido no altar do coração é agradável a Deus e apresenta propostas de fórmula de tal oferecimento diário (*oblatio quotidiana*). Escreve ele: “Agradável é o sacrifício do atormentado, especialmente quando durante a aflição louva a Deus, independentemente de ela lhe ser imposta pelos pecados ou para merecer a glória eterna. Agradável é a contrição do pecador que faz penitência. [...] Agradável é a oração de uma criatura humilde. [...] Agradável é a glorificação de Deus nos lábios dos sacerdotes. [...] Agradáveis, finalmente, são, e até muito agradáveis, a pobreza, a castidade e a obediência dos religiosos, visto que se baseiam nos conselhos de Cristo”¹⁵. Mas acima de tudo o valor do sacrifício de um cristão depende de ser oferecido em união “com todos os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e de todos os habitantes do céu e justos que permanecem na terra”, bem como de resultar da intenção pura e do amor¹⁶. O verdadeiro amor, na opinião de S. Estanislau, tem as suas características. Deve ser “puro, santo, ardente, celestial, [como aquele] que provém da fonte do Amor eterno”¹⁷. Portanto, à semelhança da Eucaristia, onde o pão e o vinho consagrados se tornam Corpo e Sangue do Senhor, graças ao amor de Deus o sacrifício oferecido pelo cristão como sua *oblatio* diária torna-se um sacrifício espiritual – sobrenatural, agradável a Deus e por Ele aceito como coparticipação nos méritos de Cristo, para a salvação do mundo. No simbolismo do *Templum*

¹³ S. Papczyński, *Templum Dei mysticum*. In: *Pisma zebrane*, Warszawa, 2007, p. 1088 (a seguir: TDM).

¹⁴ Cf. TDM, p. 1090.

¹⁵ TDM, pp. 1092-1095.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ TDM, p. 1097.

Dei mysticum o amor cumpre o papel do sacerdote, autorizado a celebrar a Eucaristia. “Por isso, não são agradáveis a Deus os sacrifícios do templo místico, e Deus até inteiramente os rejeita, quando não são oferecidos pelo sacerdote-amor”¹⁸. Pode ser um sacrifício toda ação do ser humano, cada bom propósito seu, seu sofrimento, seu desejo, sua renúncia; em princípio tudo que constitui o ser humano e tudo com que ele vive. Na proposta da *Prática do oferecimento diário* percebe-se a tentativa de enumerar todas as esferas, ações e experiências da existência humana¹⁹. Abordagens semelhantes do sacrifício estão presentes igualmente nos capítulos seguintes

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Tanto em razão da beleza espiritual dessa prática da *oblatio* diária como para apresentar a maneira de ver a espiritualidade cristã na forma oblativa, vale a pena citar aqui todo o texto do oferecimento: “Senhor, Deus meu! Ofereço à Vossa Majestade como dom matutino (ou vespertino) todos os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e de todos os habitantes do céu, bem como dos justos que permanecem na terra, e também as ações boas e indiferentes de todas as pessoas. A saber, como reparação por todos juntos e por todos os bens em particular em qualquer ocasião, e especialmente nesta noite (ou neste dia) concedidos a mim e a todo o gênero humano; como reparação e para a minha purificação dos meus pecados, das minhas culpas e imperfeições e das de todo o gênero humano, cometidos especialmente nesta noite (ou neste dia); para a remoção dos castigos e das pragas que por eles merecemos e para o afastamento dos perigos que ameaçam a alma e o corpo; para o conhecimento e o cumprimento da Vossa vontade em tudo; para Vos amar acima de tudo, e ao próximo com um amor ordenado; para o afastamento dos obstáculos em tudo isso. Na intenção das causas materiais e espirituais: da Vossa santa Igreja, do Santo Padre, do imperador cristão, do nosso rei e do nosso reino, e de todos os reis e reinos cristãos; na intenção das minhas causas e das de meus pais, parentes, familiares, benfeitores, amigos, inimigos etc., especialmente de NN e daqueles pelos quais em qualquer ocasião eu tenha tido o propósito, a promessa ou a obrigação de rezar, e Vossa Majestade quer que eu reze, sejam eles vivos ou falecidos, e que não gozam ainda da Vossa glória. Pela conversão dos pecadores e hereges e pela iluminação dos infiéis e cismáticos. E finalmente pela intenção que Vossa Majestade queira que Lhe sejam oferecidos, e que eu tenha a obrigação de oferecer. Além disso, juntamente com todos esses mencionados méritos e ações, eu ofereço a Vossa Majestade o meu coração, para que ame unicamente a Vós e nada além de Vós, a não ser em razão de Vós; a minha alma, para que Vos sirva; a inteligência, a memória e a vontade, para que a Vós sejam submetidas; a minha boca, para que de Vós fale; a minha língua, para que Vos abençoe; a visão, o tato, o gosto, o olfato e a imaginação, para que não deem acesso a nenhum mal, para que não desejem nem retenham nada de desordenado. Todos os sentidos interiores e exteriores, todas as partes do corpo e da alma, todos os estímulos, todas as obras, os pensamentos, os passos, os olhares, os diálogos, os desejos, os propósitos, a aflição, o consolo, o temor, a sensação de segurança, a inquietação, a alegria, a queda, o levantamento, a tentação e a sua superação, as perseguições, as injustiças, a honra, o desprezo, a difamação e a boa fama, a abundância e a pobreza, o trabalho, o descanso, a saúde, a doença etc., a vida e a morte – numa palavra – a mim mesmo e tudo que é meu, de toda a minha vida e especialmente deste dia. Fazei, Senhor, que eu pertença todo a Vós, e a mim absolutamente não – em todo tempo, em todo instante, por toda a eternidade. Tudo isso seja para a Vossa glória, para a honra da Santíssima Virgem Maria, para a honra de todos os habitantes do céu e para a salvação minha e dos semelhantes, para a multiplicação da virtude, o crescimento da graça e do mérito. Amém”; TDM, pp. 1093-1095.

do tratado em análise e em outros escritos de S. Estanislau²⁰. Em *Inspec-tio cordis* e nos escritos passionários ele se concentra preferencialmente em induzir o leitor a oferecer a Deus variadas oferendas, em apresentar uma fundamentação convincente de tal postura espiritual e em estimular o crente ao sacrifício; servem de exemplos a esse respeito geralmente diversas personagens bíblicas, mas sobretudo a postura de Cristo. Nesses escritos não se percebe, no entanto, uma apresentação integral da concepção da espiritualidade oblativa, como ocorre em *Templo místico de Deus*. A espiritualidade oblativa no sistema teológico de S. Estanislau encerrado no tratado *Templum Dei mysticum* possui um protótipo claramente litúrgico, ao passo que as alusões oblativas nos outros escritos são cristológicas, da mesma forma, aliás, como a sua concepção da fórmula dos votos religiosos.

A profissão religiosa como *oblatio*

De todos os escritos de S. Estanislau hoje acessíveis resulta que tanto a fórmula dos votos religiosos como o próprio ato da profissão eram por ele definidos com o termo *oblatio*. A mais representativa é aqui a fonte de caráter autobiográfico intitulada *Fundatio domus recollectionis* (*Fundação da casa do recolhimento*). Justamente nesse escrito o autor utiliza a palavra *oblatio* em alusão à profissão dos votos religiosos. Primeiramente, quando recorda a sua profissão na Congregação dos Marianos, que com esse ato ele começa a fundar na residência dos Escolápios, em Cracóvia, no momento de receber o indulto do afastamento, escreve o seguinte: “Embora aquela Majestade Divina me tivesse sugerido antes da dispensa que eu – quando daqueles [votos] fosse dispensado – nesse mesmo ato com outros voluntariamente me comprometesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração (*quod feci oblatione sinu deprompta*), em público, embora feito em voz bastante baixa...”²¹. Do contexto acima resultam duas conclusões fundamentais: em primeiro lugar, ele

²⁰ Esse desvelo por envolver toda a ação da pessoa e para lhe conferir – através do amor – um caráter meritório pode ser percebido igualmente no capítulo intitulado *O sacerdote do templo místico*: “Por isso, quer rezes, quer leias, quer escrevas ou mantenhas bons diálogos, medites, trabalhes, comas, bebas, honestamente descanses, fortalecendo o teu espírito, e o que quer que faças de honesto, piedoso, santo, útil e digno de louvor, faz tudo isso por amor a Deus e para a glória divina...” TDM, pp. 1098-1099.

²¹ S. Papczyński, *Fundatio domus recollectionis*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., p. 1456 (a seguir: FDR).

considera a *oblatio* como seus votos religiosos (“quando daqueles [votos] fosse dispensado – nesse mesmo ato com outros voluntariamente me compromettesse”); em segundo lugar, também o próprio ato da profissão é por ele chamado *oblatio* (“o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração”)²². E utiliza-se exatamente da mesma terminologia quando fala dos votos do primeiro companheiro, João da Imaculada Conceição (no mundo, Estanislau Krajewski): “E o oferecimento (*oblatio*) desse eremita foi da forma seguinte: Eu, João da Imaculada Conceição...”²³. Saiba-se que João da Imaculada Conceição utilizou-se exatamente da mesma fórmula utilizada por S. Estanislau. Além disso, na própria fórmula dos votos são utilizados termos que a expressam como “oferecimento de si mesmo”, o que é enfatizado de maneira especial pela palavra “offerro”: “Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo o corpo filho de Tomás de Podegrodzie, da Diocese de Cracóvia, com a idade de quarenta anos, ofereço (*offerro*) e consagro a Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus Maria concebida sem a mácula original, o meu coração, a minha alma, inteligência e memória, os meus sentimentos, a minha mente, todo o meu espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo, para que dessa forma

²² Interessante é a opinião de Francisco Smagorowicz MIC, que partilhou comigo numa conversa a respeito da tradução dessa frase por Casimiro Kryżanowski MIC (“Embora aquela Divina Majestade me tivesse sugerido antes da dispensa que – quando [daqueles votos fosse dispensado] – naquele mesmo ato me compromettesse voluntariamente por outros diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração (*quod feci oblatione sinu deprompta*), em público, ainda que feito em voz bastante baixa”. Francisco Smagorowicz MIC com razão observou que a expressão latina utilizada por S. Estanislau pode também ter um outro significado: *quod feci sinu deprompta* pode também significar: “o que fiz retirando o texto do oferecimento do bolso”. A expressão crucial é aqui *oblatione sinu deprompta*, em que *sinu* provém de *sinus*, o que pode significar nesse contexto “peito, dobra, regaço, bolso, bolsa” e “seio, peito, abraço, interior”, ao passo que a palavra *deprompta* é o particípio passivo do verbo *depromere*, que significa “extrair, tirar, retirar”. Casimiro Krzyżanowski adotou a versão em certo sentido poética de que S. Estanislau pronunciou a sua *oblatio* “de coração”. Se bem compreendi Francisco Smagorowicz, a situação de S. Estanislau é melhor expressa pela tradução de que “ele pronunciou a *oblatio* retirando-a do bolso”, o que significaria que tinha um texto pronto, anteriormente preparado. Confesso que me parece que a versão de Francisco Smagorowicz corresponde melhor à situação em que se encontrava o seu autor e é mais lógica. Em consequência, a frase acima teria o teor seguinte: “Ainda que aquela Divina Majestade me tivesse sugerido antes da dispensa que – quando daqueles votos [fosse dispensado] – naquele mesmo ato, com outros voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz retirando o oferecimento do bolso, em público, ainda que tenha sido feito em voz bastante baixa, e o seu conteúdo é este: ...”. Cf. também *Słownik łacińsko-polski*, red. M. Plezia, Wydawnictwo Naukowe PWN, Warszawa, 2007, t. II, p. 101, t. V, p. 159.

²³ FDR, p. 1463.

eu seja a partir de agora inteiramente um servo do mesmo Todo-poderoso e da Beata Virgem Maria”²⁴. Como era importante para S. Estanislau o “oferecimento de si mesmo” percebe-se, além disso, na forma seguinte dos votos, registrada em *Norma vitae*, onde ele igualmente utiliza a mesma expressão “offero”, ainda que o texto da fórmula seja nitidamente diferente: “Eu, N., da diocese N., com a idade N., voluntariamente e sem coação, por puro amor a Deus, para a Sua maior glória e para a honra da Seletíssima Virgem, para auxiliar os falecidos desprovidos de ajuda, especialmente os soldados e os falecidos em consequência da peste, ofereço-me (*offero me*) à Divina Majestade e à Mãe de Deus Virgem Maria...”²⁵.

Não há dúvida nenhuma de que ambas as fórmulas constituem uma concepção original dos votos do Fundador dos marianos. Ao lado de outras referências oblativas em seus escritos, que esclarecem essa concepção e que a aprofundam teologicamente, testemunham isso também outras duas fórmulas dos votos religiosos que ele adotou em sua vida, mas que não eram de sua autoria. Ambas apresentam uma compreensão um pouco diferente da consagração religiosa e, em consequência, dão ênfase a outras expressões. A primeira fórmula dos votos religiosos de que se utilizou S. Estanislau é a sua profissão dos votos simples na Congregação dos Escolápios, que ocorreu no dia 22 de julho de 1656 em Varsóvia. Nesse texto não aparecem as palavras *oblatio* ou *offero*, mas a consagração é expressa pelas fórmulas: “faço a minha profissão” (*faccio meam professionem*) e “faço o voto” (*voveo*). A segunda fórmula dos votos religiosos se relaciona com a aceitação da *Regra das Dez Virtudes*, imposta à Congregação dos Padres Marianos. Tratava-se de uma fórmula imposta de fora, e por isso S. Estanislau, ao professar os seus votos no dia 6 de junho de 1701 na Nunciatura em Varsóvia, adiciona a ela as suas restrições, dizendo: “por todo o tempo da minha vida observarei a Regra da imitação das dez virtudes da Santíssima Virgem Maria naquilo em que ela não se opõe às normas do nosso Instituto religioso”²⁶. Essa frase, incluída pelo Fundador dos marianos no texto da profissão, faz parte integral da fórmula. Também aqui não se encontram presentes alusões oblativas. A consagração é expressa pelas palavras “prometo e faço o voto” (*promitto et voveo*). E nos documentos

²⁴ S. Papczyński, *Oblatio*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., pp. 1422-1423 (a seguir: *Oblatio*).

²⁵ S. Papczyński, *Norma vitae*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., pp. 48-49.

²⁶ S. Papczyński, Profesja ślubów uroczystych. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., p. 1504.

assinados tanto pelo Fundador dos marianos como pelo arcebispo Francisco, o Núncio Apostólico na Polônia, e por outras testemunhas, o ato da profissão dos votos é chamado “profissão” (*professio*)²⁷.

O oferecimento expresso na fórmula dos votos religiosos tem um caráter de sacrifício total. De uma entrega total e irrestrita de si mesmo a Deus visível na lógica dos termos utilizados, que devem plenamente definir a pessoa humana (“o meu coração, a minha alma, a minha inteligência, memória e vontade, os meus sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e todo o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo”). O objetivo da *oblatio* é uma transformação tal que o religioso se torne única e inteiramente servo (*totus servus*) do Todo-Poderoso e da Beata Virgem Maria. Os traços restantes dessa transformação, enumerados nas partes seguintes da fórmula dos votos, são apenas uma consequência da nova postura do religioso. São eles: o serviço até o fim da vida, na castidade e com zelo, na Congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição, o novo estilo de vida com isso relacionado, a observância das suas leis, estatutos e ritos, a obediência ao Vigário de Jesus Cristo e à sua autoridade delegada, inclusive aos outros superiores; a fidelidade ao voto da pobreza e à vida comum e, finalmente, a fidelidade à doutrina da igreja e o voto de sangue na defesa da Imaculada Conceição da Mãe do Senhor²⁸.

Nas reflexões dirigidas aos religiosos e em seus escritos passionários, S. Estanislau aponta para a fonte de onde brota o ato do oferecimento de si mesmo (*oblatio*), que é o relacionamento especial com Cristo e o consequente desejo de assemelhar-se a Ele em Seu oferecimento ao Pai. Essa principal causa, inspirada pela fé e pelo amor, assume também outras formas, como entre outras: o amor a Cristo e o desvelo pela salvação dos semelhantes; o desejo de retribuir a Jesus o Seu amor e amizade; o arrependimento pelos pecados e o espírito de penitência; a imitação dos santos no seu relacionamento com Cristo²⁹. O ato da *oblatio* assim compreendido como profissão dos votos religiosos não é apenas a expressão de um relacionamento já existente com Deus, mas ao mesmo tempo o molda e apro-

²⁷ Cf. S. Papczyński, *Professio votum solemnium*. In: S. Papczyński, *Scripta historica*, Varsoviae, 1999, pp. 143-144.

²⁸ Cf. *Oblatio*, pp. 1422-1423.

²⁹ S. Papczyński, *Inspectio cordis*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., pp. 640, 729, 762, 817-818, 906, 1030. S. Papczyński, *Christus patiens*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., pp. 1281-1282, 1290. S. Papczyński, *Orator crucifixus*. In: S. Papczyński, *Pisma zebrane*, op. cit., p. 1242.

funda, conferindo-lhe um caráter permanente e localizando-o na comunidade da Igreja.

Conclusão

Parece que até agora não tem havido quaisquer pesquisas sobre a concepção da espiritualidade cristã no pensamento de S. Estanislau. Não está excluído que até o presente ninguém tenha percebido que ela possa ter tal caráter. Porém trata-se de uma concepção não apenas teologicamente profunda e espiritualmente significativa, mas também original no contexto da espiritualidade cristã. O ideal da oblação, conhecido no mundo judaico-cristão, e também no decorrer da história da Igreja, tem sido relacionado aos sacrifícios feitos a Deus (Antigo Testamento) ou tinha um significado cristológico na dimensão da obediência de Jesus apresentada na Carta aos Hebreus, ou ainda expressava o duplo relacionamento das pessoas em relação aos conventos ou institutos religiosos: em primeiro lugar significava o oferecimento de crianças ou adultos aos mosteiros, onde os oferecidos depois viviam; em segundo lugar, a *oblatio* era um sinal de ligação com institutos de vida religiosa, mas distinta daquela dos votos religiosos (oblato, oblatas)³⁰. Em todos esses casos a *oblatio* tinha, no entanto, um significado concreto e não se relacionava com a edificação do conceito de uma espiritualidade cristã com base num determinado sentido dessa palavra, como o vemos no caso de S. Estanislau. Porquanto basicamente, ainda que em alguns autores ocorram certas concepções de espiritualidade oblativa, elas são posteriores. Elas surgiram no século XIX na França, em conexão com a escola francesa de espiritualidade, que é basicamente contemporânea a S. Estanislau. Além disso, parece que não há nelas diretas referências litúrgicas³¹. A palavra *oblatio* utilizada no lugar de *professio* ocorre na

³⁰ Cf. G. Rocca, *Oblazione*. In: *Dizionario degli istituti di perfezione*, t. VI, Paoline, Milano, 1980, col. 676-678. Cf. também A. de Bovis, W. van Dijk, *Offrande*. In: *Dictionnaire de spiritualité*, t. XI, Beauchesne, Paris, 1982, col. 720-733.

³¹ Pode servir de exemplo a esse respeito a espiritualidade de duas congregações religiosas: dos Oblatos de Maria Imaculada (surgida em 1816) e dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (surgida em 1877). Uma clara alusão à espiritualidade oblativa em relação à Carta aos Hebreus (Hb 10,7) encontra-se presente na espiritualidade dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Leszek Poleszak SCJ assim a caracteriza: “Aquele *ecce venio*, no entendimento do Fundador assumido mais tarde na tradição espiritual do Instituto por ele fundado, envolve em seu conteúdo todo o amor de Deus revelado no Filho, a prontidão da doação de si mesmo, o início da obra da redenção e a escolha de uma postura oblativa. A postura do *ecce venio* de Jesus é para o Fundador

construção dos votos da Congregação do Santíssimo Redentor (redentoristas), de autoria de S. Afonso de Ligório³², mas essa comunidade religiosa também surgiu mais tarde, em 1732. Sem dúvida, a questão aqui analisada exige ulteriores e aprofundadas pesquisas contextuais.

a postura livre do amor que Deus espera do homem. O seu valor se encontra justamente na disponibilidade diante do Criador. O culto consiste, então, aqui não em sacrifícios adicionais, mas na entrega ao Pai, a qual – a exemplo do Filho de Deus – assume também a forma da suplência que se encerra no amor, na glorificação, no amor puro, na destruição, na reparação juntamente com o Coração Eucarístico de Jesus”. L. Poleszak SCJ, Główne rysy duchowości Zgromadzenia Księży Najświętszego Serca Jezusowego w zamyśle założyciela – o. Leona Jana Dehona. In: *Droga rad ewangelicznych. Program formacji ciągłej na 2011 rok*, Kraków, 2011, p. 121. Da mesma forma aborda essa questão S. Hałas SCJ no artigo: Pismo św. w duchowości Sługi Bożego o. Leona Dehona. *Symposium*, 2 (13), 2004, pp. 57-70. De uma forma ainda diferente tratam a sua espiritualidade os Oblatos de Maria Imaculada, os quais – embora em seu nome façam alusão à palavra *oblatio* – definem-se sobretudo em relação a Nossa Senhora: “Os oblatos são pessoas oferecidas à Santíssima Virgem Maria”; cf. <https://oblaci.pl/maryja-niepokalana/>.

³² Informação com base em: H. Charbonneau, Oblacja. In: *Słownik wartości obłackich*, red. F. Ciardi OMI, Poznań, 2004, pp. 542-550.

A consagração religiosa: o seu caráter específico e as mais recentes abordagens teológicas

Há muito tempo a teologia católica empreende tentativas de abordar essa forma de vida, a que deu início Jesus Cristo pela Sua encarnação, e que sob a ação do Espírito Santo desenvolveu-se gradativamente nos séculos seguintes nas variadas formas da vida – como a chamamos hoje – “consagrada” (cf. VC 29). Dentre as diversas categorias, tais como: a mais fiel imitação de Cristo, a vida mais radical segundo o Evangelho, a vida e a missão de acordo com o carisma recebido, a vida segundo os conselhos evangélicos, a vida profética, o caminho e o estado de perfeição, justamente a “vida consagrada” é que foi reconhecida pelo Magistério da Igreja como a mais adequada. No entanto, a consagração é na teologia uma questão extremamente ampla. Diz respeito a coisas e a pessoas, pode ter uma dimensão sacramental ou não sacramental. A sua essência em relação aos religiosos tem despertado por vezes muitas imprecisões e exigido uma explanação clara e precisa.

Além disso, na tentativa de apresentar a consagração religiosa na doutrina do Magistério da Igreja e nas mais recentes abordagens teológicas, é preciso ter consciência dos problemas de natureza metodológica com que se defronta a teologia da vida consagrada. Porquanto a vida religiosa como tal é uma realidade histórica e teológica. Como um fenômeno existente na Igreja exige, além da compreensão de toda a sua diversidade, uma interpretação teológica. Por isso vale a pena concentrar-se no caminho atualmente trilhado pela doutrina da Igreja. Para uma visão mais ampla da questão da consagração religiosa, será bom no final considerar algumas abordagens teológicas e propostas de complementações.

A Bíblia nas bases da compreensão da consagração religiosa

O fulcro do nosso tema é propriamente a compreensão da essência da consagração, com base num sólido fundamento bíblico. Já no Antigo Testamento o contexto da questão da consagração chama a atenção para a existência de uma realidade sacra em relação ao ser humano, à terra ou às coisas. Essa sacralidade está relacionada com a presença de Deus, com a destinação a Ele ou com os ritos relacionados com a glória a Ele prestada. Em razão da santidade de Deus, o *sacrum* assim compreendido exige uma separação do *profanum*, que o ameaça.

Na busca das bases bíblicas da consagração é preciso ainda prestar atenção ao grupo de palavras com o radical hebraico “*qds*” que aparece no Antigo Testamento e que se relacionam com a santidade. A primeira utilização de tal nomenclatura aparece no Livro do Êxodo, em referência à teofania de Deus no deserto (cf. Ex 3,5), num claro contexto histórico-salvífico. É significativo que com a santidade-sacralidade do ser humano estará relacionada a necessidade da purificação, da preservação da pureza ritual, além de ritos e de uma legislação especial. A razão disso é o encontro com o Deus vivo, Único e Santo, e algum dom d’Ele recebido (cf. Ex 19,10-14; Nm 11,18). Deus é o primeiro a sair com a iniciativa e escolhe para si o povo ao qual se revela, conduz e convida a uma aliança com Ele. Igualmente o Povo de Deus é chamado a entregar-se, a oferecer-se a esse Deus Único de forma total, a abandonar ainda que seja a aparência da idolatria e a preservar a obediência à Vontade Divina expressa nos mandamentos e nas ordens proféticas.

O radical “*qds*” surge também no contexto da vocação dos profetas. É justamente a eles que Deus dá de forma inteiramente imerecida uma vocação especial, purifica-os (Isaías), atrai com o Seu amor (Jeremias). Os profetas, como “santos de Deus”, são dedicados a ser inteiramente disponíveis diante de Deus, recebem dons especiais para uma missão excepcional que lhes confia Deus no contexto da história da salvação.

O Novo Testamento traz o cumprimento da visão do Antigo Testamento – que é Jesus Cristo, que institui para todos os chamados a consagração batismal, e convida alguns a uma imitação mais estrita d’Ele. Como ensina a Igreja com base no Evangelho:

O próprio Jesus é Aquele a quem o Pai da forma mais sublime consagrou e enviou (cf. Jo 10,36). Ele sintetiza em si todas as consagrações da antiga lei, que anunciavam a Sua consagração; n’Ele é consagrado

o novo Povo de Deus, desde então de forma misteriosa com Ele unido. Pelo batismo Jesus proporciona a Sua vida a todo cristão. Todos são santificados no Filho. Todos são chamados à santidade. Todos são enviados para participar da missão de Cristo e todos recebem a capacidade de crescer no amor e no serviço ao Senhor. Esse dom do batismo é a consagração fundamental dos cristãos, e nele se radicam todas as demais. [...] A alguns, no entanto, para o bem de todos, Deus concede o dom de uma imitação mais estreita de Cristo em Sua pobreza, castidade e obediência, através da profissão pública desses conselhos aceita pela Igreja. (EE 6-7)

Os documentos da Igreja, tentando apontar para as fontes bíblicas da identidade das pessoas consagradas, mencionam na sequência os textos que falam da consagração de Maria:

Maria é, de fato, *exemplo sublime de perfeita consagração*, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus. Escolhida pelo Senhor, que n'Ele quis cumprir o mistério da Encarnação, lembra aos consagrados o *primado da iniciativa de Deus*. Ao mesmo tempo, dando o seu consentimento à Palavra divina que n'Ele Se fez carne, Maria aparece como *modelo de acolhimento da graça* por parte da criatura humana. Unida a Cristo, juntamente com José, na vida escondida de Nazaré, presente junto do Filho em momentos cruciais da sua vida pública, a Virgem é mestra de seguimento incondicional e de assíduo serviço. Assim n'Ele, “templo do Espírito Santo”, brilha todo o esplendor da nova criatura. A vida consagrada contempla-A como modelo sublime de consagração ao Pai, de união com o Filho e de docilidade ao Espírito, na certeza de que aderir “ao gênero de vida virginal e pobre” de Cristo significa assumir também o gênero de vida de Maria. (VC 28)

A pessoa seguinte a quem Deus obsequiou com o dom da vida consagrada e que a esse dom respondeu com amor é João Evangelista.

Da contemplação de Cristo crucificado, recebem inspiração todas as vocações; da Cruz, com o dom fundamental do Espírito têm origem todos os dons, e em particular o dom da vida consagrada. Depois de Maria, Mãe de Jesus, recebe este dom o discípulo que Jesus amava, João, a testemunha que se encontrava, com Maria, aos pés da Cruz

(cf. Jo 19,26-27). A sua decisão de consagração total é fruto do amor divino que o envolve, sustenta e lhe enche o coração. João, ao lado de Maria, conta-se entre os primeiros dessa longa série de homens e mulheres que, desde o início da Igreja até ao fim, tocados pelo amor de Deus, se sentem chamados a seguir o Cordeiro imolado e redivivo, para onde quer que Ele vá (cf. Ap 14,1-5) (VC 23)

Segundo os documentos do Magistério, depois de Maria e de João Evangelista, merecem um lugar privilegiado todos os profetas, especialmente Elias (cf. VC 84).

A atual teologia da vida consagrada, ao examinar os fundamentos bíblicos das questões com ela relacionadas, chama a atenção para uma correta hermenêutica e para a necessidade de evitar erros metodológicos bastante difundidos¹. Alguns textos da Bíblia Sagrada são tratados como se devessem relacionar-se exclusivamente com a vida consagrada. Na utilização dos textos do Evangelho surgem ideias de complementar o que esses textos não dizem, por exemplo, com trechos paralelos extraídos de outros evangelistas, sem dar a mínima atenção à singularidade teológica dos diversos autores bíblicos. Ocorre também o esclarecimento da essência da identidade religiosa ou da teologia dos votos baseado em textos da Sagrada Escritura afastados de um contexto mais amplo. Um sério abuso pode ser a escolha seletiva de perícopes para uma interpretação pré-estabelecida, e a omissão daquilo que com ela não combina. Uma metodologia adequada será, portanto, a busca de fontes bíblicas, a apropriada exegese, a busca de contextos mais amplos e de inspirações bíblicas que ajudem a compreender a identidade da pessoa consagrada².

¹ Cf. G. PEREGO, *Nowy Testament a życie konsekrowane*, trad. K. Stopa, Częstochowa, 2010, pp. 12-14.

² Um dos exemplos de tal abordagem é a aplicação da teologia tipológica. Cf. S. M. SESSA, *Profeti per le nazioni. Antico Testamento e vita consacrata*, Cimisello Balsamo, 2015; S. M. SESSA, La “consacrazione” nella Sacra Scrittura. Approssimazioni metodologiche e focalizzazioni tematiche: tracce per um dibattito, in *Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, Consecratio et consecratio per evangelica consilia. Atti del Seminario Internazionale*, Roma 1-3 marzo 2018, Città del Vaticano, 2019, pp. 43-58.

A atual doutrina do Magistério sobre a consagração religiosa

A necessidade de uma apresentação precisa, renovada da identidade das pessoas consagradas já foi percebida durante os trabalhos do Concílio Vaticano II. Os padres conciliares voltaram a sua atenção sobretudo à necessidade de abandonar o costume de abordar o estado religioso nas categorias do *status perfectionis* – “estado de perfeição”. Tal tratamento da vida religiosa, como o caminho exclusivo e mais fácil para alcançar a perfeição e a santidade cristã, despertava muitas restrições e levava por vezes a curiosas discussões, do ponto de vista de hoje, a respeito da superioridade do estado religioso sobre o estado leigo ou da superioridade do estado do sacerdócio servicial sobre o estado religioso.

Em sua doutrina, o Concílio Vaticano II decididamente se afasta de uma concepção tão arriscada e evita afirmações que favoreçam quem quer que seja, porquanto isso se opõe à vocação universal à santidade segundo a vocação que Deus proporcionou a cada ser humano. O ponto de partida para definir todo cristão é o batismo. Nele está enraizada a igualdade de todos na Igreja, e a consagração batismal capacita o ser humano à santidade. Na doutrina conciliar que tenta abordar o caráter específico da identidade dos religiosos, encontramos afirmações que falam da necessidade de uma especial e universal “consagração especial”. O religioso a recebe a fim de “alcançar frutos mais abundantes da graça do batismo” (LG 44), ela está “profundamente radicada na consagração do batismo e a expressa mais plenamente” (PC 5) e capacita igualmente ao cumprimento da missão confiada em espírito de serviço divino (LG 44).

A doutrina conciliar não decidiu todas as questões teológicas relacionadas com a consagração religiosa. Por isso foi encaminhada ao dicastério vaticano que cuida dos religiosos uma série de pedidos de esclarecimento. O mais importante deles dizia respeito a uma definição precisa da ação de Deus e do ser humano no mistério da vocação à vida religiosa. Em uma de suas respostas a Congregação esclarece:

A consagração é a base da vida consagrada. A Igreja, dando a isso uma decidida ênfase, em primeiro plano acentua a iniciativa de Deus e aquilo que é o fundamento da vida religiosa – a união transformadora com Deus. A consagração é um ato divino. Deus chama alguém, isola-o para que de maneira especial se dedique a Ele. Ao mesmo tempo concede a necessária graça para responder a essa vocação de

maneira que da parte do ser humano a expressão dessa dedicação seja a plena e voluntária entrega de si mesmo. O relacionamento que surge em razão disso é um puro dom. É aliança no mútuo amor e na fidelidade, na comunhão e na missão, contraída para a glória de Deus, é a alegria da pessoa consagrada e a salvação do mundo (EE 5).

Na exortação *Vita consecrata*, João Paulo II abordará de forma ainda mais ampla o princípio “iniciativa de Deus – resposta do ser humano”, mostrando as razões e os motivos de tão radical resposta do ser humano:

Está aqui o sentido da vocação à vida consagrada: uma iniciativa total do Pai (cf. Jo 15,16), que requer daqueles que escolhe uma resposta de dedicação plena e exclusiva (cf. EE 5). A experiência deste amor gratuito de Deus é tão íntima e forte que a pessoa sente que deve responder com a dedicação incondicional da sua vida, consagrando tudo, presente e futuro, nas suas mãos. Por isso mesmo, como ensina S. Tomás, a identidade da pessoa consagrada pode-se compreender a partir da totalidade da sua oferta, comparável a um autêntico holocausto (cf. *Summa Theologiae*, II-II, q. 186, a. 1). (VC 17)

No decorrer das deliberações da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em 1994, dedicada ao tema “A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo”, surgiram perguntas a respeito do relacionamento dessa consagração não sacramental com a consagração sacramental do batismo e com a consagração no sacramento da ordem. Os padres sinodais dirigiram a João Paulo II pedidos de esclarecimento dessa questão de forma clara na costumeira exortação pós-sinodal.

O papa descreve de forma muito clara a relação entre a consagração religiosa e as outras consagrações sacramentais. Vale a pena citar aqui trechos mais amplos da sua doutrina. Na exortação *Redemptionis donum*, de 1984, escreve:

A profissão religiosa – assente na base sacramental do Batismo, em que está radicada – é uma “nova sepultura na morte de Cristo”: nova, pela consciência e pela escolha; nova, mediante o amor e a vocação; nova, enfim, mediante a incessante “conversão”. Essa “sepultura na morte” faz com que o homem “sepultado juntamente com Cristo”, “*caminhe como Cristo numa vida nova*”. Em Cristo crucificado vão encontrar o seu fundamento último quer a consagração batismal,

quer a profissão dos conselhos evangélicos; esta, na palavra do Concílio Vaticano II, “constitui uma consagração especial”. É simultaneamente *morte e libertação*. São Paulo escreve: “considerai-vos mortos para o pecado”; ao mesmo tempo, porém, chama a esta morte “libertação da escravatura do pecado”. A consagração religiosa, todavia, sobre a base sacramental do santo Batismo, constitui sobretudo uma vida nova “para Deus em Cristo Jesus”.

E eis que assim, conjuntamente à profissão dos conselhos evangélicos, dum modo muito mais amadurecido e mais cômico é “*deposto o homem velho*”; e, da mesma maneira, é “*revestido o homem novo*, criado à imagem de Deus na justiça e na santidade verdadeira”, querendo usar, uma vez mais, as palavras da *Carta aos Efésios* (cf. Ef 4,22-24). (RD 7)

Em sua carta apostólica a todas as pessoas consagradas por ocasião do Ano Mariano em 1988, João Paulo II aborda esse relacionamento e essa novidade da consagração em palavras um pouco diferentes:

A vocação do ser humano à consagração da vida toda permanece em estreita relação com a consagração do próprio Cristo pelos seres humanos. Ela brota da raiz sacramental do batismo, que encerra em si e primeira e fundamental consagração da pessoa humana a Deus. A consagração pelos conselhos evangélicos – ou por votos e promessas – é um desenvolvimento orgânico daquele “início” que constitui o batismo. Encerra-se nela a madura escolha do próprio Deus, a resposta sponsal ao amor de Cristo. Entregando-nos a Ele de forma total e indivisível, queremos “seguir os Seus passos”, decidindo-nos pela observância da castidade, da pobreza e da obediência no espírito dos conselhos evangélicos. Queremos assemelhar-nos a Cristo da forma mais estreita, moldando a nossa vida segundo o espírito das Oito Bem-Aventuranças do Sermão da Montanha. Mas acima de tudo queremos “ter o amor”, que penetra todos os elementos da vida consagrada e os congrega como verdadeiro “vínculo da perfeição” (cf. Cl 3,14). Tudo isso se encerra na “morte” paulina, sacramentalmente iniciada pelo batismo.³

³ JOÃO PAULO II, Carta apostólica a todas as pessoas consagradas por ocasião do Ano Mariano, Vaticano, 22 de maio de 1988.

O mais preciso esclarecimento da necessidade de uma nova e especial consagração concedida aos religiosos após o batismo, que indissolavelmente se liga com a profissão dos conselhos evangélicos, é fornecido por João Paulo II na exortação pós-sinodal *Vita consecrata*:

Na tradição da Igreja, a profissão religiosa é considerada como *um singular e fecundo aprofundamento da consagração batismal*, visto que nela a união íntima com Cristo, já inaugurada no Batismo, evolui para o dom de uma conformação expressa e realizada mais perfeitamente, através da profissão dos conselhos evangélicos (cf. RD 7). Todavia esta nova consagração reveste uma sua peculiaridade relativamente à primeira, da qual não é uma consequência necessária (cf. LG 44). Na verdade, todo aquele que foi regenerado em Cristo é chamado a viver, pela força que lhe vem do dom do Espírito, a castidade própria do seu estado de vida, a obediência a Deus e à Igreja, e um razoável desapego dos bens materiais, porque todos são chamados à santidade, que consiste na perfeição da caridade (cf. IG 42). Mas o Batismo, por si mesmo, não comporta o chamamento ao celibato ou à virgindade, a renúncia à posse dos bens, e a obediência a um superior, na forma exigida pelos conselhos evangélicos. Portanto, a profissão destes últimos supõe um dom particular de Deus não concedido a todos, como Jesus mesmo sublinha no caso do celibato voluntário (cf. Mt 19, 10-12). (VC 30)

O papa observa que para a realização dessa vocação é concedido um especial dom do Espírito Santo. Além disso, empreende uma reflexão muito importante para os institutos clericais a respeito do relacionamento mútuo entre a consagração religiosa e a consagração sacramental no sacramento da ordem. Nesse mesmo ponto de *Vita consecrata* escreve:

Quanto aos sacerdotes que fazem a profissão dos conselhos evangélicos, a experiência demonstra que *o sacramento da Ordem encontra uma fecundidade peculiar em tal consagração*, visto que esta requer e favorece a exigência de uma pertença mais íntima ao Senhor. O sacerdote que faz a profissão dos conselhos evangélicos fica particularmente habilitado para reviver em si próprio a plenitude do mistério de Cristo, graças inclusivamente à espiritualidade peculiar do próprio Instituto e à dimensão apostólica do respectivo carisma. No presbítero, com efeito, a vocação ao sacerdócio e à vida consagrada convergem numa unidade profunda e dinâmica. (VC 30)

Para assegurar uma clareza maior ainda quanto ao caráter específico da consagração religiosa e das relações mútuas entre os diversos estados da vida cristã, João Paulo II ensina:

Para a missão dos *leigos* – aos quais compete “procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus” (LG 31), é fundamento adequado a consagração batismal e crismal, comum a todos os membros do Povo de Deus. Os *ministros ordenados*, além dessa consagração fundamental, recebem também a da Ordenação, para continuar no tempo o ministério apostólico. As *pessoas consagradas*, que abraçam os conselhos evangélicos, recebem uma nova e especial consagração que, apesar de não ser sacramental, as compromete a assumirem – no celibato, na pobreza e na obediência – a forma de vida praticada pessoalmente por Jesus, e por Ele proposta aos discípulos. Embora estas diversas categorias sejam manifestação do único mistério de Cristo, os leigos têm como característica peculiar, embora não exclusiva, a secularidade, os pastores a “ministerialidade”, os consagrados a conformação especial a Cristo virgem, pobre e obediente. (VC 31)

O traço característico da mais recente abordagem magisterial, apresentada por João Paulo II na exortação pós-sinodal *Vita consecrata* é uma incessante ênfase da dimensão trinitária da vocação à vida consagrada. O ser humano é chamado por iniciativa do Pai, para que, como Seu Filho unido pelo Espírito Santo, aceite a consagração, ofereça a si mesmo ao Pai e no poder do Espírito cumpra a sua salvífica missão diante da humanidade (cf. VC 22). Além disso, a consagração é localizada por João Paulo II na clássica chave teológica pós-conciliar: mistério (*Confessio Trinitatis*) – comunhão (*Signum fraternitatis*) – missão (*Servitium caritatis*).

Problemas terminológicos e linguísticos

Um dos problemas muito importantes que se têm apresentado no decorrer do desenvolvimento da teologia da consagração religiosa é a questão da terminologia⁴. A palavra latina “consecrare” é traduzida em muitas línguas como verbo reflexivo, expressando o ato do ser humano que se entrega e se

⁴ Cf. T. PASZKOWSKA, *Misterium konsekracji osób w perspektywie duchowości Soboru Watykańskiego II*, Lublin, 2005, pp. 49-67.

consagra, o que aponta para o caráter oferente do ato da consagração. Essa mesma palavra traduzida na voz ativa como ação de Deus, que consagra, vai expressar que Deus escolhe a pessoa e a santifica.

Além disso, o que pode parecer muito surpreendente, um problema é justamente a tradução dos textos do Magistério para as diversas línguas. Verifica-se, com efeito, que a utilização de palavras diversas pode provocar uma confusão e falta de clareza na compreensão da consagração. Um exemplo clássico disso é a frase conciliar da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* do ponto principal relacionado com a teologia do estado religioso. Em língua latina o trecho dessa frase é o seguinte:

Per baptismum quidem mortuus est peccato, et Deo sacratus; ut autem gratiae baptismalis ulteriorem fructum percipere queat, consiliorum evangelicorum professione in Ecclesia liberari intendit ab impedimentis, quae ipsum a caritatis fervore et divini cultus perfectione retrahere possent, et divino obsequio intimius consecratur. (LG 44)

As controvérsias dizem respeito às traduções da expressão “divino obsequio intimius consecratur”. Na maioria das traduções oficiais para as línguas nacionais é utilizado o verbo reflexivo, que aponta que é o ser humano que se consagra a Deus e que a consagração é um ato dele diante de Deus⁵. E assim em língua polonesa temos “poświęca się służbie Bożej”, em italiano “si consacra più intimamente al servizio di Dio”, em francês “se consacre plus intimement au service divin”, em espanhol, “se consagra más íntimamente al servicio de Dios”, em bielorrusso “яшчэ больш прысвьячае сябе Божаю служэнню”. Por outro lado, na tradução desse mesmo texto em algumas outras línguas será usado o verbo na voz passiva, o qual enfatiza que a consagração é um ato de Deus que atua no ser humano. Assim, em inglês foi traduzido “he is more intimately consecrated to divine service”, em alemão “wird dem göttlichen Dienst inniger geweiht”, em português “é consagrado mais intimamente ao serviço divino”.

Após a publicação do texto conciliar *Lumen gentium* surgiram diversos comentários esclarecendo as dúvidas relacionadas com a adequada interpretação do ponto 44 da Constituição⁶. Eles apontam claramente que para

⁵ As versões linguísticas oficiais são acessíveis, por exemplo, na página da internet www.vatican.va.

⁶ Cf. G. GHIRLANDA, I significati del termine “consacrazione” nel CIC 1983, in: Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Consecratio et consecratio*

a expressão dos atos de Deus é reservado o verbo “consecrare”, e para os atos humanos, “devovere”, “mancipare” e “dedicare” [em português “dedicar” – N. do T.]. Além disso, a Comissão Teológica conciliar esclareceu: “Textus novus est: ‘per eadem vincula divino obsequio intimius consecratur’ sub forma passiva, subintelligendum ‘a Deo’”⁷. Ou seja, fica claro que o verbo “consecrare” utilizado aqui na voz passiva enfatiza o primado da ação de Deus, o ato de Deus se apossar do ser humano, para o Seu serviço exclusivo. Os verbos “devovere”, “mancipare” e “dedicare” expressam nesse contexto o ato da consagração do ser humano compreendido como dedicação, entrega nas mãos de Deus, voluntária renúncia a si mesmo para o serviço a Deus como resposta ao Seu chamado. A correta tradução do texto de *Lumen gentium* n. 44 é aquela que em português diz: “o cristão [...] é consagrado mais intimamente por Deus ao serviço divino”.

Como facilmente se pode perceber, as próprias traduções do texto básico da doutrina do Magistério sobre o estado religioso podem provocar muita confusão, o que exige cuidado na sua utilização e requer preferencialmente a utilização dos textos na língua original⁸.

Propostas de novas abordagens teológicas

O atual Magistério da Igreja aponta claramente que a teologia da consagração religiosa está ancorada na teologia do sacramento do batismo. A reflexão contemporânea sobre a identidade das pessoas consagradas, em especial dos religiosos, empreende uma tentativa de expressar de diversas formas e com a ajuda de termos diversos a complexidade dessa questão, bem como enfatiza as dificuldades na formulação de uma abordagem integral e exaustiva⁹. Apresenta a riqueza das chaves interpretativas ou das propostas que acentuam algum elemento importante que confere à consa-

per evangelica consilia. Atti del Siminatio Internazionale, Roma, 1-3 marzo 2018, op. cit., pp. 9-44; Z. PALYS, *Rozwój teologii konsekracji zakonnej. Studium historyczno-teologiczne od Vaticanum II do „Vita consecrata”* Jana Pawła II, Kraków, 2008, pp. 73-77.

⁷ *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, vol. III, parte VIII: *Congregationes generales CXXIII-CXXVII*, Città del Vaticano, 1976, p. 131.

⁸ Ocorre uma situação semelhante com a tradução do texto do ponto n. 5 da instrução *Essential Elements*, publicada como *editio typica* em inglês. A frase “consecration is the basis of religious life” foi traduzida para o polonês como: “Poświęcenie się Bogu, konsekracja jest podstawą życia zakonnego” (Dedicação a Deus, a consagração é a base da vida religiosa).

⁹ Cf. M. BEVILACQUA, *La consacrazione religiosa. Prospettive di interpretazione nel Magistero e nella riflessione teologica*, in: *Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le*

gração um caráter especial. Surgem também vozes de autores que apontam para os perigos de diversos tipos de reducionismos. Vale a pena, então, sem entrar na discussão, lançar um olhar às mais importantes propostas dessas novas abordagens teológicas.

Inicialmente é preciso mencionar as vozes que expressam uma espécie de distanciamento diante da discussão sobre a consagração religiosa. Entre alguns autores que representam o mundo do monasticismo (especialmente oriental), pode ser percebida até a ausência dessa questão. Eles adotam a posição de que a identidade de um religioso pode ser expressa de forma descomplicada – ele é um cristão que simplesmente vive com o radicalismo e a integralidade do Evangelho. Porquanto na teologia das pessoas consagradas há um excesso de ênfase à sua excepcionalidade¹⁰.

Além disso, é preciso enfatizar que a consagração religiosa é um ato que atinge a essência da identidade da pessoa. A consagração do ser humano é participação na consagração de Cristo. Não é algum tipo de acréscimo exterior ou outorga de função na Igreja e no mundo¹¹. Ela diz respeito primordialmente à profundidade do “ser” pessoa, não à sua ação. É significativo que os próprios religiosos, indagados a respeito de quem são, com frequência iniciam o esclarecimento enumerando aquilo que fazem, com o que se ocupam. Vale a pena também mencionar que nas discussões sobre a essência da consagração das pessoas religiosas (especialmente das mulheres) não falta a ênfase do caráter esponsal desse ato. Isso mostra claramente que a vocação é uma união de pessoas surgida do amor e para o amor, que se trata de uma espécie de esponsais. No cerne da consagração trata-se, com efeito, do amor de Deus ao ser humano e do ser humano a Deus.

Um dos mais expandidos sistemas de abordagem da consagração religiosa é a perspectiva eclesial-sacramental vista em três chaves entre si relacionadas: a teologia da aliança, a teologia do sistema sacramental e da pneumatologia¹². A chave da aliança enfatiza o tipo do relacionamento entre o Consagrante e o consagrado, a concessão da bênção por Deus

Società di Vita Apostolica, *Consecratio et consecratio per evangelica consilia. Atti del Seminario Internazionale, Roma, 1-3 marzo 2018*, op. cit., pp. 137-161.

¹⁰ Cf. E. BIANCHI, *Non siamo migliori. La vita religiosa nella Chiesa, tra gli uomini*, Magnano, 2002.

¹¹ Cf. G. GHIRLANDA, *I significati del termine “consacrazione” nel CIC 1983*, op. cit., pp. 40-41.

¹² Cf. J. C. R. GARCÍA PAREDES, *La “consacrazione carismatica”*, in: Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Consecratio et consecratio per evangelica consilia. Atti del Seminario Internazionale. Roma, 1-3 marzo 2018*, op. cit., pp. 169-185.

e a questão da fidelidade. A seguir, a consagração religiosa, embora não seja sacramental pela sua essência, baseia-se no batismo, e tem a sua profunda radicação na consagração eucarística. Com efeito, a Eucaristia, na qual se realiza a consagração do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, é o centro do sistema sacramental da Igreja, e todos os sacramentos da Igreja são a ela direcionados. É justamente na teologia da Eucaristia que mais plenamente se pode descobrir o que é o dom, o sacrifício e o poder da transformadora graça divina. E, finalmente, é indispensável a epiclese – a solene invocação do Espírito Santo: do Seu poder consagrante e unificante.

Neste ponto vale a pena mencionar que a abordagem trinitária da essência da vida consagrada proposta por João Paulo II em *Vita consecrata* exige uma clara exposição da dimensão pneumatológica. “Porquanto Jesus é Aquele a quem Deus ungiu com o poder do Espírito Santo [cf. At 10,38], que o Pai consagrou e enviou ao mundo [Jo 10,36]” (VC 22). A consagração de Cristo pela unção do Espírito Santo está indissolúvelmente ligada com a missão, trata-se de uma unção para a missão. Como o próprio Jesus enfatizou solenemente no santuário em Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,19). Na opinião de muitos autores, a abordagem da consagração como unção mostra muito bem o dinamismo carismático da vida consagrada, o seu direcionamento missionário¹³.

A ação do ser humano no mistério da consagração expressa-se na total dedicação a Deus pela profissão dos conselhos evangélicos. Esse tipo de livre entrega a Deus em todas as áreas da vida, o que expressam os votos, pressupõe um ato de fé extremamente radical. Dessa forma, enfatizando essa extraordinária confiança no Deus amoroso, a consagração é compreendida como uma viva profissão de fé, como que a encarnação da fé e do primeiro mandamento do Decálogo¹⁴. Essa vocação está relacionada com a vocação dos profetas, que foram escolhidos por Deus para assumir a guarda da fidelidade ao Deus Único. Essa ênfase adquire, além disso, um

¹³ Cf. J. C. R. GARCÍA PAREDES, *Teologia della vita religiosa*, Cinisello Balsamo, 2004, pp. 325-354; B. MAGGIONI, *Alle radici della sequela*, Milano, 2010, p. 9-19. Tal abordagem é mui significativamente enfatizada na teologia da vida consagrada na América Latina, cf. Confederación Latinoamericana de Religiosos, *Hacia una vida religiosa latino-americana. Selección de textos teológicos*, Lima, 1984.

¹⁴ Cf. G. URÍBARRI, *Portar las marcas de Jesús. Teología y espiritualidad de la vida consagrada*, Bilbao, 2001, p. 325.

importante significado no contexto da formação permanente como formação de fé, bem como no contexto dos muitos afastamentos do estado religioso motivados por problemas da fé ou com a sua perda.

Para ver a consagração na sua plenitude, é indispensável uma forte ênfase eclesiológica: Deus consagra pela Igreja, na Igreja e para a Igreja e para a sua missão. Não têm faltado nos últimos anos observações da parte de pessoas consagradas que se sentem marginalizadas na Igreja ou sentem que a sua vocação não é compreendida. Por outro lado, surgem vozes no sentido de que alguns consagrados parecem estar isolados da vida da Igreja universal e local, como se constituíssem algum tipo de realidade paralela. A vocação para aceitar uma nova e especial consagração não é apenas certa realidade dentro da Igreja, mas uma realidade orgânica da própria Igreja. Como enfatiza *Vita consecrata*:

A vida consagrada, presente na Igreja desde os primeiros tempos, nunca poderá faltar nela, enquanto seu elemento imprescindível e qualificativo, expressão da sua própria natureza. [...] A concepção de uma Igreja composta unicamente por ministros sagrados e por leigos não corresponde às intenções do seu divino Fundador, tais como no-las apresentam os Evangelhos e outros escritos neo-testamentários. (VC 29)¹⁵

Nos últimos documentos da Igreja e em muitas publicações dá-se especial atenção à lembrança da natureza escatológica da consagração religiosa¹⁶. Nesse contexto, em *Vita consecrata* João Paulo II ensina:

De fato, é constante a doutrina que a apresenta [a vida consagrada] como antecipação do Reino futuro. O Concílio Vaticano II reitera este ensinamento, quando afirma que a consagração “preanuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste” (LG 44). Fá-lo, antes de mais, pela *opção virginal*, concebida sempre pela tradição como *uma antecipação do mundo definitivo*, que já desde agora atua e transforma o homem na sua globalidade. (VC 26)

¹⁵ Cf. X. LARRAÑAGA (ed.), *La vita consecrata nel mistero della Chiesa*, Milano, 2017.

¹⁶ Cf. A. CENCINI, “Guardate al futuro”. *Perché ha ancora senso consacrarsi a Dio*. Milano, 2010; E. BIANCHI, *Non siamo migliori*, op. cit.

Essa lembrança é a tal ponto significativa que na vida religiosa “as preocupações apostólicas se fazem sentir sempre com maior urgência e o empenhamento nas coisas deste mundo corre o risco de ser cada vez mais absorvente” (VC 26). Essa abordagem se reporta a uma das mais importantes inspirações e motivações evangélicas, presente já desde os primórdios da vida monástica, que é a encarnação de forma visível, nesta vida terrena, do anseio pela segunda vinda de Cristo, bem como da realidade em que “não se casarão; serão como anjos no céu” (Mc 12,25). Com efeito, a consagração religiosa deve lembrar e mostrar que o batismo transporta o ser humano para a realidade do *eschaton*, à vida na tensão escatológica, onde o cristão “está no mundo, mas não é do mundo” (cf. Jo 17,6-19), que “não tem aqui cidade permanente, mas está à procura da que está para vir” (cf. Hb 13,14) e que vigia incessantemente, porque “na hora em que menos pensa, virá o Filho do Homem” (cf. Mt 24,44).

Para concluir, vale a pena mencionar a opinião de que do ponto de vista da dimensão carismática, com excessiva intensidade se busca hoje alguma categoria que de forma homogênea e num sistema fechado possa encerrar toda a realidade da vida consagrada. De fato, por um lado é necessário um ordenamento teológico e canônico, mas, por outro lado, torna-se fácil a uniformização, a excessiva ênfase do significado da categoria da “consagração” na abordagem de um fenômeno que sob o ponto de vista carismático apresenta uma extraordinária riqueza¹⁷. Percebe-se esse problema, por exemplo, na forma de tratar as associações de vida apostólica e as novas formas de vida evangélica que não fazem parte em sentido estrito dos institutos de vida consagrada, mas que pelo seu dinamismo carismático em princípio não lhe são inferiores.

Sintetizando a presente comunicação, vale a pena observar quão importante para a apropriada compreensão do caráter específico da consagração religiosa é a ênfase do primado da ação de Deus consagrante e da livre resposta do ser humano como total dedicação da sua vida ao Seu serviço. Além disso, qualquer tentativa de apresentação da identidade da pessoa religiosa sem um visível contexto do batismo deve ser reconhecida como no mínimo duvidosa.

A reflexão teológica sobre a identidade das pessoas consagradas está em contínuo desenvolvimento. Dos últimos acontecimentos relacionados com

¹⁷ Cf. E. CIARDI, Una molteplicità di esperienze di vita, in: Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Consecratio et consecratio per evangelica consilia. Atti del Seminario Internazionale. Roma 1-3 marzo 2018*, op. cit., pp. 117-129.

esse tema é preciso mencionar o Seminário Internacional *Consecratio et consecratio per evangelica consilia*, organizado em Roma em 2018 pela Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Associações de Vida Apostólica, o posterior convento complementar, bem como o grande número de publicações teológicas da área da vida consagrada¹⁸. Dentre os postulados mais frequentemente apresentados, chama-se a atenção para a dificuldade de definir a vida consagrada, em razão da riqueza e da diversificação das suas formas; para as dúvidas quanto à nomenclatura comparativa e gradativa (p. ex. a consagração religiosa é “mais”, “especial”); para a necessidade de mais frequentes alusões na teologia da consagração ao papel do Evangelho e da Palavra de Deus; para o cuidado na utilização de expressões que falam da complementação do batismo, da plenitude na consagração religiosa, como se a consagração batismal se ressentisse da falta de algo; para a insuficiência de abordagens da questão da consagração do ponto de vista litúrgico (fórmulas de consagração). Questões abertas, que exigem mais profundas análises, permanecem sendo, por exemplo: o aprofundamento da teologia do carisma e da reflexão sobre a consagração a partir da profissão dos conselhos evangélicos, uma melhor elaboração da teologia da vida consagrada com base na história e a sua interpretação, uma consideração mais visível da dimensão trinitária, esposal, pneumatológica e antropológica, a intensificação do diálogo entre a teologia e o direito canônico e uma nova análise da concepção da consagração¹⁹.

¹⁸ Das mais importantes publicações, além das já anteriormente citadas, fazem parte igualmente: S. TASSOTTI. *La consacrazione religiosa. Dal Concilio Vaticano II all'Esortazione Apostolica "Vita consecrata"*, Roma-Morena, 2003; F. PUIG, *La consacrazione religiosa. Virtualità e limiti della nozione teologica*, Milano, 2010; Pontificia Università Lateranense, Istituto di Teologia della Vita Consacrata "Claretianum", *Teologia e teologie della vita consacrata. Simposio. Roma 13-14 maggio 2015*, Supplemento a Claretianum ITVC, Roma, 2016. Essas obras apresentam uma proposta de abordagens da questão da consagração religiosa, de autoria de diversos teólogos.

¹⁹ Cf. síntese dos debates do seminário e convento de Roma: J. R. CARBALLO, *È tempo di camminare*, in: Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Consecratio et consecratio per evangelica consilia. Atti del Seminario Internazionale. Roma 1-3 marzo 2018*, op. cit., pp. 231-240; Questioni aperte e cammini possibili. *Sequela Christi*, 2018/1, pp. 88-97.

Santificados em Cristo Crucificado (cf. 1Cor 1,2). A dimensão cristológico-passional da consagração

As décadas passadas certamente não podem ser chamadas um tempo de existência estável e tranquila das comunidades religiosas. Esses têm sido anos turbulentos, repletos tanto de indagações e problemas como de aprofundada reflexão, que trouxe muita luz. As comunidades religiosas têm vivenciado crises, muitos abandonaram os conventos, não faltaram vexames e escândalos. Fez-se sentir-se um certo estado de desorientação, de dificuldades com a definição da própria identidade com o encontro do seu próprio lugar numa coletividade humana em mudanças muito dinâmicas e até na comunidade da Igreja. Ao mesmo tempo têm surgido novas e muito diversificadas comunidades. Uma delas têm haurido das antigas e tradicionais formas de vida religiosa, outras, com variado sucesso, têm assumido o risco de buscar caminhos antes não trilhados. A Igreja, como convém a uma mãe amorosa, respondeu a essa situação primeiramente pelo apelo a uma profunda renovação relacionada com a volta às raízes e, a seguir, pela reflexão aprofundada sobre a teologia da vida religiosa. A presente comunicação é uma tentativa de apresentar a dimensão cristológica-passional da dimensão da consagração religiosa na doutrina da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Apesar de o tema atribuído não prever isso, no final será feita uma breve alusão aos escritos e à experiência do nosso Fundador.

A dimensão cristológica-passional da consagração na doutrina da Igreja

Desde o Concílio Vaticano II a Igreja tem dedicado em sua doutrina bastante atenção à vida consagrada. Surgiram muito documentos de diversos níveis esclarecendo as questões com ela relacionadas, precisando a terminologia e desenvolvendo a compreensão teológica dessa realidade eclesial. Uma análise detalhada desses documentos deve começar pelo capítulo sexto da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*

e pelo Decreto *Perfectae caritatis*, juntamente com todo o processo da moldagem desses documentos, e terminar nos pronunciamentos relacionados com o Ano da Vida Consagrada (2015). Nesse conjunto localizam-se muitos textos de natureza teológica, pastoral e jurídica, no entanto todo esse edifício se baseia em três colunas: nos acima mencionados documentos do Concílio (1967), na Exortação apostólica sobre a consagração religiosa à luz do mistério da Redenção *Redemptionis domum* (1984), e na Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo *Vita consecrata* (1996). Esses documentos têm um significado básico para o tema abordado nesta comunicação e é neles que basicamente se concentrará a análise abaixo apresentada.

O Concílio Vaticano II

A questão relacionada com a problemática religiosa esteve presente na doutrina da Igreja também antes do Vaticano II, mas na maioria dos casos na perspectiva jurídica e prática. O último Concílio adotou uma reflexão teológica e apresentou essa realidade no contexto do mistério de Cristo e da Igreja. Em certo sentido, esse foi o início de um novo caminho. Era preciso construir um bom fundamento, definir o relacionamento com os diversos elementos do mistério da Igreja, precisar os termos. Esse trabalho não foi fácil. No decorrer da discussão, o próprio esquema do Decreto *Perfectae caritatis* foi modificado cinco vezes. A “consagração” anda não era uma categoria universalmente adotada e aceita na teologia da vida religiosa. No capítulo sexto da constituição dogmática, relacionado com os religiosos, esse termo não aparece, e no Decreto sobre a conveniente renovação da vida religiosa só foi utilizado quatro vezes. Se omitirmos a própria fórmula “consagração” e indagarmos a respeito da presença nesses textos de alusões cristológicas e passionais, é preciso constatar que elas são poucas.

O capítulo sexto da Constituição dogmática sobre a Igreja tem evidentemente uma perspectiva decididamente eclesiológica. Os conselhos evangélicos são um dom de Deus para a Igreja, e o estado que se baseia na sua profissão faz parte decididamente da sua vida e santidade (LG 43, 45). As comunidades religiosas servem ao bem e ao proveito de toda a Igreja, edificam o Corpo de Cristo, são uma imagem do amor de Cristo a Sua Esposa (LG 43, 44, 45). A dimensão cristológica da vida religiosa é apresentada da forma mais clara pela aplicação dos conselhos evangélicos à forma de vida que o Filho de Deus escolheu para si, vindo ao mundo (LG 43, 44, 46).

No Decreto *Perfectae caritatis* predomina a ótica teológica, no sentido de que o mistério da vida religiosa geralmente se relaciona com Deus,

não com Cristo. O Filho de Deus é antes apresentado como aquele a quem as pessoas religiosas seguem, a quem ouvem e cuja forma de vida imitam (PC 1, 2, 5, 8, 13, 25), no entanto o objetivo é a vida inteiramente dedicada ao próprio Deus, a Sua busca, o Seu amor e a união com Ele (PC 2, 5, 6, 11, 12, 14). Muito importante para o tema da presente apresentação é um trecho do ponto quinto do documento:

Os membros de todo e qualquer Instituto lembrem-se sobretudo que responderam à vocação divina pela profissão dos conselhos evangélicos, não só para morrerem ao pecado (cf. Rm 6,11), mas também para, renunciando ao mundo, viverem exclusivamente para Deus. Puseram toda a vida ao Seu serviço, o que constitui uma consagração especial, que se radica intimamente na consagração do Batismo e a exprime mais perfeitamente. Tendo, porém, esta doação de si mesmos sido aceite pela Igreja, considerem-se também como adstri-tos ao seu serviço. Este serviço de Deus deve urgir e alimentar neles o exercício das virtudes, sobretudo da humildade e da obediência, da fortaleza e da castidade, pelas quais participam no despojamento de Cristo (cf. Fl 2,7-8) e na Sua vida em espírito (cf. Rm 8, 1-13). Os religiosos, portanto, fiéis à profissão, deixando tudo por amor de Cristo (cf. Mc 10,28), sigam-no (Mt, 19,21) como única coisa necessária (cf. Lc 10, 42), ouvindo a Sua palavra (Lc. 10,39), solícitos das coisas que são d'Ele (cf. 1Cor, 7,32). (PC 5)

Esse pronunciamento é representativo de todo o decreto. Deus chama, o ser humano responde e escolhe o caminho de vida exclusivamente para Ele. Essa escolha direciona a pessoa consagrada a Cristo, é o Seu seguimento e a Sua imitação. A participação na vida de Cristo relaciona-se com a participação no Seu aniquilamento. Por duas vezes aparece aqui a palavra “consagração”, que em todo o documento é utilizada apenas quatro vezes (além do citado ponto 5, ainda em PC 11 e 17). Mui fortemente é enfatizada a sua dimensão passional. Podemos encontrar ainda referências menos claras a ela nos pontos relacionados com o voto da castidade e da obediência, onde o Concílio fala da mortificação (cf. PC 12) e da consagração total da vontade (cf. PC 14). Importante é também o relacionamento da consagração religiosa com a consagração batismal.

A Exortação apostólica de S. João Paulo II *Redemptionis donum*

Dezessete anos após os documentos do Concílio Vaticano II, no ano do Jubileu da Redenção, surgiu a Exortação *Redemptionis donum*. Esses anos não foram um período em que o Magistério da Igreja tivesse perdido o interesse pela vida religiosa. Um ano antes da exortação foi publicado o Código do Direito Canônico, que normatiza a ordem legal dos institutos de vida consagrada, e a Instrução *Essential Elements*, reunindo a doutrina do Concílio e a regulamentação do Código em relação aos institutos que se dedicam ao trabalho apostólico. Anteriormente dedicaram-se à problemática da vida consagrada S. Paulo VI na Exortação apostólica *Evangelica testificatio*, S. João Paulo II em suas alocações e a Congregação dos Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica, entre os quais vale a pena mencionar: *Mutuae relationes*, *Optiones evangelicae* e *Dimensio contemplativa*. Uma detalhada análise desses textos ampliaria muito o âmbito da presente comunicação, não introduzindo conteúdos essenciais ao seu tema. Não se pode, no entanto, omitir um trecho da Exortação *Evangelica testificatio*, que se relaciona diretamente com a questão aqui abordada. Os pontos relacionados com os diversos conselhos evangélicos são sintetizados pelo papa, apresentando a cruz como prova de um amor superior. As belas palavras de S. Paulo VI merecem ser citadas e não exigem comentário adicional:

Tudo isto, para dizer a que grau de renúncia compromete a prática da vida religiosa. Deveis, pois, experimentar em alguma medida o peso que atraía o Senhor para a Cruz, esse “batismo em que devia ser batizado” e onde se acenderia aquele fogo que vos inflama a vós também (cf. Lc 12,49-50). Deveis experimentar algo daquela “loucura” que São Paulo deseja a todos nós, porque só ela nos torna sábios (cf. 1Cor 3,18-19). Que a cruz seja para vós a prova do maior amor, como o foi para Cristo. Não existe, acaso, uma relação misteriosa entre a renúncia e a alegria, entre o sacrifício e a expansão do coração, entre a disciplina e a liberdade espiritual? (ET 29)

A exortação *Redemptionis donum* pode se reconhecida como o texto crucial para a compreensão da dimensão cristológica-passional da consagração. Isso é influenciado por dois fatores. Em primeiro lugar, ela surgiu num tempo em que o conceito de “consagração” tornou-se uma das categorias fundamentais na reflexão teológica sobre a vida religiosa. Permitamos que falem os números. No capítulo sexto da constituição conciliar *Lumen*

gentium esse termo não aparece, em *Perfectae caritatis* foi utilizado quatro vezes, e em *Redemptionis donum* o papa utilizou-se dele trinta e oito vezes e localizou-o o título do documento e de todo o capítulo terceiro. Na realidade, na quatro vezes mais ampla exortação *Vita consecrata* esse número chega a quatrocentos e noventa e oito, mas parece que justamente *Perfectae caritatis* pode ser reconhecido como o documento a esse respeito fundamental. O segundo fator é o contexto teológico do mistério da redenção, no qual S. João Paulo conduz a sua reflexão, o que faz com que o ponto básico de referência seja para a consagração a pessoa do Salvador e o mistério da Sua páscoa.

A exortação é decididamente cristocêntrica. Exagerada seria a afirmação de que o papa muda a estrutura teológica da consagração, de acordo com a qual a iniciativa cabe a Deus, que escolhe e chama o ser humano, e este responde na profissão dos conselhos evangélicos, que entrega a pessoa humana totalmente a Deus. Deus permanece como o primeiro ator e receptor, no entanto nessa ação divina S. João Paulo II coerentemente inscreve Jesus Cristo Redentor. Já no próprio ato da vocação, que o papa examina no contexto do diálogo de Cristo com o jovem rico, o amor consagrante do Pai atinge o ser humano através do Redentor. O papa aborda isso de uma forma bonita:

Embora saibamos que estas palavras, ditas ao jovem rico, não foram acolhidas por ele, como “chamado”, o seu conteúdo, no entanto, merece uma atenta reflexão; elas apresentam, de fato, a estrutura interior da vocação. “Jesus fitou-o com amor...” Está aqui estampado o amor do Redentor: aquele amor que brota de toda a profundidade divino-humana da Redenção. Nele reflete-se o *eterno amor do Pai*, que “amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que crê n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna”. O Filho, imbuído por este amor, aceitou a missão do Pai no Espírito Santo e tornou-se o Redentor do mundo. E o amor do Pai revelou-se no Filho como *amor que salva*. É este amor precisamente que constitui o verdadeiro preço da Redenção do homem e do mundo. Os Apóstolos de Cristo falam com profunda emoção de tal preço da Redenção: “... não fostes resgatados... a preço de coisas corruptíveis, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula” (1Pd 1,18), escreve São Pedro. “Na verdade, fostes comprados por elevado preço” (1Cor 6,20), diz também São Paulo. O chamamento para seguir o caminho dos conselhos evangélicos

nasce *do encontro íntimo com o amor de Cristo*, que é amor redentor. É com este amor, exatamente, que Cristo chama. (RD 3)

Citemos mais algumas frases do documento:

A vocação, amados Irmãos e Irmãs, levou-vos à profissão religiosa, graças à qual vós fostes consagrados a Deus, mediante o ministério da Igreja; e, ao mesmo tempo, fostes incorporados na vossa Família religiosa. Por isso, a Igreja pensa em vós, em primeiro lugar enquanto sois pessoas “consagradas”: *consagradas a Deus em Jesus Cristo* para lhe pertencerdes exclusivamente. [...] A mesma profissão cria um vínculo novo do homem com Deus uno e trino, em Jesus Cristo. Este ligame tem fundamento e é acréscimo daquele *vínculo original*, que se estabeleceu *no sacramento do Batismo*. (RD 7)

Que a consciência de pertencerdes ao próprio Deus em Jesus Cristo, Redentor do mundo e Esposo da Igreja, *marque sempre os vossos corações*, todos os vossos pensamentos, palavras e obras, com o sinal distintivo da esposa bíblica. (RD 8)

A profissão religiosa põe no coração de cada um e de cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, o *amor do Pai*; aquele amor que está no coração de Jesus Cristo, Redentor do mundo. É um amor que abranje o mundo e tudo *aquilo* que nele *provém do Pai*; e é o mesmo amor que tende a debelar no mundo tudo aquilo que *não provém do Pai*. (RD 9)

Pode-se dizer que em *Redemptionis donum* no centro da consagração religiosa defrontam-se, face a face, o Deus-homem e a pessoa que o Pai consagra para si, que é atingida por esse chamado divino pelo olhar de Jesus repleto de redentor amor. Trata-se ao mesmo tempo do cumprimento de duas afirmações de Cristo do Evangelho de João: do capítulo sexto: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair” (Jo 6,44), ou “Ninguém pode vir a mim, a não ser que lhe seja concedido pelo Pai” (Jo 6,65), e do capítulo catorze: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6). Tal abordagem da consagração religiosa tem duas implicações, muito bem visíveis em todo o documento. A primeira é a ênfase da sua dimensão pessoal, sponsal, e a segunda, o integral relacionamento da profissão dos conselhos evangélicos com a economia da salvação. Expressa perfeitamente essa perspectiva o papa no ponto terceiro da sua exortação:

Quando Cristo, “depois de vos ter fitado, vos amou”, chamando cada um e cada uma de vós, amados Religiosos e Religiosas, aquele seu amor redentor foi dirigido a uma determinada pessoa, adquirindo ao mesmo tempo *características esponsais*: tornou-se *amor de eleição*. Tal amor abrange a pessoa toda, alma e corpo, seja homem ou mulher, com o seu único e irrepetível “eu” pessoal. Aquele que, doado eternamente ao Pai, “se dá” a si próprio no mistério de Redenção, eis que chama o homem, a fim de que este, por sua vez, se dê inteiramente a um serviço particular da obra da Redenção, mediante a agregação a uma Comunidade fraterna, reconhecida e aprovada pela Igreja. (RD 3)

Pela sua resposta, dada com plena liberdade, a pessoa deixa de pertencer a si e entrega-se como propriedade exclusiva a Deus. Trata-se da resposta do amor de entrega, que assume a forma de profissão dos conselhos evangélicos e molda uma especial aliança de amor esponsal entre o ser humano e Deus (cf. RD 8). São João Paulo II utiliza até a definição “esponsais místicos com o Esposo Divino na igreja” (RD 4). Jesus de Nazaré, o Salvador do mundo, é escolhido pela escolha do caminho que Ele apontou (cf. RD 3). Dessa forma toda a vida da pessoa consagrada, e especialmente a prática dos conselhos evangélicos, relaciona-se indissolúvelmente com a economia da salvação.

O fundamento desse vínculo é o sacramento do batismo. O papa alude à afirmação de *Perfectae caritatis* de que a profissão religiosa “se radica intimamente na consagração do Batismo e a exprime mais perfeitamente” (PC 5), e a seguir a desenvolve, reportando-se principalmente às cartas paulinas. Essa é uma parte da exortação muito importante para o tema da presente comunicação, no entanto, visto que uma apresentação plena do pensamento de S. João Paulo II exigiria a citação de trechos muito extensos do documento, apresentaremos somente algumas formulações, essenciais para a dimensão passional da consagração:

A profissão religiosa – assente na base sacramental do Batismo, em que está radicada – é uma “nova sepultura na morte de Cristo”: nova, pela consciência e pela escolha; nova, mediante o amor e a vocação; nova, enfim, mediante a incessante “conversão”. Essa “sepultura na morte” faz com que o homem “sepultado juntamente com Cristo”, “*caminhe como Cristo numa vida nova*”. Em Cristo crucificado vão encontrar o seu fundamento último quer a consagração batismal,

quer a profissão dos conselhos evangélicos; esta, na palavra do Concílio Vaticano II, “constitui uma consagração especial”. É simultaneamente *morte e libertação*. (RD 7)

Se é verdade que nenhum homem, nem sequer o mais santo, pode repetir as palavras de Cristo: “Eu me consagro a mim mesmo por eles” (Jo 17,19), entretanto, atendendo ao poder redentor próprio destas mesmas palavras, ao oferecer-se a Deus como propriedade exclusiva, mediante o amor de doação, cada um pode achar-se, por meio da fé, abrangido pelo alcance de tais palavras. Porventura, não nos chamam a atenção para isto as palavras do Apóstolo na *Carta aos Romanos*, que nós repetimos e meditamos com tanta frequência: “Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecer os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus”? (Rm 12,1) (RD 8)

Deste Filho diz São Paulo que “subsistindo na natureza de Deus... *despojou-se a si mesmo*, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2,6-7). A característica do aniquilamento contida na prática dos conselhos evangélicos, portanto, é uma característica completamente cristocêntrica. E por isso o Mestre de Nazaré também indica explicitamente *a Cruz como condição para seguir os seus passos*. Aquele que alguma vez disse a cada um e a cada uma de vós “segue-me”, disse-vos também: “Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (= caminhe pelas minhas pegadas) (Mc 8,34; Mt 16,24). E dizia isto a todos os seus ouvintes, não apenas aos discípulos. A *lei da renúncia*, portanto, pertence à própria essência da vocação cristã. Mas pertence de modo especial à vocação ligada à profissão dos conselhos evangélicos. (RD 10)

Ao apresentar a dimensão passional da consagração religiosa e de prática dos conselhos evangélicos, o papa se utiliza de definições fortes. Escreve de sacrifício (RD 3,8), entrega total (D 3, 7, 8), oferecimento (RD 7, 8), sepultura na morte (RD 7), aniquilamento (RD 10), renúncia (RD 10), participação na cruz (RD 8), morte (RD 14) e semelhantes. No entanto é preciso enfatizar claramente que as mencionadas formulações vêm sempre acompanhadas de alusões ao mistério da ressurreição. O papa fala de: ingresso numa nova vida (RD 7), libertação da escravidão (RD 7), vida para Deus (RD 7), começo de uma nova criação (RD 8, 10) etc. A consagração religiosa e a prática dos conselhos evangélicos introduz na profundidade da pessoa

humana, nas raízes da humanidade não somente o mistério da paixão de Cristo, mas todo o Seu mistério pascal. A exortação *Redemptionis donum* é uma mensagem forte, uma boa nova a respeito de como “a economia da Redenção transfere o poder do mistério pascal para o terreno da humanidade, dócil ao chamamento de Cristo à vida de castidade, de pobreza e de obediência, ou seja, à vida segundo os conselhos evangélicos”. (RD 10)

A exortação apostólica de S. João Paulo II *Vita consecrata*

A exortação surgiu em 1996 como fruto da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos dedicado à reflexão a respeito do tema “A vida religiosa e a sua missão na Igreja e no mundo”. O documento descreve a rica diversidade das comunidades de vida consagrada na Igreja, realiza uma análise da situação em que se encontram no mundo atual e esboça os caminhos e as tarefas que se lhes apresentam. Apesar dessa perspectiva prático-relatora, uma boa parte da exortação é dedicada a uma profunda reflexão teológica sobre o mistério da consagração religiosa. Em *Vita consecrata* realiza-se uma profunda mudança de perspectiva em comparação com *Redemptionis donum*. No documento relacionado com o jubileu da redenção, o papa adotou como ponto de referência justamente esse mistério, aludindo às cartas de S. Paulo, e especialmente ao hino sobre a ce-nose e a elevação de Jesus da Segunda Carta aos Filipenses, o que conferiu a toda a exortação um caráter cristocêntrico, com uma forte ênfase passional e pascal. *Vita consecrata* possui uma perspectiva claramente trinitária, e como que o ícone do mistério da consagração é o evento da transfiguração no monte Tabor. O papa dedica mais espaço ao Espírito Santo na vida religiosa. Mais amplamente é também apresentado o seu caráter eclesial, escatológico e comunitário. Isso, no entanto, não significa que Cristo de alguma forma tenha sido afastado para a sombra. É preciso antes falar de aprofundamento e enriquecimento. Da mesma forma que a Sua face resplandeceu no momento da transfiguração, o Seu papel na consagração religiosa é iluminado pela colaboração do Pai e do Espírito Santo. Como representativos da perspectiva teológica de todo o documento pode ser reconhecido o título do capítulo primeiro – *Confessio Trinitatis: Nas fontes cristológico-trinitárias da vida consagrada* e o trecho do ponto catorze que abre essa parte da exortação:

Esta existência “cristiforme”, proposta a tantos batizados ao longo da história, só é possível com base numa vocação especial e por um dom peculiar do Espírito. De fato, numa tal existência, a consagração

batismal é levada a uma resposta radical no seguimento de Cristo pela assunção dos conselhos evangélicos, sendo o vínculo sagrado da castidade pelo Reino dos Céus o primeiro e mais essencial deles. Assim, este especial “seguimento de Cristo”, em cuja origem está sempre a iniciativa do Pai, reveste uma conotação essencialmente cristológica e pneumatológica, exprimindo de forma muito viva o caráter *trinitário* da vida cristã, da qual antecipa de algum modo a realização *escatológica*, para onde tende a Igreja inteira. (VC 14)

Pode-se dizer que *Vita consecrata* inscreveu o mistério da consagração religiosa na estrutura fundamental da oração e da vida cristã: ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. A pessoa de Cristo se encontra nesse caso como que no centro da atuação da Santíssima Trindade. O Pai Lhe entrega as pessoas a quem Cristo chama, para que sigam os Seus passos, o que só é possível graças à ação do Espírito Santo, que desperta nelas o desejo de uma plena resposta a esse chamado e as assemelha a Cristo (cf. C 18-19).

A abordagem do mistério da consagração apresentada na exortação é muito positiva, no sentido de que tem por fundamento o enlevo diante da beleza de Deus, que resplandece na face de Cristo. Isso faz com que a dimensão passional da consagração religiosa não seja excessivamente acentuada. São muito poucas as definições do tipo “aniquilamento”, “morte”, “participação na cruz e na morte”, de que estava impregnada a exortação *Redemptionis donum*. O documento pós-sinodal dedica maior ênfase à qualidade da resposta do ser humano, que deve envolver, de forma absoluta, a totalidade da pessoa humana. O chamado é convidado a abandonar tudo e a imitar fielmente a forma de vida de Jesus e a concentrar toda a sua existência em torno da pessoa d’Ele. Trata-se aqui de uma doação total de si mesmo, de uma fiel assimilação, de uma incondicional dedicação (a quantidade das alusões é muito grande, e poderiam ser aqui citados quase que em sua totalidade os pontos 14-22 da exortação). Um bom reflexo dessa “mudança” de perspectiva é um trecho do ponto dezesseis:

É precisamente desta graça especial de intimidade que brota, na vida consagrada, a possibilidade e a exigência do dom total de si mesmo na profissão dos conselhos evangélicos. Estes, antes e mais do que renúncia, são *um acolhimento específico do mistério de Cristo*, vivido no seio da Igreja. (VC 16)

A mudança da disposição das ênfases não significa ausência. O traço passional da consagração religiosa é claramente apresentado na exortação. A própria cena da transfiguração, como enfatiza o papa, está relacionada com o mistério do afastamento de Cristo, prepara para a experiência da Cruz e termina na “descida do monte” em direção ao Calvário (VC 14, 23, 40). A contemplação da Cruz, de que participam os discípulos no Tabor, tem um significado fundamental. O Santo Padre afirma até que “da contemplação de Cristo crucificado, recebem inspiração todas as vocações; da Cruz, com o dom fundamental do Espírito têm origem todos os dons, e em particular o dom da vida consagrada” (VC 23). A dimensão pascal da vida religiosa está indissolúvelmente unida com a fidelidade ao mistério da cruz. A pessoa consagrada experimenta profunda e diretamente o mistério do Deus-Amor na medida em que deseja permanecer ao pé da cruz. Pela fidelidade ao mistério da Cruz confessa que crê no Pai, no Filho e no Espírito Santo e que vive com esse mistério. Dessa forma contribui para animar na Igreja a consciência de que a Cruz é superabundante amor de Deus, que se derrama sobre este mundo (cf. VC 24). Pronunciamentos que apresentam a dimensão passional de aspectos concretos da vida religiosa estão disseminados por todo o documento. Isso diz respeito à prática dos três conselhos evangélicos, à vivência das aflições e dos desconfortos da vida, à experiência das crises, à generosidade no serviço aos semelhantes, à exposição aos perigos e ao risco do martírio, bem como à clausura, à ascese, à oração, à formação, à vida comunitária, à evangelização etc. (cf. VC 24, 35, 38, 41, 42, 59, 65, 70, 72, 75, 86, 93).

Os documentos acima analisados não envolvem a totalidade da doutrina da Igreja a respeito da vida consagrada, mas podem ser reconhecidos como fundamentais e representativos. Os demais pronunciamentos, mais do que na própria teologia da consagração e da vida religiosa, concentram-se na sua situação no mundo atual, nos desafios e das preocupações de que deve dar conta, nas perguntas a que deve dar respostas. Eles se caracterizam com frequência por uma bela linguagem figurativa, pela riqueza de exemplos, comparações e citações, mas, na camada substancial relacionada com a dimensão cristológica-passional, não ultrapassam os documentos aqui apresentados (p. ex. *Congregavit nos in unum Christi amor* 9, 21-24, 44; *Alegrai-vos* 4-6; *Contemplai* 49-51; *Reconhecei* 8).

Tentativa de síntese

Da análise realizada de documentos escolhidos da Igreja podem ser tiradas as seguintes conclusões:

– Para a dimensão cristológico-passional da consagração religiosa tem um significado fundamental a sua radicação no sacramento do batismo, ou seja, no mergulho no mistério da morte e da ressurreição de Cristo. Diversos documentos utilizam diversas formulações para definir a relação entre o batismo e a consagração religiosa. Surgem definições como: mais plenamente, mais fielmente, com maior liberdade, de maneira especial, fortalecer, ampliar, desenvolver, unir de forma íntima, buscar as raízes e mais plenamente expressar. Independentemente das formulações utilizadas, a alusão ao batismo se encontra presente em cada documento. A consagração religiosa e a consagração batismal são consagrações distintas, porém profundamente entre si relacionadas.

– Utilizando a fórmula litúrgica, pode-se dizer que a consagração se realiza “por Cristo, com Cristo e em Cristo”. Sua pessoa tem um significado central e crucial. Caminhamos com Ele, imitamos a forma da Sua vida, com Ele estamos em profundo relacionamento pessoal e sponsal, contemplamos a Sua Cruz. Naturalmente, a parte seguinte da mencionada fórmula “A Vós, Deus, Pai Todo-Poderoso, na unidade do Espírito Santo” não pode ser deixada de lado. Cristo não age sozinho, a iniciativa provém do Pai, o Espírito Santo infunde no coração do ser humano o desejo de uma resposta incondicional, dá força e luz para apresentá-la e para perseverar na fidelidade, mas tanto o coração do ser humano como a ação do Pai e do Espírito Santo são dirigidos a Cristo.

– Os três conselhos evangélicos, cuja profissão é o elemento constituinte da consagração religiosa, possuem um caráter claramente cristocêntrico. A sua prática necessariamente possui um caráter passional, que pode ser definido de diversas maneiras, desde formulações drásticas do tipo “aniquilamento” ou “participação na morte”, até menos dramáticas, como: “entrega total”, “devotamento”, “oferecimento” etc., mas sempre está presente.

– A forma de abordagem do caráter passional da consagração decorre da perspectiva fundamental adotada num documento concreto da Igreja. Se o ponto de partida é o mistério da redenção do ser humano e a cura da natureza humana ferida pelo pecado (*Redemptionis donum*), as definições utilizadas aludem diretamente à paixão e morte na Cruz. Se nas bases se encontra a contemplação e o enlevo com a beleza de Deus (*Vita consecrata*), a ênfase é direcionada à entrega total a Deus, e um termo mais adequado que “passio” pode ser “oblatio”. Significativos a esse respeito são os números: em *Perfectae caritatis* o termo “pecado” aparece apenas uma vez, em *Redemptionis donum* dezesseis vezes, e na quatro vezes mais ampla *Vita consecrata* apenas sete vezes.

– A consagração religiosa é direcionada à vida, não à morte e ao aniquilamento. A doutrina da Igreja não se detém na dimensão passional. Sempre se encontra nela presente o contexto pascal, no entanto a profissão dos conselhos evangélicos não introduz nos fundamentos da pessoa humana a paixão e morte, mas introduz o mistério da páscoa do Senhor Ressuscitado.

– A dimensão passional está presente nos diversos aspectos da vida e do ministério das pessoas religiosas. Trata-se de uma consequência dos conselhos evangélicos, da vida em comunidade, da realização da missão própria do instituto na Igreja. Está inscrita nas etapas da vida, nas dificuldades, nas adversidades e nas crises com as quais é preciso lutar. Não se trata aqui, no entanto, diretamente do mistério da consagração, mas antes da amplamente compreendida experiência da vida religiosa.

A dimensão cristológica-passional da consagração nos escritos e na vida de S. Estanislau Papczyński

Por um lado, ao buscarmos nos escritos e na vida do Padre Estanislau elementos da atual teologia da consagração, expomo-nos à justa acusação de a-historicidade. Por outro lado, o aprofundamento da reflexão sobre a vida religiosa não muda o próprio mistério da consagração. Há trezentos e cinquenta anos Deus escolhia pessoas para si e as chamava da mesma forma que faz hoje. A renovação da vida religiosa está relacionada com a volta às raízes, de modo que se pode reconhecer como plenamente justificada a análise da experiência religiosa do nosso Fundador realizada da perspectiva do conhecimento atual. No entanto essa análise deve ser tratada antes como um diálogo com o Pai do que uma forma de avaliação crítica. A escolha do tema faz com que devam ser reconhecidos como fonte fundamental os escritos de fundação de S. Estanislau, e as obras de caráter ascético-pastoral, localizadas num plano mais distante.

Oblatio

O oferecimento, ou o ato da consagração religiosa do Padre Estanislau é dirigida a Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria concebida sem a mácula original. Inicia-se, no entanto, por um preâmbulo cristológico-passional: “Em nome de nosso Senhor, Jesus Cristo Crucificado. Amém” (*Oblatio*, p. 1258), que não pode ser tratado somente como um típico “cabeçalho”

que é geralmente adotado e adicionado nesse tipo de fórmulas. A *Oblatio* é um texto nascido da “inspiração divina”, analisado em profunda oração. Por isso é preciso reconhecer que a sua primeira frase reflete um traço da consagração religiosa essencial para o Fundador. Tal constatação é tanto mais justificada se levarmos em conta a totalidade da literatura de S. Estanislau, cuja parte significativa é constituída por obras cristológico-passionais. No entanto é preciso observar que na fórmula da profissão destinada aos marianos localizada na *Regra de vida* não existe tal referência (cf. NV I, 6, p. 50).

Norma vitae

A regra é um documento em significativa medida legal, que institui as bases fundamentais do funcionamento de uma comunidade religiosa. Na perspectiva teológica, geralmente se direciona a Deus, e as referências a Cristo não são muito numerosas. O traço cristológico-passional é mais nitidamente visível no capítulo relacionado com os conselhos evangélicos. Vale a pena citar um trecho que fala da obediência: “Tirai o estímulo e o exemplo da obediência do nosso próprio Redentor, que ‘se humilhou, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!’ (Fl 2,8)” (NV III, 1, p. 53), bem como um relacionado com a pobreza:

A todos convém que recordem e, ainda, imitem a penúria do Rei celestial, o qual, como lemos, não tinha sequer uma morada própria (cf. Mt 8,20; Lc 9,58) e, estando certa vez com sede, não se envergonhou de pedir água (cf. Jo 4,7). Por isso também vós, encontrando-vos na máxima pobreza, alegrai-vos muito porque então podeis ser verdadeiros discípulos de Cristo Senhor e Seus imitadores (NV III, 2, p. 56).

Com a dimensão passional da consagração religiosa podem igualmente ser relacionados os numerosos apelos à ascese, à mortificação, à luta com o homem velho que se encontram na *Regra de vida* (cf. NV I, 5; III, 1; todo o capítulo IV; V, 9; VII, 7).

A consagração religiosa e a consagração batismal

A dimensão cristológico-passional da consagração religiosa resulta da sua radicação na consagração batismal. Esse relacionamento não surge com frequência nos escritos do Padre Papczyński, mas encontra-se presente. O nosso Fundador utiliza a formulação “dupla vocação”, pensando

no chamado à fé e à vida religiosa. Podemos encontrar tal relacionamento nas reflexões em *Inspectio cordis* destinadas ao quinto domingo depois da Páscoa e ao retiro mensal (cf. IC, *Quinto domingo após a Páscoa*, p. 595 e *Meditações destinadas ao retiro semanal*, p. 839ss.)

Sequela Christi

A categoria da *sequela Christi*, inscrita na espiritualidade religiosa, é muito próxima a S. Estanislau. Dessa perspectiva para ele fundamental é que ele olha para a prática dos conselhos evangélicos e para outros aspectos da vida religiosa. Cristo é para ele o ponto de referência fundamental. O desejo da “imitação de Cristo” fundamenta a escolha da vida consagrada, e o objetivo desse caminho é a assimilação mais plena possível ao Divino Mestre. A imagem de Cristo nos escritos do Padre Papczyński geralmente apresenta traços passionais. O tema da *sequela Christi* na espiritualidade religiosa do nosso Fundador foi detalhadamente elaborado pelo atual superior geral Pe. Andrzej Pakuła no livro *A espiritualidade religiosa segundo Estanislau Papczyński e a primitiva tradição da Congregação dos Padres Marianos*¹. Por isso, uma nova análise dessa questão nesta apresentação aqui não se mostra oportuna.

Radicalismo religioso

O chamado à “imitação de Cristo” define o ponto de referência e a direção do caminho. Resta, no entanto, a indagação a respeito de quão intensivo é o esforço empreendido pela pessoa consagrada para trilhar o caminho assinalado. No primeiro capítulo da *Regra de vida* o Santo Fundador assim definiu o objetivo da vida religiosa:

Acima de tudo considerai diligente e constantemente o objetivo da vossa Congregação. Da mesma forma que o [objetivo] comum das santíssimas Ordens, também o vosso deve ser: o maior crescimento da glória divina e a solicitude pela própria salvação, com uma aplicada busca da perfeição. “De fato, que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?” (Mt 16,26). (NV I, 2, p. 48).

¹ Andrzej Pakuła MIC, *Duchowość zakonna według Stanisława Papczyńskiego i wczesnej tradycji Zgromadzenia Księżów Marianów. Studia Marianorum*, vol. 12, PROMIC – Editora dos Padres Marianos, Varsóvia-Lublin, 2010, p. 119-143.

Essa “aplicada busca da perfeição” significa para S. Estanislau o intran-sigente radicalismo na conversão, na ascese, na penitência, na observância dos votos e das regras religiosas. Nessa matéria o nosso Fundador utiliza exclusivamente grandes quantificadores: totalmente, até o fim, inteiramente, plenamente. As formulações que utiliza lembram aquelas que encontramos nos trechos dos documentos da Igreja que descrevem o relacionamento da consagração religiosa com o sacramento do batismo: mais plenamente, mais fielmente, com maior liberdade, de maneira especial etc. A quantidade de citações que aqui poderiam ser apresentadas é enorme. Se alguém as busca, basta que abra os *Escritos selecionados* em qualquer página. Também não é preciso acrescentar que para a natureza humana contaminada pelo pecado todo grande quantificador religioso possui um caráter passional. A postura do Padre Papczyński a esse respeito pode ser resumida em poucas palavras com um versículo do *Cântico dos cânticos*: “Se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para comprar o amor, com total desprezo o tratariam” (Ct 8,7).

Experiência de vida de S. Estanislau

Para concluir, gostaria de adicionar duas observações que talvez não se relacionem diretamente com o mistério da consagração religiosa, mas apresentam a dimensão passional da sua realização na experiência de vida do Padre Estanislau.

A “Consagração do Fundador”

Na teologia da vida religiosa propriamente não se encontra essa definição. Pode-se, no entanto, por analogia, olhar dessa forma para a *Oblatio*. Temos aqui todos os elementos básicos da consagração: a iniciativa e o chamado de Deus, uma missão especial e o dom do Espírito Santo, bem como a resposta do ser humano envolvendo toda a sua pessoa. Talvez a busca da dimensão cristológica nessa vocação do Padre Estanislau, comparando a fundação da comunidade da Igreja e a comunidade religiosa, fosse um exagero, no entanto essa experiência teve para ele sem dúvida uma dimensão profundamente passional. Não é preciso citar aqui toda a história das primeiras comunidades e os cuidados e as peripécias relacionados com a aprovação da Congregação que perduraram até o fim da sua vida, visto que se trata de questões evidentes. Vale a pena, no entanto, refletir se não deveríamos inscrever na *Passio* fundadora do Padre Estanislau igualmente o difícil período da estada entre os escolápios. Assim conduziu Deus o nosso Fundador e em certo sentido também ali se moldou a Congregação

mariana. A experiência das calúnias, da falta de amor, do menosprezo da regra religiosa, do relaxamento, das camarilhas etc., apesar de muito dolorosa, foi providencial. Talvez seja também aqui que devam ser buscadas as premissas que fizeram com que em *Norma vitae* seja dada uma ênfase tão grande ao amor, ao intransigente amor à regra e à observância religiosa, ao papel dos superiores. Acaso não pode ser percebido o eco positivo das antigas experiências na ordem dos escolápios passando por certa crise em orientações como, por exemplo, as abaixo?

Mas, caso se encontre entre vós alguém insubordinado, arruaceiro ou patife que subleva os outros, que seja subjugado pela ação concordante de todos que são partidários da paz interior e da boa administração (não sem antes lhe oferecer a possibilidade de uma justa defesa e de purificar-se das acusações, e com a preservação da ordem legal), utilizando para isso também, caso haja necessidade, a ajuda da autoridade civil. Porquanto a um verdadeiro servo de Deus convém viver na paz e deve ele levar em conta não a quem, mas por amor a quem deve ser obediente. (NV III, 1, p. 54)

E, caso seja acusado de algo injusto, não responda de imediato, mas mais tarde, dirigindo-se ao superior, testemunhe a sua inocência (a não ser que prefira inocentemente sofrer com Cristo); o mentiroso que seja inapelavelmente punido com o castigo da retaliação. (NV IX, 3, p. 72)

Certamente a experiência escolápia do Padre Fundador não é o único e o mais importante fator que moldou a Ordem mariana em formação, mas talvez valha a pena fazer uma análise dos escritos de fundação à luz da *Apologia do afastamento da Ordem das Escolas Pias*.

“Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Desde agora, está reservada para mim a coroa da justiça” (2Tm 4,7-8).

É preciso que esse breve “diálogo” com o Pai seja encerrado com a alusão aos dois testamentos do Santo Fundador. Trata-se do impressionante testemunho de uma pessoa na qual a consagração religiosa atingiu o objetivo pretendido por Deus. Das palavras desses documentos reflete-se a imagem de uma pessoa inteiramente entregue a Deus, desprovida de si mesma, despojada, repleta de humildade, amor e desvelo pelos irmãos. Guardando-se as devidas proporções, podem ser comparadas às últimas frases escritas

por Paulo Apóstolo, e mesmo à oração de sumo sacerdote de Jesus Cristo registrada no Evangelho de João.

Conclusão

A análise apresentada com certeza não é exaustiva. Faltam-lhe alusões à rica literatura teológica dedicada à consagração religiosa. Poderiam ser levados em conta temas como: “consagração na criação”, “Cristo – o primeiro consagrado”, o relacionamento com o pecado original ou a luta com o “homem velho’ em nós etc. Merecem também uma reflexão mais detalhada na perspectiva do tema abordado os escritos espirituais e ascéticos do Santo Padre Estanislau. Espero, no entanto, que tenha sido possível apresentar aqui num nível básico a dimensão cristológica-passional na doutrina da Igreja e na vida e na experiência de S. Estanislau Papczyński. É preciso continuar esse tipo de “diálogo” com o Pai. É preciso também continuamente ver-se, como num espelho, em sua radical e intransigente fidelidade à vocação, para que não se verifique que ele teve a vida consagrada, e nós, a teologia da consagração.

**A *Oblatio* como sacrifício total
da pessoa consagrada (VC 17)
("Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, [...]
ofereço e dedico...")**

A exortação apostólica *Vita consecrata* n. 17 afirma que Deus, "o Pai, criador e doador de todo o bem" atrai a si as pessoas consagradas "por um amor de predileção" para ouvir e imitar o Filho de Deus. "Correspondendo a este apelo acompanhado por uma atração interior, a pessoa chamada entrega-se ao amor de Deus, que a quer exclusivamente ao Seu serviço, e consagra-se totalmente a Ele e ao Seu desígnio de salvação (cf. 1Cor 7,32-34)". A resposta ao desinteressado amor de Deus e ao chamado à vida consagrada, que é "exclusiva iniciativa de Deus (cf. Jo 15,16)", pode ser unicamente a "total e exclusiva entrega a Ele", o incondicional oferecimento e a dedicação a Ele da própria vida, de todo o passado, presente e futuro. O sacrifício da pessoa consagrada deve ter um caráter total, comparável a um "verdadeiro holocausto"¹.

O ato da *Oblatio*, pronunciado por S. Estanislau Papczyński no dia 11 de dezembro de 1670, foi, sem dúvida alguma, uma parte do seu holocausto, um momento crucial em sua vida e ao mesmo tempo o ato da fundação da futura Ordem dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. O nosso Padre Fundador pronunciou o seu *Oferecimento* diante das mesmas testemunhas em cuja presença um pouco antes havia recebido o indulto do afastamento da Ordem das Escolas Pias. Dessa forma ele iniciou em público o caminho ao qual o havia direcionado o próprio Deus. Esse caminho levou o ex-escolápio a professar os votos perpétuos na última ordem dos clérigos regulares, por ele fundada e aprovada pela Igreja, e finalmente à convivência com os Santos no céu e à glória dos altares na Igreja peregrinante na terra. À luz do ato da *Oblatio* pode ser lido todo o livro da vida do Pe. Estanislau e, por outro lado, o que mostrarei

¹ Santo Padre João Paulo II, Exortação pós-sinodal *Vita consecrata*, 25 de março de 1996, n. 17.

abaixo, à luz de vida posterior do Santo e dos seus escritos (especialmente do oferecimento definitivo descrito em *Norma vitae* e expresso na fórmula da profissão) pode ser melhor compreendido o seu ato de *Oferecimento* de 1670.

Para melhor compreender a totalidade do sacrifício do Pe. Estanislau, procurarei apresentar brevemente “quem”, “a quem” e “o que” oferece, “por que”, “para que” e “como”. De maneira que cada um de nós possa alcançar com isso um adequado fruto para si.

QUEM?

Na *Oblatio* o nosso Santo Padre Fundador fala de si mui sucintamente: “Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo o corpo filho de Tomás de Podegrodzie, da diocese de Cracóvia, com a idade de quarenta anos, ofereço e dedico [*offero, ac dedico*]”. De forma semelhante havia iniciado catorze anos antes a profissão dos votos simples entre os escolápios². O nome Estanislau de Jesus e Maria será por ele utilizado até o fim da vida. Parece que esse nome refletia bem a identidade do Santo como ser humano e como religioso. A primazia de Jesus Crucificado e a constante união com Ele de Sua Mãe Maria serão muitas vezes enfatizadas pelo Pe. Papczyński em seus escritos, até o final dos seus dias³.

A identidade fundamental de todo ser humano é, segundo o Pe. Estanislau, a procedência de Deus Uno e Trino e a semelhança a Ele. O autor inicia o texto do manual de espiritualidade *Templum Dei mysticum* (escrito logo depois de *Oblatio* e publicado em 1675) com as palavras: “É a tal ponto certo que o ser humano, criado por Deus e pelo sacramento do batismo a ele consagrado, é o Seu templo místico, que isso nem precisaria ser comprovado”⁴. A origem do ser humano, a sua moldagem e o fato de ser a residência de toda a Trindade, a redenção e a sua destinação à imortalidade – todos esses dons e graças proporcionados gratuitamente devem despertar em toda pessoa humana, e por isso também no próprio Santo, um sentimento

² “Eu, Estanislau de Jesus e Maria, no mundo João Papczyński, com a idade de vinte e cinco anos [...]”; *Profissão dos votos simples*.

³ “Considera que Deus quer que não sejas somente um dedicado servo de Seu Filho, mas também da Mãe de Deus. A tal ponto Ele respeita Sua Mãe que não quer que Ela esteja sem o Filho, nem o Filho sem a Mãe”. *Inspectio cordis, Festa dos Santos Inocentes, Antes da Santa Comunhão*, 1.

⁴ *Templum Dei mysticum*, I.

de dignidade e glória, a alegria e a ação de graças, a certeza de ser amado e a resposta ao amor⁵.

Como podemos compreender das notas do próprio Pe. Estanislau, no momento do afastamento definitivo dos escolápios, graças a anteriores experiências místicas, ele já estava convencido da sua nova vida e tinha uma visão dela⁶. O próprio ato da *Oblatio* foi o resultado de uma direta intervenção de Deus, não a primeira ideia para o novo caminho de vida⁷. No solar dos Karski (1671-1673) o Pe. Estanislau empenhou-se por realizar a sua vocação, nele já moldada anteriormente⁸. Na *Apologia* (c. 1671) ele apontou quatro motivos para o afastamento dos escolápios⁹, mas não mencionou o desejo de fundar uma nova ordem, porquanto o documento era de natureza polêmica e apenas respondia às acusações contra ele apresentadas.

Na continuidade da sua vida, diante das diversas dificuldades, o Pe. Papczyński se indagava a respeito da origem da nova vocação, e ao mesmo tempo tinha a certeza de que unicamente Deus podia levar até o fim o que Ele mesmo havia planejado, inclusive com a utilização de instrumentos tão

⁵ “Vós, cristãos, segundo a doutrina do Apóstolo das Nações “sois o templo do Deus vivo” (cf. 2Cor 6,16). Quão grande é a vossa glória! Quão grande a dignidade! [...] Tu, homem, surgiste como o resultado do propósito divino, a ti a própria Santíssima Trindade edificou como o Seu templo; foste criado pelo próprio Criador de todas as coisas”. *Templum Dei mysticum*, I. “Não é suficiente também contentar-se apenas com a conscientização da presença de Deus: é preciso igualmente, pelos nossos atos e obras exteriores, comprovar que anteriormente trazemos realmente a viva e imaculada imagem de Deus”. *Ibidem*, II. Citando S. Ambrósio, o Pe. Estanislau continua: “Que cada um volte mais a atenção à magnificência do seu estado primitivo e reconheça em si a imagem da Santíssima Trindade como digna de honra e se empenhe por possuir a dignidade da semelhança divina”. *Ibidem*.

⁶ Já em 1675 o Pe. Papczyński registra que foi o “próprio Deus” que o convocou à “fundação da última em categoria e da mínima Congregação dos Padres Marianos da Santíssima Virgem Maria sem mácula concebida”, e que fez isso “providencialmente, isto é, com amor, misericordiosamente, sabiamente, milagrosamente”. *Fundatio*, 1. O Santo acrescenta ainda: “A visão divina que estava gravada na minha alma e relacionada com a fundação desta Congregação da Imaculada Conceição da SVM [...] me impelia ao meu objetivo”. *Fundatio*, 6.

⁷ “A Divina Majestade me sugeriu antes de eu ser dispensado que – quando destes [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato, por outros voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração, em público”. *Fundatio*, 3.

⁸ “Eu permaneci na residência daquele fidalgo Karski por cerca de dois anos e busquei meios para dar início à Sociedade da Imaculada Conceição, que o Espírito Divino já havia moldado em minha mente”. *Fundatio*, 9.

⁹ Eram eles: a hostilidade da parte dos superiores escolápios; a dissolução da antiga observância religiosa; o amor à Congregação das Escolas Pias e o desejo de paz na Província; a impossibilidade de fazer uso das aptidões inatas (cf. *Apologia*).

frágeis como o ex-escolápio¹⁰. Com o tempo, a convicção a respeito da origem divina da Congregação já era tão grande que chamava a si mesmo somente de indigno superior, reconhecendo Jesus Cristo e Sua Mãe como os únicos e verdadeiros Fundadores e Protetores¹¹.

O Padre Estanislau, consciente da sua origem da Trindade e dos pais terrenos, certo da vocação e da enormidade dos bens recebidos de Deus, inteiramente n'Ele mergulhado e grato, estava ao mesmo tempo convencido da sua pecaminosidade, fraqueza, indignidade e inaptidão. Sendo exatamente assim, depositava a confiança na divina misericórdia, mergulhava os seus pecados nas chagas do Salvador e se entregava inteiro ao Deus do Amor¹².

A QUEM?

Estanislau Papczyński inicia o ato da *Oblatio* com as palavras: “Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado. Amém”. Se tivermos de buscar uma imagem do Salvador, que era especialmente próxima ao nosso

¹⁰ “Porquanto não existe nada de impossível para o Todo-Poderoso. [...] o próprio Deus, o Deus (a quem seja dada eterna, infinita glória e ação de graças), da mesma forma que para a Sua obra [...] me estimulou, assim [também] Ele mesmo a executou e executa pelos séculos eternos”. *Fundatio*, 1.

¹¹ Uma carta ao Frei João Foci (1669) foi assinada pelo Pe. Papczyński desta forma: “Estanislau de Jesus e Maria. Não fundador da Congregação da Imaculada Conceição, mas indigno servo”. No *Testamento segundo* (1701) registrou: “Esta pequenina Congregação, como seu indigno superior, com a máxima humildade pelos séculos eu a recomendo a meu Senhor, Jesus Cristo, e à seletíssima Virgem, Sua Mãe Maria, como seus verdadeiros e únicos Fundadores, Dirigentes, Protetores e Patronos desta pequenina Congregação da Imaculada Conceição do Sufrágio pelos Falecidos”. *Testamentum II*, 5. No Testamento primeiro (1692) o Santo assegurava: “A todos que apoiaram e defenderam esta pequenina Congregação da Imaculada Conceição, instituída por Deus para o sufrágio aos fiéis falecidos, prometo duplamente grandes [bens] da mão de Deus. Aos perseguidores, como já experimentaram isso, está preparado o castigo – [porquanto] é perigo irritar os protegidos da Bem-Aventurada Virgem Maria”. *Testamentum I*, 7.

¹² Escrevendo sobre a fundação do Instituto, o Pe. Estanislau chama a si mesmo “o pecador mais miserável, mais digno de desprezo, o pior e o mais inapto instrumento”. *Fundatio*, I. “Eu, indigno sacerdote e o maior pecador”. *Testamentum I*. “Dou graças à Divina Majestade pelos benefícios, [...] e me arrependo do fundo do coração e me arrependerei da forma mais perfeita possível, por amor a Ele, dos meus pecados, todos os quais mergulho nas salvíficas chagas do Senhor e Redentor meu, Jesus Cristo”. *Ibidem*, 3. “Ó Deus, ó Bondade, ó infinito Poder, [...] tende compaixão de mim, Estanislau de Jesus e Maria, o mais indigno sacerdote, imprestável servo, o maior pecador (assinatura de próprio punho)”. *Ibidem*, 10. Cf. aberturas e assinaturas sob os escritos: *Carta aos marianos em Puszca Korabiewska*, 1.11; *Carta aos coirmãos marianos*, 1; *Carta a João Foci*, 3; *Testamentum II*, 16; *Disposições para Puszca Korabiewska*, 9.

Padre Fundador, com certeza era Jesus Cristo Crucificado. A Ele dedicou duas coleções de reflexões: *Orator Crucifixus* e *Christus Patiens*. A Ele recorria muitas vezes nas meditações de *Inspectio cordis*. A Ele apresentava aos seus coirmãos e a todas as pessoas como modelo basilar a ser imitado. Toda a espiritualidade do nosso Santo Padre Fundador possui uma dimensão eminentemente cristocêntrica, cristotípica e passional.

No texto da *Oblatio* o ex-escolápio oferece e dedica a si mesmo a “Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo”. O nosso Fundador empreendeu todos os mais importantes atos da sua vida em nome da Santíssima Trindade¹³. Sem nenhuma dúvida, o caráter trinitário é fundamental para a espiritualidade do Pe. Estanislau. Pelo menos já desde 1661 o nosso Santo Pai chamava Maria: “Filha de Deus Pai”, “Mãe do Filho”, “Esposa do Espírito Santo” e “inteiramente dirigida pelo Espírito Santo”, “Templo de toda a Santíssima Trindade”¹⁴. Santo Estanislau afirma que, como Maria, também todo ser humano é obra e morada da Santíssima Trindade, que o criou, consagrou pelo santo batismo [*dedicatio, consecratio*] e conduz ao objetivo final¹⁵. Por isso, no final de *Templum Dei mysticum* localiza a significativa inscrição, dedicatória, oferecimento (de si mesmo e de todo ser humano): “A Ti, Pai eterno, meu Criador, a Ti, eterno Filho, meu Redentor, a Ti, eterno Espírito, meu Santificador com a máxima humildade dedico [*dedico*] este templo descrito e vivo que eu sou”¹⁶.

Depois de Deus na Trindade de Pessoas, o nosso Santo Fundador se oferece na *Oblatio* “à Mãe de Deus, sempre Virgem Maria concebida sem a mácula original”. Percebe-se aqui uma mudança para nós muito importante em relação aos votos professados em 1656 – a definição de Maria é completada com a formulação “concebida sem a mácula original”¹⁷. Se-

¹³ Cf. *Testamentum I e II*; bênção em *Testamentum II*; *Profissão dos votos solenes*.

¹⁴ Cf. *Prodromus, Laus Deiparae Mariae Virginis*. Na reflexão para a festa da Imaculada Conceição de Maria o Pe. Papczyński repete a invocação do Pequeno Ofício: “Salve, ó Mãe! Templo do Espírito Santo!”. *Inspectio cordis, Festa da Imaculada Conceição da Virgem Maria, Antes da Santa Comunhão*, 1.

¹⁵ Cf. *Templum Dei mysticum*, LXXIV.

¹⁶ *Templum Dei mysticum*, XXIV.

¹⁷ “Eu, Estanislau de Jesus e Maria, no mundo João Papczyński, com a idade de vinte e cinco anos, faço a minha profissão [*voveo tria Vota Simplicia*] na Congregação dos Pobres de Nossa Senhora das Escolas Pias e faço ao Deus Todo-Poderoso, ao Pai e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria e a ti, Reverendíssimo Padre [...] a profissão dos três votos simples [...]”. *Profissão dos votos simples*. “Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo o corpo filho de Tomás de Podegrodzie, da Diocese de Cracóvia, com a idade de quarenta anos, ofereço e dedico ao Deus Todo-Poderoso Pai e Filho, e Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus, sempre Virgem Maria e sem a mácula original concebida, o meu coração [...]”. *Oblatio*, 1.

gundo a fórmula da profissão em *Norma vitae*, todo mariano devia pronunciar o seu oferecimento [*offero*] “à Divina Majestade e à Mãe de Deus Virgem Maria”¹⁸.

Segundo o Pe. Estanislau, o primeiro e o mais importante privilégio de Maria era a maternidade divina; era dele que decorriam todos os outros títulos e dons a Ela concedidos por Deus; tudo em razão do Cristo que d’Ela devia nascer, o único Salvador do mundo¹⁹. Igualmente após o afastamento dos escolápios o Pe. Papczyński venerou Maria sobretudo como Virgem Mãe de Deus, mas o ponto central, o carisma da sua vida e da Congregação por ele fundada tornou-se o mistério da Imaculada Conceição, realizado em Maria por Deus Uno e Trino, para a Igreja e para o mundo inteiro²⁰.

O QUÊ?

Já no ato da *Oblatio*, mas também mais tarde repetidamente, o Pe. Papczyński oferece e dedica a Deus e a Maria a si inteiro, tudo que é e que possui, não deixando absolutamente nada a si mesmo²¹.

Num breve ato, era difícil desenvolver o tema do oferecimento. Mas o Santo fez isso mui amplamente nos capítulos IV-VII de *Templum Dei mysticum*. Primeiramente é preciso oferecer a Deus Todo-Poderoso “todos os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e de todos os habitantes do céu e de todos os justos que permanecem na terra, bem como as ações boas e indiferentes de todas as pessoas”²².

¹⁸ *Norma vitae* I.6.

¹⁹ “Considera a dignidade de Maria, que Ela recebeu em razão da grandeza do Filho. Porquanto, pelo fato de se ter tornado Mãe do Filho de Deus, Senhor dos Anjos e Rei do mundo inteiro, Ela se tornou ao mesmo tempo Esposa de Deus, Senhora dos Anjos, bem como Rainha de toda a criação. Por conseguinte, é unicamente da Maternidade da Santíssima Virgem que dependem todas as Suas dignidades, graças, prerrogativas, privilégios e exceções. Da mesma forma que toda a tua salvação e os meios de salvação dependem unicamente da redenção realizada por Seu Filho, a quem hoje recebeste”. *Inspectio cordis, Festa da Natividade da Santíssima Virgem, Após a Santa Comunhão*, 3.

²⁰ Já em setembro de 1671, diante da imagem de Nossa Senhora Imaculada em Lubocza, o Pe. Estanislau vestiu o hábito branco: “tudo da cor branca em honra da resplandecente de branco Conceição da Mãe de Deus”. *Norma vitae*, IV.4. “Já de cor branca, eu me ofereci como um novo candidato a essa Mãe para o Seu eterno serviço”. *Fundatio*, 7.

²¹ “Meu coração, minha alma, inteligência, memória, vontade, meus sentimentos, nada absolutamente deixando a mim mesmo”. *Oblatio*, I. A fórmula posterior da profissão dos marianos será ainda mais breve: “ofereço-me [*offero me*]”, e a seguir: “bem como prometo [*voveo*] a pobreza, a castidade e a obediência”. *Norma vitae*, I.6.

²² *Templum Dei mysticum*, IV.

A Deus é preciso oferecer a si mesmo: a alma para que sirva a Deus, e o coração para que O ame; o corpo e o espírito; a boca e a língua para que incessantemente louvem a Deus e O bendigam; a inteligência, a memória e a vontade; os sentidos exteriores e interiores; as orações e os atos de amor; a castidade, a pobreza e a obediência dos religiosos; o ministério dos sacerdotes; a contrição e os atos penitenciais; as mortificações exteriores e interiores (da vontade, do julgamento e da imaginação); todas as obras, os pensamentos, as palavras, as imagens, os anseios e os propósitos; as aflições e os consolos; as tristezas e as alegrias; a saúde e a doença; a vida e a morte; a queda e o soerguimento dela; numa palavra – absolutamente tudo. O nosso Santo Fundador convoca a todos a oferecer a Deus toda a vida, em todos os seus momentos e aspectos: os aflitos podem oferecer a Deus as suas aflições, os pecadores a contrição, os sacerdotes a glorificação, os religiosos os votos, os humildes a oração etc. De tal forma que não sobre absolutamente nada não envolvido pela ação de Deus e pela Sua bênção²³.

POR QUÊ?

O que mais estimula o Pe. Papczyński a oferecer a sua vida ao serviço de Deus e de Maria é a convicção a respeito do divino amor e da divina misericórdia. O nosso santo Fundador expressou repetidas vezes a fé e a confiança na divina misericórdia em *Inspectio cordis*, assegurando que o mesmo Deus vem a nós todas as vezes na Eucaristia²⁴. Jesus Cristo, que por nós entregou a vida na cruz, “caso fosse necessário, estaria pronto a, por uma só alma, mais uma vez derramar o Seu Sangue”²⁵.

O autor de *Inspectio cordis* esclarece em suas reflexões que por amor Deus criou o ser humano e tudo que existe; Ele mesmo se tornou homem para remir o pecador; atua incessantemente no mundo para que todos possam alcançar a vida eterna. Por amor Jesus Cristo sofreu por nós, foi mor-

²³ Cf. *Templum Dei mysticum*, IV-VII.

²⁴ “Perguntas como é Aquele a quem recebeste na Santíssima Eucaristia? É vivo, imortal, forte, doce, invencível; é bom, misericordioso, muito afável, o supremo; é meigo, benevolente; é Sabedoria, Amor, Verdade, plenitude de toda Vida e de todo Bem”. *Inspectio cordis*, IV. Domingo após a Epifania, Após a Santa Comunhão, 3.

²⁵ *Inspectio cordis*, IV Domingo da Quaresma, Após a Santa Comunhão, 3.

to e ressuscitou; juntamente com o Pai enviou o Espírito Santo e fundou a Igreja, à qual faz companhia e na qual atua pelos sacramentos²⁶.

Por puro amor, continua o Pe. Papczyński, Deus chama alguns à vida religiosa, todos os dias lhes proporciona muitas graças e pacientemente aguarda a conversão e as obras de amor deles. Amados por Deus, repete muitas vezes o autor de *Inspectio cordis*, todos, e especialmente os religiosos, somos chamados a dar a justa resposta: sobretudo amar a Deus acima de tudo, suportar pacientemente todas as adversidades e sofrimentos, amar o semelhante²⁷.

Na fórmula da profissão em *Norma vitae* foi registrado que o oferecimento [*offero*] “à Divina Majestade e à Mãe de Deus Virgem Maria” e os três votos são professados “por puro amor a Deus, para a Sua maior glória e para a honra da Seletíssima Virgem”²⁸. Adiante o nosso Santo Padre Fundador escreveu que tudo entre os marinos deve acontecer no amor. Por amor a Deus devemos observar os mandamentos divinos, as leis da Igreja e as humanas. Por amor Deus devemos praticar o bem e evitar o mal; da melhor forma possível executar todos os trabalhos e tarefas e tudo que se relaciona com o nosso estado e a nossa vocação. O amor deve ser a alma da nossa Congregação²⁹.

PARA QUÊ?

O Pe. Papczyński propõe que o oferecimento diário (adequado às pessoas de todos os estados) seja concluído da seguinte forma:

Fazei, Senhor, que eu pertença todo a Vós, e nada a mim – em todo tempo, em todo instante, por toda a eternidade. Seja tudo isso para a Vossa glória, para a honra da Santíssima Virgem Maria, para a honra de todos os habitantes do céu e para a salvação minha e dos semelhantes, para a multiplicação da virtude, para o crescimento nas graças e nos méritos. Amém.³⁰

²⁶ Cf. *Inspectio cordis*, Segunda-Feira de Pentecostes, Antes da Santa Comunhão; *ibidem*, Meditação IX. Sobre o amor (*charitas*).

²⁷ Cf. *Inspectio cordis*. Para as festas dos Apóstolos fora do período e no período pascal; *ibidem*, Domingo de Pentecostes; *ibidem*, Décimo sétimo domingo depois de Pentecostes; e muitos, muitos outros.

²⁸ *Norma vitae*, I.6.

²⁹ Cf. *Norma vitae*, II.

³⁰ *Templum Dei mysticum*, IV.

Percebe-se aqui muito bem (assim como em muitos outros escritos do Salvador) que todos os sacrifícios podem ser empreendidos com fins diferentes: por Deus e pelas pessoas; pelos Santos, pelos que permanecem no purgatório, pelos que peregrinam na terra e por nós mesmos. Entre os objetivos que correspondem a uma situação concreta o Pe. Estanislau menciona, por exemplo: a ação de graças e a reparação pelos bens recebidos; a reparação pelos pecados; a súplica pelo soerguimento dos pecados, a sua rejeição e a purificação; o afastamento dos castigos e das pragas; o amor a Deus e ao próximo; o conhecimento e o cumprimento da vontade divina; a conversão dos pecadores e a iluminação dos descrentes ou dos apóstatas; a salvação própria e dos semelhantes; o crescimento na graça e nos méritos³¹.

Repetidas vezes nos escritos do Pe. Papczyński aparecem também objetivos mais universais, adequados em todo lugar e tempo, mais dirigidos a Deus do que apropriados a necessidades ou situações concretas³². O nosso Santo Pai recomenda que tudo seja feito para a maior glória de Deus, para conhecer e cumprir a Sua vontade, para honrar a Mãe de Deus e os Santos³³.

Pela *Oblatio* o ex-escolápio quis tornar-se “todo servo do mesmo Todo-Poderoso e da bem-aventurada Virgem Maria” e servir-Lhes até o fim da vida “nesta Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar)”³⁴. Com o tempo, o objetivo geral do oferecimento da vida a Deus e a Maria e da fundação da Congregação atingiu em *Norma vitae* a clareza definitiva e foi expresso em três itens específicos: “difundir o culto da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Mãe de Deus”, “amparar pela oração as almas dos fiéis falecidos submetidos às penas do purgatório, especialmente as dos soldados e dos falecidos em consequência da peste”, “humildemente ajudar aos párocos nas tarefas eclesiásticas”³⁵.

³¹ Cf. *Templum Dei mysticum*, IV.

³² “Portanto, quer rezes, quer leias, quer escrevas, que mantenhas bons diálogos, medites, trabalhes, comas, bebas, honestamente descanses, fortalecendo o teu espírito, e qualquer coisa que faças de honesto, piedoso, santo, útil e digno de elogio, fazê tudo isso por amor a Deus, para a glória de Deus, para que sempre a ação venha precedida de uma detalhada intenção, ou pelo menos dela venha seguida”. *Templum Dei mysticum*, V.

³³ Até como objetivo comum a todos os institutos religiosos o Pe. Papczyski menciona: “o maior crescimento da glória divina e o desvelo pela própria salvação, com uma diligente busca da perfeição”. *Norma vitae*, I.2.

³⁴ *Oblatio*, 1.

³⁵ *Norma vitae*, I, 2-3.

COMO?

A primeira consagração [*dedicatio, consecratio*] do ser humano – templo místico de Deus – realiza-se, como ensina o nosso Santo Pai, pelo santo batismo. Todos os anos devemos por isso dar graças a Deus e novamente nos entregar a Ele e imolar num holocausto [*immolo, sacrifico, holocaustifico*]³⁶.

O oferecimento deve realizar-se todos os dias e incessantemente. O nosso Fundador propõe a todos dois modelos de oferecimento diário, de maneira que no final tudo seja entregue unicamente a Deus e absolutamente nada ao demônio³⁷.

Os religiosos professam o seu oferecimento pelos votos da castidade, pobreza e obediência, cada um seu Instituto, segundo o seu próprio carisma e a sua regra de vida. No caso do Pe. Papczyński e dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da SVM por ele fundados, uma especial forma de oferecimento encontrou a sua expressão primitivamente na *Oblatio*, e finalmente na *Norma vitae*. Os primeiros marianos deviam oferecer-se a Deus pelo amor a Deus e às pessoas; pelos três votos; pelas orações e mortificações; pela constante mortificação interior; pela tríplice missão; pela adequada utilização do tempo; pelo amor e pela obediência diante da Igreja e da Regra; pela participação dos sacramentos e pelo cuidado deles³⁸. Esse oferecimento era “para sempre e irrevogável”, fortalecido ainda pelo juramento de permanecer na Congregação até a morte³⁹. Os marianos devem renovar os seus votos “todos os dias individualmente diante do Santíssimo Sacramento, para que vos lembreis da vossa vocação e estejais sedentos das recompensas preparadas para aqueles que lutam devidamente até a morte”⁴⁰.

No final tudo deve ser executado por amor e pelo amor⁴¹. Isso diz respeito a todas as pessoas, mas também especialmente aos marianos⁴². Todo

³⁶ Cf. *Templum Dei mysticum*, XIX.

³⁷ Cf. *Templum Dei mysticum*, IV.

³⁸ Cf. *Norma vitae*. O primeiro companheiro do Pe. Papczyński, Estanislaw Krajewski, adotou o nome João da Imaculada Conceição e professou o ato “do oferecimento de si mesmo à Sociedade da Imaculada Conceição da SVM” na forma da *Oblatio*, a mesma utilizada pelo Padre Fundador (cf. *Fundatio*, 14-15).

³⁹ *Norma vitae*, I.6.

⁴⁰ *Norma vitae*, V.6.

⁴¹ Cf. *Templum Dei mysticum*, V. “Não são agradáveis a Deus os sacrifícios do templo místico, e até completamente os rejeita, se não são oferecidos pelo sacerdote-amor”. Ibidem.

⁴² Cf. *Norma vitae*, II.

sacrifício e toda ação devem realizar-se em união com a Igreja (que o Pe. Papczyński chama “Esposa de Cristo” e “Mãe”, “Vinha”, “Aprisco” e “Corpo”)⁴³ e em obediência ao papa, aos bispos e a todos os superiores. Essa obediência é bem visível na vida do Fundador e em seus escritos.

O amor e a graça incessantemente recebidos de Deus devem nos estimular a nos oferecermos a Deus e aos semelhantes. Entre os mais necessitados, o Pe. Papczyński vê os pecadores e os falecidos. As obras de caridade quanto à alma e ao corpo são amplamente comentadas pelo nosso Fundador no capítulo *A renovação do templo místico* do manual de espiritualidade *Templum Dei mysticum*⁴⁴.

Com o afastamento dos escolápios, Estanislau de Jesus e Maria escolheu o mistério da Imaculada Conceição como o seu centro vital e o ponto de referência para a sua vida e para o novo Instituto. Esse mistério tornou-se o fundamento e o centro do carisma fundador do nosso Santo Pai e da nossa Congregação; tornou-se o fogo para o sacrifício da vida do Pe. Estanislau e de cada um dos seus discípulos.

O sacrifício da vida consagrada não é somente pelo religioso, mas pela missão, pela salvação do mundo. A missão decorre sempre do carisma e é uma resposta aos sinais do tempo concreto. Por isso pode hoje assumir formas diferentes daquelas dos tempos do Padre Fundador

Conclusão

O holocausto do nosso Santo Fundador, de maneira especial iniciado pelo ato da *Oblatio*, realizou-se na continuidade da sua vida e na sua morte, na fundação e direção da Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da SVM, no derradeiro oferecimento e nos votos solenes de acordo com a *Norma vitae*. Esse oferecimento tinha um caráter: trinitário, cristocêntrico e cristotípico, pneumatológico, passional, mariano, eclesial, escatológico, bíblico, apostólico. Todos esses elementos ou dimensões edificam de forma coerente a dimensão imaculatista e o fundamento tanto do oferecimento do Pe. Estanislau como do seu carisma fundador e do carisma da Congregação dos Padres Marianos.

⁴³ Cf. *Inspectio cordis, Antes de cada Santa Comunhão*, 2-3; *ibidem, Sexto Domingo depois da Epifania, Antes da Santa Comunhão*, 1-3; *ibidem, Festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, Após a Santa Comunhão*, 1; *ibidem, Sobre o amor (charitas)*, 1.

⁴⁴ Cf. *Templum Dei mysticum*, XXI.

Hoje novamente cada um de nós é convidado a professar a sua *Oblatio*, a exemplo do nosso Santo Padre Fundador. Por exemplo, da forma seguinte:

Eu, NN, criado à imagem e semelhança de Deus Uno e Trino, consagrado pelo batismo como templo místico de Deus, remido em Cristo Crucificado e Ressuscitado, santificado pelo Espírito Santo; eu pecador, por graça de Deus convocado à santidade e à comunhão com Ele e com os Santos no céu, ofereço e dedico a Deus Uno e Trino, eterno Pai, meu Criador; ao eterno Filho, meu Redentor; ao eterno Espírito, meu Santificador, bem como à Mãe de Deus Maria sempre Virgem, concebida sem a mácula do pecado original, tudo que sou e que possuo, nada deixando a mim mesmo.

Consciente do amor e da misericórdia de Deus e da enormidade de graças com que incessantemente me cumula; desejando amar somente a Ele, eu me ofereço e dedico para a maior glória de Deus e honra de Maria Imaculada; para a difusão do culto da Imaculada Conceição e para a salvação dos vivos e falecidos, em união com a Igreja, na amada acima da vida Congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. Que Deus complete em mim o que Ele mesmo iniciou. Amém.

***Oblatio*: do individualismo à comunidade carismática de vida**

Introdução

No Capítulo Geral precedente, que se realizou em Roma em 2017, foi solucionada a questão de qual momento na história da nossa Congregação deve ser considerado como o seu início¹. Realmente, embora no período posterior à renovação se considerasse que a data da fundação da Congregação dos Marianos fosse 24 de outubro de 1673, quando o bispo Estanislau Jacinto Świącicki (1615-1696), pela publicação do ato de visitação da comunidade dos religiosos residentes em Puszcza Korabiewska reconheceu a existência dessa comunidade, na opinião de alguns tal solução era uma interpolação da legislação eclesiástica do século XX na do século XVII. No decorrer da discussão sobre esse tema, surgiram também opiniões diferentes². Convém recordar que na tradição dos “marianos brancos”, como início da Congregação era considerado o dia 11 de dezembro de 1670, quando o Padre Fundador S. Estanislau Papczyński tomou a decisão de fundar uma nova Congregação e expressou isso quando no dia da dispensa dos votos religiosos na Ordem dos Escolápios simultaneamente comprometeu-se em espírito, através de votos religiosos, com a Congregação que “por graça divina” queria fundar³. O texto dessa promessa e do plano para o futuro constitui atualmente o documento denominado *Oblatio*. Por isso, seguindo a lógica da tradição anterior, no Capítulo foi adotada justamente tal solução.

¹ Declaração do Capítulo Geral que reconhece a profissão da *Oblatio* do Pe. Estanislau Papczyński no dia 11 de dezembro e 1670 como o início da Congregação dos Padres Marianos. In: *Documenta Capituli Generalis Congregationis CC. Marianorum A.D. 2017 Romae celebratum*, Roma, 2017, pp. 14-17.

² Cf. Franciszek Smagorowicz, *Początek Zgromadzenia Marianów. Narodzenie nowej tradycji. Ephemerides Marianorum*, 1 (2012), pp. 369-391.

³ Stanisław Papczyński, *Ofiarowanie siebie. Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, Wydawnictwo Księży Marianów, Warszawa, 2007, p. 1422.

A *Oblatio* como a expressão das intenções primitivas do Fundador constitui um documento muito importante, que apresenta o formato da futura Congregação e que assinala a direção do seu desenvolvimento. Embora esse documento seja algo muito pessoal, uma expressão da decisão de S. Estanislau Papczyński quando à forma ulterior da realização da sua própria vocação na Igreja, é fundamentada a tentativa de interpretá-lo do ponto de vista da vida comunitária contemporânea. Expressando o desejo do Fundador, o conteúdo da *Oblatio* contribui para a edificação da comunidade. Não se pode deixar de perceber que o Fundador deseja subordinar a sua própria vida “às leis, aos estatutos e aos ritos” da Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição⁴, não às suas próprias mutáveis visões. Por isso, o objetivo do presente artigo é uma reflexão a respeito de quais características dos diversos religiosos que constituem uma comunidade, que a moldam, pode apontar-nos o texto da *Oblatio* hoje. Refletiremos igualmente a respeito de como o próprio S. Estanislau via o caminho percorrido no período imediatamente anterior à sua morte e até que ponto a sua experiência pode servir de ajuda na realização do espírito comunitário mariano nos tempos atuais, quando mais do que nunca nos ameaça a tentação do individualismo e da alienação.

Em razão do fato de que este estudo não é uma grande dissertação científica e não pode extrapolar os limites do bom senso, adotaremos como base das reflexões o próprio texto da *Oblatio*. Também pelo prisma do texto da *Oblatio* faremos a análise de dois importantes textos do Fundador, nos quais, em face da morte que se aproximava, ele faz uma síntese da sua vida – o *Testamento primeiro* e o *Testamento segundo* – empreendendo uma tentativa de responder à questão de como ele mesmo compreendia a sua experiência de uma comunidade já fundada, em desenvolvimento e legalmente aprovada pela Igreja. E, referindo-nos ao presente, apresentaremos questões selecionadas da legislação da Congregação, que é como que a “herdeira” da *Oblatio* e da posterior *Regra de vida*⁵.

Além disso, com o objetivo de melhor ilustrar alguns aspectos da atual compreensão da vida religiosa em comunidade, vamos utilizar-nos do documento da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada intitulado *A vida fraterna em comunidade*, de 1994, dedicado ao tema do nosso interesse e que até hoje não tem perdido o seu significado.

⁴ Cf. ibidem.

⁵ Stanisław Papczyński, *Reguła życia*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., pp. 32-76.

Convém assinalar que algumas ideias e intuições podem parecer uma superinterpretação do texto da *Oblatio* e de ambos os *Testamentos*, no entanto o presente artigo não é uma exegese dos textos, mas uma tentativa de interpretá-los de novo, já da perspectiva dos nossos tempos.

A fim de responder às perguntas apresentadas, é preciso definir aqueles elementos das escolhas individuais do Pe. Papczyński que levaram ao desenvolvimento da comunidade e que por ele foram inseridos no texto do *Oferecimento de si mesmo*.

Oferecimento de si mesmo a Deus

Acima de tudo o Fundador dos marianos oferece e dedica a Deus e à Virgem Maria “o coração, [...] a alma, a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o corpo [...], absolutamente nada deixando a mim mesmo”⁶. No contexto da origem do documento, essa consagração de si mesmo pode parecer apenas um ato pessoal de entrega a Deus, no entanto, se olharmos para esse texto da perspectiva da doutrina da Igreja a respeito da vida consagrada hoje, veremos que uma das características básicas de uma comunidade religiosa madura é justamente a capacidade individual da consagração a Deus de cada um dos seus membros. Afinal, a própria capacidade de realizar a missão do próprio instituto não é possível sem a prévia compreensão de que seus membros estão inteiramente devotados a Deus⁷. Essa consagração a Deus constitui a condição *sine qua non* não apenas do funcionamento da comunidade, mas até da sua existência numa perspectiva mais longa.

Essa primeira característica do membro de uma comunidade madura sem dúvida se realizou na vida do Pe. Papczyński. No *Testamento primeiro*, que foi redigido após a sua volta de Roma em 1692, convencido de que em razão da saúde frágil a morte o esperava em breve, ele volta a esse ideal da entrega total a Deus: “Eu, indigno sacerdote e o maior pecador, Estanislau de Jesus e Maria, todos os dias esperando a morte [...], estou pronto a aceitar esse dia definido pelo Senhor da vida e da morte com humilde ação de

⁶ Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

⁷ Cf. Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Associações de Vida Apostólica, *Instrução A vida fraterna em comunidade “Congregavit nos in unum Christi amor”*, n. 40, Roma, 1994; a seguir: VFC.

graças”⁸. Além disso, um pouco adiante ele mostra por que vive entregue a Deus e está desprovido da própria vontade, e que o motivo disso é o voto de obediência realizado dentro da comunidade. A base de tal afirmação é o fato de que como religioso, não tendo o direito de redigir um testamento no sentido civilmente legal⁹, mostra-se inteiramente obediente a essa proibição. Pode-se, então, perceber que vinte e dois anos após a profissão da *Oblatio* o Fundador permanece fiel ao ideal da entrega total a Deus, ainda que expresso de outra forma.

Interessante é a forma de apresentar essa consagração no *Testamento segundo*, escrito apenas alguns meses antes da morte, dizendo que ele apreciava a inspiração divina de fundar a Congregação dos marianos mais que as honras e os benefícios que lhe haviam sido oferecidos¹⁰. Até na Igreja é possível a “vida para si mesmo”, a conquista de glória e de bens, e provavelmente na maioria dos casos não se trata de uma forma indigna de vida, no entanto o Pe. Estanislau reconheceu que era justo buscar o mais difícil, o que na sua convicção era a vontade divina diante dele.

Igualmente na vida de um mariano contemporâneo o oferecimento a Deus constitui um elemento importante da vocação. As atuais Constituições não apenas constituem um documento legal, mas encerram conteúdos que poderiam ser chamados de ascéticos. O conteúdo de muitos artigos pode servir de meditação ou conferência. Não se pode deixar fora aqui o artigo 4, inspirado tanto pelo texto da *Oblatio* como pela exortação *Vita consecrata*:

Respondendo ao precedente amor de Deus Uno na Santíssima Trindade, para produzirem frutos mais abundantes da graça do santo batismo os coirmãos renunciam a tudo e pela consagração religiosa totalmente se oferecem e consagram a Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo, para que Deus se torne o centro exclusivo da vida tanto para os coirmãos em particular como para toda a Congregação¹¹.

⁸ Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1485.

⁹ Cf. ibidem.

¹⁰ Cf. Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1495.

¹¹ Constituições da Congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. In: *Konstytucje i Dyrektorium Zgromadzenia Księży Marianów Niepokalane-go Poczęcia Najświętszej Maryi Panny*, n. 4, Roma, 2018; a seguir: CM.

À luz dos argumentos apresentados pode-se afirmar que o ideal do total e radical oferecimento a Deus constitui hoje um desafio para a comunidade dos marianos, e com isso apresenta a pergunta se cada mariano está pronto a consagrar-se a Deus inteiramente, a entregar à Sua disposição todas as suas aptidões e talentos para dessa forma edificar tanto a própria comunidade religiosa como toda a Igreja.

Servir como superior

Ao definir o seu lugar na comunidade que o Pe. Papczyński “por graça divina” quis fundar, ele mostra a sua função dentro dela, enfatizando que estaria nessa comunidade como aquele que serve¹². O fato é que, a partir do momento em que se encontrou em meio aos eremitas em Puszcza Korabiewska, que ali residiam juntos já havia doze anos sob a direção de Krajewski, ele sempre exerceu a função de superior. Apesar disso, parece fundamentado afirmar que ele considerava isso como um serviço, e serviço em obediência tanto ao papa como a todos aqueles a quem na Igreja é delegada a autoridade. Além disso, o Pe. Estanislau, embora se considere fundador dos marianos, e – conseqüentemente – autoridade para todos os membros da comunidade, enfatiza que será obediente a todos os seus “superiores indiretos e diretos”¹³.

Realmente, no *Testamento primeiro* o Fundador enfatiza firmemente que está comprometido pelo voto da obediência e que não quer dispor de forma alguma das coisas que lhe pertencem, deixando essa decisão à comunidade a que pertence¹⁴. No *Testamento segundo* já se encontram orientações concretas, mas o próprio Pe. Estanislau aponta os motivos da sua instituição: “Lembrado do voto da pobreza, não devo ordenar qualquer coisa quanto às coisas restantes, mas, como muitas coisas costumam acontecer de forma indevida, por isso por vontade divina assim disponho sobre o dinheiro”¹⁵. Não é de estranhar que após alguns anos que separam os dois testamentos ele tivesse corrigido a sua opinião. Isso aponta antes

¹² Cf. Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Cf. Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., pp. 1485 e 1487.

¹⁵ Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1498.

para o seu realismo do que para a vontade de governar. Aliás, é muito significativo que no último testamento por diversas vezes ele fala de si mesmo que é um “indigno superior”¹⁶, e que os verdadeiros governantes da Ordem são Cristo Senhor e a Mãe Santíssima¹⁷. Convém também acrescentar que ele incessantemente enfatiza a dependência da comunidade dos marianos da autoridade da Igreja¹⁸.

Vale a pena enfatizar a afirmação do Pe. Papczyński de que ele pretendia servir “na castidade e com zelo”¹⁹. Não se tratava apenas de um desejo do Santo, mas de uma espécie de programa de sua vida e de orientação para os futuros membros da comunidade. Lendo ambos os testamentos, pode-se chegar à convicção de que era justamente assim que ele desejava fazer.

Também é evidente que a própria forma de servir do Pe. Estanislau é um modelo para os atuais superiores da Congregação. O já mencionado documento da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada dedica muita atenção ao fato de que ser superior, em todos os níveis, sempre significa o serviço desinteressado à comunidade, a ajuda no discernimento da vontade divina, não a realização das ambições dos religiosos em particular²⁰.

A atual legislação dos marianos constitui como que a confirmação da intuição do Fundador, apresentando o papel dos superiores na Congregação da seguinte forma: “Como aqueles que devem prestar conta a Deus das almas a eles confiadas, os superiores antes de tudo eles mesmos procurem bem conhecer e amar a vontade divina – tanto em relação a toda a Congregação como em relação a cada um daqueles a quem dirigem”²¹.

Além disso, pode-se acrescentar que as Constituições apontam que cada mariano, independentemente do nível em que cumpre o ministério de superior ou é subordinado, a exemplo do Fundador deve ter respeito tanto ao papa como ao bispo do lugar do seu ministério, mas que, como

¹⁶ Cf. *ibidem*, pp. 1495 e 1497.

¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 1495.

¹⁸ Cf. Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1487; Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., pp. 1495-1496.

¹⁹ Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

²⁰ Aprofundei esse tema em 2008. Por isso remeto à minha dissertação de mestrado: Dmitrijs Artjomovs, *Władza zakonna w świetle Instrukcji Życie braterskie we wspólnocie “Congregavit nos in unum Christi amor”*, Lublin (dat.), 2008.

²¹ CM 63.

nos aponta o texto da *Oblatio*, essa obediência deve ser “prudentermente compreendida”, não cega e passiva²².

O significado da lei

Ao lermos o texto da *Oblatio* pela primeira vez, não sabendo nada do Pe. Papczyński, poderíamos ter a impressão de que o seu relacionamento com a lei é demasiadamente rígido: “Prometo-lhes, portanto, que [...] adaptarei o meu estilo de vida aos seus direitos, estatutos e ritos, e que jamais farei, nem permitirei, nem concordarei, ainda que indiretamente, que de alguma forma eles sejam abolidos ou mudados, ou que deles seja concedida dispensa, a não ser por séria necessidade e de acordo com a lei”²³.

Por que tem tão grande significado a observância da letra da lei? O texto já acima citado do *Testamento segundo* mostra que o Fundador realmente compreendia bem a fraqueza do ser humano. Ao dar informações a respeito do que deve ser feito com importâncias concretas de dinheiro, diz que as coisas nem sempre acontecem como deveriam²⁴, e que por isso é indispensável a observância da lei. No texto da *Oblatio* ele impõe a si mesma essa restrição – de nada mudar ou abolir daqueles estatutos, leis e ritos que, como sabemos, ainda seriam instituídos.

No *Testamento primeiro* podemos reconhecer a intuição do Pe. Papczyński relacionada com o valor da lei – ele relaciona firmemente observância dos estatutos com algo mais importante e mais significativo para a vocação do religioso:

Aos meus diletíssimos irmãos em Cristo recomendo com a máxima força e insistência [a prática do] amor a Deus e ao próximo, a unidade das mentes, a humildade, paciência, sobriedade, modéstia, o fiel cumprimento da sua vocação e a decidida persistência nela, [...] a observância das regras religiosas, a disciplina e a perfeição religiosa e um espírito cada vez mais zeloso. Lembrem-se de que por aquilo

²² Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422; cf. CM 220 e 223.

²³ Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

²⁴ Cf. Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1498.

que prometeram a Deus e à Seletíssima Virgem caberá a eles a mais segura e infalível recompensa²⁵.

Do texto acima resulta claramente que não é a própria letra da lei que é importante na vocação religiosa, mas que os estatutos constituem uma ajuda na realização dessa vocação, e justamente porque todos os irmãos por amor a Deus observam essa lei é que se molda a comunidade religiosa. Esse mesmo ideal, ainda que numa forma mais concisa e geral, encontra-se no *Testamento segundo*: “Aos meus companheiros e – se for conveniente dizer – filhos, muito recomento o amor a Deus e ao próximo, o zelo na fé católica, a honra, o respeito e a obediência diante da Santíssima Sé; a observância dos votos, a humildade, a paciência, a ajuda aos falecidos e a paz com todos”²⁶.

Um pouco adiante, numa forma bastante austera, o Pe. Estanislau expressa a necessidade de observar a lei estabelecida: “Ao Frei Joaquim de S. Ana²⁷, escolhido como meu coadjutor, [...] proclamo igualmente meu sucessor, obrigando por um severo julgamento divino a sua consciência a que seja extremamente rigoroso em cuidar que seja observada a regra religiosa por Deus instituída”²⁸.

Após o que acrescenta: “E caso o Frei Joaquim, com a concordância dos frades, seja novamente confirmado como coadjutor, então eu o obrigo, sob [ameaça do] terrível Juízo Divino, que ele nada mude no hábito, no nome da Ordem [...]”²⁹.

Essas palavras apontam claramente que mesmo em face da morte o Fundador se preocupava com a preservação da estrutura e da lei da Ordem dos marianos.

No contexto da atual vida consagrada, a lei religiosa constitui um elemento muito importante do funcionamento da comunidade. Essa questão é muito complexa e diversificada, razão por que será suficiente mencio-

²⁵ Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dziela zebrane*, op. cit., p. 1487.

²⁶ Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dziela zebrane*, op. cit., p. 1496.

²⁷ Frei Joaquim de S. Ana Kozłowski, um dos primeiros companheiros do Pe. Estanislau Papczyński. Em 1698 foi eleito coadjutor do Pe. Estanislau. Em Roma, empenhou-se pela aprovação pontifícia da Congregação dos Marianos.

²⁸ Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dziela zebrane*, op. cit., p. 1497.

²⁹ *Ibidem*, p. 1499.

nar somente aqueles elementos que parecem essenciais na reflexão sobre o conteúdo da *Oblatio*. Toda comunidade religiosa cumpre dentro da Igreja a sua missão específica, definida pelo seu próprio carisma, mas a forma como essa missão se cumpre é definida pela legislação própria do instituto, que assinala o estilo de funcionamento da Congregação, a forma de exercer a autoridade etc.³⁰ A lei constitui o fator normativo, que permite à comunidade religiosa no seu todo, bem como a seus membros em particular, buscar a vontade divina e cumpri-la, edificando a Igreja. A falta de uma legislação faria com que cada um tentasse agir “por conta própria”, sem olhar para os outros, o que se opõe à essência da vida religiosa. Por isso também hoje o ideal do valor da lei é importante, mas com a restrição de que a função da lei é serviçal diante da missão e do carisma da comunidade.

Na legislação mariana, especialmente importantes são o artigos que apontam – por um lado – o valor da lei:

Os coirmãos devem empenhar-se por adaptar toda a sua vida ao Evangelho expresso nos estatutos da Congregação. Devem apreciá-los muito como meios de santificação apropriados à própria vocação, familiarizar-se com eles e fielmente observá-los. Lembrem-se de que dessa fidelidade depende no grau mais elevado tanto o progresso pessoal de cada um como o favorável desenvolvimento de toda a Congregação³¹.

Percebe-se claramente que o legislador aponta que os estatutos da Congregação constituem uma atualização do Evangelho para os coirmãos no dia de hoje e que o seu valor se acentua na medida em que conduzem ao desenvolvimento dos coirmãos em particular e da comunidade como um todo.

Por outro lado, talvez incompreensível à primeira vista, mas muito importante, porque apresenta a função serviçal, subalterna da lei é o artigo 304 das Constituições: “As Constituições, da mesma forma que o Diretório, por si sós não obrigam sob pecado, no entanto, não deixará de ser culpado aquele que as transgrida em matéria de mandamentos divinos e eclesiásticos ou dos votos, ou com escândalo para os outros, ou por desprezo”³²³².

³⁰ Cf. VFC 49.

³¹ CM 303.

³² CM 304.

Resumindo sucintamente esse aspecto, pode-se afirmar que os estatutos religiosos, à luz da *Oblatio*, não devem ser considerados como o valor supremo, mas que eles são um elemento essencial da vida comum e do trabalho dos marianos, visto que ajudam aos irmãos na definição do seu lugar na comunidade e conferem um formato à realização do carisma.

Pobreza religiosa

O tema da pobreza religiosa já foi abordado no contexto do oferecimento do Pe. Estanislau a Deus, e isso é compreensível, porque os diversos aspectos da vida religiosa estão interligados e dependem uns dos outros. Mas convém abordar esse tema já *stricte* em relação ao conselho evangélico da pobreza. No texto da *Oblatio*, em seguida à promessa da obediência o Fundador afirma: “Não possuirei nada como propriedade particular, mas considerarei tudo como propriedade comum”³³. Uma frase incompleta demonstra que igualmente a pobreza religiosa, que considera que tudo de que o religioso se utiliza não é propriedade sua, mas propriedade da comunidade, permite que ela seja edificada e que ao mesmo tempo o religioso cresça em liberdade diante das coisas materiais.

Ambos os *Testamentos* do Pe. Papczyński constituem uma prova de que ele mesmo realizou esse primitivo propósito: “Não disponho de forma alguma das coisas, visto que, voluntariamente pobre, nada possuo como propriedade, visto que tive tudo comum e do comum proveniente, então deixo tudo à comunidade”³⁴.

Por sua vez, como já mencionamos, ao estabelecer disposições quanto às importâncias em dinheiro a ele pertencentes, deixa tudo aos coirmãos para as necessidades exclusivas da comunidade³⁵.

Um significado muito expressivo da pobreza religiosa no contexto da vida comunitária é apresentado no documento *A vida fraterna em comunidade*: “A pobreza, a partilha dos bens – inclusive espirituais – tem sido desde o início o fundamento da comunidade fraterna. A pobreza dos indivíduos determina um estilo de vida simples e severo, o que não apenas li-

³³ Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

³⁴ Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1487.

³⁵ Cf. Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, pp. 1498-1499.

berta do cuidado dos bens pessoais, mas sempre enriquece a comunidade, que graças a isso pode mais eficazmente dedicar-se ao serviço de Deus e do próximo”³⁶.

Apona-se aí a necessidade de saber ser desinteressado, o que sem dúvida influencia o funcionamento da comunidade, a realização da missão na Igreja e no mundo.

A fidelidade ao ideal da total pobreza, da dependência da comunidade que em sua vida realizou S. Estanislau refletiu-se nas Constituições da Congregação. Enfatiza-se ali sobretudo o aspecto imaterial desse voto. No mundo atual, especialmente nos países do Ocidente, difícil se torna dizer que os religiosos sintam a falta de alguma coisa. O fundamento do voto da pobreza não é a falta física, embora às vezes valha a pena experimentar também isso, mas sobretudo a imitação de Jesus e Maria, a ausência do excessivo apego a qualquer coisa que seja e a esperança depositada na recompensa eterna³⁷. Pode-se, então, afirmar que teoricamente a Congregação dos marianos é também fiel ao ideal da pobreza do Fundador, no entanto a realização desse voto na prática pode servir não somente como a catalisadora do crescimento espiritual de toda a comunidade, mas também como uma demonstração de que em determinada comunidade reina realmente a unidade entre os irmãos. Porque afinal a falta de unidade provoca a falta de escolha diante dos bens, o desejo da apropriação.

Fidelidade à Igreja

No contexto do total oferecimento de S. Estanislau a Deus, igualmente já mencionamos que um dos aspectos dessa entrega é a “obediência a Sua Santidade o Vigário de Jesus Cristo e à sua autoridade delegada”³⁸, o que não exige um comentário mais amplo. No entanto o texto da *Oblatio* aponta igualmente para um outro aspecto da fidelidade à Igreja. A saber, o Fundador fala da fidelidade à doutrina da Igreja: “Confesso que creio em tudo em que crê a santa Igreja Romana e em tudo que no futuro apresentar para a crença”³⁹. O fato de tal formulação encontrar-se no texto demonstra

³⁶ VFC 44.

³⁷ Cf. CM 44-45.

³⁸ Stanisław Papczyński, *Ofiarowanie siebie*. Oblatio. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1422.

³⁹ Ibidem, p. 1423.

como era importante para o Pe. Papczyński a permanência nos limites da ortodoxia. Sabemos que nem no momento da profissão da *Oblatio* nem durante a vida do Fundador o dogma da Imaculada Conceição da SVM ainda não foi proclamado, no entanto o Santo fez a afirmação: “Confesso que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem a mácula original e prometo que difundirei a Sua honra e A defenderei, ainda que à custa da minha vida”⁴⁰. Isso mostra que a sua fidelidade não se baseava somente em verdades da fé já definidas, mas que estava aberta a futuras perspectivas teológicas, não se encerrava nos seguros limites dos dogmas, importantes e fundamentais para a fé, mas que muitas vezes não fornecem respostas simples e exaustivas.

Sintetizando a sua vida, o Padre Fundador volta ao tema da fidelidade à Igreja tanto no aspecto disciplinar como na perspectiva doutrinária. Afirma que, nascido na fé católica, perseverou nela e, mesmo que em alguma coisa se tivesse enganado, revogava todo pensamento ou palavra errônea⁴¹. Expressa também o respeito e o reconhecimento diante dos bispos e de todos que, possuindo a autoridade eclesiástica, contribuíram para o surgimento e o desenvolvimento da Congregação⁴².

Ele comprova enfaticamente a sua fidelidade no início do *Testamento segundo*, ao descrever um acontecimento ocorrido havia quarenta e cinco anos, quando, após a tomada de Varsóvia pelo exército sueco, esteve pronto a entregar a sua vida pela fé⁴³. Ele também recomenda a fidelidade à doutrina da Igreja a seus irmãos: “Recomendo [...] o zelo na fé católica, a honra, o respeito e a obediência diante da santíssima Sé Apostólica”⁴⁴. Igualmente no último testamento o Pe. Estanislau, cheio de gratidão, expressa o respeito diante dos hierarcas da Igreja⁴⁵.

À pergunta se o exemplo do Padre Fundador pode servir à edificação da comunidade hoje, é suficiente citar um trecho selecionado do citado documento sobre a vida fraterna: “A comunidade religiosa, [...] em sentido muito mais profundo, é participação e testemunho qualificado da Igreja-Mistério, enquanto expressão viva e realização privilegiada de sua peculiar

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Cf. Stanisław Papczyński, Testament pierwszy. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1486.

⁴² Cf. ibidem, p. 1487.

⁴³ Cf. Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1494.

⁴⁴ Ibidem, p. 1496.

⁴⁵ Cf. ibidem.

‘comunhão’⁴⁶. Essa afirmação responde por que a fidelidade à Igreja é indispensável: não é possível estar na Igreja e dar testemunho da sua unidade não sendo fiel a essa Igreja. Se falta essa fidelidade, a própria união da comunidade se torna uma caricatura, visto que não se trata então de uma “união para”, mas de uma “união contra”. Infelizmente, temos a triste experiência de muitas comunidades religiosas que cerram as suas fileiras posicionando-se contra o papa, os bispos, e até contra o Magistério.

A respeito da fidelidade à Igreja, a legislação mariana é muito precisa: “Em relação à Igreja, que é o embrião e o princípio do Reino de Deus na terra e a esposa de Cristo, os coirmãos devem alimentar a máxima honra, amor e dedicação. Pelas suas normas e princípios devem guiar-se, junto à sua Hierarquia fielmente devem postar-se, aos seus propósitos e anseios devem adaptar-se”⁴⁷.

Sintetizando esta breve análise do tema da fidelidade, convém enfatizar que, atualizando esse ideal hoje, interpretando a *Oblatio* no contexto dos nossos tempos, podemos comprovar que essa fidelidade não é cega e acrítica. Por um lado os marianos são convocados à filial fidelidade para verem na Igreja não tanto a instituição, quando o reflexo, ainda que muito imperfeito, do Reino de Deus. E, por outro lado, a exemplo de S. Estanislau, devemos estar abertos ao futuro, aceitando a doutrina da Igreja, atual para hoje, sem nos esquecermos de que, embora não mude o próprio conteúdo da doutrina de Cristo, a Igreja o adapta às necessidades do presente e de que com isso é preciso conformar-se. A comunidade religiosa na Igreja só é um verdadeiro modelo quando dá um testemunho autêntico da fidelidade à Igreja.

Capacidade de perdoar

No final do texto da *Oblatio* encontra-se um parágrafo que talvez devesse ser interpretado exclusivamente como uma manifestação formal da polidez do Pe. Estanislau, principalmente porque os comentaristas afirmam que ele foi adicionado posteriormente, já após a cerimônia da sua dispensa dos votos religiosos na Ordem dos Escolápios. Ele deve ser aqui citado em sua totalidade:

⁴⁶ VFC 2.

⁴⁷ CM 58.

Kazimierz perto de Cracóvia, na residência dos Padres Pobres de Nossa Senhora da Ordem das Escolas Pias, na presença do Mui Venerável Frei Miguel da Visitação, Vice-Provincial da Província Polonesa, pertencente à Ordem do Frei José de Nossa Senhora, Presidente da mencionada residência, e dos Veneráveis Clérigos de ordens menores – Casimiro dos Anjos e Bernardo da Paixão do Senhor, no dia 21 de dezembro de 1670⁴⁸.

A forma com que o Pe. Papczyński se refere ao delegado da parte dos escolápios, Frei Miguel, chamando-o de “mui venerável”, pode testemunhar que, apesar das injustiças a ele infligidas pelas autoridades dessa Congregação, não alimentava ódio para com ele. Isso pode ser interpretado da seguinte forma: que importante para o Fundador era a capacidade de perdoar. Embora ele descreva detalhadamente o seu relacionamento com os escolápios na *Apologia do afastamento da Ordem das Escolas Pias* apenas um ano após a dispensa dos votos, mesmo nessa obra autobiográfica não se pode perceber o ódio diante dos antigos coirmãos, embora certamente lamentasse que as coisas tivessem tomado esse rumo⁴⁹.

No *Testamento primeiro*, de forma muito concisa ele adiciona o seu pedido de perdão pelas suas transgressões diante dos semelhantes, com uma confissão de perdão: “Igualmente eu a todos perdoou, inclusive àqueles que após a morte me perseguirem, e desejo-lhes, e suplico a Deus toda a bondade, a fim de que seja para eles compassivo”⁵⁰. Por sua vez no último testamento volta ao tema da sua perseguição na Ordem dos Escolápios, mas, embora não oculte o pesar, não faz censuras a ninguém. Lendo outras obras autobiográficas e as cartas do Pe. Estanislau, pode-se ver que ele muito apreciava a sua vocação religiosa e queria realizá-la como escolápio, e por isso, até no limiar da morte, não podia pensar nisso tranquilamente. No *Testamento*, contudo, afirma: “Porquanto sofri perseguições muito desagradáveis na Congregação das Escolas Pias, e por pouco, em razão do ódio, não fui morto, e no final fui da forma mais in-

⁴⁸ Stanisław Papczyński, Ofiarowanie siebie. *Oblatio*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1423.

⁴⁹ Cf. Stanisław Papczyński, *Apologia wystąpienia z Zakonu Szkół Pobożnych*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., pp. 1424-1453.

⁵⁰ Stanisław Papczyński, *Testament pierwszy*. In: Stanisław Papczyński, *Dzieła zebrane*, op. cit., p. 1486.

digna privado da minha primeira vocação. Perdoo diante de Deus a todos que provocaram isso”⁵¹.

Adiante, no texto do *Testamento*, pedindo ele mesmo o perdão por todas as suas fraquezas, enfatiza o motivo do seu pedido: “para que perdoem a minha fraqueza pelo amor de Jesus Cristo”⁵². Pode-se concluir daí que também ele mesmo, embora não escreva a respeito disso diretamente nos *Testamentos*, perdoa em razão do amor de Cristo.

Na atual compreensão da vida em comunidade é preciso, a exemplo do Pe. Papczyński, guiar-se pelo realismo. Em todos os lugares onde há pessoas sempre haverá diferenças de opiniões, que podem levar a conflitos. O documento *A vida fraterna em comunidade* afirma:

O ideal comunitário não deve fazer esquecer que toda a realidade cristã se edifica sobre a fraqueza humana. A “comunidade ideal”, perfeita, ainda não existe: a perfeita comunhão dos santos é meta na Jerusalém celeste. O nosso é o tempo da edificação e da construção contínua: sempre é possível melhorar e caminhar juntos para a comunidade que sabe viver o perdão e o amor. As comunidades, na verdade, não podem evitar todos os conflitos. A unidade que devem construir é uma unidade que se estabelece a preço da reconciliação⁵³.

Por isso, parece ser justa a constatação de que o crescimento mútuo da comunidade só é possível pela saída dos seus diversos membros dos limites do próprio “eu”, perdoadando a todos que realmente, ou somente na sensação subjetiva, nos prejudicaram. Evidentemente, isso não significa a concórdância com o mal ou a desistência da justiça, no entanto, justamente o perdão é o início do diálogo entre os desavindos.

Assim, não é de admirar que um ato tão pessoal como o perdão se encontre no círculo de interesse da legislação mariana. Não é possível citar aqui todo o capítulo segundo da terceira parte das Constituições⁵⁴, que enfatiza firmemente o significado do amor fraterno e do perdão⁵⁵, no entanto é muito importante nesse contexto o artigo 101, no qual foi esboçada a postura graças à qual os religiosos podem evitar os conflitos:

⁵¹ Stanisław Papczyński, Testament drugi. In: Stanisław Papczyński, *Dziela zebrane*, op. cit., p. 1495.

⁵² Ibidem, p. 1496.

⁵³ VFC 26.

⁵⁴ CM 98-104.

⁵⁵ Cf. especialmente CM 98.

Carregando os pesos uns dos outros, os membros devem suportar com paciência os defeitos e as fraquezas dos coirmãos inseparáveis da vida humana. E, em espírito de amor, procurem compreender e tolerar os seus pontos de vista, diferentes dos próprios, bem como outras divergências resultantes das diferenças de caráter, da idade ou da nacionalidade⁵⁶.

Já a própria expressão de cortesia que se encontra na *Oblatio* apresenta hoje a profundidade do seu autor, que, apesar das próprias fraquezas, das quais tinha consciência, era capaz de perdoar. Aos marianos de hoje esse breve texto pode servir como orientação no amadurecimento para um amor fraterno mais perfeito dentro da comunidade.

Conclusão

Sintetizando as reflexões apresentadas, é preciso acrescentar que a complexidade da vida em comunidade, a sua moldagem e o crescimento pessoal são questões muito amplas. Muitos autores, inclusive marianos, já têm abordado esse tema. No presente artigo, em razão dos limites da sua extensão, não é possível uma apresentação, ainda que superficial, desse importante tema. Por isso se decidiu que os limites às reflexões sobre esse tema fossem determinados pelo texto da *Oblatio*.

Ao expressar o desejo de fundar a Congregação dos marianos, o Padre Estanislau Papczyński distinguiu apenas algumas das suas decisões. A lista delas poderia ser completada com a leitura de outras obras suas, no entanto, concentrando-nos somente no mencionado texto, e olhando para ele pelo prisma da experiência de vida do Fundador e da atual experiência da comunidade mariana, distinguimos os seguintes traços de um religioso que contribuem para a edificação de uma comunidade carismática de vida: capacidade de uma entrega total de si mesmo a Deus; aptidão para servir, como superior e como subalterno; um apropriado relacionamento com a legislação religiosa e a instituição; liberdade diante dos bens temporais no sentido amplo dessa palavra; fidelidade à doutrina da Igreja e abertura ao desenvolvimento dessa doutrina, bem como um relacionamento sensato

⁵⁶ CM 101.

com a hierarquia; capacidade de perdoar e aptidão para a tolerância mútua, visto que é na diversidade que se encontra a riqueza.

A vida em comunidade sempre tem sido um desafio para os religiosos, mas é preciso recordar que, se Deus chama, também proporciona a graça, sem nos esquecermos ao mesmo tempo de que sempre é indispensável a cooperação com ela, visto que nada vem de graça.

A *Oblatio* do Padre Estanislau Papczyński ontem e hoje: tentativa de uma interpretação teológica

A renovação da vida religiosa na dimensão de toda a Igreja, bem como da nossa Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição da SVM, deve sempre consistir numa incessante volta à fonte de toda vida cristã, que é o próprio Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, no mistério da Sua Encarnação e da Sua Páscoa. Ao mesmo tempo, porém, devemos lembrar-nos daquilo que, como o primeiro após o Concílio Vaticano II, o papa Paulo VI chamou oficialmente de “carisma dos Fundadores” (ET 11). Trata-se aqui do espírito primitivo, que constitui a inspiração e o contínuo ponto de referência dos institutos religiosos¹. Uma autêntica renovação desses institutos sempre vai conduzir a que os corações dos seus membros se inflamem do amor e da verdade de acordo com esse carisma, que não procede do desejo do corpo nem da postura da mente formatada de acordo com o modelo deste mundo, mas é um fruto do Espírito Santo, que age continuamente na Igreja (cf. ET 11).

A canonização do Padre Estanislau Papczyński, nosso Fundador, confirmou a fé de muitas gerações dos seus filhos espirituais de que o Espírito que o animou e inspirou a dar início a uma nova família religiosa, dedicada ao mistério da Imaculada Conceição da Virgem Maria, provinha do próprio Pai. A convicção a respeito de estar agindo por inspiração divina encontrava-se também no Padre Estanislau, quando escrevia:

Apesar das inúmeras dificuldades que se apresentam como obstáculo, a bondade e a sabedoria divina inicia e realiza o que quer, ainda que os meios, segundo o julgamento humano, sejam para isso inaptos. [...] Verificou-se isso da forma mais clara em mim [...], o instrumento mais imprestável [utilizado por Deus] para a fundação da última em

¹ “Por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores, bem como as sãs tradições, que constituem o patrimônio de cada Instituto”. (PC 2)

sua categoria e da mínima Congregação dos Padres de Maria Santíssima sem Mácula concebida. [...] Porquanto aquela visão divina, que estava gravada em minha alma, e relacionada com a fundação dessa Congregação da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, [...] me impelia ao seu objetivo. (FDR, 1, p. 1289; 6, p. 1292).

Aquela santa visão gravada na alma do Padre Papczyński encontrou a sua expressão concreta pela primeira vez justamente no ato do oferecimento de si mesmo a Deus e à Imaculada no dia 11 de dezembro de 1670, chamado *Oblatio*. É nesse acontecimento que com razão a nossa Congregação enxerga o *seu carismático início*. Com efeito, ao se afastar legalmente da Ordem das Escolas Pias, o Padre Papczyński deu ao mesmo tempo um passo na fé, que já expressava, embora de forma ainda “embrionária”, o sentido da existência da nova comunidade religiosa.

Após os trezentos e cinquenta anos que decorreram desde aquela ato de fundação, precisamos novamente nos empenhar por responder à pergunta a respeito do que foi a *Oblatio* para o próprio Padre Fundador no contexto da sua vida e da sua obra então iniciada, bem como a respeito do que pode e deve ser hoje para nós, marianos, que queremos redescobrir o mistério da pessoa e do carisma de Santo Estanislau Papczyński e, com isso, ter uma nova compreensão do caminho que ele para nós iniciou.

A Oblatio ontem – expressão do sentido de fé individual do Fundador dos marianos

O autor da *Positio* sobre o Padre Estanislau Papczyński, Pe. Kazimierz Krzyżanowski MIC, que dedicou muitos anos da sua vida religiosa aos estudos sobre a pessoa e as obras do nosso Fundador, escreveu há anos, no contexto do tricentenário da fundação da Ordem dos Marianos:

Segundo a concepção mais primitiva, segundo aquele ideal a respeito do qual muitos anos mais tarde o Pe. Papczyński diria em *Fundatio Domus Recollectionis* que havia sido expresso por Deus em sua mente, essa Congregação devia ser sobretudo dedicada à difusão do culto da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. Tal conclusão se impõe de forma irrefutável da análise do documento em que o Pe. Papczyński declara pela primeira vez o seu propósito de fundar a Congregação dos Marianos. Esse propósito foi declarado de

forma solene no dia 11 de dezembro de 1670, no dia em que a pedido próprio e com a dispensa pontifícia ele estava deixando a Ordem das Escolas Pias. Após uma modesta cerimônia desse ato formal, que se realizou na residência dos escolápios em Kazimierz, perto de Cracóvia, o Pe. Papczyński proclamou em público, diante das pessoas ali reunidas, o chamado oferecimento de si mesmo (*oblatio*) ao serviço de Deus e da Imaculada, prometendo solenemente observar os votos religiosos na “Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição”, que – como assinalava – “por graça” divina desejava fundar².

A *Oblatio* constitui, portanto, cronologicamente a mais antiga forma da expressão do “espírito primitivo”, ou seja, do carisma que animava o Fundador dos marianos, direcionado a dar início a um novo Instituto religioso. Por outro lado, no entanto, visto que então o objetivo único e mais importante desse Instituto devia ser a difusão do culto da Imaculada Conceição da Mãe de Deus Virgem Maria, a *Oblatio* de S. Estanislau de Jesus e Maria apresenta-se como a expressão do seu *sentido de fé individual*, que se inscrevia no contexto do *sensus fidei* de toda a Igreja. Foi justamente esse dom carismático do Espírito Santo que se tornou o mais importante fundamento para a solene proclamação, no dia 8 de dezembro de 1854, da definição dogmática sobre a Imaculada Conceição de Maria.

A ninguém que ao menos um pouco se interessa pelo desenvolvimento desse dogma são estranhas as múltiplas controvérsias e dificuldades relacionadas primeiramente com a formação da doutrina, e depois com a proclamação da própria definição dogmática a respeito da extraordinária santidade da Mãe de Cristo. Havia muitos prós e contras diante dessa verdade da fé católica titular para os marianos. Embora já a partir do século VII existisse no Oriente cristão a tradição da festa litúrgica da Conceição da Santíssima ou da Puríssima Virgem, que já no século IX se difundiu também no Ocidente com o simples nome de Festa da Concepção ou da Concepção de Ana, até o século XIX, principalmente por falta de um argumento bíblico direto, a Santa Sé não se pronunciou dogmaticamente sobre essa questão. Houve na realidade papas³, e até concílios, que quase conse-

² K. Krzyżanowski, *Powstanie i rozwój Zakonu za życia Założyciela*, in: J. Bukowicz, T. Górski (red.), *Marianie 1673-1973*, PUG, Roma, pp. 18-19.

³ Merece aqui uma atenção especial o papa Alexandre VII, contemporâneo do Padre Papczyński (1599-1667), e especialmente a sua bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, famosa e decisiva para o futuro dogma da Imaculada Conceição da SVM, um extenso trecho da qual foi citado

guiram definir dogmaticamente a verdade sobre a Imaculada Conceição de Maria, mas as suas decisões não foram aceitas universalmente. Basta lembrar aqui o Concílio cismático de Basileia, que em 1439 definiu claramente o dogma sobre a Imaculada Conceição, no entanto, justamente em razão do cisma, os decretos desse concílio não foram reconhecidos. O papa Paulo III Farnese aprovou em 1538 o ofício do breviário sobre a Imaculada Conceição, e o Concílio de Trento, em 1546, ao formular a doutrina sobre o pecado original, ressaltou que ela não dizia respeito a Maria, reconhecendo com isso, indiretamente, a doutrina sobre a exclusão da Mãe de Deus da lei da participação universal dos filhos de Adão em sua culpa. Entre os *imaculatistas* e os *maculatistas* travava-se uma contínua disputa sobre a Imaculada Conceição. Uns defendiam decididamente a doutrina da exclusão de Maria do pecado original, buscando para ela uma consistente fundamentação teológica, ao passo que outros se pronunciavam pela sua rejeição. É preciso, no entanto, assinalar que essa rejeição não resultava da falta do amor a Maria ou da incompreensão do Seu importante papel na obra da salvação do ser humano, mas baseava-se em sutis distinções teológicas, apoiadas pela autoridade de santos como S. Bernardo de Claraval ou S. Tomás de Aquino, aos quais parecia impossível que a Mãe de Cristo tivesse sido remida antes ainda que tivesse ingressado na história o Salvador do gênero humano.

O mesmo acontecia também nos tempos do Padre Papczyński (1631-1701). Embora os argumentos que abalavam a fé na verdade da Imaculada Conceição de Maria, atribuindo a essa doutrina o nome de erro, já tivessem sido proibidos havia muito tempo pelos papas Sisto IV em 1477 e Pio V em 1570, continuavam a ocorrer discussões por vezes acirradas, porém mais na arena teológico-acadêmica do que na pastoral-prática⁴. No contexto

por Pio IX em *Ineffabilis Deus*. Cf. J. Królikowski, *Papież Aleksander VII i niepokalane poczęcie Maryi. Salvatoris Mater*, t. 6, n. 2 (2004), pp. 330-37.

⁴ Restrições diante da doutrina sobre a Imaculada Conceição de Maria, apoiadas por sérios argumentos teológicos sobre a universalidade do pecado original, entendido, no entanto, como uma espécie de *fatum*, eram também apresentadas pela Inquisição romana. Assim escrevem a esse respeito dois pesquisadores marianos desse tema: “A fé nessa verdade, embaraçada com sérias restrições teológicas e apoiada por autoridades como S. Bernardo e S. Tomás de Aquino, era algo suspeito para a Inquisição, que discretamente se posicionava contra os imaculatistas. A Inquisição publicou um decreto secreto que proibia a utilização da definição ‘Imaculada Conceição’. A rigor, proibia a ligação do adjetivo ‘imaculada’ com a conceição de Maria, e não com a sua pessoa. Podia dizer-se: ‘Conceição da Virgem Imaculada’, mas não ‘Imaculada Conceição da Virgem’. A partir de 1627, com base nesse decreto, os inquisidores com frequência se posicionavam contra livros que tivessem no título as formulações proibidas. Em 1644 esse decreto foi for-

desses embates pela descoberta da plenitude da verdade católica e da adequada “escuta” daquilo que o Espírito fala à Igreja a respeito do mistério da Imaculada Conceição de Maria, é preciso perceber o importante papel que a esse respeito desempenhou o imaculatista polonês, S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński. A sua *Oblatio* de 11 de dezembro de 1670 foi precedida pela composição poética intitulada *Triunfo da Maria Virgem sem a mácula original concebida*, por ele escrita no final de 1669. Nela o autor enaltece a vitória de Maria sobre a antiga serpente e apoia a então nova forma de argumentação a favor da doutrina clássica da Imaculada Conceição proposta pelo franciscano polonês Dominik Korwin Kochanowski. O poema do Padre Papczyński foi aliás incluído na parte introdutória da segunda edição dessa obra do Frei Kochanowski II (cf. Introdução a TMV, p. 1232). No próprio poema de S. Estanislau de Jesus e Maria impressiona a ênfase do *relacionamento sobrenatural* que existe entre a Mãe e o Filho, que determina a sua exclusão da culpa de Adão. Pode-se até ter a impressão de que o Padre Papczyński coloca o sinal de igualdade entre a concepção de Maria no seio de sua mãe Ana e a concepção de Jesus pela própria Maria. Com efeito, escreve o nosso Fundador: “A culpa que mancha todo o gênero humano se mantém longe da Virgem, que foi concebida contrariamente às leis da natureza, da mesma forma que Ela mesma também concebeu a Deus. Por isso, já que acreditamos no que é posterior, porque não teríamos que acreditar no que é anterior?” (TMV, pp. 1234-1235).

No entanto, não se trata aqui de equiparar a Imaculada Conceição de Maria com a Concepção Virginal de Jesus, mas de apresentar a *sobrenatural ação* de Deus em ambos os extraordinários acontecimentos salvíficos. O Autor da “plenitude da graça”, que preserva a Escolhida antes dos séculos Mãe do Salvador da mancha do pecado de Adão, que atinge todo o gênero humano, e a “Força do Altíssimo”, que protege a Virgem da Nazaré no momento da anunciação, é o mesmo Espírito Santo que procede do Pai

necido ao conhecimento público. Ele colocou numa situação difícil os partidários da Imaculada Conceição. No entanto continuaram a aparecer obras dedicadas a essa questão. Porém os seus autores tornaram-se a tal ponto cuidadosos na formulação dos títulos das suas obras que podiam publicá-las até nas proximidades de Roma. Os teólogos reuniam testemunhos e argumentos, imprimiam e renovavam edições de novas obras; era um trabalho difícil, mas com frequência deformado por posições polêmicas. Difícil se torna imaginarmos hoje a violência das reações das pessoas que se pronunciavam por essa doutrina ou contra ela. A Santa Sé frequentemente tinha que intervir nas disputas a respeito da verdade da Imaculada Conceição”. M. Pisarzak, Z. Proczek, Niepokalana, ślub krwi i świadectwo marianów. *Salvatoris Mater*, t. 6, n. 1 (2004), pp. 233-234.

e que dá a vida ao mundo. O mistério do *relacionamento* entre a Mãe e o Filho, que A santifica desde o início da Sua existência, é o mistério do Espírito Santo. A Imaculada Conceição de Maria é justamente o mistério daquele *relacionamento*, o mistério da extraordinária santidade da Virgem Mãe de Deus, Bendita entre as mulheres, porque acreditou na Palavra. É o mistério do princípio de Maria em Deus, que A escolheu e criou por Cristo, em Cristo e para Cristo (cf. Ef 1,4-5; Cl 1,15-17).

Desde o início tem existido na Igreja a universal convicção entre os fiéis a respeito dessa especial situação da Mãe de Jesus Cristo⁵, e a defesa da fé em Sua Imaculada Conceição muitas vezes se relacionava, especialmente a partir do final do século XV, com o chamado “voto de sangue”⁶, o que em *Oblatio* o Padre Estanislau Papczyński expressa com as palavras: “Confesso que creio em tudo em que crê a santa Igreja Romana e no que no futuro apresentar para a crença, e de maneira especial confesso que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem a mácula original, e prometo que difundirei a Sua honra e A defenderei ainda que seja ao custo da minha vida”. (*Oblatio*, p. 1259)

Portanto, a verdade sobre a Imaculada Conceição de Maria, que a Igreja romana futuramente apresentaria para a crença, e cuja defesa, com base em pronunciamentos de diversos papas, ele assumia, não era para o Padre Estanislau apenas uma questão de piedade mariana particular e uma convicção subjetiva. Tratava-se de uma parte integrante da fé da Igreja, que, embora ainda não dogmatizada, existia entre o Povo de Deus e, como uma resposta viva à ação do Espírito Santo, era professada e defendida pelos batizados.

⁵ “Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, ‘é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça’. É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade”. (LG 53)

⁶ Cf. J. Stricher, *Le Voeu du Sang en Faveur de l’Immaculée Conception. Histoire et Bilan Theologique d’Une Controverse*, t. 1-2, PAMI, Romae 1959.

A esse infalível *sensus fidei* do Povo de Deus, como um argumento suficiente e teologicamente mais importante, aludirá também mais tarde o papa Pio IX na bula *Ineffabilis Deus*, de 8 de dezembro de 1854, que definiu o dogma da Imaculada Conceição da SVM. Da mesma forma também procederá Pio XII, ao proclamar em 1950 o dogma da Assunção de Maria.

Não resta dúvida de que a intuição carismática do Padre Papczyński para difundir ativamente o culto de Maria e pela fundação da Ordem dos Marianos servir à verdade da Sua Imaculada Conceição inscreve-se na tradição daquele *sensus fidei* da Igreja, que em questões de fé e moralidade não pode enganar-se (cf. CIC 91-93)⁷.

A Comissão Teológica Internacional afirma que, para compreender como na vida da Igreja funciona o *sensus fidei*, é preciso localizar esse fenômeno no contexto da história, na qual age e fala o Espírito Santo⁸. Nessa história a Igreja elaborou certas práticas piedosas, devoções e orações que muitas vezes expressavam verdades ainda não dogmatizadas. A *Oblatio* do Padre Papczyński de 1670 e o seu voto de sangue, vistos no contexto histórico em que lhe coube viver, claramente situam o Fundador da Ordem da Imaculada Conceição de Maria no círculo de todos aqueles crentes que profeticamente reconheceram o que o Espírito falava à Igreja do seu tempo e tiveram a coragem de proclamá-lo à custa até da própria vida.

A *Oblatio* hoje – um apelo a uma releitura e à aceitação do principal carisma dos marianos

Pelo oferecimento de si mesmo a Deus e à Imaculada, o Padre Estanislau lançou os fundamentos da obra da sua vida: a Ordem dos Padres Marianos da Imaculada Conceição da SVM, cuja visão Deus gravou de forma mística em sua alma. Encontrando-se ainda no propósito do próprio Padre Fundador, essa Ordem já estava estreitamente relacionada com a missão de difundir o culto de Maria no mistério da Sua Imaculada Conceição. Foi justamente com esse objetivo que ela foi fundada. Poder-se-ia dizer que, da mesma forma que a Imaculada Conceição de Maria está indissolivelmente ligada com a Sua pessoa, também a existência da “Sociedade dos Padres Marianos” perde o seu sentido quando afastada do objetivo principal que

⁷ Cf. também: Międzynarodowa Komisja Teologiczna. *Sensus Fidei w życiu Kościoła*, Dehon, Kraków 2015.

⁸ Cf. *ibidem*, n. 69.

lhe foi atribuído pelo Fundador⁹. Esse objetivo carismático não foi o resultado de uma reflexão teológica ou qualquer outra do Padre Estanislau. Não foi também o fruto das suas ambições e dos seus ambiciosos projetos. A sua fonte foi o encontro pessoal com Deus, a experiência espiritual submetida ao discernimento da Igreja e incessantemente confrontada com a voz da própria consciência. Foi por isso que, no dia 11 de dezembro de 1670, “em voz baixa” ele pronunciou estas palavras brotadas do seu coração:

Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, [...] ofereço e consagro a Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria sem a mácula original concebida, o meu coração, a minha alma, a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo, para que dessa forma eu seja a partir de agora um servo desse Todo-Poderoso e da Bem-Aventurada Virgem Maria. Prometo-Lhes, portanto, que servirei até o fim da minha vida em castidade e com zelo nesta Sociedade dos Padres da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar). (*Oblatio*, p. 1258)

Naquele dia 11 de dezembro de 1670, S. Estanislau de Jesus e Maria entregou-se a Deus e à Imaculada, respondendo dessa forma ao dom carismático de difundir o culto da Imaculada Conceição da Virgem Maria, ao qual Deus convocava a ele mesmo e toda a futura comunidade dos marianos. Será que o Padre Fundador sabia então de que forma cumpriria a sua missão? Será que tinha um plano de ação estratégica e meios para a sua realização? A resposta é: *não*. Ele sabia de uma coisa: devia fundar a Congregação da Imaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus. Caminhou então obedecendo à voz de Deus, que o convocava a uma doação total de si mesmo: “Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar” (Gn 12,1). Estava deixando os escolápios, na verdade não para fundar os marianos, mas tinha que deixá-los para que se cumprisse o plano de Deus. Quando se afastou da Ordem das Escolas Pias, sem renunciar a ser religioso, Deus lhe mostrou a “terra prometida”, que era preciso e sempre é preciso conquistar: a Ordem da Imaculada Conceição

⁹ “Mas, para não permanecerdes inativos na vinha do Senhor, deveis difundir o culto da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Mãe de Deus na medida das vossas forças...” NV, I, 2, p. 48.

de Maria. Esse crucial mistério da identidade da Mãe de Deus, a Sua Imaculada Conceição, que no seu tempo a Igreja se empenhava por descobrir e aceitar, foi deixado pelo Padre Estanislau aos seus filhos espirituais como um dom e uma tarefa, que ainda hoje, apesar de já existir o dogma da fé católica, devem ser redescobertos e novamente aceitos.

O que então significa essa verdade da fé, cuja fórmula catequética a maioria dos marianos decerto conhece de cor? Não se trata absolutamente apenas do início cronológico da vida da Mãe de Jesus, de certa forma isolado da Sua pessoa e da Sua história, para sempre ligada com o Filho, nem da própria exclusão do pecado original. Trata-se aqui justamente daquele *salvífico relacionamento* com o Deus Uno e Trino, da *identidade pessoal* a que a própria Maria alude no dia 25 de março de 1858 em Lourdes dizendo: “Eu sou a Imaculada Conceição”¹⁰. O teólogo alsaciano François-Xavier Durrwell, que passou à eternidade em 2005, assim abordou outrora essa questão:

Certo dia, pela boca do pároco de Lourdes, a Igreja indagou Maria a respeito do Seu nome. A bela Senhora, que há havia algumas semanas estava aparecendo a Bernadete, rezando, mandou, no entanto, esperar pela resposta até o dia do qual extraiu o Seu nome, o dia da santa Conceição. Na manhã do dia 25 de março de 1858, na festa da Anunciação, Ela novamente se apresentou “pequena e jovem”, como na ocasião em que havia sido prometida [a José] e já não adiou a resposta. Estendeu os Seus braços, que anteriormente estavam cruzados, e baixou os ombros, para novamente erguê-los num gesto de ação de graças, dizendo: “Eu sou a Imaculada Conceição”. Bernadete foi então ter com o pároco e lhe anunciou: “A Senhora respondeu: ‘Eu sou a Imaculada Conceição’”. Portanto Maria não chama a si mesma simplesmente Imaculada em Sua Conceição, excluída da influência da mácula do pecado original. É claro que não nega isso, confirma isso, mas ao mesmo tempo aponta para algo infinitamente maior. A Sua excepcional e singular graça, a Sua eterna identidade e o nome que A define não provêm de ser Ela excluída da influência do pecado de Adão. Porquanto Deus podia também ter preservado outras criatu-

¹⁰ Cf. J. Perrier (red.), *Je suis l’Immaculée Conception*. Colloque organisée par les sanctuaires Notre-Dame de Lourdes et la Société Française d’Études Mariales, *Parole et silence*, Paris 2006; J.-M. Hennaux, *La formule de Lourdes: «Je suis l’Immaculée Conception»*, in: *Nouvelle Revue Théologique*, t. 130 (2008), pp. 65-78.

ras, no início da sua existência, do mal que se estende sobre o mundo desde o alvorecer da história (cf. Rm 5,12). Além disso, todo cristão é livrado do pecado original pelo pecado, que o eleva acima de Adão, à dignidade da participação na filiação divina de Cristo, “que existe antes de todas as coisas” (Cl 1,17). Existe uma graça bem mais radical do que aquela que consiste na preservação do pecado de Adão. Além disso, nenhum ser humano é radicalmente, isto é, no fundo da sua humanidade, pecador, porque Deus afinal não cria pecadores. O ser humano é criado em Cristo e direcionado a Ele (cf. Cl 1,15-16): o pecado como que aparece exteriormente, na superfície daquela realidade interior, buscando aniquilar a aliança entre a paternidade divina e a filiação humana, que Deus instituiu através do ato criador. No seu mais profundo interior e no seu início o ser humano não está mergulhado no pecado, mas na graça original, porque, antes que comece a depender de Adão, é criado por Deus em Cristo e por Cristo¹¹.

Falando dessa forma, o teólogo alsaciano absolutamente não quer abalar a verdade a respeito da universalidade do pecado original nem minimizar o seu significado. O pecado de Adão é visível em todo ser humano, que, ao pecar, menospreza e até elimina a sua *identidade original* de filho de Deus, criado à imagem de Deus, isto é, em Cristo e para Cristo (cf. Cl 1, 15-18). No entanto, não é o pecado que constitui a mais profunda norma e verdade a respeito do ser humano, que é justamente a *graça da criação e da redenção*, ou ainda, da *adoção filial*. A graça é a primeira. Original não é o pecado, mas o dom do Espírito Criador, que no divino dia da criação “pairava sobre as águas” (Gn 1,2). Maria, apresentada como Imaculada Conceição, é o *ícone* e a *face* desse Espírito.

No número 53 da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* o Concílio Vaticano II chama Maria “templo do Espírito Santo”, expressando dessa forma a verdade sobre o extraordinário *relacionamento* e a *união* da Mãe de Cristo com o Espírito, no qual o Pai eternamente gera o Filho.

S. Agostinho, na sua doutrina sobre a Santíssima Trindade, dizia que o Pai é aquele que ama, o Filho é o amado, e o Espírito é o amor¹². O santo mártir polonês de Auschwitz e poeta da Imaculada, Maximiliano Kolbe, como que parafrazeando o grande Padre da Igreja, no dia em que foi aprisionado pelos alemães escreveu que o Pai é aquele que eternamente gera

¹¹ F-X. Durrwell, *Mary, Icon of the Spirit and of the Church*, Saint Paul, Slough 1991, s. 26-27.

¹² S. Agostinho, *Sobre a Trindade*, VIII, 14.

o Filho, o Filho é eternamente gerado, e o Espírito é o fruto do divino amor, a increiada Imaculada Conceição¹³. O já acima mencionado F. X. Durrwell, por sua vez, apresenta o Espírito Santo como o poder da divina conceição, o seio de Deus, no qual o Pai eternamente gera o Filho, e o Filho, pela Sua filial obediência, abre-se à ação do Pai e torna-se fonte de salvação para aqueles que pela fé, ou seja, pelo oferecimento de si mesmos a Deus, aproximam-se d'Ele (cf. Hb 2,5-18)¹⁴.

Maria, que quatro anos após a proclamação do dogma por Pio IX apresenta a si mesma como a Imaculada Conceição, completa aquilo que até seculares discussões teológicas não tiveram condições de expressar de forma adequada. Ela é a verdadeira criatura de Deus, tal qual Deus sempre quis ter; a autêntica *pessoa*, isto é, vivendo em *estreito relacionamento* com Deus como Mãe de Seu Filho, e isso porque *desde o início* está Repleta do Seu Espírito. Foi n'Ele que, “quando se completou o tempo previsto” (Gl 4,4), na realidade terrena da vida humana realizou-se o eterno mistério divino da geração do Filho pelo Pai, porquanto a Redenção consiste em que o Pai gera o Filho para o ser humano no mundo por Ele criado, e todo aquele que O aceita alcança a salvação (cf. Jo 3,16ss.). E Maria, nesse salvífico plano de Deus, como a criada Imaculada Conceição, permite que também o Filho seja gerado em forma corporal (cf. LG 56). Ela se torna o ícone e o templo daquele Espírito do qual em Seu seio se concebe Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Salvador e Salvação do mundo.

A Imaculada Conceição é, portanto, o nome de Maria que define a Sua vocação e missão, com a mesma precisão daquele a Ela conferido pelos crentes: Mãe (cf. Jo 2,1; 19,25; III Concílio Ecumênico de Éfeso em 431, onde a Virgem Mãe foi chamada *Theotokos* – Mãe de Deus). O fato de Maria se ter tornado Mãe de Cristo e da Igreja está indissolúvelmente unido com o mistério da Sua Imaculada Conceição, isto é, da Sua união tão plena com o Espírito Santo que aquilo que eternamente existe em Deus pôde existir na terra: “*Verbum caro factum est et habitavit in nobis*”. A Sua Imaculada Conceição manifesta-se, portanto, na Anunciação, e é nessa fes-

¹³ Cf. M. M. Kolbe, *Wybór pism*, n. 370, red. J. Bar, ATK, Warszawa 1973, pp. 597-598. Uma concisa apresentação das reflexões de S. Maximiliano Kolbe sobre o mistério da Imaculada Conceição encontra-se em: G. Bartosik, *Duch Święty a pośrednictwo Matki Bożej według świętego Maksymiliana M. Kolbego*, in: <http://ptm.rel.pl/czytelnia/artykuly/44-duch-swiety-a-posrednictwo-matki-bozej-wedlug-sw-maksymiliana-m-kolbego.html>.

¹⁴ Cf. F-X. Durrwell, *Mary, Icon of the Spirit and of the Church*, op. cit., pp. 13-28. Uma análise detalhada dessa questão encontra-se em: F-X. Durrwell, *Christ our Passover. The Indispensable Role of Resurrection in Our Salvation*, Redemptorist Publications, Hampshire 2004.

tividade que Ela também anuncia o Seu nome em Lourdes. O sinal dessa realidade teológica em Maria é o Seu *Sim* oferecido a Deus: “*Fiat mihi secundum Verbum Tuum*”.

Esse é o protótipo da *Oblatio* do Padre Estanislau Papczyński. O mistério da Imaculada Conceição da SVM exige d’Ela mesma o total *dom de si mesma*, porque também Deus preenche Maria em toda a plenitude, respeitando a Sua capacidade humana de aceitá-Lo. Se Deus inspirou o Padre Papczyński para fundar a Ordem da Imaculada Conceição da SVM, teve realmente de gravar em sua alma a imagem desse Instituto, cuja essência é o total *oferecimento de si mesmo* por Cristo e pela Igreja. O lema mariano *Pro Christo et Ecclesia* expressa em sua essência o âmago do mistério da Imaculada Conceição de Maria. O Padre Fundador o pronuncia pela primeira vez em sua *Oblatio*, respondendo ao dom carismático desse mistério mariano. Nada para si mesmo. Tudo para Deus e para a Sua Obra. O desejo de tal vida só pode provir do Espírito Santo. Foi também o Espírito Santo que inspirou S. Estanislau de Jesus e Maria a abrir o caminho à Imaculada Conceição da SVM para os marianos pelo oferecimento de si mesmo a Deus e à Igreja. Portanto o carisma dos marianos é o *caminho* da Imaculada Conceição da SVM. O primeiro passo nesse caminho, a *Oblatio* do Padre Papczyński, é ao mesmo tempo a apresentação da plenitude e da essência desse mistério.

A *Oblatio* e os conselhos evangélicos. Da consagração à profissão dos conselhos evangélicos

Introdução

A presente comunicação apresenta a passagem do *oferecimento de si mesmo* ou da *consagração*, apresentada no primeiro parágrafo da *Oblatio* do nosso Fundador, S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, à profissão dos conselhos evangélicos da castidade, obediência e pobreza. O objetivo da presente informação é apresentar o relacionamento interno entre essas duas dimensões. Pode-se dizer que o *total oferecimento de si mesmo* pelo Padre Estanislau constitui o âmage ou a “alma” da *Oblatio*, enquanto que os conselhos evangélicos criam o seu formato ou, em outras palavras, o seu “corpo”. Conforme será apresentado, a primazia do total oferecimento de si mesmo, como expressão de amor em relação a Deus e ao próximo (cf. Mt 22,36-40), assegura os adequados fundamentos e a complementação da consagração religiosa vivenciados pela observância dos conselhos evangélicos. O objetivo da consagração religiosa é a santidade, a perfeição do dom de si mesmo no amor.¹

Na realidade, o objetivo dos conselhos evangélicos é o serviço como instrumento para a conquista da perfeição no amor, que é a perfeição definitiva na santidade.²

¹ “Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, [...] e exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, [...] aparecem dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos. A prática destes conselhos, abraçada sob a moção do Espírito Santo por muitos cristãos, quer privadamente quer nas condições ou estados aprovados pela Igreja, leva e deve levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade” (LG 39).

² “Trata-se de uma exigência prioritária, inscrita na própria essência da vida consagrada, uma vez que, como qualquer outro batizado, antes por motivos ainda mais prementes, quem professa os conselhos evangélicos é obrigado a tender com todas as suas forças à perfeição da caridade” (VC 93).

A consagração como oferecimento total e consagração de si mesmo

No primeiro parágrafo da *Oblatio* o nosso Fundador inicialmente apresenta a si mesmo e a seguir utiliza dois verbos latinos: *offero* e *dedico*.³ Apesar de a palavra *dedico* ser traduzida para a língua inglesa [portuguesa] como “consagração”⁴, pessoalmente acredito que ela deve ser reservada a Deus, que foi o primeiro a “chamar” S. Estanislau a oferecer a si mesmo. “A dedicação a Deus, a consagração é a base da vida religiosa. A Igreja, dando a isso uma profunda ênfase, em primeiro plano destaca a iniciativa de Deus e aquilo que é o fundamento da vida religiosa – a transformadora união com Deus. A consagração é um ato divino” (EE 5). Portanto, o oferecimento de si mesmo de S. Estanislau permite – numa situação em que isso não está clara e literalmente expresso – a iniciativa do Pai, que foi o primeiro a oferecer a si mesmo por Jesus Cristo. Esse precedente dom divino, a saber, que Deus foi o primeiro a amar (cf. 1Jo 4,1), permite em troca o oferecimento de si mesmo do Padre Estanislau.

Deus chama alguém, separa-o para de maneira especial se consagrar a Ele. Ao mesmo tempo concede a necessária graça para responder a essa vocação de maneira que a expressão dessa dedicação da parte do ser humano seja uma plena e voluntária entrega de si mesmo. O relacionamento que surge em consequência disso é um puro dom. É aliança no mútuo amor e na fidelidade, na comunhão e na missão, contraída para a glória de Deus, é a alegria da pessoa consagrada e a salvação do mundo (EE 5).

Offero e *dedico* são ao mesmo tempo verbos que representam a colaboração humana com Deus e se relacionam com a Sua ação em relação

³ “*Ego Stanislaus a Iesu Maria Papczyński Filius secundum carnem Thomae de Podegrodzie Diaecesis Cracoviensis, annorum quadraginta, offero, ac dedico...*”; *Oblatio*, in: Scripta Historica P. Stanisłai a I. M. Papczyński, ed. crítica C. Krzyżanowski. *Fontes Historiae Marianorum*, vol. 8, Institutum Historicum Marianorum Varsaviae 1999, p. 29-30.

⁴ “Eu, Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, segundo a carne filho de Tomás de Podegrodzie, da diocese de Cracóvia, com a idade de quarenta anos, ofereço e consagro a Deus Pai Todo-Poderoso, ao Filho e ao Espírito Santo, e também à Mãe de Deus sempre Virgem Maria, concebida sem o pecado original...”; *Historical Writings of Bl. Stanislaus of Jesus and Mary Papczyński, Founder of the Congregation of Marian Fathers*, trad. Casimir Krzyżanowski MIC, Stockbridge, MA 2007, p. 28.

à consagração. Nesse sentido, o oferecimento de si mesmo pelo Padre Estanislau é uma resposta ao precedente e contínuo dom de Deus Pai em Jesus: “O início da vida consagrada mariana é o afável e amoroso chamado de Deus Pai”⁵. A promessa final do Padre Estanislau de viver segundo os conselhos evangélicos é, portanto, a sua resposta ao precedente dom de Deus Pai⁶. Os conselhos evangélicos lhe possibilitam o total oferecimento de si mesmo pela recriação em si da forma de vida que Cristo escolheu⁷. A base para tal empreendimento dos conselhos evangélicos é o excepcional relacionamento com que Deus agraciou S. Estanislau pelo Espírito Santo⁸. Esse contexto é uma indispensável complementação do oferecimento do Padre Estanislau, visto que constitui o seu fundamento: a sua *Oblatio* é uma resposta ao precedente oferecimento de Deus em Cristo.

Efetivamente, esse aspecto da experiência do desinteressado e misericordioso chamado pelo Pai torna-se a base para o Padre Estanislau e para os marianos que são chamados à imitação de Maria Imaculada, respondendo plenamente ao dom da Sua Imaculada Conceição:

A autêntica vivência da nossa identidade como Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria exige que nós mesmos experimentemos, pelo poder do Espírito Santo, o dom do salvífico amor de Deus no encontro pessoal com Jesus Cristo. Da mesma forma que na vida de Maria, a nossa experiência do salvífico amor de Deus expressa-se numa vida repleta de alegria, amor, gratidão, humildade e glorificação de Deus. Como marianos, somos chamados

⁵ “Está aqui o sentido da vocação à vida consagrada: uma iniciativa total do Pai (cf. Jo 15,16), que requer daqueles que escolhe uma resposta de dedicação plena e exclusiva. [...] Correspondo a este apelo acompanhado por uma atração interior, a pessoa chamada entrega-se ao amor de Deus, que a quer exclusivamente ao seu serviço, e consagra-se totalmente a Ele e ao seu desígnio de salvação”; *Ratio formationis marianorum*, n. 14 (a seguir: RFM); cf. VC 17.

⁶ “Eles são a resposta ao precedente dom de Deus, que, sendo um dom de amor, permanece fora de quaisquer razões. Trata-se de algo que o próprio Deus realiza na pessoa que escolheu” (EE 13).

⁷ “É precisamente desta graça especial de intimidade que brota, na vida consagrada, a possibilidade e a exigência do dom total de si mesmo na profissão dos conselhos evangélicos. [...] Na verdade, pela profissão dos conselhos, o consagrado não só faz de Cristo o sentido da própria vida, mas preocupa-se por reproduzir em si mesmo, na medida do possível, ‘aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo’” (VC 16)

⁸ “O fundamento evangélico da vida consagrada há de ser procurado naquela relação especial que Jesus, durante a sua existência terrena, estabeleceu com alguns dos seus discípulos, [...] Esta existência ‘cristiforme’, proposta a tantos batizados ao longo da história, só é possível com base numa vocação especial e por um dom peculiar do Espírito” (VC 14).

para darmos testemunho de tal estilo de vida diante de todos. O afável e misericordioso dom do salvífico amor de Deus é para nós uma fonte de anseio e de força, graças aos quais podemos responder à iniciativa divina. Esse dom nos conduz a uma generosa entrega a Cristo e à Sua missão...⁹

Da mesma forma que Maria experimentou o dom de Deus no momento da sua concepção, também S. Estanislau – nascido graças às orações de sua mãe, quando ainda se encontrava em seu seio – experimentou a proteção de Maria Virgem e da Providência de Deus, que protegeu a ele mesmo e sua mãe da morte.

Após a explicação do significado dos dois verbos principais – *offero* e *dedico*, S. Estanislau aponta aqueles aos quais se oferece e dedica: o Deus Pai todo-poderoso, o Filho e o Espírito Santo, bem como Maria sempre Virgem, Mãe de Deus, concebida sem o pecado original. A ênfase visível na disposição latina das palavras é dada ao oferecimento de uma pessoa (S. Estanislau) a outras pessoas (a Santíssima Trindade e Maria). A seguir o Padre Estanislau menciona exatamente o que oferece: “meu coração, minha alma, a inteligência, a memória, a vontade, os sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada absolutamente deixando a mim mesmo, para que dessa forma eu seja a partir de agora servo deste Todo-Poderoso e da beata Virgem Maria” (*Oblatio*, p. 1258)¹⁰.

O primeiro parágrafo da *Oblatio* enfatiza, portanto, os efeitos decorrentes do oferecimento e da dedicação, que são uma resposta do ser humano à santificante ação de Deus. Através de tal dom de si mesmo, S. Estanislau confessa e confirma a verdade de que pertence inteiramente a Deus Uno e Trino, “nada deixando a si mesmo”. Essa oração de S. Estanislau é muito semelhante à oração de S. Inácio de Loyola chamada *Suspice*¹¹, no entanto é muito mais pessoal e detalhada. Vale a pena observar que S. Inácio

⁹ RFM 19.

¹⁰ “[...] *cor meum, animam meam, intellectum, memoriam, voluntatem, affectus, mentem totam, animum totum, sensos interiores et exteriores, et corpus meum, nihil mihi penitus relinquendo*”. *Oblatio*, in: *Scripta Historica P. Stanislai a I. M. Papczyński*, op. cit. p. 29.

¹¹ Cf. S. Inácio de Loyola, *Ćwiczenia duchowne, Kontemplacja dla uzyskania miłości*, nr 230-234, trad. J. Ożóg, Kraków, 2016, p. 88: “Leva, Senhor e aceita toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade, tudo que tenho e que possuo. Tu, Senhor, me deste isso, a Ti o devolvo. Tudo é Teu. Dispõe disso segundo a Tua vontade. Dá-me somente o Teu amor e a Tua graça, e isso me será suficiente”.

localiza a sua oração *Suspice* no final dos *Exercícios espirituais*, na *Contemplação para alcançar o amor*, como resposta à onipresente liberalidade de Deus. Pode-se supor que S. Estanislau também tinha consciência dessa liberalidade divina, para o que apontam duas meditações inseridas em *Inspectio cordis* e relacionadas aos benefícios divinos gerais e específicos (IC, *Sobre os benefícios gerais*, p. 839ss. e *Sobre os benefícios específicos de Deus*, p. 841ss.).

A fórmula dos votos religiosos que se encontra em *Norma vitae* está de acordo com o texto contido na *Oblatio* e confere ênfase à primazia do oferecimento, que é a seguir realizado pela prática dos conselhos evangélicos: “Eu [...], por puro amor a Deus, para a Sua maior glória e a honra da Seletíssima Virgem [...], ofereço-me à Divina Majestade [...] e prometo a pobreza, a castidade e a obediência [diante do] superior” (NV I, 6, p. 50). Ela é significativamente diferente da atual fórmula da profissão, que se inicia com a profissão dos votos religiosos presente nas Constituições¹². Embora se possa supor que tal oferecimento total se encerra nos votos, um elemento importante é que S. Estanislau primeiramente se ofereceu, mencionando apenas os conselhos evangélicos como forma de vivenciar esse oferecimento.

A consagração pela profissão dos conselhos evangélicos

Assim, pois, somente o segundo e no terceiro parágrafo da *Oblatio* o nosso Fundador Santo Estanislau promete (*promitto*) viver até o final da sua vida na castidade, na obediência e na pobreza. Enquanto o primeiro parágrafo expressa as ações presentes, o segundo – como promessa – aponta para as futuras ações de S. Estanislau, até a morte. Aponta ele aqui para a forma concreta como pretende viver no mencionado oferecimento de si mesmo a Deus: em cooperação com a santificante ação do Espírito Santo, isto é, segundo os conselhos evangélicos¹³. Na realidade, a profissão dos

¹² “Eu, N. N., para a glória de Deus Uno e Trino e em honra da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, para sufragar os falecidos e difundir o Reino de Deus, diante de toda a comunidade, em Tuas mãos, Venerável Pai, prometo a Deus Todo-Poderoso...” (Constituições, n. 192).

¹³ “Essa profissão, feita para imitar a Cristo, é sinal de uma especial consagração, que ‘pelas suas raízes atinge profundamente a consagração do santo batismo e mais plenamente a revela’ (PC 5). Essa expressão mais plena exige a ajuda divina da pessoa da Palavra, maior que a natureza humana, que assumiu e convida a uma resposta semelhante àquela que deu Jesus: à consagração

conselhos evangélicos é a tríplice expressão do mesmo “sim” à total dedicação a Deus¹⁴.

Enquanto que o oferecimento total de si mesmo, abordado no primeiro parágrafo, pode ser descrito como a forma ou a realidade interior da consagração, os votos evangélicos são a essência ou a manifestação visível dessa vida consagrada¹⁵. Esse formato concreto é extraído do exemplo do próprio Jesus Cristo, que na terra viveu na castidade, obediência e pobreza. Através dos conselhos evangélicos, S. Estanislau – e todos os futuros marianos – se comprometem a realizar a tarefa mais importante, que é a fiel imitação de Cristo¹⁶. Os conselhos evangélicos não são, portanto, um acréscimo exterior à vida oferecida a Deus; são antes a expressão encarnada dessa vida totalmente oferecida e dedicada a Deus. Isso significa que a pessoa não pode viver na entrega total a Deus de forma arbitrária, mas exclusivamente pela imitação da vida do Único Consagrado¹⁷. “Jesus é aquele a quem o Pai consagrou e enviou ao caminho mais importante” (cf. Jo 10,36)” (EE 6).

Um outro exemplo da total entrega a Deus é Maria Imaculada, que viveu numa união espiritual pessoal com Jesus. “Maria é, de fato, exemplo sublime de perfeita consagração, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus”¹⁸. Na realidade, a profissão dos conselhos evangélicos coloca o ser humano numa próxima união espiritual com Maria¹⁹. De acordo com a primeira Regra de vida (a saber, a Regra das dez virtudes da Santíssima Virgem

a Deus a tal ponto que só graças a Ele é possível, e que será o testemunho dado à sua santidade e ao seu absoluto. Tal consagração é um dom de Deus: é uma graça dada gratuitamente” (EE 7).

¹⁴ “Sendo uma resposta ao dom de Deus, os votos são uma tríplice expressão daquele mesmo ‘sim’ diante do relacionamento único que cria a total consagração. Eles são o ato pelo qual o religioso ou a religiosa ‘por um título novo e especial fica destinado ao serviço do Senhor’ (LG 44)” (EE 14).

¹⁵ “Cada um dos votos possui o seu objeto específico: são eles as três formas de engajamento, para viver como viveu Cristo, em áreas que envolvem toda a vida: na área da posse, dos sentimentos, da independência. Cada um deles dá ênfase ao relacionamento com Jesus, consagrado e enviado” (EE 15).

¹⁶ “A tarefa básica de um mariano é a fiel imitação de Cristo pela assunção do mesmo estilo de vida que Ele levou – na pobreza, castidade e obediência ao Pai – em razão do Reino de Deus” (RFM 15).

¹⁷ “Jesus é aquele a quem ‘Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder’ (At 10,38), ‘que o Pai consagrou e enviou ao mundo’ (Jo 10,36). Recebendo a consagração do Pai, o Filho consagra-se por sua vez ao Pai pela humanidade (cf. Jo 17,19)” (VC 22).

¹⁸ “A vida consagrada contempla-A como modelo sublime de consagração ao Pai, de união com o Filho e de docilidade ao Espírito, na certeza de que aderir ‘ao gênero de vida virginal e pobre’ de Cristo significa assumir também o gênero de vida de Maria” (VC 28).

¹⁹ “Inegável é, ainda, que a prática dos conselhos constitui também uma forma particularmente íntima e fecunda de tomar parte na missão de Cristo seguindo o exemplo de Maria de

Maria), os marianos viviam e devem viver oferecendo-se a Deus Uno e Trino, imitando as virtudes evangélicas de Maria²⁰. Trata-se, portanto, de um especial e excepcional dom de si mesmo oferecido a Deus em Maria e por Maria, como S. Estanislau enfatiza em *Oblatio*: que oferece a si mesmo não apenas a Deus, mas também à Santíssima Virgem Maria, concebida sem pecado²¹. Esse oferecimento de si mesmo a Maria é fundamentado, porque Ela é para os marianos o modelo da vida consagrada, porque estimula a uma vida que é uma proveitosa resposta a Deus pela prática dos conselhos evangélicos²².

A primazia do oferecimento de si mesmo: a apropriada sequência da *Oblatio*

Numa situação em que três questões (a consagração a Deus, o oferecimento e a dedicação de si mesmo e a profissão dos conselhos evangélicos) são mantidas juntas, com a preservação da adequada tensão e sequência, torna-se evidente que a profissão dos conselhos evangélicos, como tal, não constitui um objetivo, mas é antes um meio para a plena obtenção do dom de Deus e para um oferecimento mais pleno ainda a Ele. A profissão dos conselhos evangélicos se expressa como um objetivo quando a observância exterior das normas é excessivamente enfatizada, sem a preservação do adequado dinamismo interior relacionado com o oferecimento de si mesmo. O apropriado objetivo dos conselhos evangélicos é a apresentação de Cristo ao mundo²³. Eles são, portanto, uma expressão da ação do Espírito,

Nazaré, primeira discípula, que aceitou colocar-se ao serviço do desígnio divino com o dom total de si mesma” (VC 18).

²⁰ “Em Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, a vida religiosa atinge de maneira especial uma mais profunda compreensão de si mesmo e encontra o sinal de certa esperança (cf. LG 68). [...] Maria em toda a sua vida demonstrou aqueles valores aos quais se encaminha a consagração religiosa. Ela é a Mãe dos religiosos, sendo Mãe d’Aquele que foi consagrado e enviado; em Seu *fiat* e *Magnificat* a vida religiosa encontra a plenitude da renúncia e a alegria cheia de enlevo que acarreta a obra da consagração realizada por Deus” (EE 53).

²¹ “[...] *bem como a Mãe de Deus sempre Virgem Maria concebida sem a mácula original*”; *Oblatio*, p. 1258.

²² “Assim, pois, Maria é o modelo da nossa vida consagrada. D’Ela haurimos inspiração para responder ao Senhor aos Seus chamados na nossa vida diária. Fixamos o nosso olhar n’Ela para com Ela aprendermos a proveitosamente vivenciar a nossa consagrada castidade, pobreza e obediência, na incessante luta com a tríplice concupiscência (cf. 1Jo 2,16), com toda tentação e com o pecado” (RFM 20).

²³ “Através da profissão dos conselhos evangélicos, os traços característicos de Jesus — vir-

que mobiliza o coração de todo mariano para que ele responda plenamente ao Pai pela assimilação a Cristo²⁴. O Espírito Santo imprime em toda a pessoa, como o oleiro na argila (cf. Is 64,8; Jr 18,1-10), os propósitos de Cristo (cf. Fl 2,5-8; 1Cor 2,16)²⁵. Nesse sentido o caminho dos conselhos evangélicos serve como complementação do oferecimento de si mesmo, como um meio especial escolhido por Cristo e por Maria Imaculada para crescer no oferecimento de si mesmo até a morte (cf. Jo 13,1; Fl 2,6-11). Tal consagração significa a morte para as formas de existência neste mundo, para já agora familiarizar-se com a forma de existência de Cristo no Reino de Deus que se aproxima (cf. 1Cor 7,29-31).

No discernimento da ação divina relacionada com a consagração como chamado ao oferecimento de si mesmo, a pessoa descobre que nunca decidiu a respeito de si mesma e não pertenceu a si mesma, mas só e exclusivamente ao Senhor, que a criou à Sua imagem e semelhança (cf. Rm 14,7-9; Gn 1,27). Na realidade nenhum ser humano – e especialmente nenhum religioso – depende totalmente de si mesmo, porquanto sempre pertence a Deus, como Sua Criatura e Seu filho amado. O pecado é uma tentativa de romper esse vínculo filial com o Pai. Através de uma tão radical submissão ao Pai na imitação de Jesus, o Espírito Santo ensina aos marianos a participação na vida trinitária na forma encarnada dos conselhos evangélicos²⁶. Através dos conselhos evangélicos a pessoa vive *graças ao* Pai (sendo inteiramente dependente d’Ele), *no* Espírito Santo (respirando e agindo no amor), *com* o Filho (imitando a Sua vida). Isso significa que, na medida em que o Filho recebeu tudo do Pai como um dom do Espírito Santo, Ele o entrega com ação de graças, nesse mesmo Espírito, ao Pai pela Sua vida

gem, pobre e obediente — adquirem uma típica e permanente ‘visibilidade’ no meio do mundo” (VC 1). “Os conselhos evangélicos, pelos quais Cristo convida alguns a partilharem a sua experiência de pessoa virgem, pobre e obediente, requerem e manifestam, em quem acolhe o convite, o desejo explícito de conformação total com Ele” (VC 18).

²⁴ “Foi o Espírito Santo que mobilizou os nossos corações para que pudéssemos plenamente responder à voz de Deus convocando-nos a assumir o caminho da vida mariana. É Ele que desperta em nós o desejo dessa resposta e dirige o seu crescimento, de maneira que possa frutificar: sustenta-a quando no dia a dia fielmente a transformamos em ação; é Ele que molda os nossos corações, assimilando-nos a Cristo e induzindo-nos a fazermos da Sua missão a nossa própria” (RFM 18).

²⁵ Cf. A. Cencini, *Synowskie uczucia. Droga formacyjna w życiu konsekrowanym*, trad. J. Męrecki, Kraków, 2005.

²⁶ “A relação dos conselhos evangélicos com a Trindade santa e santificadora revela o sentido mais profundo deles. Na verdade, são expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na unidade do Espírito Santo. Praticando-os, a pessoa consagrada vive, com particular intensidade, o caráter trinitário e cristológico que caracteriza toda a vida cristã” (VC 21).

segundo os conselhos evangélicos, e especialmente pelo mistério pascal (cf. Hb 9,14).

Os conselhos evangélicos constituem uma unidade quando são observados da perspectiva do Deus Uno e Trino do amor: eles são a expressão encarnada do amor de Deus que se torna corpo em Jesus Cristo, bem como nos seus discípulos e nos religiosos. Os conselhos evangélicos, portanto, encarnam e completam a obra divina da consagração do ser humano. O total oferecimento de si mesmo, que se realiza graças à *palavra* pela *Oblatio*, é vivenciado por todo mariano – a exemplo de S. Estanislau – no seu ministério diário. Isso significa que pela ação do Espírito, que santifica, a *palavra* pronunciada pelo Padre Estanislau se torna *corpo* nos conselhos evangélicos (cf. Jo 1,14).

Orientações aos marianos para hoje

A base para a vida segundo os conselhos evangélicos é o *total* oferecimento de si mesmo a Deus, *sem quaisquer condições: nihil mihi penitus relinquendo*. A lei contida nas Constituições relacionada com a forma de viver segundo os conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência não deve *restringir* o oferecimento de si mesmo, mas antes apontar a direção e o claro objetivo: a saber, a perfeição na prática do amor expressa na total entrega de si mesmo. Na realidade a vocação mariana brota da experiência pessoal do amor de Deus: “A autêntica vivência da nossa identidade como Marianos da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria exige que nós mesmos experimentemos, pelo poder do Espírito Santo, o dom do salvífico amor de Deus no encontro pessoal com Jesus Cristo”²⁷. Nós recebemos esse dom do salvífico amor de Deus no momento da concepção, no momento em que o Espírito Santo pela primeira vez proporciona o sopro da vida a cada um de nós, e perdura até a eternidade; somente à luz desse total oferecimento de si mesmo no amor um mariano será capaz de retribuir esse total dom de si mesmo no amor a Cristo e à Igreja.

²⁷ “Da mesma forma que na vida de Maria, a nossa experiência do salvífico amor de Deus expressa-se numa vida cheia de alegria, amor, gratidão, humildade e glorificação de Deus. Como marianos, somos chamados a dar testemunho de tal vida diante de todos. O afável e misericordioso dom do salvífico amor de Deus é para nós fonte de desejo e força, graças aos quais podemos responder à iniciativa de Deus. Esse dom nos conduz a uma generosa entrega a Cristo e à Sua missão” (RFM 19).

Mas alguém poderia perguntar: o que seria numa situação em que um mariano professasse os votos da pobreza, castidade e obediência, mas sem a experiência pessoal do amor de Deus, que lhe permite a participação nesse *total* oferecimento de si mesmo e na imitação do Padre Estanislau? Nesse caso estamos falando de um coirmão que não vive em comunhão com o Senhor Ressuscitado, entregando-Lhe tudo voluntariamente (cf. Mt 10,8), para cumprir a Sua vontade e proclamar o Seu Reino (cf. Mt 6,33). Tal coirmão é limitado em sua liberalidade; nesse caso talvez ele se concentre mais em normas e regulamentos aprendidos do que no Espírito Santo, que inspira e os extrapola (cf. Mt 23,23. 2Cor 3,6)²⁸. No livro intitulado *Kinship by Covenant* (Parentesco por aliança), Scott Hahn esclarece essa questão à luz do modelo bíblico da aliança: a aliança é uma troca de pessoas em razão da qual elas se tornam aparentadas, ao passo que os contratos dizem respeito à troca de tarefas entre duas partes, que permanecem mutuamente não unidas²⁹. A vida religiosa, como foi definido acima, é um relacionamento de aliança com Deus; a dimensão legal estabelecida está subordinada justamente a essa aliança³⁰.

Numa situação em que a dimensão da aliança (apontada no primeiro parágrafo de *Oblatio*, que enfatiza a troca de pessoas: *ego, Deo e Mariae*) é deixada de lado, o espírito das Constituições se perde, bem como falta o total oferecimento de si mesmo e a dedicação a Deus. O contraste entre essas duas formas de vida segundo a Lei (uma interior, pelo Espírito Santo, a outra exterior, com base na palavra escrita)³¹ é visível na diferença entre os fariseus, bem vestidos e respeitados por todos, e o total oferecimento do Senhor no Calvário, que foi crucificado nu e publicamente humilhado (cf. Mt 23; Hb 13,12). Esse perigo nada mais é do que o perigo muitas ve-

²⁸ Cf. o contraste para o qual muitas vezes apontou Jesus entre os escritos e o dinamismo interior do Pentateuco, especialmente no Sermão da Montanha, no capítulo quinto do Evangelho de S. Mateus: C. Mitch, E. Sri, *Ewangelia według św. Mateusza. Katolicki komentarz do Pisma Świętego, Kazanie na górze. Część I: Przesłanie o królestwie* (5,1-48), trad. E. Litak, Poznań, 2019, pp. 63-86.

²⁹ Cf. Scott Hahn, *Kinship by Covenant*, New Haven, 2009; Scott Hahn, *A Father who Keeps his Promises. God's Covenant Love in Scripture*, Cincinnati, 1998.

³⁰ "A própria natureza da vocação religiosa exige o testemunho público sobre Cristo e sobre a Igreja. A profissão religiosa realiza-se através dos votos, que a Igreja aceita como públicos. A forma permanente de vida comum no instituto, instituído canonicamente pela competente autoridade eclesiástica, apresenta de forma visível a aliança e a comunhão, cuja expressão é a vida religiosa" (EE 10).

³¹ Cf. CIC 1966; cf. *Summa Theologiae* I-II, q. 106, a. 1, resp.; cf. F. X. Durwell, *Holy Spirit of God. An Essay in Biblical Theology*, Cincinnati, 2006.

zes apontado por Jesus em relação aos fariseus: o apego à lei escrita sem observá-la na abordagem espiritual, isto é, sem a perspectiva de um dom total de si mesmo feito por amor (cf. Gl 5,14)³². Tal diferença resulta da incapacidade de viver no total afastamento, proposto por S. Inácio de Loyola na primeira norma, que ele chama de Base e fundamento, relacionada com a voluntária escolha de Deus como o fim último³³. Isso se manifesta com frequência numa refinada forma de vida, sobretudo na aversão a subordinar-se e a ser obediente (IC, *Da necessidade do exame de consciência das virtudes*, p. 843ss.; *Sobre a obediência*, p. 845ss.); na aversão a subordinar-se a um determinado apostolado ou a ser enviado para o exterior; na citação de um artigo das Constituições para justificar a posse de certos bens materiais de forma desordenada e que mostra o apego a eles (cf. IC, *Sobre a virtude da pobreza*, p. 850ss. e *Sobre a mesma virtude da pobreza*, p. 852ss.); na vivência do voto da castidade apenas como uma simples abstinência, não como a plenitude do amor oferecido a Cristo e à Igreja (cf. Ef 5,25). O total oferecimento de si mesmo exige o abandono da chamada “zona de conforto” das expectativas e dos hábitos pessoais, para sermos incessantemente convocados da nossa pátria, como Abraão (cf. Ex 12,1-2), abandonarmos tudo e seguirmos os passos de Jesus, como os primeiros discípulos (cf. Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11).

O que ameaça o religioso é certa postura minimalista de manter o *status quo* (por vezes oculta sob o exagerado desejo de ser conservador e ortodoxo na teologia), sem entrar no dinamismo do primeiro parágrafo, isto é, sem a radical e contínua mudança exigida pelo Evangelho em razão do dom total feito de si mesmo, que perdura até o fim dos dias terrenos na apropriada forma de viver segundo os conselhos evangélicos³⁴. O importante é se lembrar de que S. Estanislau, sendo fiel à doutrina da Igreja (o que foi dito no quarto parágrafo da *Oblatio*), cumpre ao mesmo tempo a missão

³² Cf. C. Mitch, E. Sri, *Ewangelia wg św. Mateusza. Katolicki komentarz do Pisma Świętego, Kazanie na górze. Część I: Przesłanie o królestwie* (5, 1-48), op. cit., pp. 63-86.

³³ Cf. S. Inácio de Loyola, *Ćwiczenia duchowne*, op. cit., n. 33; cf. S. João da Cruz, *Droga na górę Karmel*, livro I, cap. 11, 4, trad. Bernard Smyrak OCD, Kraków, 2013; S. João utiliza-se da imagem da ave que não pode elevar-se no ar visto que a segura um cabo ou um fio, que são os símbolos dos apegos que impossibilitam a realização da transformação total para a glória de Deus. Cf. “Que Deus e a Sua glória se tornem o centro de toda a minha vida, o eixo em torno do qual devem girar todos os meus pensamentos, sentimentos, anseios e ações”; Beato Jorge Matulewicz, *Dziennik duchowy*, trad. Kazimierz Oksiutowicz MIC, Warszawa, 1988, p. 36.

³⁴ “Deve ele ao mesmo tempo ter a vontade de assumir uma vida em espírito radical e contínua conversão, da forma como o exige o Evangelho e como define o conteúdo de cada um dos votos” (EE 16).

profética de um religioso, antecipando-se à doutrina então vigente na Igreja e professando (ao preço até da própria vida) a verdade relacionada com a Imaculada Conceição³⁵. Os votos não podem ser separados das radicais exigências relacionadas ao pertencimento ao círculo dos discípulos de Jesus Cristo, cujo cumprimento é possível graças ao Espírito Santo (cf. Mt 19,26). Caso contrário a legislação se transforma numa tentativa de suavizar as radicais exigências de Jesus, o que se opõe às Constituições, que ordenam a plena subordinação da vida toda ao Evangelho e ao ser discípulo de Jesus³⁶.

A primazia de ser discípulo e do amor na formação mariana

Uma questão que é indispensável na formação é a necessidade de formar os marianos de tal forma que sejam os primeiros discípulos fascinados com as pessoas de Jesus e de Maria Imaculada. Somente pelo encontro pessoal com esses sentimentos – recebendo o dom do seu amor – as pessoas são capazes de seguir o exemplo do amor d’Eles³⁷. As crises na vocação surgem sobretudo não em razão de uma inadequada percepção da própria vocação, mas antes em razão das dúvidas, que abalam o fundamento da fé em Jesus Cristo³⁸. Portanto a causa da crise de vocação – tanto da falta de vocações como do afastamento dos religiosos no decorrer da formação, e até após os votos perpétuos – resulta da frágil identidade de um mariano como discípulo de Jesus Cristo (cf. RFM 29ss.). Isso significa que lhe falta o potencial para o encontro com Cristo e para expressar uma resposta positiva às Suas exigências, não apenas na questão de ser Seu discípulo (cf. Lc

³⁵ “Confesso que creio em tudo em que crê a Santa Igreja Romana e no que no futuro fornecer para a crença, e de maneira especial confesso que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem a mácula original, e prometo que vou propagar a Sua honra e defendê-la ainda que seja à custa da minha vida. Para isso me ajude Deus e este Santo Divino Evangelho” (*Oblatio*, p. 1259).

³⁶ Cf. “A santidade da Igreja de Cristo apresenta-se e se fortalece de maneira especial pela prática dos conselhos evangélicos, que, como baseados nas palavras e nos exemplos do Senhor, os coirmãos assumem com gratidão e deles fazem uso como dos meios mais adequados para a purificação do coração e a assimilação ao amor de Cristo e de Maria Imaculada. A Sua vida seja, portanto, para o mundo um sinal visível do Reino celestial, um sinal que pode e deve atrair eficazmente outros cristãos ao decidido cumprimento das obrigações da própria vocação” (Constituições, n. 22; cf. também Constituições, n. 303).

³⁷ Cf. RFM 14-20; Constituições, n. 4-7.

³⁸ Cf. Constituições, n. 104; cf. G. Weigel, *Evangelical Catholicism: Deep Reform in the 21-st Century Church*, New York, 2014.

14,25-33), mas igualmente na busca do ideal no seguimento do caminho de vida apontado por Cristo (cf. Mt 19,16-30).

Como um corretivo da desordenada ênfase da dimensão legal em relação aos conselhos evangélicos, S, Estanislau enfatiza em *Norma vitae* a primazia do amor, que ele conscientemente localiza antes do capítulo terceiro, relacionado com os conselhos evangélicos: como amor a Deus e ao próximo (cf. Dt 6,5; Mt 22,37), que é “a regra comum e o caminho mais seguro ao céu” (NV II, 3, p. 52)³⁹. Sem o amor a Deus o servo (isto é, o mariano) seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine (cf. 1Cor 13,1); é por isso que os marianos devem procurar essa pérola preciosa (cf. Mt 13,44-46), para que tudo que fizerem seja feito por amor (cf. 1Cor 16,14). O amor é a fonte da “força” que possibilita aos marianos a observância dos conselhos que se encontram no Evangelho, bem como das demais normas, visto que “todas elas” devem ser observadas em razão do amor a Deus (cf. Jo 14,23) (cf. NV II, 2, p. 51). Todas as boas ações são praticadas no amor, e todo mal deve ser evitado em razão do amor.

Ao amor de Deus deveis consagrar toda a vossa vida, especialmente todas as ações e acontecimentos diários, bem como todos [juntos] e os diversos momentos, segundos, circunstâncias, mudanças de todas [juntas] e das diversas ações e acontecimentos. Deveis dedicá-los com a devida submissão, confiança e piedade por toda a eternidade, no altar do amor, e com o coração puro [...]. (NV II, 3, p. 51-52)

A consagração religiosa, em razão da sua natureza, introduz a comunhão entre os religiosos que vivem na comunidade, não apenas um relacionamento pessoal entre Deus e o religioso⁴⁰. A comunhão com Cristo na consagração religiosa se expressa de forma estável e visível na vida comunitária⁴¹. De fato, um dos traços característicos principais da consagração

³⁹ Cf. *Norma vitae*, cap. II referente ao amor e cap. III referente à obediência, pobreza e castidade. Cf. também A. Pakuła, *Miłość – istota życia wspólnotowego i zasada organizacji wspólnoty zakonnej według błogosławionego [sic] Stanisława Papczyńskiego*. *Ephemerides Marianorum* 2 (2013), pp. 395-410; A. Pakuła, *Duchowość zakonna według Stanisława Papczyńskiego i wczesnej tradycji Zgromadzenia Księży Marianów*, *Studia Marianorum*, vol. 12, Warszawa-Lublin, 2010, onde se descreve o excepcional arranjo presente em *Norma vitae*.

⁴⁰ “Este testemunho das pessoas consagradas assume um significado especial na vida religiosa também em razão da sua dimensão comunitária, que a caracteriza. A vida fraterna é um ambiente que favorece o discernimento e a aceitação da vontade de Deus e a permanência na unidade de mentes e corações” (EE 18).

⁴¹ “Para os religiosos, a expressão da comunhão em Cristo é sempre, e de forma perceptível, a vida comum” (EE 19).

religiosa é o testemunho da vida comunitária⁴². A *Norma vitae* enfatiza a norma resultante do amor a Deus, isto é, o amor mútuo: “Aquele dentre vós saiba que é mais caro à Divina Majestade quem for considerado como o que mais se distingue no amor mútuo. Que cada um se lembre de que a alma do seu Instituto é o amor e de que, na medida em que dele se afastar, tanto também se afastará da vida” (NV II, 4, p. 52). As obras de caridade devem ser praticadas (cf. Mt 25, 31-46) envolvendo-se com “piedoso amor” os amigos, os adversários e os inimigos (cf. NV II, 5, p. 52).

No entanto um aspecto importante que não se encontrou na *Oblatio*, visto que a comunidade religiosa ainda não tinha sido instituída, é a missão especial, a forma concreta de participação na salvífica missão de Cristo que um pouco depois aparecerá no primeiro capítulo de *Norma vitae* e na primeira (e na atual) fórmula dos votos religiosos. As nossas atuais Constituições apontam claramente para a missão no artigo terceiro, logo após o carisma, no qual lemos sobre “professar, anunciar e cultuar o mistério da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria; sufragar os próximos da morte e os falecidos que sofrem no purgatório; difundir o Reino de Deus na terra, servindo a Cristo e à Igreja”⁴³.

Em *Inspectio cordis*, o Padre Estanislau fala a seguir da necessidade e da primazia na demonstração do amor, descrevendo sem rodeios a diferença entre os religiosos que praticam o seu ministério por amor e sem ele:

“A pessoa sem amor (*sine charitate*), o religioso sem amor (*sine amore*) é como a sombra sem o sol, o corpo sem a alma, simplesmente o nada”. [...] O que no corpo é a alma, na Igreja, nas comunidades e nas casas religiosas é o amor. [...] “Retira do mundo o sol, e retirarás tudo; retira do ser humano o amor, e nada lhe deixarás”. (IC, *Sobre a mesma virtude do amor*, p. 857-858)

É por isso que, durante a formação inicial, deve ser dada ênfase ao generoso tornar-se discípulo de Jesus, ao desejo de oferecer a si mesmo e de dar a resposta “sim” ao amor de Jesus Cristo e ao cumprimento das exigências do Evangelho (cf. Jo 21,15-19). Sem o dinamismo interior do amor pessoal

⁴² “Este testemunho das pessoas consagradas assume, na vida religiosa, um significado particular também por causa da dimensão comunitária que a caracteriza. A vida fraterna é o lugar privilegiado para discernir e acolher a vontade de Deus e caminhar juntos em união de mente e coração” (VC 92).

⁴³ Cf. Constituições, n. 3, onde se encontra a descrição plena da missão.

a Jesus, que é um dom do Espírito Santo, os marianos teriam condições de apenas parcialmente viver com as exigências exteriores das Constituições, no entanto sem a alegria interior da entrega total de si mesmos ao Pai (cf. Mt 6,26-29), que é parte da nossa herança, oferecida pela Divina Providência⁴⁴. Existe igualmente certo aspecto corretivo resultante dos conselhos evangélicos: a pessoa não pode oferecer a sua vida a Deus e continuar a viver de acordo com os seus desejos ou planos, afirmando que está cumprindo a vontade de Deus. Quando alguém vive com a plenitude da vida, os conselhos evangélicos fazem com que a vida seja vivenciada de acordo com a vontade do Pai, na imitação de Jesus e de Maria Imaculada.

A liturgia – especialmente a Eucaristia, que é o sacrifício de Cristo feito ao Pai – é uma fonte especial de formação para os marianos, “a fonte de onde brota toda a nossa força evangélica” (RFM 9). A forma de prestar honra a Deus em espírito e verdade (cf. Jo 4,24) consiste em oferecer as nossas obras como um dom espiritual oferecido a Deus (cf. Rm 12,1). Isso significa que a verdadeira prestação da honra é o oferecimento do próprio corpo, da vida corporal de tal forma que ela seja o testemunho da imitação do *Logos*, Jesus. A forma adequada como um mariano adora o Deus Uno e Trino encontra seu ponto culminante na Eucaristia, no entanto a sua complementação ocorre pela imitação diária da forma evangélica de vida de Jesus e de Maria. Vivendo em obediência ao Espírito Santo, que inspirou a lei, os marianos aprendem a cumpri-la à maneira de Cristo (cf. Mt 5,17-20), cujo sacrifício no Mistério Pascal é uma forma perfeita de prestar honra a Deus. Em Cristo não há nenhuma oposição entre a letra e o Espírito (cf. 2Cor 3,6): as Constituições apontam o caminho diário que deve ser trilhado vivendo segundo o Evangelho e os conselhos evangélicos⁴⁵.

Conclusões

Antes de professar a *Oblatio*, o Padre Estanislau recebe um dom de Deus, que lhe possibilita oferecer o seu dom em troca; esse dom é o Espírito Santo, que concede a S. Estanislau o carisma da vida religiosa e da con-

⁴⁴ Cf. Constituições, n. 13, 20, 45, 67, 282.

⁴⁵ Cf. introdução às Constituições: “Preâmbulo – *Invocatio Dei*: Em nome de Deus Uno e Trino e para a Sua glória, por amor e devoção ao Mistério da Imaculada Conceição da Mãe do Salvador, sob a Sua proteção e a Seu exemplo, fiéis à Santa Igreja, para a nossa própria santificação e para a salvação dos semelhantes, nós, marianos, adotamos estas Constituições como regra de vida segundo o Evangelho de nosso Senhor, Jesus”.

sagração, ao qual ele responde com a entrega total e o sacrifício da sua vida encerrados na *Oblatio*. Assim, pois, a *Oblatio* enfatiza não somente o estado legal (pela preservação pelo Pe. Estanislau do *status* de padre religioso), mas o consciente vínculo da aliança com Deus Pai, na imitação do total oferecimento de Jesus, pelo dom especial e pelo carisma do Espírito Santo. À luz desse dom, o Padre Estanislau decide de forma voluntária assumir as obrigações resultantes da vida religiosa e dedicar-se a elas. A forma de vivenciar a consagração religiosa consiste justamente na aceitação da vida comunitária pela profissão pública dos votos religiosos, vivenciados de acordo com as Constituições. “O sinal distintivo de um instituto religioso é o encontro do caminho no qual os valores de Cristo estão claramente formulados nas Constituições”⁴⁶. Isso nos sugere, portanto, que durante a expressão da *Oblatio* o Pe. Estanislau afirma publicamente (na presença do ex-provincial) que vai servir em total oferecimento de si mesmo à Santíssima Trindade e a Maria Imaculada de acordo com as Constituições da Sociedade que quer fundar (cf. *Oblatio*)⁴⁷.

O conteúdo da *Oblatio* é importante para os marianos também hoje, tanto para aqueles que professaram os votos perpétuos como para aqueles que se encontram na etapa da formação inicial. Da mesma forma que o oferecimento de si mesmo e a total dedicação (em outras palavras, a “consagração”) formam a “alma”, os conselhos evangélicos, conforme foi abordado nas Constituições, formam o “corpo” da *Oblatio*. Somente juntos eles podem edificar a unidade e o todo, exatamente como no caso de uma pessoa que se compõe de alma e corpo e é “ser vivo” (cf. Gn 2,7), que possui a “plenitude da vida” (cf. Jo 10,10).

O total oferecimento a Deus pela profissão religiosa possibilita-nos o aprofundamento do nosso amor no serviço a Deus. Com base nessa consagração somos convocados para semear e cultivar as sementes do Reino nas pessoas e para difundir esse Reino até os confins do

⁴⁶ “Por isso o conteúdo dos votos deve ser clara e distintamente formulado nas constituições de cada instituto” (EE 16).

⁴⁷ “No âmbito de determinado instituto, a consagração é vivenciada de acordo com as constituições, que a Igreja, pela sua autoridade, aprova e confirma. Isso significa que a consagração é vivenciada de acordo com normas precisas, que expressam e aprofundam a sua própria identidade. A fonte dessa identidade é a ação do Espírito Santo, que é o doador do carisma do fundador e que cria um tipo especial de espiritualidade, vida, apostolado e tradição (cf. *Mutuae relationes*, 11)” (EE 11).

mundo. A consagração é igualmente a fonte da força e da liberdade indispensáveis no nosso serviço à Igreja. (RFM 23)

Somente e exclusivamente quando ambos os aspectos, ou seja, o oferecimento de si mesmo e a profissão dos conselhos evangélicos, se encontram na apropriada sequência e equilíbrio, como ocorre na *Oblatio*, é que a plena maturidade de um mariano – na imitação de S. Estanislau, do Bem-Aventurado Jorge e de outros eminentes marianos – pode ser alcançada⁴⁸.

⁴⁸ “A maturidade religiosa de um mariano pode ser avaliada com base na profundidade do seu amor a Deus Uno e Trino e a Maria Imaculada, seu zelo no serviço à Igreja e na fidelidade à dimensão escatológica do nosso carisma. Ao empreender o esforço de se assemelhar a Cristo, o mariano, apoiado pela Sua graça, procura no dia a dia amar a Deus e ao próximo. Está pronto a praticar e a dar o testemunho do amor fraterno. Torna-se uma pessoa que é ‘mestra da comunhão’, praticando o estilo de vida mariano e disposta a envolver com o amor fraterno toda a Igreja (cf. PI 21; C 2-13, 37-38)” (RFM 33.1; cf. RFM 24).

**“Servirei até o fim da minha vida” (*Oblatio*, n. 2).
A irrevogabilidade da *Oblatio* hoje?**

Na presente comunicação empreenderemos uma tentativa de apresentar a *Oblatio* como ato de entrega total a Deus, como fruto da experiência da ação de Deus no coração do Santo Padre Estanislau Papczyński. Na vida do nosso Fundador a *Oblatio* foi o ponto limítrofe, o começo de uma nova etapa, que foi a fundação da nossa Congregação. Conscientes das suas consequências, do caminho da chegada a ela, das circunstâncias em que foi realizada, empreenderemos a tentativa de responder à indagação a respeito da sua atualidade. Na presente comunicação, empreenderemos a tentativa de uma possível interpretação espiritual, não somente do significado da palavra *Oblatio*, mas igualmente do processo que se realizou no coração de Santo Estanislau antes, durante e após a sua profissão, bem como das consequências que disso podem advir para nós hoje.

Coração

Para nos conscientizarmos da importância desse processo, é preciso recordar o significado da palavra “coração”, para termos consciência da realidade do que estamos falando. De acordo com o *Dicionário de teologia bíblica*, o termo “coração”:

[...] Na antropologia bíblica concreta e geralmente aceita [...] é a sede da consciente, inteligente e livre personalidade do ser humano, o lugar da tomada de decisões, a sede da Lei não escrita (cf. Rm 2,15) e da misteriosa ação de Deus. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o coração é o lugar em que o ser humano encontra a Deus naquele encontro que se torna plenamente eficaz no coração humano do Filho de Deus.¹

¹ *Słownik teologii biblijnej*, red. X. Léon-Dufour, trad. K. Romaniuk, Poznań, 1990, p. 871.

Com o *Novo dicionário de teologia bíblica* se pode acrescentar que “no sentido espiritual o ‘coração’ é a esfera da vida interior do ser humano e da sua personalidade, das aptidões intelectuais, racionais e de toda a natureza interior da pessoa”². O conceito do coração ocupa um lugar central na religião e na mística. É, portanto, o lugar central no ser humano, em sua vida interior. Esse coração pensa, pondera, cria planos, toma decisões, propósitos, assume a responsabilidade. Nele brotam os ideais, os projetos e as formas da sua realização. Neste ponto vale a pena assinalar que o Pe. Papczyński podia compreender justamente dessa forma o conceito de coração ao pronunciar na *Oblatio* as palavras:

Ofereço a Deus Pai Todo-Poderoso, e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus Maria sem a mácula original concebida o meu coração, a minha alma, inteligência, vontade, os meus sentimentos, toda a mente, todo o espírito, os sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada deixando a mim mesmo. (*Oblatio*, n. 1, p. 1258)

Nesse sentido o “coração” é o lugar fundamental do discernimento, da luta e, finalmente, o lugar da revelação do próprio Deus. Pode-se falar dele como de um *locus theologicus*. Na realidade Melchior Cano, o autor desse conceito, não considerou explicitamente essa categoria entre os *loci theologici*³, mas nós, possivelmente sem cometermos um erro metodológico, podemos incluir o termo “coração” nesses lugares teológicos. O próprio Pe. Estanislau, baseando-se em autoridades como S. Bernardo de Claraval ou S. Agostinho, escreve no *Templo místico de Deus*:

Se, portanto, Deus se encontra na posse do ser humano, com certeza é o mais digno de receber nele o lugar mais nobre, visto que com os bens superiores é preciso proceder com maior respeito, e os mais esplêndidos devem ser honrados mais esplendidamente. E o que existe de mais esplêndido e mais elevado que Deus? Se, portanto, não há no ser humano nada de mais digno e mais nobre que o seu coração,

² *Nowy słownik teologii biblijnej*, red. H. Witczuk, Lublin-Kielce, 2017, p. 812ss.

³ Melchior Cano apresenta a seguinte sistematização dos “lugares teológicos”:

- a) próprios fundamentais: (1) Bíblia Sagrada e (2) tradição dos Apóstolos;
- b) próprios explicativos: (3) Igreja católica, (4) concílios, (5), Igreja romana, (6) Padres da Igreja e (7) teólogos escolásticos;
- c) auxiliares: (8) inteligência, (9) filósofos e juristas, (10) “história humana”.

é ali que Deus, como em Seu altar, deve ser localizado, para que da melhor forma possível desfrute da Sua propriedade. (TDM, cap. 3, p. 938)

O Padre Papczyński muitas vezes descreve os seus estados espirituais, as inspirações espirituais, os sofrimentos e todo tipo de experiências reportando-se ao interior⁴. Descreve a maneira de compreender os fatos que ocorreram, interpreta os sentimentos que apareceram como reação a esses fatos ou o relacionamento interpessoal.

Iniciativa de Deus, preparação para a decisão

Está aqui o sentido da vocação à vida consagrada: uma iniciativa total do Pai (cf. Jo 15,16), que requer daqueles que escolhe uma resposta de dedicação plena e exclusiva. A experiência deste amor gratuito de Deus é tão íntima e forte que a pessoa sente que deve responder com a dedicação incondicional da sua vida, consagrando tudo, presente e futuro, nas suas mãos. Por isso mesmo, [...], a identidade da pessoa consagrada pode-se compreender a partir da totalidade da sua oferta, comparável a um autêntico holocausto. (VC 17)

Como assinalou anteriormente o Pe. Tomasz Sekulski MIC em sua comunicação, desde os textos bíblicos até os textos do Concílio Vaticano II e atuais, enfatiza-se a primazia da iniciativa de Deus. A atividade humana, em qualquer forma que seja, é sempre uma resposta à ação de Deus. “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Na universal experiência religiosa, e especialmente na experiência da conversão, encontramos a consciência do primado de Deus, que procura o ser humano para o introduzir em Seu misterioso plano. No começo se encontra a predileção de Deus, que nunca deixa a criatura a si mesma. Esse início absoluto não significa que a ação humana não seja necessária, nem que o ser humano não deva dar a sua resposta. Através dos fatos da vida, em meio às lutas, indagações e respostas (ou respostas recebidas) a elas, a pessoa “permite” que Deus a atinja, a fim de abrir-se a novos desafios. O momento

⁴ Na utilização da palavra “interior” é preciso ter em mente a referência ao seu ponto central – o “coração”.

em que ocorreu a *Oblatio* do Pe. Fundador significava o fim de certa etapa e o começo de uma nova.

Certamente não será um abuso se compararmos a vocação do nosso Fundador ao momento da vocação do profeta Amós. “Foi o Senhor Deus que me tirou de detrás do rebanho e me ordenou: ‘Vai profetizar contra Israel, o meu povo!’” (Am 7,15). Essa “retirada de detrás do rebanho” teve um duplo sentido na vida do Pe. Estanislau. O primeiro é a própria vocação. Oriundo de uma família opulenta, ainda que camponesa, apesar das iniciais humilhações relacionadas com a “deficiência intelectual” o Joãozinho não se rendeu. Confiando-se a Deus e à proteção e à intercessão de Maria, atingiu o seu objetivo de seguir a voz do coração e se tornar religioso. Não se faz necessário aqui mencionar toda a história dessas difíceis e dolorosas experiências, pois todos as conhecemos. Anos depois, interpretando a sua história na perspectiva espiritual, o Padre Estanislau escreveu na sua *Fundatio Domus Recollectionis*:

Apesar das inúmeras dificuldades que se apresentam como obstáculo, a divina bondade e sabedoria inicia e realiza o que quer, ainda que os meios, segundo o julgamento humano, sejam para isso imprestáveis. Porquanto não existe nada de impossível para o Todo-Poderoso. Verificou-se isso da forma mais clara em mim, o mais miserável, o pecador mais digno de desprezo, o pior, o mais imprestável instrumento [utilizado por Deus] para a fundação da última em sua categoria e da mínima Congregação dos Padres da Imaculada Virgem Maria sem mácula concebida. Havia em mim: o espírito inadequado, a virtude nenhuma, a prudência pequena, tudo pequeno demais, mais [adequado] a sonhar do que a empreender tão grande tarefa. Mas o próprio Deus, o Deus (a quem sejam dadas eterna, infinita glória e ação de graças), da mesma forma que para essa Sua obra me despertou providencialmente, isto é, com grande amor, misericordiosamente, sabiamente, milagrosamente, assim [também] Ele mesmo a realizou e realiza pelos séculos eternos. (FDR, n. 1, pp. 1289-1290)

A segunda “retirada de detrás do rebanho” foi, como afirmou o Pe. Casimiro Wyszynski MIC, o “ingresso na escola das humilhações”⁵. O autor

⁵ *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wyszynskiego*, trad. e red. Z. Proczek MIC, Associação dos Auxiliares Marianos e Vice-Postulador do Processo de Beatificação do Pe. Casimiro Wyszynski nos EUA, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 64.

da biografia do Pe. Papczyński interpretou esse acontecimento, forçado pela provisória impossibilidade de continuar os estudos, como o tempo do aprendizado da adoração de Deus, da aprendizagem da humildade e como um típico “período de proteção”, tanto contra a epidemia que ameaçava a Polônia central, como contra a perniciosa influência do mundo. Um outro fruto, não menos importante, foi uma confiança maior ainda na Divina Providência, que produziu frutos especialmente durante a instituição da nova congregação.

Dou graças a Deus porque meus pais me ordenaram então apascentar o rebanho, visto que – posso dizer isso sinceramente – permanecendo nos campos em meio aos animais, preservei a consciência pura e santa. Suplico-Vos, Deus, que essa mesma Providência Vossa me guie até o fim da vida. Confio e acredito que assim será no futuro, para que Vós sejais glorificado em todos os meus pensamentos, palavras e ações. Amém.⁶

Como se percebe a partir desses poucos exemplos, o período anterior à *Oblatio* foi para o Pe. Papczyński um tempo de amadurecimento, assinalado por um lado pelo desenvolvimento pessoal, intelectual e espiritual, pela fertilidade literária, e – por outro – pelo sofrimento, pelas dolorosas experiências que moldaram a sua fé, confiança e determinação no seguimento d’Aquele que o havia chamado. O Padre Estanislau tinha consciência de si mesmo, tanto da sua primitiva condição como do fato de ter sido obsequiado.

Sede pelos séculos bendito, Senhor, e fazei que, após tantas más ações, eu pratique ações boas em minha vocação, quando realmente descubro que por mim mesmo não sou capaz de nada de bom. E tu, que lê estas palavras, não te admires que isso tenha sido por mim apresentado, pois acredito que é coisa indigna ocultar os benefícios divinos, e eu queria estimular-te a glorificar a onipotência de Deus e o Seu desvelo para conosco. Ao qual sejam dadas glória, honra e adoração pela eternidade. Amém. (SC, *Primeiro trecho*, p. 1246).

Esse desafio dirigido ao mestre do noviciado parece ser não apenas um ato piedoso, talvez um pouco exagerado ou até patético, de demonstração

⁶ Ibidem.

de humildade. Era uma típica profissão de fé, proclamada pela Igreja, por exemplo, contra o semipelagianismo⁷. Esses “benefícios divinos” podem significar a ação de Deus (inclusive por intermédio de Maria), que S. Estanislau experimentou ainda no seio da mãe, na infância e no tempo que precedeu o ingresso nas Escolas Pias. A consciência da fidelidade de Deus e da Sua proteção não o abandonava nas experiências dolorosas, tanto daquele tempo como nos sofrimentos e nas perseguições de que foi vítima entre os escolápios, que culminaram com a prisão em Podoliniec e Prievidza. A adquirida ou purificada sensibilidade à ação do Espírito Santo permitiu-lhe a interpretação de sutis inspirações. Uma delas ocorreu no momento que precedeu a *Oblatio*. Na selva das dúvidas, dos temores e inquietações (cf. FDR, n. 3, p. 1290) “ouviu” esta gloriosa inspiração para não se deter diante deles:

Aquela divina majestade sugeriu-me antes de seu ser dispensado, que – quando desses [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato, por outros voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração, em público, ainda que em voz bastante baixa [...]. (FDR, n. 3, p. 1291)

A *Oblatio* não foi um ato de desespero. A coação e a pressão externa para se afastar dos escolápios eram parte da história que Deus conduzia. Santo Estanislau não se afastou dos escolápios para fundar os marianos, nem buscava uma mudança de estado segundo seus próprios projetos. Certamente se pode afirmar, sem o risco de um peculiar determinismo, que o próprio Deus decidiu encarnar a convicção presente no coração do Fundador, confirmada pela intuição de muitas autoridades teológicas, bem como pela consciência viva na Igreja de que Maria foi concebida sem pecado na forma de uma comunidade subsequente que trazia em seu nome a Imaculada Conceição. “Aquela visão divina que estava gravada na minha alma, e relacionada com a fundação desta Congregação da Imaculada Conceição da SVM [...] me impelia a esse objetivo”. (FDR, n. 6, p. 1292)

⁷ Cf. Sínodo de Orange (529), cân. 1 e 2, in: *Breviarium fidei*, V 44-45, Poznań, 2000, pp. 198-199.

A *Oblatio* como ato fundador

Iniciarei com uma reflexão pessoal. O fato do reconhecimento da *Oblatio* como o início da nossa Congregação testemunha a crescente consciência da identidade da nossa Congregação. Essa consciência diz respeito à camada carismática. O ano 1673 foi o momento em que a Igreja, na pessoa do bispo Dom Estêvão Wierzbowski, reconheceu na nossa Congregação uma comunidade eclesial. O dia 11 de dezembro de 1670 pode ser chamado como o desabrochar de uma nova realidade, sob todos os aspectos pobre e indefesa. Preservando todas as proporções, pode-se comparar o surgimento dos marianos com o surgimento dos jesuítas. Eles aceitam como o dia do seu surgimento a data de 15 de agosto de 1534, quando Inácio, juntamente com um grupo de estudantes da Sorbonne, na capela de Saint Denis, no Montmartre, professou os primeiros votos. A *Oblatio* não é apenas um ato de oferecimento de si mesmo, não é apenas a primeira fórmula da profissão religiosa. É também uma decisão. Para o Pe. Estanislau, algo havia terminado (o período de vida nas Escolas Pias) e algo havia iniciado (a vida como mariano).

Aquela divina majestade sugeriu-me antes de seu ser dispensado, que – quando desses [votos fosse dispensado] – nesse mesmo ato, por outros voluntariamente me compromettesse diante de Deus, o que fiz pelo oferecimento [de mim mesmo] pronunciado de coração, em público, ainda que em voz bastante baixa [...]. (FDR, n. 3, p. 1291)

A semente lançada na terra parecia ter morrido. No entanto dessa morte surgiu uma nova vida, uma nova realidade (cf. Jo 12,24). A semente caiu em terra fértil, preparada para recebê-la. O momento da profissão da *Oblatio* foi dramático. O Padre Papczyński havia sido dispensado dos votos na ordem dos escolápios, o que significava o afastamento dela. E, estando interiormente convencido da sua vocação religiosa, realizou o ato da *Oblatio* em razão da fidelidade àquilo que Deus havia feito em seu coração.

É muito difícil de explicar quanto eu apreciava a minha vocação, pelo próprio Deus inspirada. Além disso, eu permanecia naquela santíssima agremiação [da Congregação das Escolas Pias], ligado não somente por laços de amor, mas também pelo solene compromisso do juramento de nela permanecer para sempre. Eu queria que aqueles fossem indissolúveis, [e] este foi dissolvido por aquele a quem foi

transmitido o poder de ligar e desligar, pelo vigário do Santíssimo Jesus Cristo [...], pelo papa Clemente X. No entanto, como foi difícil a via dolorosa que a isso levou! (FDR, n. 2, p. 1290).

A *Oblatio*, gerada e expressa na dor, reflete o traço fundamental e mais importante do nosso carisma. Ela não somente expressa o carisma pessoal do nosso Fundador, mas se inscreve igualmente no carisma fundador. Trata-se, evidentemente, da verdade da Imaculada Conceição da SVM, expressa dois séculos antes da solene proclamação dessa verdade como um dogma da Igreja. A aceitação da *Oblatio* como o momento do início da Congregação pode ser interpretada como o desejo da comunidade de haurir do conteúdo da sua inspiração para a nossa forma de vida *ad intra* e *ad extra*. Isso se inscreve igualmente na atual doutrina da Igreja relacionada com a fidelidade ao carisma da própria família religiosa.

Antes de mais, exige-se a *fidelidade ao carisma de fundação* e sucessivo patrimônio espiritual de cada Instituto. Precisamente nessa fidelidade à inspiração dos fundadores e fundadoras, dom do Espírito Santo, se descobrem mais facilmente e se revivem com maior fervor os elementos essenciais da vida consagrada. (VC 36)

Na biografia do Pe. Estanislau de autoria do Pe. Casimiro Wyszyński afirma-se que ele “mudou a sua primitiva vocação”⁸. Sem detrimento de uma das figuras mais eminentes na história da nossa Congregação, talvez fosse preciso estreitar essa afirmação. Ele propriamente não mudou a sua primitiva vocação. Mudaram a forma e o lugar da sua realização. A primitiva vocação para ser consagrado permaneceu intata. Os laços que uniam o Pe. Estanislau com Deus (e talvez igualmente com a comunidade dos consagrados), definidos como “indissolúveis” (FDR, n. 2, p. 1290) permaneceram vivos. Os laços do pertencimento institucional à comunidade anterior foram dissolvidos por uma decisão do papa (cf. FDR, n. 2, p. 1290). Difícil se torna aqui definir como era legalmente comentada a passagem de um religioso de um instituto a outro ou o seu afastamento com o objetivo de fundar uma nova comunidade. Provavelmente seguia-se a doutrina de S. Tomás de Aquino⁹. Talvez a atual interpretação legal de tal situação reflti-

⁸ *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o Kazimierza Wyszyńskiego*, op. cit., p. 69.

⁹ Cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 189, a. 8.

ta o espírito eclesiástico presente há muito temo. Num dos comentários do direito canônico relacionado com as congregações religiosas lemos:

Levando em conta a vocação a um determinado instituto e a verdade a respeito da sua origem e do seu caráter carismático, poder-se-ia julgar que um professo não deve passar de uma congregação a outra [...]. No entanto, podem ocorrer razões objetivas que justificam ou até recomendam essa passagem, especialmente porque quem passa não abandona o estado dos conselhos evangélicos e não trai a consagração feita a Deus. É por isso que a possibilidade dessa passagem, especialmente a institutos de disciplina mais rigorosa, tem sido há séculos reconhecida na Igreja.¹⁰

Adiante, analisando as razões da passagem, o autor afirma: “Esse tipo de razões pode expressar-se, por exemplo, no desejo de uma maior perfeição num instituto de forma de vida mais severa (segundo S. Tomás), na vontade de superar as dificuldades provenientes de superiores ou membros do primeiro instituto”¹¹. Como se sabe, o afastamento do Pe. Papczyński e a fundação de uma nova congregação não eliminaram da sua mente as dúvidas, os temores e as indagações. Ainda em 1688, dezoito anos após a *Oblatio*, na sua carta ao superior geral dos escolápios ele expressou a prontidão de voltar, pedindo o conselho e a confirmação (ou a negação) das suas decisões anteriores (cf. LD, *Carta ao Pe. Aleixo Armini SP*, pp. 1303-1308), o que confirma como foi difícil e dolorosa a decisão de se afastar das Escolas Pias.

A irrevogabilidade da *Oblatio* hoje?

No tema a mim atribuído pelo Superior Geral encontra-se o ponto de interrogação, o que pode ser interpretado como expressão de abertura a subseqüentes pesquisas. Pode ser também um estímulo a que cada mariano se indague a respeito do sentimento da identidade pessoal como a respeito da validade da *Oblatio* como ato fundador, que define o nosso carisma fundamental. A história que levou o Pe. Estaislau a fazer a *Oblatio*, juntamente com as circunstâncias, os sentimentos, as experiências que

¹⁰ F. Bogdan SAC, *Prawo zakonów, instytucji świeckich i stowarzyszeń życia apostolskiego*, Poznań, 1988, p. 319.

¹¹ *Ibidem*, p. 320; cf. também *Apologia*, p. 1260-1288.

a acompanharam, e com a sua sólida formação, talvez sugeriram que ela não pode ser aqui deixada de lado na esfera do discernimento tanto da própria postura, das escolhas diárias, como do principal elemento para o discernimento dos candidatos que a nós se apresentam e para a sua formação.

O ato da *Oblatio* teve o duplo caráter da dupla confirmação das intenções e dos anseios do Pe. Fundador. Por um lado esse ato o confirmava e consolidava em sua vocação à vida segundo os conselhos evangélicos. Por outro lado revelava a prontidão e a intenção de fundar a Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição da SVM, definindo o seu objetivo primordial¹². Detenhamo-nos no primeiro dos mencionados elementos. Como já foi afirmado anteriormente, o primeiro a agir na alma e na vida do ser humano é Deus. É Deus que escolhe e – após a resposta positiva da pessoa – consagra. É preciso lembrar novamente a versão latina dos documentos do Vaticano II. Essa questão foi abordada pelo Pe. Tomasz Sekulski na sua comunicação. Uma confirmação disso são igualmente os textos do Pe. Papczyński, nos quais ele reconhece a Deus Uno e Trino como o autor das intuições e dos estímulos interiores, que proporciona ao ser humano o Seu amor. E a vocação, ou seja, a forma de realizar esse dom. A leitura ainda que de alguns dos seus textos permite constatar que a vocação e o fato de ter sido agraciado por Deus não era algo que pudesse ser questionado ou que dependesse de uma interpretação pessoal, dependendo das circunstâncias. “Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” – escreve S. Paulo (Rm 11,29). É dessa forma, como parece, que deve ser interpretada a imediata dedicação de si mesmo na *Oblatio* após ter recebido o *breve* pontifício, para que ninguém pusesse em dúvida a sua vocação religiosa. O amor a Deus, expresso nessa vocação, não tinha uma base sentimental ou emocional. As maiores emoções provinham da preocupação com a “interrupção” ou com a “detenção” da possibilidade dessa realização. Na atual doutrina da Igreja, a persistência da vocação é confirmada repetidas vezes. “Pelos votos, ou outros compromissos sagrados a eles semelhantes, com os quais se obriga aos três mencionados conselhos evangélicos, o cristão entrega-se totalmente ao serviço de Deus sumamente amado, de maneira que por um título novo e especial fica destinado ao serviço do Senhor”, ensina o Concílio Vaticano II (LG 44). Na exortação *Evangelica testificatio*, o papa Paulo VI completa esse ensinamento: “Este ensino do Concílio

¹² Cf. A. Pakuła MIC, *Duchowość zakonna według Stanisława Papczyńskiego i wczesnej tradycji Zgromadzenia Księży marianów. Studia Marianorum*, tomo 12, Warszawa-Lublin, 2010, p. 18.

põe bem em evidência a grandeza desta doação, decidida livremente por vós mesmos, à imagem daquela outra feita por Cristo à sua Igreja e, como ela, total e irreversível [em latim – *absolutissimus et irrevocabile* – nota do autor]”. (ET 7)

A consagração religiosa não é a atribuição de uma função a uma pessoa, mas expressa a união entre Deus e o ser humano. A *Oblatio*, embora realizada três séculos antes, combina perfeitamente com a atual doutrina da Igreja. Ela não seria possível se não fosse a união do Padre Fundador com Deus purificada e consolidada no fogo de variadas provações. O primeiro ponto da *Oblatio* testemunha a total dedicação de si mesmo, pela menção de todas as faculdades naturais e espirituais. O seu caráter solene testemunha, por um lado, a sua irrevogabilidade, e – por outro – a totalidade da doação, o seu caráter perpétuo (eterno?): “Prometo-lhes [isto é, à Santíssima Trindade e à Mãe de Deus – nota do autor], portanto, que servirei até o fim da minha vida na castidade e zelo nesta Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar)” (*Oblatio*, p. 1258).

Se o nosso Santo Padre Fundador não deve ser para nós unicamente objeto de reflexões, pesquisas e análises; se não deve ser exclusivamente uma figura da qual nos possamos vangloriar, é preciso olhar para ele como para um ponto de referência. Não se trata tanto do que ele fez, quanto de saber como ele realizou a obra da fundação da Congregação, com quanta fé, no despojamento, ingressou na nova realidade que lhe havia sido dada por Deus. Na imitação de Cristo (*sequela Christi*) o Fundador nos é dado como aquele que caminha adiante, que determina os modelos de discernimento e de tomada de decisões. Com base em observações pessoais, com indistigível tristeza é preciso notar certa “leviandade” de alguns, já ex-membros da nossa comunidade, na tomada da decisão de se afastarem: para a diocese ou para o estado leigo. Talvez eu esteja enganado, mas a rapidez de tal decisão, a determinação na apresentação de pedidos de indulto de afastamento testemunha alguma coisa. Como se o discernimento anterior, a escolha, a estada na Congregação e – em consequência – os votos religiosos e a promessa feita de perseverar na Congregação tivessem um caráter exclusivamente formal. As expectativas não realizadas, as novas expectativas, o gradual afastamento da comunidade, pecados concretos parecem ter guiado numa única direção – do afastamento. Trata-se, naturalmente, de avaliações subjetivas. Algumas vezes aparecia a chantagem: se não... (com as exigências concretas), eu me afasto. Não me lembro de algum professo de votos perpétuos, de algum presbítero se ter afastado para uma comu-

nidade de regra mais severa (gostaria de ser corrigido a esse respeito). Poderia parecer que faltaram aqueles indissolúveis “laços de amor”, mencionados anteriormente, aquela luta espiritual para permanecer fiel à vocação à vida consagrada. Exigiria um estudo separado (talvez para as necessidades da formação) a análise dos motivos do afastamento. A partir de certas percepções poderia ser, no entanto, arriscada a tese da falta da suficiente fé que molda a postura “oblativa”, a crença de que Deus cumpre a promessa que cada um de nós recebeu, da forma como a recebeu o Pe. Estanislau do Frei Miguel Kraus, vice-provincial dos escolápios, após ter pronunciado a *Oblatio*: “Que Deus fortaleça o que realizou em ti!” (FDR, n. 4, p. 1291). Essa falta de fé pode estar relacionada com a excessiva confiança em si mesmo, nas próprias possibilidades e, por conseguinte, com o escândalo com a fraqueza própria e dos outros. O Padre Fundador tinha fé na Divina Providência, acreditava que as promessas divinas se cumpririam. A medida das suas escolhas não eram as próprias possibilidades, mas a experiência da proximidade e da fidelidade de Deus. Com muita clareza expressa essa verdade o bispo Dom Kiernikowski:

Se trilhamos o caminho do cumprimento das promessas divinas, não é porque disso somos capazes, porque nós temos que ver que certas coisas não somos capazes de realizar, mas por outro lado acreditamos ter tido a experiência de que existe Alguém que é capaz de cumprir o que prometeu, apesar de certas falhas ou erros do ser humano. Assim acreditou Abraão. E isso é tudo. Se não há isso no fundamento, por exemplo no início da formação, no momento do ingresso na comunidade, cada um vai se agarrar ao que quiser, e não seguirá a promessa. Isso será um sinal de que não concordou que Alguém outro lhe forneça o programa de vida e a promessa de que esse programa já se cumpriu em Jesus Cristo.¹³

E aqui chegamos ao problema da formação. Sem extrapolar o âmbito da presente comunicação, pode-se arriscar a afirmação de que a *Oblatio* pode se tornar a urdidura ou um peculiar tema central da formação religiosa. Cada parte sua, e em todo o caso o início e os quatro pontos seguintes merecem um desenvolvimento e uma atualização, o que no clima teológico-querigmático pode constituir uma sólida parte da nossa formação.

¹³ Pe. F. Blachnicki, Dom Z. Kiernikowski, *Maria, Mara i Niebo*, Kraków, 2020, p. 78.

No final da presente comunicação parece ser lógico e justo eliminar o ponto de interrogação que se encontra no tema. A *Oblatio* não merece ser rememorada unicamente como um fato da história, pertencente ao patrimônio histórico, como algo que foi. Visto que foi reconhecida como o início da história da nossa Congregação, talvez seja preciso ir mais longe ainda, localizando-a como um sinal indicador tanto para nós como para aqueles que Deus quiser juntar a nós.

A vida consagrada como missão na Igreja diante do mundo*

Vida consagrada – para quê?

A condição de uma coletividade de pessoas consagradas: o seu frescor, o seu vigor, o seu desenvolvimento, mas também a sua estagnação, doença e morte depende do coração – do centro de vida especificamente compreendido: “Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração...” (cf. Mt 6,19-23). Onde a vida da comunidade permanece religiosa, pode-se tranquilamente olhar para o futuro. Mas, onde o espírito religioso sofre degradação, ainda que determinada comunidade administrativamente seja muito próspera, nela inevitavelmente surgirão a estagnação e os indícios da morte. O que, então, constitui a força, o valor e a missão da vida consagrada na Igreja e no mundo?

Não é o número dos religiosos nem mesmo a sua ação, e com certeza não são as estruturas de apostolados otimamente organizados que demonstram a força e o valor dos religiosos e da sua utilidade na Igreja. O mistério da sua atratividade no mundo e o que os autentica em sua escolha é o estilo de vida radicalmente evangélico. Dele resulta tudo o mais.

O papa Paulo VI observa: “Sem este sinal concreto, a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de refrear-se, o paradoxo salvífico do Evangelho de atenuar-se, o ‘sal’ da fé de diluir-se num mundo em fase de secularização”¹.

O Santo Padre João Paulo II esclarece:

A vida consagrada, presente na Igreja desde os primeiros tempos, nunca poderá faltar nela, enquanto seu elemento imprescindível e qualificativo, expressão da sua própria natureza. Isto resulta evi-

¹ Apud: João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, 25 de março de 1996, n. 105; a seguir VC.

dente do fato de a profissão dos conselhos evangélicos estar intimamente ligada com o mistério de Cristo, já que tem a função de tornar de algum modo presente a forma de vida que Ele escolheu, apontando-a como valor absoluto e escatológico. (VC 29)

Essa é a natureza da vida consagrada!!!

Na Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja *Lumen gentium* n. 42 lemos: “É necessário que sempre e em todo o tempo os discípulos imitem esta caridade e humildade de Cristo, e delas deem testemunho na Igreja”². O estado instituído pelo próprio Cristo, baseado na profissão dos conselhos evangélicos faz parte inamovível da mais profunda essência da Igreja: da sua vida e santidade. Se faltasse isso, a Igreja estaria ferida.

Dessa forma o próprio Cristo se preocupa com a vida da Igreja em fidelidade ao Evangelho, para que nunca faltem nela pessoas que de forma literal imitarão o Seu evangélico estilo de vida e para que graças a isso a castidade, a pobreza e a obediência se tornem “visíveis no mundo” (VC 1).

Trata-se de um caminho de especial imitação e entrega a Jesus com o coração “indiviso” (VC 1). Essa é a dinâmica interior da vocação à vida consagrada (cf. VC 15). A sua perda conduz ao desaparecimento da identidade da pessoa consagrada. É por isso que, lembra o Concílio, “a vida religiosa tem por última norma o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, o que deve ser a regra suprema de todos os Institutos”³. Isso significa submeter a Cristo toda a sua existência. E isso só se torna possível quando existe um vínculo especial e a comunhão interior da pessoa consagrada com Cristo (cf. VC 9 e 16).

Trata-se de algo absolutamente específico na vida religiosa: ela não busca a diversidade, a “originalidade” que possa atrair a atenção ou provocar a sensação. Caracteriza-se por aquilo com que se distinguiu Jesus – pela normalidade, pela simplicidade, pela renúncia aos sucessos; não busca a realização de algo incomum, significativo, que desperte a atenção.

Num outro contexto, a saber, ao comentar o processo da preparação dos candidatos ao sacerdócio, Joseph Ratzinger aborda isso da seguinte forma:

² Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, 18 de novembro de 1964, n. 42.

³ Concílio Vaticano II, Decreto sobre a conveniente renovação de vida religiosa *Perfectae caritatis*, 28 de outubro de 1965, n. 2a.

O sacerdote deve ser uma pessoa que conhece profundamente Jesus, que O encontrou e aprendeu a amá-Lo. É por isso que o sacerdote deve ser sobretudo uma pessoa de oração, uma pessoa verdadeiramente espiritual. Sem uma forte substância espiritual, ele não encontrará força suficiente para um cumprimento duradouro do seu ministério. Além disso, deve aprender com Cristo que na vida não se trata de autorrealização e de sucesso. [...] A fadiga, o cansaço e a frustração dos sacerdotes de hoje resultam da obstinada busca do sucesso. A fé se torna então um lastro pesado, que se torna difícil de carregar⁴.

Concluamos: **“O consagrado não só faz de Cristo o sentido da própria vida, mas preocupa-se por reproduzir em si mesmo, na medida do possível, aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo”** (VC 16).

A vocação inalienável dos religiosos na Igreja e no mundo é a obra da santificação e da redenção realizada não de outra forma, mas em união – em profunda comunhão – com Cristo. Essa obra não se realiza pelo ativismo individualizado ou coletivo, mas pela imitação de Cristo, do Seu estilo de vida, daquilo que Ele foi; que, sendo obediente ao Pai, “despojou-se, assumindo a forma de escravo” (Fl 2,7). Jesus trazia em si o desejo de que os Seus discípulos se abrissem ao poder da vida evangélica, ao Evangelho, que é Ele mesmo (cf. Mc 1,1), que tem um valor em si mesmo, ainda que seja desprovida de muitos meios e valores terrenos – de sinais espetaculares e de milagres. Dessa forma a vida religiosa se torna um sinal e um testemunho, visto que em si mesma possui um valor santificante e redentor. São João Paulo II dizia: **“A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com a linguagem eloquente de uma existência transfigurada, capaz de suscitar a admiração do mundo”**. (VC 20)

O centro vital

O Espírito Santo proporciona ao fundador e aos seus discípulos uma compreensão específica e o amor do mistério de Cristo (cf. Ef 3,5), que se

⁴ Joseph Ratzinger, *Opera omnia*, tomo XII: *Głosiciele słowa i służby waszej radości*, red. Krzysztof Gózdź, Marzena Górecka, trad. Marzena Górecka, Monika Rodkiewicz, Editora KUL, Lublin, 2012, p. 47.

torna o centro vital de determinada comunidade religiosa e das pessoas a ela convocadas. Trata-se de uma forma singular, ou seja, carismática de imitação de Cristo, graças à qual se realiza a vocação dessas pessoas à santidade de vida.

O fundador inaugura dessa forma em seus discípulos um novo caminho de santidade, uma forma especial de união com o Mestre, que se torna a fonte e a força espiritual que serve ao desenvolvimento da sua obra. Por isso, o real amadurecimento da obra surgida depende de a comunidade assumir e continuar essa forma específica de união com Cristo que nela foi impressa pelo fundador. É por isso que o primado da vida espiritual, tanto na vida pessoal como comunitária, baseado na específica escola de espiritualidade do fundador, é a garantia da fecundidade apostólica de toda a congregação (cf. VC 93).

Vida e morte da comunidade – sintomas

Nos textos que analisam esse tema apontam-se dois sintomas que testemunham a vida ou a morte das comunidades religiosas: o crescimento numérico ou a queda das vocações, bem como o crescimento ou a queda do nível de vida segundo os valores evangélicos.

Não busquemos para a queda do número de vocações à nossa comunidade religiosa justificativas simplificadas, do tipo “Deus assim quis...”, ou culpados individuais – administrações provinciais, apostolados das vocações, formadores ou situações de nós independentes. Honestamente perguntemos: em que medida esse fato é o resultado das transformações sociais sob a influência das quais os jovens se afastam da vida segundo os valores evangélicos, afastam-se da Igreja, e em que medida é o amargo fruto das nocivas mudanças que ocorrem na nossa comunidade: **do afastamento dos ideais evangélicos, ou seja, da visão carismática e da autenticidade de vida segundo os valores da vocação?**

A Instrução *Partir de Cristo* sugere que o principal termômetro desses sintomas é o relacionamento entre os indivíduos; a capacidade de edificá-lo, de estabelecer vínculos, de solucionar problemas, de assumir novos desafios. Um fator importante a esse respeito é também o grau de fidelidade e a qualidade de vida segundo os valores do carisma de determinada comunidade religiosa⁵. Fazemos uma pergunta fundamentada: **Será que**

⁵ Cf. Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Associações de Vida Apostólica, Instrução *Partir de Cristo*, 19 de maio de 2002, n. 12.

a vida consagrada na “nossa edição” é ainda um sinal visível, capaz de atrair os jovens?

Se um dos pontos de referência para os jovens é o relacionamento observado entre os religiosos de determinada comunidade, vale a pena dar-se conta de que o mau estado desse relacionamento é um dos sintomas mais perigosos da crise da comunidade. Há opiniões que apontam para o caráter pouco evangélico da convivência fraterna. O que muitas vezes une os religiosos é a disciplina e a ordem, o cumprimento de tarefas ou funções claramente definidas. Parece ser um elemento de ligação negligenciado um relacionamento pessoal aprofundado, baseado na proximidade, na solidariedade, na autenticidade e na cordialidade. **No entanto, na exortação apostólica *Evangelica testificatio* Paulo VI fala da necessidade de um relacionamento de amizade na comunidade, da cooperação e do apoio mútuo na vocação, para com isso melhor imitar a Jesus. O Papa chama tal relacionamento de uma ajuda preciosa nesta caminhada cotidiana**⁶. A experiência sugere que a fragilidade dos vínculos entre os diversos religiosos contribui para abalar, primeiramente, o equilíbrio psíquico e, a seguir, o equilíbrio espiritual da comunidade. Isso parece ser compreensível, visto que o relacionamento numa comunidade assim convocada, onde não nos escolhemos, mas fomos escolhidos por Cristo, não pode ser edificado senão a três: Deus – eu – o outro. Será que existe a possibilidade de enfraquecimento dos laços entre os irmãos que nos faça concordar com Léon Bloy – um escritor católico francês convertido, que na juventude foi um agnóstico repleto de ódio para com a Igreja – que, olhando para os religiosos, permitiu-se a constatação: “Dizem que amam a Deus visto que não amam ninguém”? O certo é que: o relacionamento evangélico nas comunidades constitui um importante chamariz vocacional que é percebido pelos futuros possíveis candidatos. Eles mesmos se tornam valiosos críticos do nosso estilo de vida.

É preciso também observar que a crise das vocações não diz respeito unicamente àqueles que se afastam das nossas comunidades religiosas. Diz respeito também àqueles que delas se afastam exterior e interiormente. Existe um grupo bastante grande de coirmãos que permanecem na comunidade, que em alguma medida até realizam a programação comum do dia, mas que na realidade permanecem na vocação como que exteriormente; eles não aceitam na sua profundidade os valores da vocação – permanecem

⁶ Cf. Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelica testificatio*, 29 de junho de 1971, n. 39.

alheios no interior da comunidade religiosa. Trata-se de pessoas que não se protegeram contra o hábito, a desilusão, o individualismo, os desafios dos novos tempos (cf. VC 70). Provas da observação do cotidiano: a chamada “aposentadoria precoce”, o tratamento da comunidade como um “asilo”, posturas reivindicatórias, a busca da excepcionalidade, do atrativo, a edificação da vida na eficiência, a inusitada maledicência e a tendência à bisbilhotice.

Como responder a esses sintomas de crise? Na instrução *Partir de Cristo* fala-se dessas dificuldades como de um novo *kairós* – tempo em que se escondem os autênticos chamados do Espírito Santo para uma renovação da nossa vida. As congregações atingidas pela queda numérica e pelo fenômeno do envelhecimento devem perguntar-se: qual a sua capacidade de estabelecer contato e convivência comum com pessoas que vêm a elas de ambientes culturais diferentes? Que sinal providencial se encerra na queda das vocações? A instrução *Partir de Cristo*, n. 13, sugere ainda que isso pode significar um convite a reencontrarmos o sentido real da nossa vida, que deve ser sobretudo levedura, fermento e profecia: “Quanto maior se apresentar a massa a levedar, tanto mais rico em qualidade deverá ser o fermento evangélico, e tanto mais refinados o testemunho de vida e o serviço carismático das pessoas consagradas”. Dar conta da crise da vida consagrada é muito mais do que apenas garantir uma adequada quantidade de vocações que assegure a sobrevivência da congregação; aqui se trata antes da qualidade de vida, que garanta a fidelidade à identidade da vida consagrada na Igreja.

A reciprocidade da pessoa e da comunidade

O início da crise da comunidade não é, no entanto, a queda numérica dos religiosos, não é também o rompimento das estruturas apostólicas. Ela se inicia por uma pessoa concreta – da ruptura nela da identidade evangélica. Desaparecem então o frescor do espírito e a autenticidade da consagração, com o simultâneo aprofundamento do modelo laico de vida.

A renovação da comunidade inicia-se, portanto, a partir da pessoa concreta. Os números e as estruturas não mudam a comunidade religiosa. O fermento do crescimento são apenas as personalidades evangélicas e carismáticas. A imitação de Cristo é o objetivo das comunidades evangélicas, e desde os primeiros séculos esteve intimamente relacionada com a con-

versão dos seus membros individuais. A essência dessa conversão é a busca da identificação com Jesus Cristo (J. M. R. Tollard).

Se esse processo não for percebido e assumido com a devida antecedência, com grande dose de probabilidade levará à efetiva morte da comunidade ou a uma vida aparente – eficiente apenas por fora. Nesta última situação a comunidade será preservada ao menos por algum tempo, mas inevitavelmente vai perder a sua identidade religiosa. Aos poucos vai se transformar numa instituição laica, beneficente, que realiza somente objetivos temporais, o que *de facto* – também significa a morte.

A vida do Fundador e do Pe. Casimiro Wyszyński em face da *imitatio Mariae*

Na época em que estava chegando ao fim a vida do Pe. Estanislau Papczyński, a uma distância de 40 km de Góra Kalwaria, na localidade de Jeziora Wielka, perto de Grójec (hoje Jeziórko), no dia 19 de agosto de 1700 veio ao mundo Januário Francisco Wyszyński. Apesar de essas duas personalidades da Congregação dos Padres Marianos nunca se terem encontrado, com o correr dos anos o Pe. Casimiro tornou-se o continuador da obra do Pe. Papczyński, bem como hermenêuta da sua vida.

Parece igualmente que o Pe. Casimiro Wyszyński inspirou-se no pensamento do Fundador na elaboração da sua teologia da imitação de Maria, sobretudo da sua dimensão cristológica. Não faltaram nela também alusões ao carisma mariano que foi elaborado pelo Pe. Papczyński. Além disso, o Pe. Wyszyński salientou de maneira especial a presença do Espírito Santo na *imitatio Mariae*. Segundo ele, foi o Espírito Santo que se tornou a inspiração e anunciou que seriam chamados os adeptos de Cristo que imitariam as virtudes evangélicas de Maria para a maior glória de Deus e da Mãe de Jesus. Justamente com esse objetivo havia surgido na Igreja a ordem das Irmãs da Anunciação, e a própria fundadora, Joana da França, “tornou-se a prova de que a imitação dessas virtudes de Maria nos torna agradáveis à Santíssima Virgem Maria e ao Seu Filho”¹. A seguir, “igualmente no Reino da Polônia, em tempos não muito distantes, Deus convocou a imitar as virtudes da Santíssima Virgem Maria o Seu servo Pe. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński, Fundador dos marianos, ou seja, da Ordem da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, o primeiro superior geral da ordem polonesa”². Sendo um intérprete da vida do Pe. Estanislau, o Pe. Casimiro via a ordem dos marianos, bem como o seu fundador, da perspectiva do propósito divino e do chamado à *imitatio Mariae*.

¹ K. Wyszyński, Przedmowa, in: *Stož duchowego dziedzictwa marianów. Wybor pism o Kazimierza Wyszyńskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 34.

² *Ibidem*, p. 35.

Quando no dia 11 de dezembro de 1670 o Pe. Estanislau obteve a dispensa dos votos religiosos (simples) e do juramento de perseverar na Congregação das Escolas Pias, tendo-se tornado com isso um padre diocesano, ao mesmo tempo ele professou a chamada *Oblatio* – *Oferecimento de si mesmo*, no qual afirmava claramente que não queria renunciar à vida religiosa e ao sacerdócio, nem tirar o hábito, mas expressava o desejo de fundar uma nova ordem religiosa. Escreveu ele: “Prometo-Lhes (ao Todo-Poderoso e à Bem-Aventurada Virgem Maria), portanto, que até o fim da minha vida servirei em castidade e zelo nesta Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar)”³. O autor iniciou o próprio texto da *Oblatio* em nome de Jesus Cristo Crucificado e oferecendo-se e consagrando-se “ao Deus Todo-Poderoso e ao Filho, e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria sem a mácula original concebida (*sine macula originali Conceptae*)”⁴. É significativo que o Pe. Estanislau colocava no centro da sua vida a Santíssima Trindade e a Sua vontade para vivenciá-la dedicando-se inteiramente a essa vida. Maria ocupa em sua vida e piedade um lugar importante, ainda que não central, para o que aponta a sequência mencionada no oferecimento.

O Padre Estanislau estava convencido que a nova ordem que ele estava fundando decorria do cumprimento da vontade de Deus, atribuindo no discernimento dessa obra e no seu empreendimento um papel especial ao Espírito Santo, que para isso o havia inspirado: “Eu permaneci na residência daquele senhor fidalgo Karski quase dois anos [de setembro de 1671 a setembro de 1673 – J. R.] e buscava meios para iniciar a Sociedade da Imaculada Conceição, que o Espírito Divino já havia moldado em minha mente (*dandi formatae iam in animo meo a Divino Spiritu*)”⁵. Era de opinião semelhante o Pe. Casimiro Wyszyński, visto que, na biografia do Pe. Estanislau por ele escrita, observou que ele havia rejeitado muitos cargos honrosos que lhe tinham sido propostos por dignitários eclesiásticos, visto que “lembrava-se da promessa feita a Deus e, guiando-se pela Sua inspiração [...], decidiu concentrar toda a atenção na fundação da Congregação da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria”⁶.

³ S. Papczyński, Ofiarowanie samego siebie, in: *Pisma zebrane*, Warszawa, 2016, p. 1258.

⁴ Ibidem.

⁵ S. Papczyński, Założenie domu skupienia, in: *Pisma zebrane*, Warszawa, 2016, p. 1294.

⁶ K. Wyszyński, *Żywoł Czcigodnego Sługi Bożego Ojca Stanisława od Jezusa Maryi Papczyńskiego*, in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wyszyńskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 70.

Em 1723, quando foram aprovadas as novas constituições marianas adaptadas à *Regra das dez virtudes*, na Cidade Eterna o Pe. Casimiro encontrou o Frei Joaquim Kozłowski, que lhe relatou a história da dispersão dos marianos e da influência que nisso tivera o noviço José Wszyński, seu irmão. O jovem peregrino, impressionado com essa história, declarou: “Eis que eu quero consertar o que meu irmão estragou; peço a Vossa Reverendíssima o hábito”⁷, e no dia 18 de novembro de 1723, na igreja de S. Estanislau, bispo e mártir, adotou o traje mariano e o nome religioso Casimiro de S. José.

Esse fato é surpreendente e significativo na medida que a família Wszyński não nutria simpatia pelo fundador e pela ordem dos marianos, e o próprio Pe. Casimiro mais tarde escreveu sobre “a nobre família que era contrária ao Servo de Deus e à Congregação [...]. Trata-se de uma coisa sabida e evidente, porque é dessa família o postulador da causa do Servo de Deus junto à Sé Apostólica [ou seja, o Pe. Casimiro – J. R.]”⁸. Anos depois, numa carta de 1752 a seu irmão Valeriano, ele assim explicava a sua decisão de ingressar nos marianos: “Eu, como um segundo Saulo, permaneço nesta Congregação, que tem sido atacada pelos nossos, a saber, pelo nosso irmão José, enquanto a Mãe de Deus não disse: ‘Francisco [este é o segundo nome de batismo do Pe. Casimiro – J. R.], por que me persegues?’ Não ousando recalcitrar contra o aguilhão, tive que vestir o hábito em Roma”⁹. A analogia com a aventura de Saulo na entrada de Damasco e a identificação de Maria com a ordem fundada pelo Pe. Estanislau mostram quão profundamente o Pe. Casimiro vivenciou a história do seu irmão e a sua influência negativa sobre a ordem fundada sob o título de Maria Imaculada, a quem venerava.

Já a partir do noviciado o Pe. Casimiro foi um diligente religioso e imitador e propagador da santidade de S. Estanislau. Foi igualmente uma pessoa de profunda fé, inteiramente dedicado aos assuntos da ordem, que com grande zelo tentou renovar interiormente, começando pelo seu próprio exemplo de vida.

⁷ Świadectwo Michała Wszyńskiego o bracie, in: *Najstarsze świadectwa o Słudze Bożym o. Kazimierzu Wszyńskim*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2005, p. 23.

⁸ K. Wszyński, *Żywot Czcigodnego Sługi Bożego Ojca Stanisława od Jezusa Maryi Papczyńskiego*, in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wszyńskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 145.

⁹ K. Wszyński, *Diariusz czynności w Rzymie i w Portugalii*, in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wszyńskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 322.

Era também uma pessoa de grande sabedoria e piedade, o que contribuiu para o crescimento espiritual e numérico da congregação. Durante os seus mandatos de superior geral surgiram novas casas religiosas fora das fronteiras da Polônia e ocorreu a internacionalização da comunidade, visto que começaram a ingressar na congregação dos marianos checos, lituanos, rutenos, húngaros e italianos. Pode-se dizer sinteticamente que sua vida foi preenchida principalmente por três objetivos, que foram: “o desvelo pelo desenvolvimento da Ordem dos Marianos, o culto da Imaculada Conceição de Maria e os empenhos pela beatificação do Pe. Estanislau Papczyński – fundador da Ordem”¹⁰.

O primeiro a se empenhar pelo início da beatificação foi justamente o Pe. Casimiro Wyszyński, que estava convencido da santidade do Fundador e coletou as informações acessíveis sobre a sua vida, relatos de testemunhas, escreveu a sua biografia e elaborou a instrução preparatória a respeito dos passos que deviam ser tomados a fim de iniciar tal processo. O Padre Casimiro percebia a estreita dependência entre os empenhos pela beatificação do Fundador dos marianos e a bênção divina e o desenvolvimento da ordem.

Não posso deixar de me espantar com a eterna providência divina, desde que sinceramente comecei a me empenhar pela promoção do processo do nosso Venerável Padre Fundador. [...] Percebemos certamente como Deus inesperadamente abençoa aqueles que se lembram dos seus pais e antepassados. Evidente é o fato de que, quando os nossos na Polônia, por insistência minha, exumaram e colocaram num outro o nosso Pai, também a mim Deus forneceu uma cela confortável em Roma. E logo que enviei à Polônia as instruções para o início do processo do nosso Pai e constatei a prontidão dos nossos frades para dar início a esse processo, e o próprio Frei Pároco [Superior Geral – J. R.] confirmou que eles diligentemente se empenhariam pela sua condução, imediatamente contamos com uma maior bênção divina: o inesperado chamado do tão digno monarca português¹¹.

¹⁰ P. Smoliński, *Zawsze z Chrystusem*, in: *Powołanie i misja. Sługa Boży o. Kazimierz Wyszyński (1700-1755)*, red. J. Kumala, Licheń, 2005, p. 13.

¹¹ K. Wyszyński, *Diariusz czynności w Rzymie i w Portugalii*, in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wyszyńskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stoczkbridge, 2004, s. 271-272.

Para o Pe. Casimiro, uma expressão da bênção e da Providência divina não era apenas o fato de estar aumentando o número das vocações, mas igualmente a circunstância de que a ordem havia sido convidada para um novo país para ali iniciar o trabalho apostólico.

O Padre Casimiro, como muitas vezes tem sido enfatizado, foi um filho fiel do Pe. Estanislau Papczyński e um modelo e exemplo de como imitar o Fundador na vida religiosa para ser fiel aos ideais da perfeição religiosa como caminho à santidade. Ambos foram grandes devotos de Nossa Senhora Imaculada, e essa devoção se expressava sobretudo no desejo de imitá-La, principalmente de acordo com as orientações da *Regra da imitação das dez virtudes da Bem-Aventurada Virgem Maria*, regra a que o Pe. Casimiro conferiu uma aprofundada base teológica em seu *Prefácio* e na tradução da *Estrela Matutina*.

Confirma essas palavras um dos testemunhos do Pe. Carlos Hondlewski, que enfatizava o seu especial vínculo com o Pe. Papczyński e que a *imitatio Mariae* do Pe. Casimiro se havia tornado na prática um modelo para os outros:

Incorporado na Ordem dos Marianos, entregou-se inteiramente a obras de piedade e ao exercício nas virtudes. De tal forma viveu segundo a *Regra das dez virtudes da SVM* que era apresentado a todos como exemplo de domínio dos sentidos, de piedade, de obediência. Nas vigílias, nos jejuns, nas mortificações corporais, nas orações e na observância das outras normas da sua ordem era tão versado que todos viam nele um verdadeiro filho [espiritual] do Venerável Servo de Deus Estanislau¹².

O Fundador dos marianos colocou no centro do ideal da imitação a Jesus Cristo, o que não significa que antes ainda de receber a *Regra das dez virtudes*, no final da sua vida, não tivesse propagado a *imitatio Mariae*, visto que colocava também a Mãe de Jesus como modelo a ser imitado pelos seus coirmãos. Era justamente Maria que em seus escritos ele chamava “especial Padroeira e Advogada” (*Patronam et Advocatam singularem*)¹³ e fez d’Ela o modelo de vida (*imitatio Mariae*) para as futuras gerações dos marianos.

¹² K. Hondlewski, Świadectwo o gorliwym marianinie, in: *Najstarsze świadectwa o Studzie Bożym o. Kazimierzu Wyszyńskim*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2005, p. 79.

¹³ S. Papczyński, Ukrzyżowany mówca, in: *Pisma zebrane*, Warszawa, 2016, p. 1063.

Relacionava o termo “imitação” nos textos do Pe. Estanislau não só com a imitação de Cristo, da Sua vida e das Suas ações, mas também em relação com outras pessoas ou com a imitação das suas posturas e virtudes, utilizando-se das palavras latinas *imitare* ou *sequor* na forma adequada. Na *Regra de vida* repetidas vezes o autor estimulava os seus coirmãos a “imitar a Cristo” (*Christi imitari*)¹⁴, e na passagem em que escrevia sobre a pobreza assinalava que, quando os religiosos se encontrassem na “máxima pobreza” (*summa paupertas*) eles deviam alegrar-se, visto que “então podem ser verdadeiros discípulos de Jesus Cristo e Seus imitadores” (*veri Christi Domini discipuli et sequaces*)¹⁵.

Nos escritos do Pe. Estanislau aparece igualmente o ideal da imitação de Maria, que alcançou o seu lugar especial no momento da adoção da *Regra das dez virtudes da SVM*. A própria adaptação da *Regra* aos estatutos marianos realizou-se já após a morte do Fundador. No entanto, desde o momento da sua adoção ela teve uma especial influência na espiritualidade dos marianos e no formato da piedade mariana, tanto daquela com que os religiosos viviam como daquela que anunciavam.

Era também um grande desejo do Pe. Wyszynski que todos os marianos fossem fiéis e essa *Regra* e ao ideal da imitação em sua vida e que dessa forma buscassem a santidade. Não excluía dessa prática também as pessoas leigas, mas até as estimulava a isso, visto que, como afirmava em sua principal obra, ele a dirigia a pessoas de todos os estados.

Ao escrever a biografia do Fundador, o Pe. Casimiro a apresenta em face da *imitatio Mariae*, o que expressa, por exemplo, na descrição da morte de S. Estanislau:

Visto que o Venerável Servo de Deus Padre Estanislau de Jesus e Maria durante toda a sua vida foi um grande devoto da Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, e um ardente defensor do Seu culto, quis Cristo Senhor obsequiar o servo de Sua Diletíssima Mãe com um duplo privilégio, a saber: antes de morrer, ele professou os votos segundo a Rega da imitação da Mãe de Deus; imitou-A num lugar de morte semelhante. E, da mesma forma que a Mãe de Deus, morreu no Cenáculo de Jerusalém, ele em Nova Jerusalém [no convento] da Ceia do Senhor, tendo vivido 70 anos¹⁶.

¹⁴ S. Papczyński, Ofiarowanie samego siebie, in: *Pisma zebrane*, Warszawa, 2016, p. 53.

¹⁵ Ibidem, p. 56.

¹⁶ K. Wyszynski, *Żywot Czcigodnego Sługi Bożego Ojca Stanisława od Jezusa Maryi Pap-*

O Pe. Casimiro enfatizava igualmente a alegria do Pe. Estanislau e dos outros marianos por terem adotado a *Regra da imitação de Maria*, que ele comparava à pérola evangélica: “O Venerável Servo de Deus Padre Estanislau de Jesus e Maria já viu o que havia desejado e, segurando aquela Regra de Maria Virgem, como que a reencontrada pérola evangélica, juntamente com os irmãos alegrava-se, e eles se felicitavam mutuamente”¹⁷.

Como já foi mencionado, o Pe. Casimiro, ao conhecer a vida e as obras do Fundador inspirou-se no seu pensamento sobretudo em relação à Imaculada Conceição de Maria, à dimensão cristológica e ao ideal da imitação. No entanto ele enriqueceu a sua própria teologia da imitação apontando para a especial inspiração do Espírito Santo e enfatizando a sua dimensão universal – de que é um caminho acessível a todos os batizados, não somente às pessoas religiosas.

Na *Carta circular de 10 de junho de 1740* lembrava que as virtudes evangélicas da Mãe de Deus devem ser imitadas não com palavras ou pensamentos, mas sobretudo com ações. Num outra *Carta circular, de 3 de junho de 1749*, informando a respeito de mais uma visitação geral, o Pe. Wyszynski chamava a atenção aos temas e às áreas da vida religiosa com que a visitação estaria relacionada:

Vou verificar: se pomos em prática o que em nós realizou o Espírito Santo. Se os marianos são verdadeiros imitadores de Maria (*utrum inveniam Marianos vere Mariam imitantes*) e diligentes observadores da Regra e das Constituições. Se procedem no amor e na paz fraterna. Se praticam devidamente a pobreza, a castidade e a obediência. Se, de acordo com os estatutos, dia e noite se realiza a glorificação de Deus. E, finalmente, se são estritamente observadas as normas da disciplina religiosa¹⁸.

Casimiro Wyszynski foi uma pessoa que interpretou corretamente a vontade divina em sua vida e foi obediente às inspirações do Espírito Santo. O seu maior desejo era conduzir todos a Cristo sob a direção e a exemplo da Santíssima Virgem Maria, Virgem Imaculada. Confiava que

czyńskiego, in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wyszynskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 129.

¹⁷ Ibidem, p. 128.

¹⁸ K. Wyszynski, List okólny z 3 czerwca 1749 r., in: *Stróż duchowego dziedzictwa marianów. Wybór pism o. Kazimierza Wyszynskiego*, trad. e red. Z. Proczek, Warszawa-Stockbridge, 2004, p. 184.

Maria, como Mãe dada por Cristo a todos os seres humanos, intercede continuamente pelo Seu povo e quer iluminá-lo como a Estrela Matutina no caminho a Seu Filho. É por isso que ninguém deve rejeitar esse especial modelo e essa proteção que a Divina Providência deixou aos seres humanos. É preciso conhecer, contemplar e imitar Maria e as Suas virtudes com a própria vida, e dessa forma ser assemelhado a Maria e, por Ela, ser agradável a Cristo.

A *imitatio Mariae* do Pe. Casimiro, encerrada na Introdução à *Estrela Matutina*, é o resultado das suas próprias reflexões e uma síntese dos conteúdos anteriores, que conheceu já como religioso. Ele se inspirou sem dúvida em figuras como Gabriel Nicolas, S. Joana da França, Francisco Arias e Pe. Estanislau Papczyński, mas também sofreu abundante influxo da Sagrada Escritura e das inspirações do Espírito Santo.

Casimiro Wyszyński foi uma pessoa providencial para a Congregação dos Padres Marianos, dado por Deus num tempo difícil para essa comunidade religiosa. O que vinculava o Fundador com o futuro superior da ordem por dois mandatos foi sobretudo a total entrega da sua vida a Deus Uno e Trino, o amor a Maria Imaculada, a busca da perfeição na vida religiosa e um profundo desvelo pela congregação, na qual eles enxergavam uma obra da Divina Providência.

SUPLEMENTO

**O CARISMA NA EXPERIÊNCIA
DA COMUNIDADE VIETNAMITA
DOS PADRES MARIANOS**

Introdução

O início da Congregação dos Marianos no Vietnã e testemunhos dos primeiros marianos vietnamitas

Quando no dia 8 de setembro de 2015 cheguei a Saigon para, de acordo com uma decisão do superior geral, dar início ali à presença da nossa Congregação, indagações a respeito do sentido e do objetivo dessa missão, aliás anteriormente apresentadas por muitos, voltaram com redobrada força, porquanto ninguém ali especialmente nos esperava. Embora os católicos neste país constituam somente 7% dos noventa milhões da população vietnamita, as suas igrejas, mais numerosas do que em muitos países laicizados do Ocidente, estão sempre repletas. As pessoas não se queixam aqui da falta de padres. As congregações religiosas, estrangeiras e locais, surgem em grande número. A grande maioria dos jovens que pensam em seguir o caminho do serviço divino, aqui definido com o nome „đi tu”, decide-se antes por ingressar nos seminários diocesanos, não nas congregações religiosas, especialmente estrangeiras. Tal realidade é visível sobretudo nas cidades grandes como justamente Saigon, que conta quase 9 milhões de habitantes. É que os padres diocesanos gozam entre os católicos vietnamitas de grande respeito e autoridade, bem maiores que os dos religiosos, o que resulta da função social daqueles, como líderes de paróquias por vezes muito numerosas. A nossa Congregação relativamente pequena não pareceria, portanto, ser atraente para aqueles que a comparavam com outras comunidades já presentes no Vietnã ou que chegam ao país. Ninguém aqui nos conhecia. E, se alguém tivesse ouvido falar dos Marianos, estava convencido de que o nosso principal objetivo era a difusão do culto da Divina Misericórdia, o que justamente atraía a sua atenção. Porque, efetivamente, nos últimos anos esse culto tornou-se aqui muito popular. Já no primeiro mês da minha estada em Saigon me foi apresentado um padre de certa diocese que estava pronto a ingressar na nossa comunidade religiosa se a nossa principal tarefa no Vietnã fosse a propagação da piedade relacionada com o culto da Divina Misericórdia. Após os esclarecimentos a ele fornecidos quanto ao nosso carisma e os nossos objetivos, o seu interesse pelos Marianos diminuiu sensivelmente.

No entanto esse encontro tornou-se para mim um importante estímulo para me fazer uma pergunta concreta e ao mesmo tempo fundamental: Do que se trata nesta missão? Será que me encontro aqui somente para procurar as chamadas “vocações”, ou seja, eventuais candidatos à Congregação, em razão das atuais ou das futuras “necessidades de recursos humanos”, isto é, da ação recrutadora, na qual a lógica da atração desempenha um papel decisivo, ou será que se trata de algo mais? Visto que eu passei o primeiro ano da minha estada nessa grande cidade sul-vietnamita, destinado ao aprendizado da língua local, quase que solitariamente (especialmente nas noites) na casa da Caritas Vietnã, tinha muito tempo para encontrar uma resposta a essa pergunta que surgia, principalmente porque eu podia ali contar com uma capela com o Santíssimo Sacramento. Conscientizei-me então de que a nossa missão neste país não pode consistir apenas em sermos mais uma congregação religiosa, menos ou mais atraente e útil à Igreja local, mas devia ser o testemunho de que a profunda experiência interior do nosso Padre Fundador, que ele mesmo chama “visão divina gravada em minha alma” (FDR 6), provinha verdadeiramente do Espírito Santo e dizia respeito à fundação da Congregação da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria Mãe de Deus. O Padre Papczyński fala desse acontecimento no contexto do seu relato a respeito de diversas ofertas e propostas que lhe haviam sido apresentadas após ele se afastar da Ordem das Escolas Pias¹, que podiam parecer atraentes, e até úteis, mas que o afastavam do Carisma com que fora agraciada pelo próprio Deus. E esse Carisma foi e continua sendo o mistério da Imaculada Conceição de Maria.

Por isso, no contexto do país para nós novo que há cinco anos era e continua sendo o Vietnã, era preciso concentrar-se na difusão do mistério da Imaculada Conceição de Maria, e isso no estilo do Padre Fundador e dos primeiros Marianos, herdeiros desse Carisma. Entre eles, atrai uma atenção especial o Servo de Deus Casimiro Wyszyński, o primeiro missionário mariano, amante da Imaculada Conceição de Maria e divulgador da pessoa e da obra do Padre Papczyński, o qual, após a crise provocada pelas inadequadas ambições do Frei Joaquim de S. Ana Kozłowski e após a dispersão de Rostkov, conferiu ao desenvolvimento da Congregação a direção apropriada pela entrega total de si mesmo ao serviço da Imaculada e pela volta ao espírito primitivo da Congregação instituída pelo Padre Fundador.

¹ Cf. Św. STANISŁAW PAPCZYŃSKI, *Założenie domu skupienia (Fundatio Domus Recollectio-nis)*, n. 6, in IDEM, *Pisma zebrane*, PROMIC, Warszawa, 2016, p. 1292.

E uma confirmação da justeza dessa resolução foi o fato da canonização do Padre Estanislau Papczyński em junho de 2016. O Padre Fundador, já como Santo Estanislau de Jesus e Maria, conquistou os corações dos primeiros jovens vietnamitas, que primeiramente vinham a mim uma vez por semana para aprender a língua inglesa, e exatamente após uma ano de minha permanência em Saigon, isto é, no dia 8 de setembro de 2016, fixaram residência juntamente comigo numa casa alugada, dando início à Casa da Formação Mariana no Vietnã. Atualmente essa casa conta 9 candidatos e três seminaristas com os primeiros votos. Do grupo dos primeiros 4 candidatos que então ingressaram no caminho do discernimento da vocação mariana, perseverou até o noviciado somente um: Nguyễn Văn Hà. Nesse ínterim surgiram outros, dos quais uns se afastaram após um tempo mais curto ou mais longo, e outros permaneceram. No primeiro noviciado, que se realizou numa outra casa adquirida pela Congregação, além do mencionado Hà, ingressaram mais dois postulantes: Nguyễn Văn Biên e Nguyễn Tiến Dũng. Eles também professaram os seus primeiros votos religiosos no dia 15 de agosto deste ano e iniciaram os estudos de filosofia e teologia em institutos religiosos locais, que formam os candidatos ao sacerdócio segundo as normas universalmente aceitas na Igreja.

No que diz respeito ao caráter mariano da nossa Congregação, no contexto da Igreja no Vietnã não constitui ele nada de excepcional, especialmente se alguém o entender na dimensão apenas devocional. Com efeito, o culto de Nossa Senhora é aqui muito popular e já fundamentado com base nas aparições marianas em La Vang em 1798. Visto que a Igreja no Vietnã deve o seu surgimento e o seu desenvolvimento principalmente aos esforços dos missionários franceses, também a devoção a Maria Imaculada, relacionada com a Medalha Milagrosa de Catarina Labouré e com as aparições de Lourdes, enrizou-se profundamente nos corações dos católicos vietnamitas. Uma expressão disso são as belas cantigas marianas, de um profundo conteúdo teológico.

Parece, no entanto, que a nossa Congregação tem a desempenhar aqui no Vietnã o importante papel de servir ao Mistério da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, talvez não tanto no âmbito do culto ou até da reflexão teológica, quando principalmente na dimensão existencial, através da total entrega pessoal a Cristo e à Igreja. Esse é justamente o estilo do Padre Estanislau Papczyński, o qual pelo ato da *Oblatio* de 11 de dezembro de 1670 apresentou-nos a forma de difundir a devoção da Imaculada Conceição de Maria.

Aquilo que mais tarde, na Congregação renovada, seria expresso pelo lema “Pro Christo et Ecclesia” já se encontra nos seus primórdios no ato do oferecimento de si mesmo a Deus, realizado pelo Padre Papczyński, e também nele mesmo, porque a *Oblatio* é uma prova da identidade do Padre Fundador, que se projeta em toda a sua vida. E o Mistério da Imaculada Conceição de Maria é em sua essência uma *doação total de si mesma* feita por Maria a Deus Pai e Criador no Espírito Santo, em razão de Cristo e da Igreja. É também a *resposta* da Serva do Senhor a esse Dom pelo total oferecimento de si mesma a Cristo e à Igreja, expresso no primeiro *Fiat* em Nazaré e completado com o maternal sofrimento ao lado da cruz de Cristo no Gólgota, onde nasceu a Igreja. O Mistério assim compreendido da Imaculada Conceição define a identidade espiritual de Maria revelada por Ela mesma a Santa Bernadete Soubirous em Lourdes no dia 25 de março de 1858.

A proclamação desse Mistério exige, portanto, de nós a multiplicação das diversas práticas piedosas ou propagandísticas, aliás importantes e necessárias para honrá-lo, mas sobretudo nos convoca a sermos um sinal do Mistério da Imaculada Conceição pela total e desinteressada doação de nós mesmos a Deus e à Igreja. É por esse motivo que o primeiro passo no caminho do serviço a esse Mistério é a *Oblatio* do Padre Estanislau de Jesus e Maria, a quem Deus preparou pelos sofrimentos da vida, e principalmente pelas difíceis provações relacionadas com o afastamento das Escolas Pias, para dar início à Ordem da Imaculada Conceição. A *Oblatio* foi a resposta do nosso Fundador ao carisma da Imaculada Conceição, um dom a ele concedido gratuitamente em razão da proclamação de Cristo e da edificação da Igreja. O Padre Fundador obteve esse dom no momento mais difícil da sua vida, provavelmente quando, já após tomar a decisão de se afastar da Ordem das Escolas Pias, foi aprisionado pelo seu superior por cerca de três meses, que passou primeiramente em Podoliniec e depois em Priwidza². A “visão divina” relacionada coma fundação da Congregação

² Cf. T. ROGALEWSKI, *Stanislaus Papczynski (1631-1701)*. Founder of the Congregation of Marian Fathers and Inspirer of the Marian School of Spirituality, Lumen Marianorum, Stockbridge, 2012, p. 209. Logo após escrever as duas petições (15 de agosto e c. 15 de outubro de 1669) ao Superior Geral das Escolas Pias, Frei Cosme Chiara, pedindo a dispensa dos votos simples e do juramento da perseverança na Congregação das Escolas Pias, alguns dias antes do Natal de 1699, o Padre Papczyński, encontrando-se em Kazimierz, perto de Cracóvia, pediu a proteção e a passagem à jurisdição do ordinário de Cracóvia, Dom Andrzej Trzebicki, e nos últimos dias daquele ano obteve uma resposta positiva. No entanto o seu provincial, Frei Wacław Opatowski, não reconheceu esse ato e, com o uso da força, levou o Padre Estanislau a Podoliniec, no dia 8

dos Marianos tornou-se para o Padre Papczyński o ponto de referência por toda a sua vida. Ela também conferiu um novo sentido a essa vida e à vocação religiosa e lhe permitiu passar pela experiência da cruz, a exemplo de Cristo. A fidelidade a esse místico encontro com Deus conduziu o nosso Padre Estanislau à autêntica santidade, o que a Igreja definitivamente confirmou pelo ato da canonização em 2016.

Foi por isso que, em razão da formação dos nossos primeiros candidatos e noviços no Vietnã, dedicamos muita atenção à apresentação da pessoa e da obra do Padre Estanislau Papczyński, porquanto a sua vida e o seu exemplo são a chave para a compreensão e a aceitação do carisma da nossa Congregação. Na prática verificou-se que, embora a época e a cultura visceralmente polonesa de que foi filho S. Estanislau de Jesus e Maria Papczyński estejam tão distantes do contexto da vida dos nossos seminaristas vietnamitas, ele encontrou um lugar de honra nos corações deles. Muitas vezes pude constatar que eles se identificam com as difíceis condições de vida do jovem Joãozinho Papka, com o seu desejo de obter a instrução, com os seus precoces problemas nos estudos; que ficam profundamente comovidos com a sorte com que ele se deparou em Lvov quando, ainda jovem, teve que viver como o evangélico Lázaro ou quando, nos primórdios da sua vida religiosa, com o zelo e a coragem dos santos quis morrer pela fé. Nem a leitura comum da *Norma vitae* ou do *Templum Dei Mysticum* se mostrou para eles demasiadamente difícil ou desencorajadora. Muito pelo contrário. Permitiu-lhes conhecer melhor o perfil espiritual do Fundador e simplesmente amá-lo. Que a leitura dos simples testemunhos escritos pelos nossos jovens neoprofessos para o encerramento do noviciado deles sirva de ocasião para nos familiarizarmos com a recepção do Padre Estanislau Papczyński e do nosso carisma no Vietnã.

Bogusław Gil MIC

de janeiro de 1670, e depois, no dia 28 de janeiro, a Prievidza, já não atingida pela jurisdição do bispo de Cracóvia, que reclamava o prisioneiro. Somente no dia 22 de março de 1670 o Padre Estanislau foi liberto do cárcere escolápio em Prievidza, na Eslováquia, graças a uma intervenção especial do bispo auxiliar de Cracóvia Dom Mikołaj Oborski. Cf. Ibidem, op. cit., pp. 190-196; Św. STANISŁAW PAPCZYŃSKI, *Apologia wystąpienia z Zakonu Szkół Pobożnych*, nn 19-20, in IDEM, *Pisma zebrane*, op. cit., pp. 1270-1272, n. 134.

Santo Estanislau Papczyński **– meu Pai espiritual**

Os santos são o modelo da perfeição cristã. Vivem inteiramente por Cristo e o tempo todo estão com Ele unidos. São um verdadeiro espelho e inspiração para nós todos, peregrinos na terra.

Antes de ingressar na Congregação dos Padres Marianos, eu me senti comovido pela vida dos mártires do Vietnã. Eles eram para mim heróis e guerreiros de Jesus. Eles sempre também estão presentes em meu coração e servem de inspiração para a minha vida diária. Mas, quando ingressei na Congregação dos Padres Marianos, recebi um outro grande dom de Deus, que é o nosso Padre Fundador. Antes eu nada sabia a seu respeito. Nem estava por ele muito interessado. O seu nome era para mim muito estranho. Eu não tinha condições de pronunciar corretamente ou de lembrar o seu sobrenome. Mas, após três anos passados com os marianos em Saigon, fiquei sabendo muitas coisas sobre S. Estanislau Papczyński, tanto das aulas do Mestre do Noviciado como dos livros sobre o Padre Fundador, que me ajudaram a aproximar-me dele.

No começo eu não atribuía demasiada importância à pessoa do Padre Fundador. Somente de vez em quando lia a respeito dele algum tipo de informações na internet. Mas isso com certeza não era suficiente para conhecer uma pessoa tão maravilhosa como o nosso Padre Fundador. Isso foi no começo, quando eu era apenas um candidato à Congregação. Mas agora sou noviço. No noviciado estudei muitas questões, especialmente a história da Congregação. O nosso Mestre do Noviciado familiarizava-nos com importantes personagens da história dos Padres Marianos, tais como o Pe. Casimiro Wyszyński, o Padre Renovador Beato Jorge, os Beatos Mártires Jorge e Antônio, mas sobretudo conhecemos o Padre Fundador, que se tornou para nós a pessoa mais importante. O Mestre do Noviciado queria que cada noviço o conhecesse bem, melhor até que os outros Padres. Não se pode ser um verdadeiro mariano sem conhecer aquele que é o Fundador da Congregação e que é igualmente um espelho para todo mariano, para o qual se pode olhar e com isso reconhecer a própria identidade.

Lembro-me das palavras do Mestre do Noviciado, quando nos dizia que, quando viajamos ao mar, não é suficiente apenas mergulhar os pés na água, mas que devemos mergulhar profundamente nas ondas do mar. Isso representa a necessidade de um estudo e de um conhecimento mais profundo do carisma e da pessoa do Padre Estanislau, que é o Fundador da Congregação dos Padres Marianos. Eu me esforçava, então, por compreender o caráter e o carisma dos Padres Marianos através da leitura das diversas obras escritas pelo Padre Fundador e de outros livros a seu respeito. Os dois livros que mais me impressionaram foram: *Norma vitae*, escrito por S. Estanislau Papczyński, e *Poderoso mensageiro de Deus*, que descreve nitidamente a pessoa e a vida do Padre Estanislau. Estudamos esses livros juntamente com o Mestre do Noviciado. Após a leitura deles, eu vejo de outra forma o Padre Fundador. Ele não é mais uma pessoa do passado, que viveu há cerca de 350 anos. Não é para mim estranho, como eu pensava a seu respeito anteriormente, e o seu nome já não é difícil de pronunciar e de lembrar. Agora ele é para mim uma pessoa viva, sempre presente em minha vida e em meu coração como meu Pai espiritual. Ele me faz companhia no caminho da imitação de Jesus Cristo na Congregação dos Padres Marianos. Ensina-me como aceitar as dificuldades e adversidades confiando em Jesus Cristo e como ser fiel à minha vocação. O Padre Estanislau foi fiel à convicção interior de que devia fundar uma nova comunidade religiosa, que Deus havia gravado em seu coração. Além disso, o Padre Estanislau me mostra como amar a Deus, a Santíssima Virgem Maria e o próximo. Finalmente, o Padre Fundador é para mim um exemplo de verdadeiro cristão, discípulo de Deus, cavaleiro da Santíssima Virgem Maria e mariano, que eu também gostaria de me tornar.

Por fim, o Padre Fundador é para mim um modelo de vida. A permanência na Congregação sem o conhecimento e o amor do Padre Fundador foge ao objetivo. É por isso que devo trazê-lo em meu coração e nunca dele me esquecer. Se alguma vez eu me esquecesse do Padre Fundador, isso significaria que perdi um especial dom de Deus.

John the Baptist Nguyễn Văn Biên MIC

Padre Estanislau Papczyński

Meu nome é Peter Nguyễn Tiển Dũng. Após três anos passados na Casa de Formação dos Padres Marianos em Saigon, vejo que amo a Congregação. Estou convencido de que isso é o resultado de eu ter conhecido no noviciado o Padre Estanislau Papczyński e o carisma da sua Congregação. Sobretudo, dou-me conta de que graças ao Santo Padre Fundador eu vivencio o amor de Jesus Cristo e da Mãe Imaculada Maria. Todos os dias quero imitar Jesus. Compreendi que graças ao Padre Fundador posso aproximar-me de Jesus Cristo. Aprendi também como ser obediente a Deus e como Lhe entregar o coração.

No início do noviciado impressionou-me esta frase: “O Senhor gravou no coração do Padre Estanislau Papczyński o desejo de fundar uma nova Congregação, para difundir o mistério da Imaculada Conceição”. Essa frase fez com que eu mesmo começasse a conscientizar-me de que sou um filho de Maria, a quem devo imitar.

O tempo do noviciado foi para mim muito importante. Fiquei sabendo muitas coisas sobre a Congregação, sobre a sua fundação por S. Estanislau Papczyński e sobre os valores da vida consagrada. Compreendi que sobretudo devo ser humilde, se quiser seguir os passos de Jesus Cristo. Da mesma forma que o Padre Fundador, devo confiar tudo a Deus e ser uma testemunha do Seu amor, vivendo segundo o Evangelho. Santo Estanislau Papczyński teve que passar por muitas dificuldades e desafios. Quando jovem, não tinha condições de acompanhar os estudos; ficou gravemente doente; houve muitas falsas acusações contra ele e a Congregação, bem como muitos outros difíceis acontecimentos nos primeiros anos da recém-instituída Congregação. No entanto, em todas essas situações, o Padre Estanislau demonstrou confiança na Divina Providência e na Santíssima Virgem Maria.

Quero imitá-lo, bem como proclamar o mistério da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. Esse é o carisma da nossa Congregação.

Peter Nguyễn Tiển Dũng MIC

Por que amo S. Estanislau Papczyński

Santo Estanislau Papczyński é uma das pessoas mais importantes em minha vida. O fato de eu o ter conhecido, de poder imitá-lo e amá-lo é para mim uma graça. Isso não acontece em razão dos muitos milagres que Deus fez pela sua intercessão; não em razão da sua sabedoria e do seu extraordinário serviço à Igreja; e não, também, porque fundou a Congregação dos Padres Marianos. Eu o amo pelo seu estilo de vida, pela aceitação das dificuldades e pela fidelidade à vontade divina.

Quando iniciei a minha estada na Casa Mariana de Formação em Saigon, eu não me interessava demasiadamente pela sua vida e pela sua pessoa. Eu pensava que entre mim e ele havia uma grande distância: uma diferente nacionalidade, língua, cultura, época de vida, e sobretudo o fato de que no Vietnã ninguém o conhecia. No entanto, após muitos estudos a seu respeito durante o noviciado, sob a direção do Pe. Bogusław, nosso mestre de noviciado, a minha opinião sofreu uma mudança total. Compreendi que podia ver a mim mesmo em sua pessoa, como num espelho. Compreendi que sou um pouco parecido com ele. Tudo o que Deus quis fazer com ele quer fazer também comigo. Deus quer, então, que eu me torne santo. É por isso que também eu quero conhecer o Padre Fundador, para poder imitá-lo no caminho à santidade. Estou certo de que posso aprender muito com ele. Sobretudo aceitar o sofrimento e as dificuldades no caminho da minha vocação.

O Padre Estanislau estava disposto a aceitar tudo sem se queixar. Principalmente a grave doença que contraiu quando jovem, e até o fato de que em razão dela se tornou um mendigo. Naquele tempo ele não tinha nada: nem casa, nem parentes, nem dinheiro. As pessoas o desprezavam. Foi parar na rua e teve que mendigar. Quanto teve que sofrer! Como devia sentir-se envergonhado! No entanto aceitou tudo na fé e graças à fé em Jesus Cristo.

A sua história fez com que eu refletisse muito a respeito de mim mesmo. Quantas vezes eu não quis aceitar a minha realidade? Quantas vezes quis fugir dos meus problemas? Eu evitava falar da minha fraqueza porque tinha medo da verdade. O Padre Fundador me ensina que somente pelos sofrimentos e pelas dificuldades eu posso descobrir a vontade divina em

minha vida. Ajuda-me a aceitar o sofrimento e as dificuldades como uma graça em razão da qual posso aproximar-me de Deus.

Santo Estanislau Papczyński me ensina também um grande amor a Deus e ao próximo. “Portanto, que tudo entre vós seja feito por amor” (*Regra de vida*). Compreendi que o amor é a fonte e o fundamento de todas as coisas. Se realmente amo a Deus, posso verdadeiramente viver a vida consagrada de acordo com os conselhos evangélicos. Se realmente amo a Deus, nada para mim será difícil. Santo Estanislau, por amor, decidiu entregar a sua vida a Deus. Prometeu fazer tudo para a Sua maior glória e para a honra da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria (*Oblatio*, 11 de dezembro de 1670). O amor é a fonte e o ápice da fé cristã, que desejo aprender imitando o Padre Fundador.

Santo Estanislau Papczyński me ensina uma grande esperança e a confiança em Jesus Cristo e na Santíssima Virgem Maria. Em sua vida houve muitas coisas contrárias aos seus desejos: como criança, teve dificuldades nos estudos; não passou no exame para ingressar no colégio em Lvov; depois ficou muito doente; teve dificuldades com a fundação da Congregação que Deus havia gravado em sua alma; por muito tempo não pôde obter a aprovação pontifícia para a sua Ordem. Mas nunca perdeu a esperança e a confiança em Jesus Cristo e na Santíssima Virgem Maria. Aceitava tudo com alegria.

A sua esperança e confiança em Jesus Cristo e na Santíssima Virgem me fortalece no caminho da minha vocação. Muitas vezes fico desanimado e decepcionado comigo mesmo: com as minhas pequenas aptidões, com a minha saúde, a minha personalidade, a minha frágil compreensão e o meu pouco conhecimento. Por essa razão perco a esperança e a confiança, mas o Padre Fundador me estimula e assegura que não preciso temer, visto que Deus está comigo, e eu estou em Seu Coração. Deus sabe de tudo com que me defronto. A Sua Providência vela sempre por mim. Quer que eu viva de acordo com aquilo pelo que rezo no Terço da Divina Misericórdia: “Jesus, eu confio em Vós”.

Quando às vezes vejo nas livrarias católicas livros sobre um grande número de diversos santos, eu me pergunto: “Por que não há aqui um livro sobre S. Estanislau Papczyński?” Ele é um dos maiores santos, e as pessoas deveriam conhecê-lo. É um bom exemplo a ser imitado. É um bom discípulo de Jesus Cristo e um fiel servo de Maria Virgem no mistério da Sua Imaculada Conceição. Sei que não tenho ainda a possibilidade de escrever um livro sobre o nosso Padre Fundador, mas sempre busco ocasiões para apresentá-lo aos vietnamitas, que ainda não o conhecem. São sobretudo

os candidatos à Congregação dos Padres Marianos que se juntam à nossa comunidade vietnamita. Eles precisam conhecer S. Estanislau Papczyński. A seguir a minha família, os parentes, amigos e aqueles que me pedem a oração. Quero igualmente apresentar o Padre Fundador à juventude vietnamita.

Percebo, no entanto, que a presença do Padre Estanislau no Vietnã é cada vez mais visível. No mês passado, na sua festa do dia 18 de maio, fiquei sabendo de um dos nossos candidatos que a esposa de seu irmão estava grávida, mas que o feto era muito frágil. Com frequência ela devia ir ao hospital para realizar diversos exames. O médico lhe disse que salvar a criança podia ser muito difícil, em razão de um precoce aborto espontâneo. Quando o nosso candidato ficou sabendo disso, imediatamente iniciou a Novena a S. Estanislau Papczyński, rezando pela vida da criança e pela saúde da mãe dela. Alguns dias depois essa mulher voltou mais uma vez ao hospital, e o médico declarou que seu filho estava são e que a sua vida não estava ameaçada. O menino nasceu completamente sadio. O nosso candidato, que rezou pelos dois, acredita que eles foram salvos graças à intercessão de S. Estanislau Papczyński. Esse é um dos sinais da presença do Padre Fundador no Vietnã.

Após quatro anos passados na comunidade dos Marianos, primeiramente como candidato, depois como postulante e noviço, descobri que me encontro aqui não somente porque a Congregação me aceitou, mas também porque me aceitou o Padre Estanislau. Ele quer que, como ele, também eu ame a Deus e a Santíssima Virgem Maria. Quer que, como ele, eu siga os passos de Jesus Cristo. Quer que eu faça tudo por Cristo e pela Igreja de acordo com o carisma mariano. No final quero dizer que Santo Estanislau Papczyński tornou-se para mim uma pessoa viva, sempre presente em meu coração. Todas as noites eu converso com ele antes de adormecer.

Peter Nguyễn Văn Hà MIC



JUBILEU - 350
PADRES MARIANOS

Os *Materiais do I Simpósio Teológico da Escola de Espiritualidade dos Padres Marianos* constituem uma coleção de artigos preparados para o simpósio, que havia sido planejado para os dias 20-21 de outubro de 2020 em Licheñ, no âmbito do Convento Geral da Congregação dos Padres Marianos. A pandemia, que nesse mesmo período envolveu quase o mundo inteiro, impossibilitou, infelizmente, o encontro dos autores dos artigos e a promoção de uma discussão a respeito das questões apresentadas, o que não impediu, no entanto, a publicação dos materiais previamente preparados. Além disso, com o decorrer do tempo, aos textos planejados para o simpósio tornou-se possível adicionar outras abordagens da questão, que num contexto mais amplo apresentam o significado do ato da *Oblatio* e da consagração religiosa. Essas duas questões, com efeito, nitidamente se entrelaçam, criando um ponto de referência identitário na espiritualidade dos padres marianos. Por essa razão, o título do simpósio planejado é: “A *Oblatio* e a consagração”, visto que a *Oblatio* professada por S. Estanislau de Jesus e Maria é um ato de consagração, que constitui um momento crucial: encerra o seu período escolápico e ao mesmo tempo abre o tempo da nova vocação, isto é, da fundação da Congregação dos Padres Marianos. No ato da *Oblatio* o Santo se torna o Pai e o Fundador de um novo instituto e expressa exteriormente o carisma fundador, já anteriormente depositado em seu coração pelo Espírito Santo. Alguns anos mais tarde, ele expressará isso descrevendo aqueles momentos e as suas próprias vivências na obra intitulada *Fundatio Domus Recollectionis (Fundação da Casa do Recolhimento)*. O reconhecimento da *Oblatio* como o início da nova comunidade religiosa equivale ao reconhecimento da consagração religiosa como o mais importante elemento da identidade religiosa na espiritualidade dos padres marianos; significa que o reconhecimento de alguém como religioso-mariano e o início da vida religiosa inicia-se pela consagração. Ainda que mais tarde esse consagrado – por muitas razões reconhecidas como necessárias – não pudesse viver na comunidade. Tais são os efeitos teológico-espirituais de se atribuir um papel primordial à consagração religiosa.